

FEDERAÇÃO ESPÍRITA DO PARANÁ
Área da Mediunidade

Encontros com Dialogadores

de Reunião Mediúnica Espírita



PROGRAMA

1. Perfil, atribuições e postura do dialogador de reunião mediúnica espírita

1.1. Nomenclatura

1.2. Distinção entre dirigente encarnado e dialogador – atribuições

1.3. Perfil do dialogador

1.4. Quem é o dialogador da reunião mediúnica espírita

1.5. Necessidade do ascendente moral

1.6. Postura do dialogador de reunião mediúnica espírita

2. Integração entre o dialogador encarnado e o Mentor Espiritual da reunião

3. Atuação do dialogador em relação ao médium

3.1. Como lidar com o médium iniciante

3.2. Fenômeno anímico

3.2.1. Como identificar o animismo

3.2.2. Como lidar com o fenômeno anímico na reunião mediúnica

4. Diálogo com os Espíritos – recurso da palavra

4.1. Como iniciar o diálogo

4.2. Como identificar o tipo de comunicante

4.3. Como conduzir o diálogo – a fala do dialogador

PROGRAMA

4.3.1 Finalidade do Diálogo com os Espíritos

4.3.2 Por que é preciso um dialogador encarnado

4.3.3 Considerações gerais sobre o estado dos Espíritos no mundo espiritual

4.3.4 Possibilidade de a comunicação não ser desejada pelo comunicante

4.3.5 Considerações sobre a formulação de perguntas

4.3.6 Forma de abordagem dos Espíritos e condução da fala/diálogo

4.3.7 Desafios durante o diálogo

4.3.8 Perfil de comunicante – características gerais – forma de conduzir o diálogo – exemplos

4.4 Como encerrar o diálogo

4.4.1 Tempo para o diálogo e finalização da comunicação

4.4.2 Como encerrar o diálogo

4.4.3 Como avaliar a efetividade o diálogo

4.4.4 Efeitos de um diálogo bem conduzido

5. Diálogo com os Espíritos – recursos complementares

5.1 Prece – como e quando utilizar

5.2 Passe – como e quando utilizar

5.3 Sonoterapia/sugestão hipnótica – como e quando utilizar

5.4 Formação de quadros mentais – como e quando utilizar

5.5 Regressão de memória – como e quando utilizar

Referências

Produção da Área da Mediunidade da Federação Espírita do Paraná, com a colaboração de Sandra Della Pola, Coordenadora Doutrinária dos Encontros com Dialogadores de Reunião Mediúnica Espírita, atividade de Webinários realizados no total de 4 Encontros nos anos de 2023 e 2024.

O presente material pode ser utilizado pelos Centros Espíritas em *Curso de Formação de Dialogadores*, assim como em atividades de qualificação continuada de dialogadores.

Para fins de citação deste material, pode-se utilizar a seguinte referência:

FEP. Encontros com Dialogadores de reunião mediúnica espírita, 2023.



INSTRUÇÕES PARA USO DESTE MATERIAL

Este material contém:

- Detalhamentos sobre o perfil, atribuições, posturas indicadas ao dialogador e orientações para a condução do diálogo com os Espíritos e forma e ocasiões de uso de recursos complementares à palavra.
- Exemplos de condução de diálogos e de uso de recursos complementares à palavra
- Referências bibliográficas.

É possível acessar diretamente o conteúdo específico de seu interesse, clicando, no Programa acima, sobre o título do conteúdo que deseje visualizar. Assim, será possível ser diretamente direcionado à página contendo citações e diretrizes sobre o tema escolhido.

Também, a seguir, há acesso por meio do sumário.



SUMÁRIO

11

1. Perfil, atribuições e postura do dialogador de reunião mediúnica espírita

11

1.1 Nomenclatura

11

1.2 Distinção entre dirigente encarnado e dialogador – atribuições

13

1.3 Perfil do Dialogador

15

1.4 Quem é o dialogador da reunião mediúnica espírita

18

1.5 Necessidade do ascendente moral

24

1.6 Postura do dialogador de reunião mediúnica espírita

42

1.6.1 – Postura em relação ao Espírito comunicante

SUMÁRIO

53

1.6.2 – Postura em
relação ao médium
ostensivo

55

1.6.3 – Postura em relação
à equipe de apoio

57

2. Integração entre o
dialogador encarnado e o
Mentor Espiritual da
reunião

69

3. Atuação do dialogador
em relação ao médium

74

3.1 Como lidar com o
médium iniciante

78

3.2 Fenômeno anímico

83

3.2.1 Como identificar o
animismo

SUMÁRIO

93

3.2.2 Como lidar com o fenômeno anímico na reunião mediúnica

97

4. Diálogo com os Espíritos – recurso da palavra

102

4.1 Como iniciar o diálogo

111

4.2 Como identificar o tipo de comunicante

119

4.3 Como conduzir o diálogo – a fala do dialogador

125

4.3.1 Finalidade do Diálogo com os Espíritos

126

4.3.2 Por que é preciso um dialogador encarnado

SUMÁRIO

128

4.3.3 Considerações gerais sobre o estado dos Espíritos no mundo espiritual

138

4.3.4 Possibilidade de a comunicação não ser desejada pelo comunicante

139

4.3.5 Considerações sobre a formulação de perguntas

142

4.3.6 Forma de abordagem dos Espíritos e condução da fala/diálogo

151

4.3.7 Desafios durante o diálogo

155

4.3.8 Perfil de comunicante – características gerais – forma de conduzir o diálogo – exemplos

SUMÁRIO

213

4.4 Como encerrar o diálogo

213

4.4.1 Tempo para o diálogo e finalização da comunicação

215

4.4.2 Como encerrar o diálogo

218

4.4.3 Como avaliar a efetividade o diálogo

223

4.4.4 Efeitos de um diálogo bem conduzido

225

5. Diálogo com os Espíritos – recursos complementares

226

5.1 Prece – como e quando utilizar

239

5.2 Passe – como e quando utilizar

SUMÁRIO

258

5.3 Sonoterapia/
sugestão hipnótica –
como e quando
utilizar

270

5.4 Formação de quadros
mentais – como e quando
utilizar

281

5.5 Regressão de memória
– como e quando utilizar

311

REFERÊNCIAS

1. Perfil, atribuições e postura do dialogador de reunião mediúnica espírita

1.1.Nomenclatura



Entre as expressões utilizadas na literatura espírita para se referir à tarefa do diálogo com os Espíritos, podem-se citar:

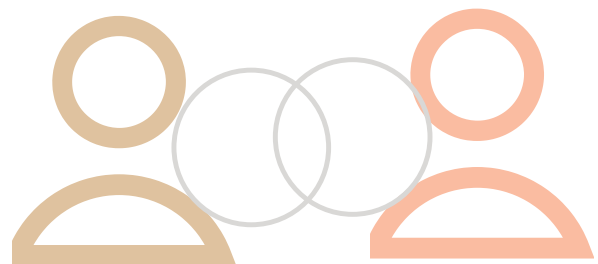
- **Dialogador**
- **Esclarecedor**
- **Doutrinador**
- **Evangelizador dos Espíritos**
- **Terapeuta encarnado**
- **Médium-doutrinador (em razão de receber intuições dos Mentores)**
- **Psicoterapeuta dos desencarnados**
- **Dentre outras**

O Movimento Espírita tem optado mais recentemente pelo uso da expressão *dialogador* por retratar de forma fidedigna a tarefa de dialogar com os Espíritos comunicantes, direcionados pelos Mentores espirituais, sem a pretensão de “converter”/“dobrar” o comunicante, mas ter a aptidão de saber ouvir, identificar o perfil da entidade espiritual, suas necessidades e saber falar com vibração elevada, fruto do empenho na vivência espírita, da forma adequada a apresentar-lhe reflexões, a partir do Evangelho e da Doutrina Espírita, para favorecer ao comunicante o despertar de consciência e seu progresso espiritual.



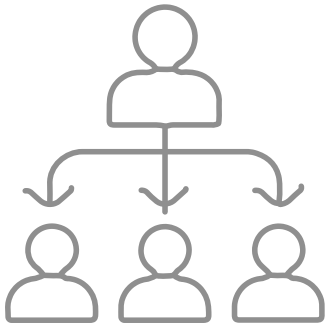
1.2 Distinção entre dirigente encarnado e dialogador – atribuições

Embora as funções de dirigente da reunião mediúnica e de dialogador requeiram perfil semelhante, são funções com atribuições distintas.



1. Perfil, atribuições e postura do dialogador de reunião mediúnica espírita

- Atribuição do dirigente:



- Responsável pelo grupo perante o Centro Espírita e perante a equipe espiritual.
- Deve averiguar constantemente o preenchimento dos requisitos pelos participantes e tomar

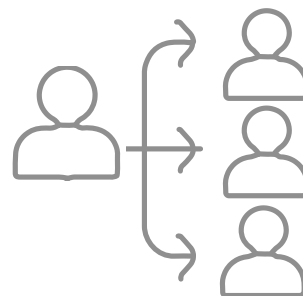
providências quando necessário.

- Dar suporte e orientações à equipe encarnada e distribuir as funções/competências de cada membro do grupo.
- Dentre outras, descritas no material do Ciclo de Reflexões sobre a Prática Mediúnica Espírita (item 3.1 - A tarefa do dirigente). (1)

1 Disponível em:
<http://www.feparana.com.br/topico/?topico=3333>

-Atribuição do dialogador:

- Conduzir os diálogos na fase de comunicações (aptidão para ouvir e falar).
- Identificar o nível evolutivo do comunicante e ser inspirado pelo Mentor na condução do diálogo.
- Identificar eventuais desafios, como mistificação, animismo e conduzir o diálogo de forma apropriada a tais situações.
- Dar o suporte ao médium em transe mediúnico.
- Solicitar à equipe de apoio providências durante o diálogo (ex. elevação do padrão mental, aplicação de passe, quando



necessário, pela pessoa designada pelo dirigente da reunião para desempenhar a tarefa de aplicador de passe).

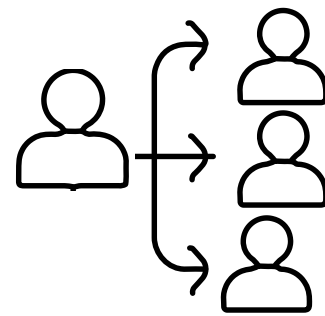
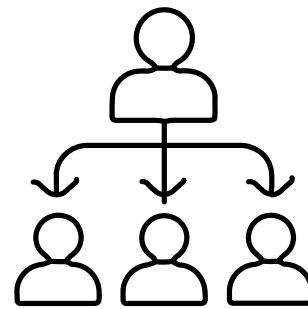
- Identificar a necessidade e saber aplicar, no momento e da forma correta, os recursos complementares à palavra.
- Preparar e orientar na tarefa de diálogo a pessoa com perfil para a função que tenha sido designada pelo dirigente.

1. Perfil, atribuições e postura do dialogador de reunião mediúnica espírita

1.2 Distinção entre dirigente encarnado e dialogador – atribuições

» Assim, caso haja no grupo mediúnico mais de uma pessoa com o perfil para a tarefa e quantidade suficiente de participantes no grupo, será favorável que as tarefas de dirigente e de dialogador sejam desempenhadas por diferentes pessoas.

Não obstante, caso seja necessário que a mesma pessoa desempenhe ambas as tarefas, nota-se que são distintas, havendo, por conseguinte, neste caso, acúmulo de funções.



1.3 Perfil do Dialogador

- Profundo conhecimento doutrinário (do Evangelho e da Doutrina Espírita).
- Vasta experiência prática prévia, para assumir essa tarefa.
- Hábito da prece, estudo e reflexão.
- Hábitos de vida sadios.
- Empenho na vivência espírita-cristã.
- Ascendência moral (autoridade fundamentada no exemplo).

- Conhecimento do grupo, especialmente dos médiuns ostensivos e de suas características pessoais.
- Saber ouvir e falar.
- Tato psicológico (percepção aguçada).
- Brandura, firmeza, sinceridade, nobreza de caráter.
- Lógica e clareza.
- Empatia e amor.
- Energia e paciência.
- Fé (convicção), confiança e coragem (segurança e estabilidade emocional).
- Vigilância.

1. Perfil, atribuições e postura do dialogador de reunião mediúnica espírita

1.3 Perfil do Dialogador

- Disciplina e assiduidade (comprometimento com a tarefa).
- Ser participante de grupo de estudo e de demais atividades do Centro Espírita.
- Contar com a confiança dos médiuns, os quais estarão sob sua responsabilidade, cuidados e direcionamento durante o transe mediúnico.

» Não ser dotado de faculdade mediúnica ostensiva.



“101. Há inconveniente no fato de o dirigente da reunião mediúnica também funcionar como médium, dando passividade durante os trabalhos?

É desaconselhável essa prática... Cada função exige desenvolvimento distinto. Para exercer a atividade de dirigente e de dialogador, nas reuniões mediúnicas, os Mentores Espirituais costumam atuar nos campos da intuição e da inspiração da pessoa, predominantemente, facilitando-lhe as captações que a predisponham a orientar-se e a orientar os procedimentos durante a

tarefa... Para o exercício da psicofonia e da psicografia, por exemplo, os Benfeitores buscam atuar sobre os centros motores e da fala, deixando o médium na condição de ‘acionado’ pelos comunicantes, de acordo com a zona psíquica mais habilitada. Será de bom alvitre que a pessoa opte pela especialização em que se quer firmar, ou que esteja mais proeminente, mais à mostra, a fim de tornar-se mais útil e produtiva...”.

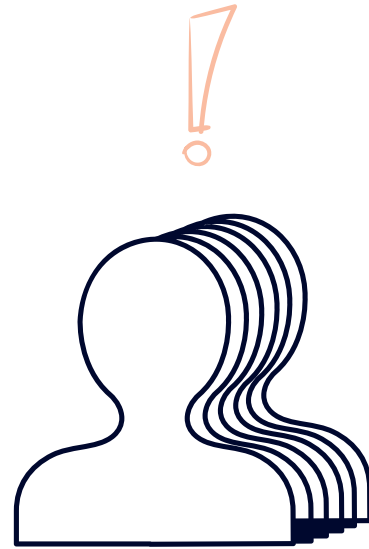
TEIXEIRA, Raul. Parte IV, questão 101. **Desafios da mediunidade**. Pelo Espírito Camilo.

1. Perfil, atribuições e postura do dialogador de reunião mediúnica espírita

1.3 Perfil do Dialogador

“Há um outro ponto a se considerar a respeito dos que estão na tarefa de esclarecimento, nas sessões de desobsessão: é que estes não devem ser médiuns de incorporação, pois não teriam condições de acumular as duas funções, além de sofrerem de modo direto as influências dos obsessores, o que obviamente prejudicaria a tarefa de esclarecimento.”

SCHUBERT, Suely Caldas. Terceira Parte, Cap. 6 – O doutrinador.
Obsessão/Desobsessão.



1.4 Quem é o dialogador da reunião mediúnica espírita

a) Planejamento reencarnatório

“Preparam-se aqui numerosos companheiros para a difusão de esperanças e consolos, instruções e avisos, nos diversos setores da evolução planetária... Médiuns e doutrinadores saem daqui às centenas, anualmente... Tarefeiros do conforto espiritual encaminham-se para os círculos carnais, em

quantidade considerável, habilitados pelo nosso Centro de Mensageiros... essa preparação não constitui, ainda, a realização propriamente dita... Longas fileiras de médiuns e doutrinadores para o mundo carnal partem daqui, com as necessárias instruções (...) Não preparamos, pois, neste Centro,

1. Perfil, atribuições e postura do dialogador de reunião mediúnica espírita

1.4 Quem é o dialogador da reunião mediúnica espírita

a) Planejamento reencarnatório

simples postalistas, mas espíritos que se transformem em cartas vivas de Jesus para a Humanidade encarnada. **Pelo menos, este é o programa de nossa administração espiritual...** [destaques nossos]

XAVIER, Francisco Cândido.
Cap. 3 - No Centro de Mensageiros. **Os Mensageiros.**
Pelo Espírito André Luiz.



O dialogador se trata de um tarefeiro que, além de possuir o perfil acima descrito, recebeu, no mundo espiritual, qualificações específicas para o desempenho dessa tarefa, como estudos doutrinários e também estímulo para desenvolver sua acuidade perceptiva, o que é fundamental para que tenha a habilidade para identificar o nível evolutivo do comunicante, tanto pelo que ele diz, quanto pelo que ele oculta ou esteja nas entrelinhas de suas falas, assim como

identificar as demandas do médium em transe mediúnico, ter a habilidade de gerir as situações que surjam no grupo durante a fase de comunicações.

Naturalmente, com o esquecimento parcial dos aprendizados prévios, por ocasião da reencarnação, esse tarefeiro deve manter constante estudo da Doutrina Espírita e participar, o mais possível, de qualificações para o aperfeiçoamento de seu desempenho na atividade mediúnica espírita.



1. Perfil, atribuições e postura do dialogador de reunião mediúnica espírita

1.4 Quem é o dialogador da reunião mediúnica espírita

b) Desempenho na tarefa e consequências na vida futura

“[Irmão Jacob, que fora dialogador, já no mundo espiritual, tenta esclarecer um obsessor]:

- E você, nem mesmo depois de ‘morto’ desiste de me apoquentar? – revidou o obsessor, raivoso...
- Fora da caridade não há salvação – retruquei, confiante...
- Ora, Jacob – falou-me, contundente –, você se refere à caridade com tanta segurança...
- Como não? Que será de nós sem a prática do bem?
- Ao que me consta – exclamou sarcasticamente –, você na Terra dava grande preferência ao dinheiro, estimava profundamente a própria fortuna... Não lhe reconheço autoridade para conselhos. Você foi sempre um homem áspero, indisciplinado, voluntarioso. Muita vez, acabava de apontar-nos o bom caminho para seguir estrada contrária. Agora quer ser apóstolo... Frequentemente, após deixar os aparelhos mediúnicos através dos quais trocávamos ideias, eu lhe seguia os passos, discreto, e notava que você não agia de conformidade com os próprios ensinamentos.
- Sim – concordei –, reconheço as

— “ —

minhas fraquezas. Entretanto, sincero é o meu desejo de renovação e melhoria. Compreendo que não sou um padrão vivo dos conhecimentos evangélicos, confiados à minha alma pela Compaixão Divina. No entanto, creia que não repousarei enquanto não afinar minhas atividades com os ideais redentores que abracei. O interlocutor não se alegrou com a argumentação. A lealdade de minhas declarações esfriava-lhe a cólera. Escutou, amuado, e, assim que o intervalo surgiu espontâneo, considerou

- Seu caso, então, será o do médico que deverá restaurar primeiramente a si mesmo... (...)

Efetivamente, graves reflexões acudiam-me ao pensamento. Afinal, quem doutrinara no caso? Seria eu o portador de socorro ao Espírito infeliz ou fora o Espírito sofredor quem me beneficiara com a verdade?...”

XAVIER, Francisco Cândido.
Cap. 18 – Ensino inesperado. **Voltei**. Pelo Espírito Irmão Jacob.

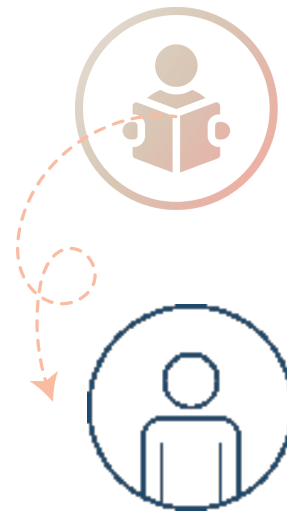
1. Perfil, atribuições e postura do dialogador de reunião mediúnica espírita

1.4 Quem é o dialogador da reunião mediúnica espírita

b) Desempenho na tarefa e consequências na vida futura

O excerto demonstra um requisito fundamental para que o dialogador possa desempenhar em condições adequadas sua tarefa: o estudo e a vivência espírita. Esse tarefeiro, na qualidade de 'porta-voz' do grupo, será acompanhado no seu dia a dia por entidades espirituais direcionadas pelos Mentores para atendimento na reunião mediúnica.

Seu testemunho de esforço pessoal por viver os ensinamentos da Doutrina é o que lhe dá ascendente



moral – condições vibratórias e de respeitabilidade – por parte dos atendidos e da própria equipe (encarnada e espiritual).

O desempenho dessa tarefa, portanto, é um convite constante à busca de reforma moral.



1.5 Necessidade do ascendente moral

"476. Mas, não pode acontecer que a fascinação exercida pelo mau Espírito seja de tal ordem que o subjugado não a perceba? Sendo assim, poderá uma terceira pessoa fazer que cesse a sujeição da outra?

E, nesse caso, qual deve ser a condição dessa terceira pessoa? Sendo ela um homem de bem, a sua vontade poderá ter eficácia, desde que apele para o concurso dos bons Espíritos, porque, quanto mais digna

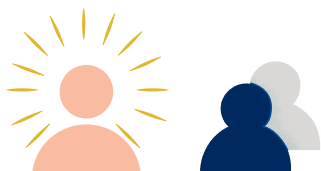


for a pessoa, tanto maior poder terá sobre os Espíritos imperfeitos, para afastá-los, e sobre os bons, para os atrair...".

KARDEC, Allan. 2ª Parte, Cap. IX - Da Intervenção dos Espíritos no Mundo Corporal, questão 476. O Livro dos Espíritos.

1. Perfil, atribuições e postura do dialogador de reunião mediúnica espírita

1.5 Necessidade do ascendente moral



“A moralização de um Espírito, pelos conselhos de uma terceira **pessoa influente e experiente**, não estando o médium em estado de o fazer, constitui frequentemente meio muito eficaz”. [destaque nosso]

KARDEC, Allan. 2ª Parte, Cap. XIV – Dos Médiuns, item 162. **O Livro dos Médiuns.**

“Ninguém exerce ascendentes sobre os Espíritos inferiores, senão pela superioridade moral. Os Espíritos perversos sentem que **os homens de bem os dominam**. Contra quem só lhes oponha a energia da vontade, espécie de força bruta, eles lutam e muitas vezes são os mais fortes. A alguém que procurava domar um Espírito rebelde, unicamente pela ação da sua vontade, respondeu àquele: *Deixame em paz, com teus ares de matamouros, que não vales mais do que eu; dir-se-ia um ladrão a pregar moral a outro ladrão*. Há quem se espante de que o nome de Deus, invocado contra eles, nenhum efeito produza. A razão desse fato deu-no-

“Demais, **o ascendente que o homem pode exercer sobre os Espíritos está na razão da sua superioridade moral.**

Ele não domina os Espíritos superiores, nem mesmo os que, sem serem superiores, são bons e benevolentes, mas pode dominar os que lhe são inferiores em moralidade.” [destaque nosso]

KARDEC, Allan. 2ª Parte, Cap. XXIII – Da Obsessão, item 254, 5ª questão. **O Livro dos Médiuns.**

la São Luís, na resposta seguinte: “O nome de Deus só tem influência sobre os Espíritos imperfeitos, quando proferido por quem possa, pelas suas virtudes, servir-se dele com autoridade. Pronunciado por quem nenhuma superioridade moral tenha, com relação ao Espírito, é uma palavra como qualquer outra. O mesmo se dá com as coisas santas com que se procure dominá-los. A mais terrível das armas se torna inofensiva em mãos inábeis a se servirem dela, ou incapazes de manejá-la.” [negrito nosso, itálico do original]

KARDEC, Allan. 2ª Parte, Cap. XXV – Das evocações, item 279. **O Livro dos Médiuns.**

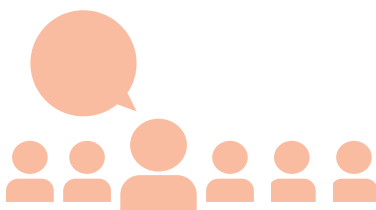
1. Perfil, atribuições e postura do dialogador de reunião mediúnica espírita

1.5 Necessidade do ascendente moral

“10ª Haverá, para o evocador, meio de constranger um Espírito a vir, a seu mau grado?

‘Nenhum, desde que o Espírito lhe seja igual, ou superior, em moralidade. Digo – em moralidade e não em inteligência, porque, então, nenhuma autoridade tem o evocador sobre ele. Se lhe é inferior, o evocador pode consegui-lo, desde que seja para bem do Espírito, porque, nesse caso, outros Espíritos o secundarão.’ (Nº 279.)”

KARDEC, Allan. 2ª Parte, Cap. XXV – Das evocações, item 282, 10ª questão. **O Livro dos Médiuns.**



“(...) necessário, sobretudo, é que se atue sobre o ser inteligente, ao qual **importa se possa falar com autoridade, que só existe onde há superioridade moral.** Quanto maior for esta, tanto maior será igualmente a autoridade. E não é tudo: para garantir-se a libertação, cumpre induzir o Espírito perverso a renunciar aos seus maus desígnios; fazer que nele

“2ª Basta que uma pergunta seja séria para obter uma resposta séria?

‘Não; isso depende do Espírito que responde.’

a) Mas, uma pergunta séria não afasta os Espíritos levianos?

‘Não é a pergunta que afasta os Espíritos levianos, é o caráter daquele que a formula.’ [itálico do original]

KARDEC, Allan. 2ª Parte, Cap. XXVI – Das perguntas que se podem fazer aos Espíritos, item 288, 2ª questão e 2ª-a. **O Livro dos Médiuns.**

despontem o arrependimento e o desejo do bem, por meio de **instruções habilmente ministradas**, em evocações particulares, **objetivando a sua educação moral.**” [negrito nosso, itálico do original]

KARDEC, Allan. Cap. XXVIII – Coletânea de preces espíritas, item 81. **O Evangelho segundo o Espiritismo.**

1. Perfil, atribuições e postura do dialogador de reunião mediúnica espírita

1.5 Necessidade do ascendente moral



“Uma força existe capaz de produzir resultados junto aos perseguidores encarnados ou desencarnados, conscientes ou inconscientes: a que se deriva da conduta moral. A princípio, o obsessor dela não se apercebe; no entanto, com o decorrer do tempo, os testemunhos de elevação moral que enseja, confirmando a nobreza da fé, que professa como servidor do Cristo, colimam por convencer o algoz da elevação de princípios de que se revestem os atos do seu doutrinador, terminando por deixar livre, muitas vezes, aquele a quem afligia. Além da exemplificação cristã, a oração consegue lenir as úlceras morais dos assistidos, conduzindo benesses de harmonia que apaziguam o desequilibrado, reacendendo nele a sede e a necessidade da paz. (...) Como requisitos essenciais para uma reunião séria consideremos, pois, as intenções, o ambiente, os membros componentes, os médiuns, os doutrinadores. As intenções, fundamentadas nos preceitos evangélicos do amor e da caridade, do estudo e da aprendizagem, são as que realmente atraem os Espíritos Superiores, sem cuja contribuição valiosa os resultados decaem para a frivolidade, a monotonia e não raro

para a obsessão... Os membros componentes devem esforçar-se por manter os requisitos mínimos de conseguirem instruir-se, elevando-se moral, mental e espiritualmente, através do devotamento contínuo, incessante, para a fixação da idéia espírita de elevação que lhes deve tornar pauta de conduta diária... Os doutrinadores têm igualmente a obrigação de se evangelizar, estudando a Doutrina e capacitando-se para entender e colaborar nos diversos misteres do serviço em elaboração. Na mesma linha de deveres dos médiuns, não se podem descurar do problema psíquico da *sintonia*, a fim de estabelecerem contato com os Diretores do Plano Espiritual que supervisionam os empreendimentos de tal natureza.

As reuniões espíritas são compromissos graves assumidos perante a consciência de cada um, regulamentados pelo esforço, pontualidade, sacrifício e perseverança dos seus membros. Somente aqueles que sabem perseverar, sem postergarem o trabalho de edificação interior, se fazem credores da assistência dos Espíritos interessados na sementeira da esperança e da felicidade na Terra – programa sublime presidido por Jesus, das

1. Perfil, atribuições e postura do dialogador de reunião mediúnica espírita

1.5 Necessidade do ascendente moral



Altas Esferas. Nas reuniões sérias, os seus membros não podem compactuar com a negligência aos deveres estabelecidos em prol da ordem geral e da harmonia, para que a infiltração dos Espíritos infelizes não as transformem em celeiros de balbúrdia, em perfeita conexão com a desordem e o caos. (...) Em todo problema de desobsessão há que considerar o espírito sofredor que provoca sofrimento e levar em conta os recursos éticos do doutrinador, ao lado da sua conduta espírita, isto é, sua responsabilidade moral. Conduta e responsabilidade, essas que são essenciais na tarefa de doutrinar, porquanto a instrução que não se faz acompanhar do exemplo não possui a tônica da verdade... nas atuais realizações dos Templos Espíritas que se transformam em Hospitais-Escolas na Terra para encarnados e desencarnados, a densa população dos ali residentes,

do lado de cá, acompanha a lealdade do ensino quando incorporado ou não ao «*modus vivendi*» ou «*modus-operandi*» dos médiuns, dos doutrinadores, dos diretores das Casas. Palavras belas e sonantes, conceitos elevados são de fácil aquisição em muitos lugares. A excelência, porém, de uma ideia, de uma convicção, da Religião se constata pelo número daqueles que foram modificados, que se transformaram e que se deram à sua realidade.” [itálico do original]

FRANCO, Divaldo P. Cap. Examinando a obsessão, Cap. 11 - As agressões e Cap. 12 - Desobsessão e responsabilidade. **Nos Bastidores da Obsessão**. Pelo Espírito Manoel Philomeno de Miranda.



1. Perfil, atribuições e postura do dialogador de reunião mediúnica espírita

1.5 Necessidade do ascendente moral

“(...) Quanto a ti que esclareces, esclarece-te também. Quanto a ti que aponta caminhos, caminha pelos mesmos trilhos que indicas. Quanto a ti que propões as lições de Jesus como roteiro seguro aos desencarnados, não deixes de ter essas mesmas lições como mapa capaz de nortear também a tua vida, a fim de que tenhas a decantada autoridade moral e para que dêes força de documento às tuas palavras”.

TEIXEIRA, Raul. Cap. 27 – Diálogo com os desencarnados. **Em serviço mediúnico**. Pelo Espírito Hans Swigg.



Como premissa de trabalho, é preciso que o dialogador tenha profundo conhecimento doutrinário, sentimentos elevados e sério e profundo compromisso com a própria reforma moral.

A única força de que dispõe o dialogador é a moral para o esclarecimento lúcido, unificado a vibrações superiores, resultantes de empenho na vivência espírita.

Não bastam palavras melífluas e tampouco ameaçadoras, seja para sensibilizar, seja para conter o

comunicante. O sentimento real, honesto, a coerência entre o falar e o agir do dialogador é que proporcionarão ao Espírito a sensibilização, o despertar de consciência e o estímulo para a renovação íntima.

Portanto, o maior impacto favorável ao atendimento do irmão espiritual não é tanto pela lógica do raciocínio, pelas palavras faladas, embora tenham relevância, mas sobretudo a projeção vibratória do dialogador em relação ao comunicante:

1. Perfil, atribuições e postura do dialogador de reunião mediúnica espírita

1.5 Necessidade do ascendente moral

“A **paciência do doutrinador** sensibilizava-nos... **Acolhia** o hóspede **sem estranheza ou irritação, como se o fizesse a um familiar** que regressasse demente ao santuário doméstico. Talvez por essa razão o obsessor a seu turno se revelava menos agastadiço. (...) Ante o argumento enunciado com sinceridade e simpleza, o renitente sofredor pareceu apaziguar-se ainda mais. **Jatos de energia mental, partidos de Silva [dialogador], alcançavam-no agora em cheio...** Libório [comunicante] tentou falar, contudo, à maneira de um viajante que já não pode resistir à aridez do deserto, comoveu-se diante da **ternura** daquele inesperado acolhimento, a surgir-lhe por

abençoada fonte de água fresca... Sob o sábio comando de Clementino [Mentor], falou o doutrinador com **afetividade ardente**: – Libório, meu irmão! Essas três **palavras foram pronunciadas com tamanha inflexão de generosidade fraternal que o hóspede [comunicante] não pôde sopitar o pranto que lhe subia do âmago.** (...) Via-se, porém, com clareza, que **não eram as palavras a força que o convencia, mas sim o sentimento irradiante com que eram estruturadas.**” [destaques nossos]

XAVIER, Francisco C. Cap. 7 – Socorro espiritual. **Nos Domínios da Mediunidade**. Pelo Espírito André Luiz.



1.6 Postura do dialogador de reunião mediúnica espírita

“Aos psicoterapeutas dos desencarnados é impositivo fundamental **o equilíbrio pessoal**, a fim de que as suas palavras não sejam vãs e estejam cimentadas pelo **exemplo de retidão e de trabalho** a que se afervoram. O seu **verbo** será mantido em **clima coloquial e sereno, dialogando com ternura e**

compaixão, sem o verbalismo inútil ou a presunção salvacionista, como se fosse portador de uma elevação irretocável. Os **sentimentos de amor e de misericórdia** igualmente devem ser acompanhados pelos compromissos de **disciplina, evitando diálogos demorados e insensatos feitos de debates**

1. Perfil, atribuições e postura do dialogador de reunião mediúnica espírita

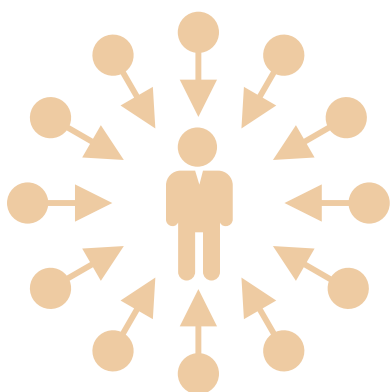
1.6 Postura do dialogador de reunião mediúnica espírita



inconsequentes, tendo em vista que a oportunidade é de **socorro e não de exibicionismo intelectual**. O objetivo da psicoterapia pela palavra e pelas **emanações mentais e emocionais de bondade** não é o de convencer o comunicante, mas o de despertá-lo para o estado em que se encontra, predispondo-o à renovação e ao equilíbrio, nele se iniciando o despertar para a vida espiritual. **Conduzir-se com disciplina moral,**

no dia a dia da existência, é um item exigível a todos os membros da grei, a fim de que a amizade, o respeito e o apoio dos Benfeitores auxiliem-nos na conquista de si mesmos.”
[destaques nossos]

FRANCO, Divaldo P. Cap. 9 – Responsabilidade mediúnica. **Mediunidade: desafios e bênçãos**. Pelo Espírito Manoel Philomeno de Miranda.



“No instante do esclarecimento... (...) o doutrinador será o polo centralizador desse conjunto de emoções positivas [de todos os participantes do grupo], estabelecendo-se uma corrente magnética que envolve o comunicante e que ajuda, concomitantemente, ao que esclarece. Este [dialogador],

recebendo ainda o influxo amoroso do Mentor da reunião, terá condições de dirigir a conversação para o rumo mais acertado e que atinja o cerne da problemática que o Espírito apresenta. O esclarecimento não se faz mostrando erudição, conhecimentos filosóficos ou doutrinários. Também não há necessidade de dar uma aula sobre o que é o Espiritismo, nem de mostrar o quanto os espíritas trabalham. Como não é o instante para criticar, censurar, acusar ou julgar. Esclarecer não é fazer sermão. Não surtirão bons resultados palavras revestidas de grande beleza, mas vazias, ocas, frias. Não atenderão às angústias e aflições daquele que sofre e muito menos

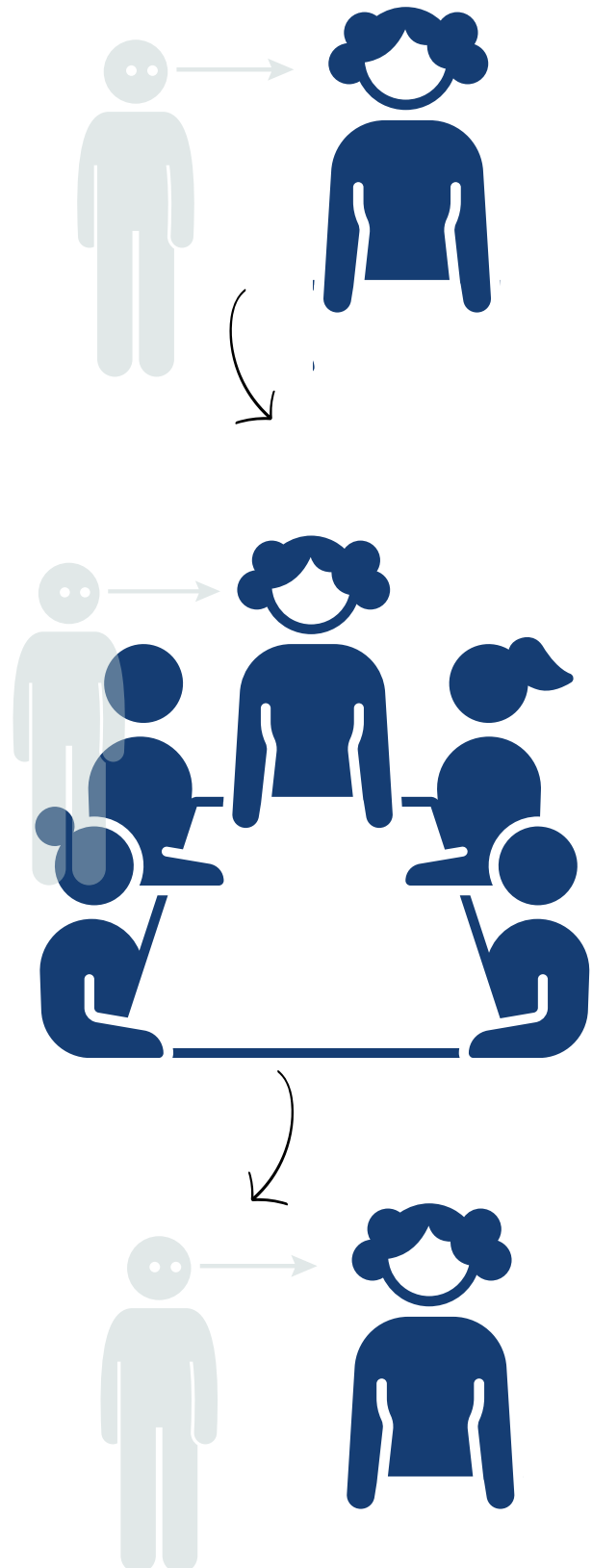
1. Perfil, atribuições e postura do dialogador de reunião mediúnica espírita

1.6 Postura do dialogador de reunião mediúnica espírita

abrandarão os revoltados e vingativos. (...) Para sentir aquilo que diz, é essencial ao doutrinador uma vivência que se enquadre nos princípios que procura transmitir. Assim, a sua vida diária deve ser pautada, o mais possível, **dentro dos ensinamentos evangélicos e doutrinários**. Inclusive, porque, **os desencarnados que estão sendo atendidos, não raro, acompanham-lhe os passos para verificar o seu comportamento e se há veracidade em tudo o que fala e aconselha...**

Outro cuidado que o doutrinador deve ter durante o diálogo é o de **dosar a verdade, para não prejudicar o Espírito que veio em busca de socorro e lenitivo, esclarecimentos**, enfim, que lhe deem paz. A franqueza, em certos casos, pode ser destrutiva. A verdade pode ferir àquele que não está em condições de recebê-la. É o caso, por exemplo, de uma entidade que desconhece que deixou a Terra e apresenta total despreparo para a morte. Este esclarecimento só deve ser transmitido depois de uma conversação que a prepare psicologicamente para a realidade..."
[destaques nossos]

SCHUBERT, Suely C. Terceira Parte, Cap. 6 – O doutrinador.
Obsessão/desobsessão.



1. Perfil, atribuições e postura do dialogador de reunião mediúnica espírita

1.6 Postura do dialogador de reunião mediúnica espírita

“Atendimentos aos Espíritos sofredores conduzidos de **forma amorosa e segura, com tato psicológico, através de diálogos respeitosos e objetivos...** lucidez para oferecerem um **campo mental harmonizado**, a fim de facilitar a comunicação com os Instrutores desencarnados e, desse modo, cooperarem com a pauta do programa, **evitando discussão infrutífera, controvérsia irrelevante, debate dispensável ou informação precipitada e maléfica ao atormentado**, que ignora o transe grave de que é vítima. Ante esse roteiro traçado pelo Benfeitor, desdobramos algumas observações, frutos da experiência e de outros ensinamentos recebidos dos Amigos Espirituais, os quais apresentamos a seguir: O diálogo com os Espíritos sofredores deve ser conduzido num tom de voz natural, de forma coloquial, sem preocupação de se fazer ouvir por todos os componentes do grupo. Nunca esquecer, o doutrinador, que está conversando com um indivíduo que, mesmo não possuindo mais um corpo físico, conserva reações psicológicas similares às daqueles que ainda estão encarnados. É quando se deve transmitir-lhe compreensão e otimismo na transição pela sepultura.

Deve-se, portanto, pronunciar as palavras com profunda delicadeza para o envolvimento vibracional, não se esquecendo da austeridade, sem o autoritarismo radical, nas ocasiões do atendimento aos Espíritos malévolos e impenitentes da Erraticidade. **Evitar explicações doutrinárias discursivas e, sobretudo, não fazer críticas ostensivas ou veladas pelo estado de sofrimento** apresentado pela Entidade comunicante que está sendo atendida.

Atuar mais com o sentimento de bondade do que com palavras excessivas. Deixar o Espírito externar-se para identificar a causa oculta do problema, antes de tomar o pulso da comunicação para ajudá-lo corretamente. **Não se preocupar em identificar quem é a personalidade sofredora** que se comunica, pois o trabalho de intercâmbio espiritual tem por base a caridade anônima. Desnecessário explicar a razão do sofrimento atual, antes de minorar suas dores, trazendo à baila o comportamento incorreto durante a existência carnal, porque isto tem efeito semelhante ao de um ácido a queimar as fibras íntimas da criatura sofredora. **Quanto menos informações forem dadas melhor, inclusive não se utilizando**

1. Perfil, atribuições e postura do dialogador de reunião mediúnica espírita

1.6 Postura do dialogador de reunião mediúnica espírita



sistematicamente da terminologia espírita, nem tampouco insistindo na sugestão para que o comunicante adote a postura oracional, pois **quem está vivenciando sensações desesperadoras não tem a mínima condição de entender ou assimilar conceitos e conselhos de que não está interessado.**

O doutrinador deve ter sempre em mente que a finalidade do fenômeno da psicofonia, em sentido prioritário, é o contato do Espírito sofredor com o fluido animalizado do médium para a ocorrência do chamado 'choque anímico'. Allan Kardec utilizou o termo fluido animal, porque na ligação perispiritual entre o comunicante e o médium, para que se processe a psicofonia, acontece uma transferência de elevada carga de energias animalizadas que são absorvidas pelo desencarnado, produzindo-lhe um choque enérgico que promove o seu despertar para uma realidade nova de que ainda não se deu conta. Isso se torna necessário, porque, na desencarnação, o ser inteligente leva consigo inúmeras impressões físicas e mentais que permanecem no seu campo perispiritual depois da morte biológica. Daí o conceito doutrinário de que morrer definitivamente é ter consciência e

familiaridade com o mundo que passa a habitar. Por isso, **o doutrinador deve ser muito cauteloso no momento de fazer a revelação quanto à condição em que se encontra o Espírito que está sendo atendido. Precipitar o conhecimento de sua morte biológica pode causar-lhe um trauma desestruturador da emoção, de consequências desagradáveis, tanto para ele quanto para o médium, que recebe as descargas psíquicas do sofredor. (...)** Se o doutrinador persiste na ideia de convencer o Espírito, poderá desencadear o medo e, em seguida, o pânico patológico, não resultando da revelação nada de positivo para o bem-estar da Entidade sofredora.

Neste particular, a função do doutrinador é efeito preparatório, deixando a cargo dos Benfeitores Espirituais a escolha do momento adequado para fazer com que o desencarnado tome conhecimento de sua nova realidade.

No diálogo com os Espíritos empedernidos no mal, a técnica de doutrinação também **exige cuidados especiais quanto a forma com que deve ser praticada.** Essas Entidades sabem do estado em que se encontram e agem intencionalmente

1. Perfil, atribuições e postura do dialogador de reunião mediúnica espírita

1.6 Postura do dialogador de reunião mediúnica espírita



para perturbar o desenrolar da programação previamente estabelecida pelos Instrutores Espirituais...

O doutrinador deve precaver-se, a fim de não se deixar envolver pela tática usual desses Espíritos, qual seja a de provocar discussão com o intuito de roubar o tempo disponível para o atendimento aos sofredores e aos mesmo tempo perturbar o ambiente mediúnico por meio de irradiações desagradáveis que a todos irritam, provocando mal-estar generalizado.

O tratamento ideal no relacionamento com o visitante desse tipo é o da amabilidade com austeridade, mantendo-se a ascendência moral, demonstrando não estar atemorizado com as ameaças ostensivas e não se deixando contaminar com a violência do linguajar vulgar e desafiador. Sobretudo, **manter uma confiança irrestrita na ação dos Benfeitores Espirituais.** Lembrar-se ainda de que não se deve utilizar de argumentos falsos para fazê-los desistir dos seus propósitos, mas **levá-los a uma reflexão mediante ponderações e advertências honestas quanto verdadeiras.**

No **trabalho de doutrinação, o encarregado dessa tarefa deve**

estar conscientizado da grave responsabilidade que assume não somente no que diz respeito aos desencarnados, mas, também, na questão dos danos físicos, emocionais e espirituais que pode causar ao médium quando o atendimento não é feito de forma correta.

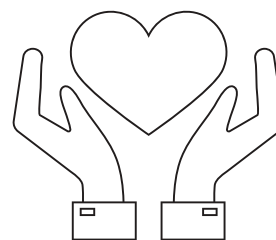
Outro tipo de ocorrência que deve ser evitado, a todo custo, é o doutrinador tocar no médium no transcorrer da comunicação. Este é um hábito inconveniente sob qualquer aspecto considerado, que promove, no médium, uma irritação extremamente desagradável, danificando, em certos casos, a sua aparelhagem mediúnica e nervosa. **Até mesmo uma aproximação exagerada, dobrando-se sobre o médium para ouvi-lo melhor, pode provocar essas irritações por invadir o campo de aura do sensitivo em expansão nesse momento crítico de seu trabalho de doação.**



1. Perfil, atribuições e postura do dialogador de reunião mediúnica espírita

1.6 Postura do dialogador de reunião mediúnica espírita

A nenhum pretexto deve o médium ser seguro pelo doutrinador, pois não é a força física, e sim a psíquica, que atua efetivamente para controlar os impulsos da Entidade comunicante, refletidos no comportamento do medianoiro.”
[destaques nossos]



Proj. Manoel Philomeno de Miranda. Cap. 2 – Padrões de qualidade, item ‘Direção e doutrinação’, item 17. **Reuniões Mediúnicas.**

“(…) Como importante se faz em todos os participantes de trabalhos mediúnicos o comportamento moral, **no doutrinador** essa qualificação se torna vital, essencial, pois como terapeuta espiritual **ajudará muito mais com sentimentos do que com raciocínios, sendo a condição moral a única via capaz de estabelecer a sintonia com os Mentores Espirituais e a única força capaz de infundir respeito aos Espíritos rebeldes, ignorantes, primitivos, desarvorados, que são trazidos para receberem as terapias específicas.**

Exige-se-lhe, ainda, um largo conhecimento doutrinário e do Evangelho pois que estes serão a fonte supridora de onde emanarão suas orientações. A posse desses elementos em nível adequado e razoável enseja ao doutrinador alcançar os seguintes tentos, que lhe deverão constituir os indicadores com que avaliará o seu trabalho:

saber ouvir, fruto de uma observação atenta, concentrada, sem as tensões emocionais inquietantes do medo e da ansiedade; ouvir primeiro para depois orientar com segurança; rapidez de percepção, derivada de uma intuição clara, que, não acontecendo, fará perder-se em sindicâncias demoradas que prejudicam o atendimento no seu todo; intervenções oportunas e nas horas certas, resultado da interação das conquistas anteriores; e finalmente o uso das **terapias complementares à palavra,** tais o passe, a oração, a sonoterapia, a sugestão hipnótica e a regressão de memória, que são procedimentos indispensáveis em determinados momentos, e que **deverão ser aplicados em consonância com os Mentores Espirituais, facilmente percebidas se estiver funcionando efetivamente a intuição. Posturas**

1. Perfil, atribuições e postura do dialogador de reunião mediúnica espírita

1.6 Postura do dialogador de reunião mediúnica espírita

corporais e psicológicas são ainda padrões de qualidade para o doutrinador pois se refletem nos resultados conforme o teor das mesmas, favorecendo o êxito ou limitando-o. **Postura correta é o doutrinador colocar-se atrás ou ao lado do médium em transe, evitando aproximar o seu rosto do dele, para não invadir o campo de aura do sensitivo, resguardando-o assim de constrangimentos e irritação. Caso o médium esteja falando baixo, o doutrinador pedirá para altear um pouco mais o tom de voz em vez de se inclinar em demasia sobre seu corpo. Assume postura incorreta o doutrinador quando se interpõe entre o médium e a pessoa sentada ao lado, colocando a mão sobre a mesa, o que limita os movimentos de ambos, principalmente do médium em transe. Certas posições, como esta, um tanto largadas ou sem aprumo, podem estar refletindo estados psicológicos ou emocionais não muito adequados: displicência, insegurança, cansaço...”**

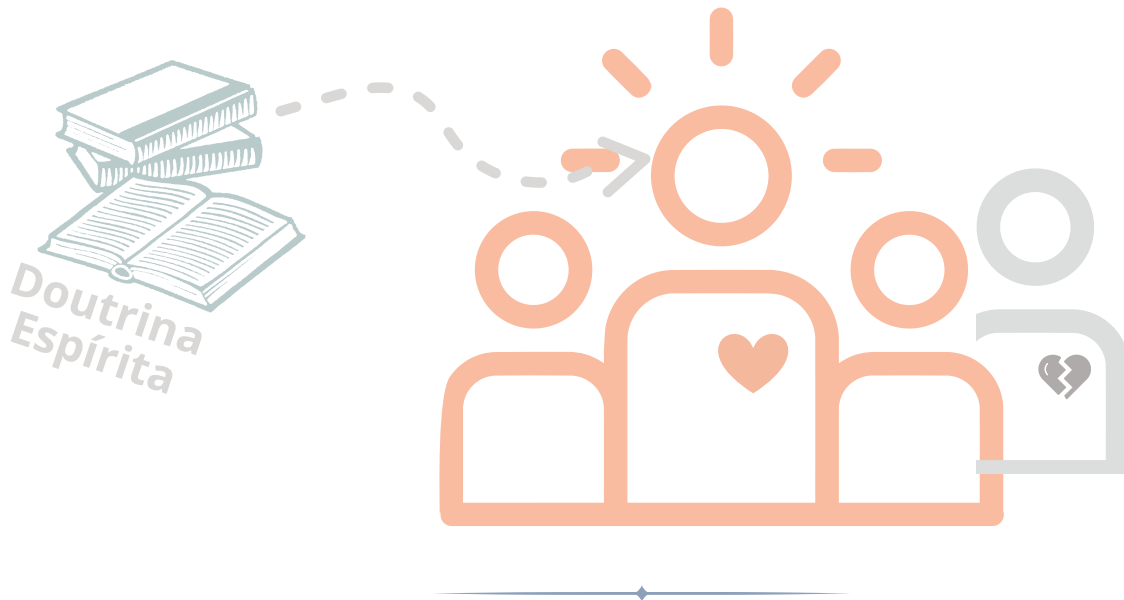
[destaques nossos]

Proj. Manoel Philomeno de Miranda. Questão 86.
Qualidade na Prática Mediúnica.



1. Perfil, atribuições e postura do dialogador de reunião mediúnica espírita

1.6 Postura do dialogador de reunião mediúnica espírita



“(...) o Espírito que comparece para debater conosco os seus problemas e aflições não está em condições, logo aos primeiros contatos, de receber instruções doutrinárias... Ele não vem disposto a ouvir uma pregação, nem predisposto ao aprendizado, como ouvinte paciente ante um guru evoluído. (...) Sua *formação doutrinária* é de extrema importância... Entre os Espíritos que lhe são trazidos para entendimento, há argumentadores prodigiosamente inteligentes, bem preparados e experimentados em diferentes técnicas de debate, dotados de excelente dialética... Se o dirigente encarnado dos trabalhos está bem familiarizado com as obras fundamentais do Espiritismo, ele encontrará sempre o que dizer ao manifestante, ainda que não esteja

no mesmo nível intelectual dele. O confronto aqui não é de inteligências, nem de culturas; é de corações, de sentimentos. O conhecimento doutrinário torna-se importante como base de sustentação. O doutrinador precisa estar convencido de que a Doutrina Espírita dispõe de todos os informes de que ele necessita para cuidar dos manifestantes em desequilíbrio, mas isso não é tudo... Os Espíritos em estado de perturbação, que nos são trazidos às sessões mediúnicas, não estão, logo de início, em condições psicológicas adequadas à pregação doutrinária, como já dissemos. Necessitam aflitivamente de primeiros socorros, de quem os ouça com paciência e tolerância... ele [dialogador] deve estar preparado para discutir o problema pessoal do

1. Perfil, atribuições e postura do dialogador de reunião mediúnica espírita

1.6 Postura do dialogador de reunião mediúnica espírita



Espírito, a fim de obter dele a informação de que necessita. É nesse momento que ele precisa utilizar-se de seus conhecimentos gerais, intercalando aqui e ali um pensamento evangélico que se adapte às condições desenvolvidas no diálogo. Isto nos leva a outro aspecto importante: o *status moral* do doutrinador... O Espírito que debate conosco sabe de nossas inúmeras fraquezas, tanto quanto nós, e até mais do que nós, às vezes, por serem, frequentemente, companheiros de antigas encarnações, em que fomos, talvez, comparsas de desacertos hediondos. Ele nos vigia, observa-nos, analisa-nos e estuda-nos, de uma posição vantajosa para ele: na invisibilidade.

Tem condições de aferir nossa personalidade e nossos propósitos, pela maneira como agimos em nosso relacionamento com os semelhantes. Percebe mais as nossas intenções, a intensidade e a sinceridade do nosso sentimento, do que o mero som das palavras que pronunciamos. Se estivermos recitando lindos textos evangélicos, sem sustentação na afeição legítima, ele o saberá também. (...) Não adianta exhibir virtudes que não possui ainda. Deve lembrar-se, porém, de que somos julgados e avaliados não

pelos resultados que obtemos, mas pelo esforço que realizamos para alcançá-los... O doutrinador é também um ser falível e consciente das suas imperfeições, mas isto não pode e não deve inibi-lo para a tarefa... Se tivermos paciência e tolerância, o manifestante acabará por admitir que, mesmo que ainda não tenhamos alcançado os estágios superiores da evolução, nossa boa intenção é legítima, o esforço que desenvolvemos é digno, e nos respeitarão por isso. O doutrinador precisa, ainda, ser uma criatura de fé viva, positiva, inabalável. Ele não pode dar aquilo que não tem. (...) Outro ingrediente necessário, na psicologia do doutrinador, é o *amor*. (...) É desse amor-doação que precisa o doutrinador. Do amor que, segundo o Cristo, devemos sentir, com relação aos nossos próprios inimigos. É isto bem verdadeiro, no caso da doutrinação de Espíritos conturbados, porque, ao se apresentarem diante de nós, vêm com a força e a agressividade de inimigos implacáveis. Se respondermos à sua agressividade com a nossa, o trabalho se perde e desencadeamos contra nós a reação sustentada da cólera, do rancor, do ódio. (...) É claro que estas observações são válidas para todos

1. Perfil, atribuições e postura do dialogador de reunião mediúnica espírita

1.6 Postura do dialogador de reunião mediúnica espírita



os componentes do grupo, mas particularmente se dirigem ao doutrinador, porque é ele o seu porta-voz, é nele que os Espíritos desequilibrados identificam a petulante intenção de interferir com seus planos pessoais... É lógico e natural, portanto, para os irmãos desorientados, que se concentre no doutrinador grande parte do esforço de envolvimento, bem como suas cóleras e suas ameaças. O médium doutrinador tem que devolver todo esse concentrado ataque vibratório, transformado em compreensão, tolerância e, principalmente, amor fraterno. Isto não esgota, ainda, o rol das aptidões que devem integrar a personalidade do doutrinador... Uma dessas virtudes é a *paciência*. Não pode ele, sem prejuízo sério para o seu trabalho, atirar-se sofregamente ao interrogatório do Espírito manifestante. Tem que ouvir, aturar desaforos e impropérios, agressões verbais e impertinências. Tem que aguardar o momento de falar. Para isso, necessita de outra qualidade pessoal, não particularmente rara, mas que precisa ser cultivada, quando não despertada: a *sensibilidade*, que o levará a *sentir* pacientemente o terreno estranho, difícil e desconhecido em que pisa, as reações do Espírito, procurando

localizar os pontos em que o manifestante, por sua vez, seja mais sensível e acessível. Isto se faz com uma qualidade pessoal chamada *tato*, segundo a qual, vamos, pela observação cuidadosa, serena, nos informando de determinada situação ou acontecimento, até que estejamos seguros de poder tomar uma posição ou uma decisão sobre o assunto... A paciência, a sensibilidade e o *tato* nos facultam as informações que buscamos, mas não disparam, por si mesmos, os mecanismos da ação, ou seja, não nos indicam a providência a tomar, nem nos sustentam no que fizemos. Para isso, se pede outra disposição que poderíamos chamar de *energia*, que deve ser controlada e oportuna. Há de chegar-se a um ponto, na doutrinação, em que se torna imperiosa a tomada de uma atitude firme, enérgica, que não pode ser contundente, nem agressiva. É a hora da energia, e o momento tem que ser o certo. Nem antes, nem depois da oportunidade... O doutrinador deve estar em permanente estado de *vigilância*, na mais ampla acepção do termo. Vigilância quanto aos seus próprios sentimentos e pensamentos, quanto às suas suposições e intuições, quanto ao que se contém nas

1. Perfil, atribuições e postura do dialogador de reunião mediúnica espírita

1.6 Postura do dialogador de reunião mediúnica espírita



entrelinhas do que diz o manifestante, quanto ao que ocorre à sua volta, com os demais componentes do grupo, quanto à sua própria conduta, não apenas durante o trabalho mediúnico, propriamente dito, mas no seu proceder diário... O doutrinador precisa servir em estado de alerta constante. (...) outra faculdade necessária ao doutrinador: a *humildade*. Ele vai precisar dela, com frequência impressionante. A princípio, para aceitar as ironias, agressões e impertinências dos pobres irmãos atormentados. Depois, se e quando conseguir convencer, o companheiro, de seus enganos e de seus erros, para não assumir a atitude do vencedor que pisa na garganta do vencido, para mostrar o seu poder e confirmar a sua vaidade e seu orgulho. É a partir do momento em que o turbulento manifestante de há pouco se converte em verdadeiro trapo humano, arrependido e em pranto, que o doutrinador deve mostrar toda a sua compaixão humilde e o seu respeito pela dor alheia. Tem, ainda, que ser humilde no aprendizado... Em trabalho mediúnico, estamos sempre aprendendo e nunca sabemos o suficiente. Se não nos aproximarmos dele com humildade, pouco ou nenhum progresso conseguiremos

realizar. A humildade é necessária, também, quando não conseguimos convencer o companheiro infeliz. Precisamos estar preparados para a derrota, em muitos casos... Mesmo naquele que não conseguimos demover de seus propósitos, se tivermos tido habilidade e tato, teremos realizado, no seu coração, a sementeira da verdade. Um dia – não importa quando – ele vai lembrar-se do que lhe dissemos e conferi-lo com a realidade. Não contemos, porém, com o êxito total da conversão imediata e definitiva, ao amor, de todos os Espíritos que nos são trazidos. Muitos daqueles dramas, que se desenrolam diante de nós, arrastam-se há séculos. Não se ajustam em minutos de conversa. Humildade, pois, para aceitar esses casos e continuar lutando. Não somos super-homens, nem semideuses. Humildade, ainda, quando precisarmos reconhecer o potencial intelectual do irmão espiritual com o qual nos defrontamos. E isso é muito frequente. Não quer dizer que nos devamos curvar servilmente diante dele, rendendo homenagens à sua inteligência e ao seu conhecimento; quer dizer que precisamos admitir, às vezes, que não estamos em condições de superá-lo naquilo que

1. Perfil, atribuições e postura do dialogador de reunião mediúnica espírita

1.6 Postura do dialogador de reunião mediúnica espírita



constitui o seu ponto forte. Nem é essa a técnica recomendada... [no caso de Espíritos intelectuais] foi justamente o debate inútil e o vão filosofar que arruinaram sua vida espiritual. Ele precisa de atenção, fraternidade, respeito e sinceridade, não de debates estéreis, nos quais facilmente nos vencerá, para consolidar a sua vaidade lamentável. Um pouco de humildade, da nossa parte, o levará a respeitar-nos também, enquanto a exibição inútil de precários conhecimentos filosóficos, e de medíocre cultura intelectual, só poderá estimular nele o desprezo por nós e pela nossa posição. Nada, pois, de aparentar o que ainda não somos. E, mesmo que o fôssemos, a humildade, ainda assim, seria indicada. Lembremos ainda uma qualidade: o *destemor*... ser destemidos, sem ser temerários.

Coragem não é o mesmo que imprudência. O destemor é de extrema utilidade nas tarefas de doutrinação. Fustigados pela interferência dos grupos mediúnicos em seus tenebrosos afazeres, os Espíritos violentos comparecerão possuídos de irritação, rancor e ódio, mesmo. Manifestam-se aos berros, dão murros na mesa, ameaçam céus e terras, procuram intimidar e propõem-se a vigiar-nos

implacavelmente, a atacar nossos pontos fracos ou fazer um cerco impiedoso em torno de nossa família, provocar acidentes, doenças, perturbações. O arsenal de ameaças é vasto, e eles manipulam, com extrema sagacidade, as armas da pressão. Se nos deixarmos impressionar pelas verdadeiras cenas que fazem, estaremos realmente perdidos, porque nos colocaremos na faixa vibratória desejada por eles, Os benfeitores espirituais sempre nos advertem, de maneira tranquila e segura: — Nada de temores infundados. Sofremos apenas aquilo que está nos nossos compromissos espirituais, e não em decorrência do trabalho de desobsessão... É até possível que uma ou outra, das ameaças esbravejadas contra nós, se cumpra, ou seja, aconteça acidentalmente, como doença inesperada em um de nós, ou em membro da nossa família. Estejamos certos de que, na sessão seguinte, virá de novo o irmão infeliz, para se vangloriar: — Eu não disse? Não tema, siga em frente. O trabalho está sob a proteção de forças positivas e abençoadas. Isto, porém, não significa que deveremos e poderemos deixar cair as guardas. A proteção existe, mas não para dar cobertura à imprudência, à

1. Perfil, atribuições e postura do dialogador de reunião mediúnica espírita

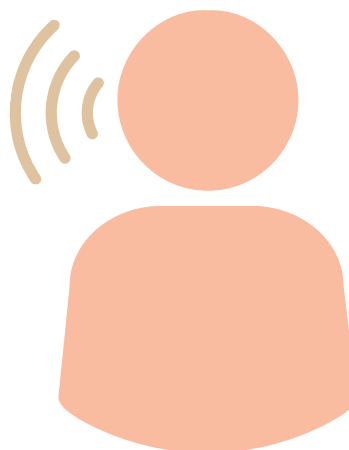
1.6 Postura do dialogador de reunião mediúnica espírita



irresponsabilidade. Não custa, pois, anotar mais uma das aptidões necessárias ao bom desempenho do trabalho mediúnico, em geral, e do doutrinador, em particular: a *prudência...*

A longa digressão acerca das aptidões desejáveis a um doutrinador não deve necessariamente desencorajar aquele que pretende se preparar para a tarefa. Ele precisa saber que o trabalho é árduo,

os riscos são muitos, as qualificações são, idealmente, rigorosas e numerosas, e nenhuma projeção especial o espera. Ao contrário, quanto mais apagado o seu trabalho, mais eficaz e produtivo... Que isso não desencoraje ninguém à responsabilidade do trabalho. Os Espíritos amigos saberão dosar as tarefas, segundo as forças e as possibilidades do grupo. Por outro lado, o doutrinador é, usualmente, o para-raios predileto do grupo, porque os Espíritos atribulados, trazidos ao diálogo, com ele se entendem e se desentendem..." [itálicos do original]



MIRANDA, Hermínio C. Cap. 2 –
As pessoas, item 2.1.2 – O
doutrinador. **Diálogo com as
sombas.**

1. Perfil, atribuições e postura do dialogador de reunião mediúnica espírita

1.6 Postura do dialogador de reunião mediúnica espírita

Postura do dialogador de reunião mediúnica espírita

- Ter consciência de que está conversando com uma pessoa, um ser humano igual a ele próprio, com a única diferença de que o interlocutor não tem o corpo físico.
- Ter capacidade auditiva (ter acuidade auditiva para conseguir escutar o que é dito) e saber ouvir (acuidade de percepção: não apenas escutar como "auscultar" – ouvir com atenção, buscando identificar as características e compreender a real necessidade do comunicante).
- Possuir percepção aguçada (perspicácia) para identificar o tipo de comunicante (seu nível evolutivo), a partir da análise da linguagem (conteúdo e forma) do comunicante.
- Saber falar (o que, como e quando falar) – saber orientar com segurança, após identificado o nível do comunicante e sua real necessidade.
- Falar de forma clara, compreensível, com naturalidade, nos momentos oportunos, sem excesso de informações.
- Adotar como base da própria postura e do que será dito a Doutrina Espírita e o Evangelho.
- Ter o intuito de esclarecer, orientar e auxiliar: não ter postura insidiosa, nem agressiva, tampouco tentar "dobrar", "converter", "dominar" o comunicante. Se necessário, poderá usar firmeza, mas nunca agressividade, nem violência, tampouco rudeza; nem deve tomar para si eventuais provocações de comunicantes.
- Focar a problemática/situação do comunicante, não entrar em debates secundários. Não se sentir intimidado com ameaças ou acusações, focar o problema do atendido, conduzindo-o à reflexão, com lógica e de forma pacífica, amorosa.

1. Perfil, atribuições e postura do dialogador de reunião mediúnica espírita

1.6 Postura do dialogador de reunião mediúnica espírita

Postura do dialogador de reunião mediúnica espírita

- Postar-se ao lado (2) do médium, sem excesso de proximidade, mantendo certo distanciamento para não invadir seu campo de expansão perispiritual. Não tocá-lo.
- Conhecer os recursos complementares à palavra e saber como usá-los, percebendo, por meio da intuição dos Mentores espirituais, as ocasiões em que esses recursos são necessários (quais os recursos, quando e como utilizá-los). (3)
- Procurar manter serenidade íntima e confiança na equipe espiritual (manter o campo mental harmonizado para facilitar a captação das intuições dadas pelos Mentores), assim como comedimento e ponderação.
- É preciso que o dialogador também tenha bem consolidados em si os ensinamentos do Evangelho à luz da Doutrina Espírita, para não se envolver emocionalmente com os relatos do comunicante (por exemplo, um obsessivo que narre

(2) É recomendado que os participantes da reunião dotados de mediunidade ostensiva sentem-se em cadeira próxima da extremidade da mesa, que facilite a aproximação relativa (não invasiva, nem muito próxima) do dialogador para o diálogo. Se o dialogador já está numa posição próxima, não precisa se aproximar mais. Por exemplo, se o dialogador está sentado na ponta da mesa e os médiuns estão nas primeiras cadeiras, ele não precisa levantar-se e ir até o médium. Se o médium está distante, para não ficar falando à distância, pode se aproximar do médium que esteja dando a comunicação.

(3) Vide o item 5 deste material.

todo o mal que o obsidiado fez no passado e isso desperte no dialogador o sentimento de raiva do obsidiado ou o pensamento de que ele realmente merece a obsessão. Isso será vibratoriamente sentido pelo comunicante. É preciso que o dialogador tenha realmente internalizado o paradigma espírita para não haver oscilação emocional que prejudique o esclarecimento. Na visão espírita, poderá até haver injustiças, porém não injustiçados: antes do episódio narrado, em pretérito mais remoto, pode ter

1. Perfil, atribuições e postura do dialogador de reunião mediúnica espírita

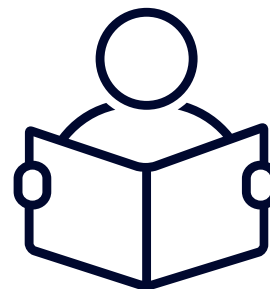
1.6 Postura do dialogador de reunião mediúnica espírita

Postura do dialogador de reunião mediúnica espírita

um fato que o explique; mesmo que seja imotivada a agressão indicada, não somos o Criador e, portanto, não temos o direito de, com as próprias mãos, punir/infligir dor nos outros). Então, é preciso postura pró-ativa: não buscar culpados ou responsáveis, nem aferir se foi justo ou não, levá-lo a refletir: a mágoa, a raiva, faz bem a ele? Se ele continuar como está, ele próprio está agindo bem? Vai ter de dar conta dos efeitos futuros das atitudes que toma no presente? É a melhor escolha para si? (4)

- Manter a postura de humildade, paciência, sentimento de amor, destemor, sem ser temerário, ter sensibilidade e tato psicológico (percepção aguçada), modular destemor e prudência, assim como, nos momentos necessários, firmeza/energia (sem agressão/violência), sempre conjugadas com sentimento fraterno, assim como vigilância e atenção constante.

(4) Demais detalhamentos sobre a forma de conduzir o diálogo, conforme cada tipo de perfil de comunicante constam do item 4.2 deste material.



Um dialogador que faça aprofundados e constantes estudos da Doutrina Espírita e que busque seu aperfeiçoamento moral, por essas posturas e condutas no dia a dia e constante preparação, viabiliza sua sintonia com o Mentor Espiritual da tarefa, que acionará em seu psiquismo, por meio da inspiração/intuição, as orientações dos melhores caminhos a seguir, de forma que se sinta seguro em sua atuação, sem temor/tensão.

Quanto ao dialogador iniciante na tarefa, deverá estar assessorado por dialogador experiente.

Obs.: Orientações mais detalhadas sobre a formação do dialogador iniciante na tarefa serão oferecidas pela Área da Mediunidade da Federação Espírita do Paraná em material específico a ser disponibilizado oportunamente.

1. Perfil, atribuições e postura do dialogador de reunião mediúnica espírita

1.6 Postura do dialogador de reunião mediúnica espírita

1.6.1 – Postura em relação ao Espírito comunicante

“E, quando chegaram à multidão, aproximou-se-lhe um homem, pondo-se de joelhos diante dele, e dizendo:

Senhor, tem misericórdia de meu filho, que é lunático e sofre muito; pois muitas vezes cai no fogo, e muitas vezes na água;

E trouxe-o aos teus discípulos; e não puderam curá-lo.

E Jesus, respondendo, disse: Ó geração incrédula e perversa! até quando estarei eu convosco, e até quando vos sofrerei? Trazei-mo aqui.

E, repreendeu Jesus o demônio, que saiu dele, e desde aquela hora o menino sarou.

Então os discípulos, aproximando-se de Jesus em particular, disseram: Por que não pudemos nós expulsá-lo?

E Jesus lhes disse: Por causa de vossa incredulidade; porque em verdade vos digo que, se tiverdes fé como um grão de mostarda, direis a este monte: Passa daqui para acolá, e há de passar; e nada vos será impossível.

Mas esta casta de demônios não se expulsa senão pela oração e pelo jejum.

Mateus 17:14-21



“A cura das obsessões graves requer muita **paciência, perseverança e devotamento**. Exige também **tato e habilidade, a fim de encaminhar para o bem Espíritos muitas vezes perversos, endurecidos e astuciosos, porquanto há os rebeldes ao extremo**. Na maioria dos casos, **temos de nos guiar pelas circunstâncias**. Qualquer que seja, **porém**, o caráter do Espírito, **nada se obtém**, é isto um fato incontestável, **pelo constrangimento ou pela ameaça. Toda influência reside no ascendente moral**. Outra verdade igualmente comprovada pela experiência tanto quanto pela lógica, é a completa ineficácia dos exorcismos, fórmulas, palavras sacramentais, amuletos, talismãs, práticas exteriores, ou quaisquer sinais materiais”. [grifos nossos]

KARDEC, Allan. Cap. XXVIII – Coletânea de preces espíritas, observação de Allan Kardec ao item 84. **O Evangelho segundo o Espiritismo**.

1. Perfil, atribuições e postura do dialogador de reunião mediúnica espírita

1.6 Postura do dialogador de reunião mediúnica espírita

1.6.1 – Postura em relação ao Espírito comunicante

“Com efeito, já sabeis pela experiência que não basta chamar casualmente o Espírito de tal ou qual pessoa. Os Espíritos não vêm assim ao sabor de nosso capricho, nem respondem a tudo quanto a fantasia nos leva a lhes perguntar. Com os seres de além-túmulo necessitamos de habilidade e de uma linguagem apropriada à sua natureza, às suas qualidades morais, ao grau de sua inteligência e posição que ocupam; ser com eles dominador ou submisso, conforme as circunstâncias, compassivo com os que sofrem, humilde e respeitoso com os superiores, firme com os maus e os voluntariosos, que só subjagam aqueles que os escutam complacentemente. Enfim, é preciso saber formular e encadear metodicamente as perguntas, para que sejam obtidas respostas mais explícitas, assimilando nas respostas as nuances que muitas vezes constituem traços característicos e revelações importantes que escapam ao observador superficial, inexperiente ou ocasional. A maneira de conversar com os Espíritos é, pois, uma verdadeira arte, que exige tato,

conhecimento do terreno que pisamos, constituindo, a bem dizer, o Espiritismo prático. Sabiamente dirigidas, as evocações podem ensinar grandes coisas; oferecem um potente elemento de interesse, de moralidade e de convicção: de interesse, por nos fazerem conhecer o estado do mundo que a todos nos aguarda e do qual algumas vezes fazemos uma ideia tão extravagante; de moralidade, porque nelas podemos ver, por analogia, nossa sorte futura; de convicção, porque nessas conversações íntimas encontramos a prova manifesta da existência e da individualidade dos Espíritos, que nada mais são do que nossas próprias almas, desprendidas da matéria terrestre.”

KARDEC, Allan. Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas - DISCURSO DE ENCERRAMENTO DO ANO SOCIAL 1858-1859. **Revista Espírita**, julho de 1859.



1. Perfil, atribuições e postura do dialogador de reunião mediúnica espírita

1.6 Postura do dialogador de reunião mediúnica espírita

1.6.1 – Postura em relação ao Espírito comunicante

“Como deve processar-se a doutrinação dos desencarnados nas reuniões mediúnicas?

RAUL - A doutrinação, ou esclarecimento, dirigida aos companheiros desencarnados que se apresentem em reuniões de intercâmbio mediúnico deve ser processada **dentro de um clima de entendimento e respeito**, estando certo o doutrinador, ou esclarecedor, de estar **dialogando com um ser humano cuja diferença mais notável é estar o Espírito despojado do corpo físico...** o doutrinador não ignorará que o desencarnado continua com possibilidades de sentir simpatia ou antipatia, de nutrir amor ou ódio, alegria ou tristeza, euforia ou depressão. Que ele pode ainda ser lúcido ou embotado, zombeteiro, leviano, emotivo ou frio de sentimentos. A **doutrinação**, a partir dessa reflexão, desenvolver-se-á como um **diálogo com outro ser humano... Em tudo, o bom senso. O doutrinador deixa a entidade falar, dizer a que veio, o que deseja, a partir de então vai conversando, perguntando sem agressão,**

chamando o desencarnado à **meditação, à compreensão...** Nem sempre será tarefa muito fácil ou imediata, como entre pessoas encarnadas que têm dificuldade de entender as coisas, por múltiplas razões, e passam longos meses ou mesmo anos, às vezes, para reformar uma opinião ou abrir mão de determinados costumes ou procedimentos.” [destaques nossos]

FRANCO, Divaldo P.;
TEIXEIRA, Raul. Questão 85
(ed. 2016 – Editora Intervidas).
Diretrizes de Segurança



1. Perfil, atribuições e postura do dialogador de reunião mediúnica espírita

1.6 Postura do dialogador de reunião mediúnica espírita

1.6.1 – Postura em relação ao Espírito comunicante

“Ao socorrer-se o irmão do Além envolvido em processos de ódio, em explosão de vingança, faz-se mister **o uso da indulgência e do entendimento fraterno**. Sem qualquer conivência com o mal, o atendente deverá ajustar-se à **empatia fraternal** com relação ao comunicante necessitado.

Nenhuma arrogância que represente ácido nas expressões verbais; nenhum pieguismo, que seja como teia viscosa a deter os movimentos da lucidez; nenhum gracejo im procedente que signifique nota de desatenção ao companheiro doente; nenhum desafio ou desacato, que se torne irrefletida loucura, uma vez que sendo frágil a estrutura moral da maioria dos indivíduos, certamente não resistiria à investida invisível urdida na provocação; nenhum descontrole emocional capaz de impregnar o diálogo com a sombra do desequilíbrio, denotando a impropriedade do tipo de atendimento e a inadaptação de quem o realiza... **imprescindível a união mental com o Cristo, representado pelos Espíritos enobrecidos que, de costume,**

orientam e conduzem as atividades benfazejas, quando a equipe de serviços dos encarnados encontra-se em condições de merecer tal assistência.

É de excelente aplicabilidade para o doutrinador o hábito feliz da prece, contrita e salutar, com que se eleva a níveis psíquicos superiores; **a meditação profunda e honesta**, em que o seareiro procura **ampliar os próprios recursos de captação inspirativa**, direcionando para a Luz os impulsos de sua alma; **a leitura que lhe amplie os conhecimentos gerais sobre a matéria de que trata;** uma **logicidade e uma ponderação que o treino e a perseverança vão estruturando como conquista pessoal**. Além disso, alteia-se o respeito ao labor, sensibilizando o doutrinador, que registrará a sublime misericórdia de Deus para com as misérias humanas.

Todo tarefeiro da doutrinação espírita deverá entender que, ao dialogar com o Invisível, estará à frente de formidável espelho que o capacitará a perceber, em si mesmo, o que lhe sobra dos males e vícios demonstrados pelo desencarnado, e

1. Perfil, atribuições e postura do dialogador de reunião mediúnica espírita

1.6 Postura do dialogador de reunião mediúnica espírita

1.6.1 – Postura em relação ao Espírito comunicante



o quanto de virtudes lhe falta, quando se dirija aos vitoriosos, que brilham no Mundo Espírita, quando se apresentem incentivando e iluminando, ensinando sempre... Doutrinar com Cristo é **apontar o rumo da Luz, norteando-se o doutrinador também por ele.** É indicar a fonte de águas cristalinas do perdão e do desapareço ao mal, dessedentando-se no mesmo manancial, para que no decorrer dos

dias a palavra humana daquele que corrige e aconselha reflita o verbo do Senhor, prelecionando as aleluias de vida abundante, imperecível, transformando sentimentos e vidas para a glorificação do Amor, para o encontro da alma com o seu Criador.” [destaques nossos]

TEIXEIRA, Raul. Cap. 19 – Na Doutrinação. **Correnteza de Luz.** Pelo Espírito Camilo.



1. Perfil, atribuições e postura do dialogador de reunião mediúnica espírita

1.6 Postura do dialogador de reunião mediúnica espírita

1.6.1 – Postura em relação ao Espírito comunicante

“Mas não vos alegreis porque se vos sujeitem os Espíritos; alegrai-vos, antes, por estarem os vossos nomes escritos nos Céus.” – Jesus. (LUCAS, 10.20)

Frequentemente encontramos novos discípulos do Evangelho exultando de contentamento, porque os Espíritos perturbados se lhes sujeitam.

Narram, com alegria, os resultados de sessões empolgantes, nas quais doutrinaram, com êxito, entidades muita vez ignorantes e perversas. (...)

Que os doutrinadores sinceros se rejubilem, não por submeterem criaturas desencarnadas, em desespero, convictos de que em tais circunstâncias o bem é ministrado, não propriamente por eles, em sua feição humana, mas por emissários de Jesus, caridosos e solícitos, que os utilizam à maneira de canais para a Misericórdia Divina; que esse regozijo nasça da oportunidade de servir ao bem, de consciência sintonizada com o Mestre Divino, entre as certezas doces da fé, solidamente guardada no coração...”

XAVIER, Francisco Cândido.
Cap. 145 - Doutrinações.
Caminho, verdade e vida. (Pelo Espírito Emmanuel).



“O nosso trabalho, que objetiva o conforto moral dos desencarnados, deve revestir-se de características especiais. **Não se trata de um debate verbal** em que o enfermo necessite mudar de opinião e conduta a golpe do nosso verbo inflamado. **Mais importante do que as palavras** que lhes vamos dirigir é **o nosso sentimento solidário**, também são a **compaixão para com a sua dor, a solidariedade em forma de vibração harmônica, para arrancá-lo da situação emocional em que se encontra**. São as vibrações que partem do dialogador e dos participantes que, envolvendo o paciente, refrigeram-lhe a ardência do sofrimento, acalmando-o, para melhor refletir nas lições de misericórdia do Senhor Jesus.”

[destaques nossos]

FRANCO, Divaldo P. Cap. 73 –
Palavras e sentimentos.
Triunfo da Imortalidade. (Pelo Espírito João Cleófas)



1. Perfil, atribuições e postura do dialogador de reunião mediúnica espírita

1.6 Postura do dialogador de reunião mediúnica espírita

1.6.1 – Postura em relação ao Espírito comunicante

“No trato com os nossos irmãos desequilibrados, **é preciso afinar a nossa boa-vontade à condição em que se encontram, para falar-lhes com o proveito devido.** Vocês não desconhecem que cada criatura humana vive com as ideias a que se afeiçoa. (...) Temos milhares de irmãos escravizados à recordação do que foram no passado, mas, ignorando a transição da morte, vivem por muito tempo estagnados em tremenda ilusão!... Sentem-se donos de recursos que perderam de há muito e tiranos de afeições que já se distanciaram irremediavelmente do trecho de caminho em que paralisaram a própria visão... Convidados à revisão do estado consciencial em que se alojam, irritam-se e defendem-se, como ouriços contentes no espinheiro em que moram, quando não se ocultam, matreiros, no egoísmo em que se deleitam, ao modo de velhas tartarugas a se esconderem na carapaça, ao primeiro toque estranho às sensações com que se acomodam. Se insistimos no socorro espiritual de que necessitam, vomitam impropérios e cospem blasfêmias... Mas, com isso, não



deixam de ser doentes e loucos, agindo contra si mesmos e solicitando-nos amparo. Sentem-se vivos, tão vivos, como na época em que se embebedaram de mentira, fascinação e poder. O tempo e a vida correm para diante, por fora deles, por dentro, imobilizaram a própria alma na fixação mental de imagens e interesses, que não mais existem senão no mundo estreito desses infelizes irmãos. Querem apreço, consideração, apoio, carinho... Não pedimos a vocês estimular-lhes a fantasia, contudo, **lembramos a necessidade de nossa tolerância, para que lhes possamos contornar, com êxito, as complicações e labirintos, doando-lhes, ao mesmo tempo, ideias novas com que empreendam a própria recuperação.** Figuremo-los como prisioneiros, cuja miséria não nos deve sugerir escárnio ou indiferença, mas sim auxílio deliberado e constante para que se ajudem. Cultivemos, assim, **a conversação com os desencarnados**

1. Perfil, atribuições e postura do dialogador de reunião mediúnica espírita

1.6 Postura do dialogador de reunião mediúnica espírita

1.6.1 – Postura em relação ao Espírito comunicante

sem curiosidade maligna, ouvindo-os com serenidade e paciência. Não nos esqueçamos de que somente a simpatia fraternal pode garantir a obra divina do amor. [destaques nossos]

XAVIER, Francisco Cândido.
Cap. 4 – No Intercâmbio (Pelo Espírito José Xavier).
Instruções Psicofônicas.



“Perante os irmãos desencarnados, em desfalecimento moral e amargura perturbadora, reflete a tua situação íntima antes de dirigir-lhes a palavra, nos abençoados momentos de intercâmbio mediúnico. Eles apresentam o resultado da imprevidência e do desacato às soberanas leis do equilíbrio, ora colhidos pela dor que os amesquinha. Não se conscientizaram das responsabilidades que lhes repousavam sobre os ombros. Fugindo ao dever, derraparam pelas encostas sombrias da turbacão íntima em que ainda se encontram. Se te não cuidares, neles já poderás identificar o que te aguarda. Vêm em busca de auxílio; ajudam-te, porém, mediante a silenciosa advertência do que te ocorrerá, caso não te firmes nas disposições e atitudes salutares. Por isso, **unge-te de compreensão e fala-lhes com a ternura de irmão e o respeito de amigo.** O amor que lucila em ti e te apazigua, leni-los-á e o argumento **sincero, sem floreios nem azedume, despertá-los-á. De forma alguma incidas na discussão infrutífera ou no preciosismo da linguagem vazia de significação fraternal.**”

1. Perfil, atribuições e postura do dialogador de reunião mediúnica espírita

1.6 Postura do dialogador de reunião mediúnica espírita

1.6.1 – Postura em relação ao Espírito comunicante



Sem a preocupação de fazer retórica, lembra-te, que te ouve, além daquele que se utiliza da instrumentalidade mediúnica, momentaneamente, um público curioso, ávido de sensacionalismo, com cétricos e cínicos, enfermos e atônitos, perseguidores e maus reunidos pela excelsa misericórdia de Nosso Pai, a fim de que, também, possa desfrutar da abençoada oportunidade. **Evita a astúcia do sofisma pelo jogo das palavras. Não te encontras numa pugna verbal, da qual devas sair vencedor. A tua preocupação deve ser a de esclarecer e medicar a ulceração que lhe consigas identificar. Os resultados pertencerão ao Senhor. Incitado ao debate por aqueles que se comprazem em perturbar, declina com humildade, da justa improcedente. Nem vencer o interlocutor, nem mesmo convencê-lo, antes socorrê-lo, deve ser a inspiração que te emule ao diálogo.** Diante deles, os desencarnados que sofrem, embora alguns não se deem conta, **coloca-te na posição de quem usa a terapêutica espiritual do amor em si mesmo. Como não é justo o**

arrazoado contundente, nunca é oportuno o pieguismo improdutivo. Desde que coexistem os dois mundos – aquele no qual se encontram e o em que deambulas – os problemas, por sua equivalência, merecem o mesmo tratamento. **Sê, então, autêntico, no sentido positivo. Não aparentes uma posição superior, conselheiral, rebuscada, autoritária ou excessivamente piedosa, simulada, com rasgos de uma emoção que não sintas. O bem é simples e a sua linguagem singela dispensa as pesadas bagagens da aparência.** Exterioriza-se sutilmente, antes que estronde dominador. Não acreditarão na tua palavra os desencarnados com os quais dialogues. **Todo conceito nobre ajudá-los-á. Todavia, permeia-te dos ensinamentos que lhes ministres. Incorpora-os ao comportamento cotidiano, não apenas porque te ajudarão a ascender e libertar-te das paixões, como porque os teus ouvintes te acompanharão a verificarem se apenas falas, ou se vives as disciplinas que ministras, lutando contra as imperfeições que profligas.** Em última análise, quem se faz instrutor deve valorizar o ensino,

1. Perfil, atribuições e postura do dialogador de reunião mediúnica espírita

1.6 Postura do dialogador de reunião mediúnica espírita

1.6.1 – Postura em relação ao Espírito comunicante



aplicando-o em si próprio. **Com natural esforço, a pouco e pouco despoja-te das mazelas que afeiam a transparência das tuas realizações e aproveita o ensejo de, mantendo contato com os irmãos que já defrontam a consciência livre, aprenderes** que te encontras no mundo em processo de purificação, precioso e relevante, e o não podes desperdiçar. As palavras repassadas de lealdade, que fluem da fonte inexaurível da experiência pessoal, possuem cativante, envolvente magnetismo que lhes atesta a excelência. Pondera, pois, na tua transitória situação. **Quiçá, no futuro, invertam-se os papéis: quem ora te busca, poderá estar no teu lugar, enquanto lhe ocupes a posição.** A desencarnação e a reencarnação constituem portas de acesso à vida em expressões diferentes. **Se, apesar de tudo, desejando esclarecer os nossos**

irmãos em desalinho espiritual, não lobrigares o êxito que te parece ideal, não descoroços. Toda tentativa de amar e ajudar é sempre válida, senão para quem pede, ao menos para quem se dispõe a doar. E se hoje não te puderem entender os desencarnados entorpecidos pela anestesia da leviandade, posteriormente valorizarão a tua tentativa de servi-los, e, por isso, não te amarão e respeitarão menos. Tudo é válido na economia do Bem, na Casa do Pai Celestial, em que, por enquanto, transitamos entre as vibrações da estação terrena.”
[destaques nossos]

FRANCO, Divaldo P. Décima-primeira parte - da lei de justiça, de amor e de caridade, Cap. 60 - terapêutica do amor.
Leis Morais da Vida. Pelo Espírito Joanna de Ângelis.



1. Perfil, atribuições e postura do dialogador de reunião mediúnica espírita

1.6 Postura do dialogador de reunião mediúnica espírita

1.6.1 – Postura em relação ao Espírito comunicante

Postura em relação ao comunicante:

- Buscar nutrir sentimento elevado. Com os mais difíceis, perturbadores, provocativos, pelo menos, buscar a piedade, a compaixão e a misericórdia.
- Não fazer debates inúteis, ou usar palavras pomposas, de efeito e vazias; nem ter curiosidade (tentar perscrutar quem é o Espírito, por exemplo) ou fazer perguntas desnecessárias para seu esclarecimento e orientação socorrista.
- Reprimendas, ameaças, grosserias com o comunicante não o sensibilizam à reforma moral. Tampouco palavras melífluas que não representem o real sentir e maneira de ser do dialogador: não bastam palavras para doutrinar/convencer ou palavras de efeito para demonstrar o próprio intelecto, é preciso esclarecimento com encadeamento lógico, carregado de sentimentos elevados, intuito de contribuir, sentimento verdadeiramente fraternal. O sentimento de amor irradiado é mais sensibilizador e efetivo do que a palavra.
- Não falar demasiadamente, sobrecarregando o comunicante de informações; dar a ele tempo para que possa assimilar o que lhe seja dito. Tampouco ficar em monólogos: dar o tempo necessário ao Espírito para que possa falar, ouvindo-o com atenção.
- Manter uma escuta ativa, ou seja, atenta, perspicaz, para perceber o nível evolutivo do comunicante, sua real necessidade, se o que ele diz é verdadeiro/verossímil ou se é hipocrisia. Ter atenção e perspicácia na oitiva.
- Se o Espírito está falando em demasia, gerando perturbações, desviando o foco, interditar-lhe a palavra de forma firme, mas sem rudeza. Assim que surgir uma brecha, interpor a fala, de forma firme, mas respeitosa, para que

1. Perfil, atribuições e postura do dialogador de reunião mediúnica espírita

1.6 Postura do dialogador de reunião mediúnica espírita

1.6.1 – Postura em relação ao Espírito comunicante

Postura em relação ao comunicante:

ele entenda que não poderá prosseguir perturbando o ritmo da reunião e encaminhar o diálogo para conclusões e encerramento. Conforme a intuição que tiver no momento, poderá, por exemplo, dizer que é chegado o termo final do diálogo, que ele prosseguirá sendo atendido pelos Mentores e, se eles avaliarem como necessário, em outra oportunidade poderão voltar a conversar.

- Dosar a verdade: não apresentar informações de impacto (ex.: você já morreu) de chofre, para não chocar e mais aturdir o comunicante. Conduzir o diálogo de forma serena, com encadeamento lógico, sentimento elevado, levando a entidade espiritual a dar-se conta de sua própria situação, a cair em si, a liberar-se de fixações mentais, de monoideias, de condicionamentos e/ou resistências.
- Estar consciente de que o

diálogo visa a contribuir com os comunicantes, sem a pretensão de resolver todos os problemas ou os mais intrincados, por vezes seculares, em breves momentos. Por isso, o intercâmbio volta-se especialmente ao contributo breve do choque anímico, decorrente do intercâmbio fluídico entre o médium e o comunicante, bem como ao esclarecimento com base no Evangelho e na Doutrina Espírita, para socorro e orientação aos que necessitem, predefinidos e encaminhados pela equipe espiritual, daí porque os diálogos não precisam e nem devem ser demorados, tendo duração média de cinco a dez minutos.

Caso, ao término do diálogo, o Espírito se retire ainda resistente, aparentemente da mesma forma que chegou (renitente, sem esboçar melhoria ou propósito de mudança), não se sentir frustrado/ incompetente, julgando que o diálogo foi inútil ou que não cumpriu o seu papel.

1. Perfil, atribuições e postura do dialogador de reunião mediúnica espírita

1.6 Postura do dialogador de reunião mediúnica espírita

1.6.1 – Postura em relação ao Espírito comunicante

Postura em relação ao comunicante:

O Espírito é uma pessoa como nós e nem sempre está disponível para aceitar o auxílio. Por outro lado, na avaliação, refletir, honestamente, se houve adequada condução do diálogo e se a dificuldade era mesmo de um Espírito mais endurecido, ou se deve haver mais investimentos em estudo doutrinário, qualificação continuada para a tarefa e especialmente na vivência espírita para alcançar ascendente moral.

- Para que o dialogador mantenha o clima de equilíbrio, serenidade, postura adequada durante o diálogo, a despeito do tipo de comunicante e eventuais desafios durante a comunicação, deve empenhar-se nessa atitude no seu cotidiano, inclusive, em suas relações com demais encarnados.

Postura em relação ao médium ostensivo:

"(...) Deve-se respeitar sempre o médium, evitando-se abraços e toques, controles manuais e seguranças que podem transformar-se, embora sem que se deseje de imediato, em recurso perturbador de natureza física... Quando se reúnem pessoas evangelizadas ou em processo de evangelização para servir, atraindo os espíritos benfeitores, os recursos de proteção e de apoio

procedem do Alto e são aplicados com sabedoria, sem alarde nem correrias ou vexames... Educar-se as forças mentais constitui, desse modo, um dever de todos, especialmente daqueles que se dedicam aos misteres mediúnicos de desobsessão."

FRANCO, D. P. Cap. 6 – Considerações Necessárias. **Transtornos Psiquiátricos e Obsessivos.** Pelo Espírito M. Philomeno de Miranda.

1. Perfil, atribuições e postura do dialogador de reunião mediúnica espírita

1.6 Postura do dialogador de reunião mediúnica espírita

1.6.2 – Postura em relação ao médium ostensivo

Postura em relação ao médium ostensivo:

- Não se aproximar em demasia (manter uma distância razoável, como a de um diálogo com um encarnado, em que certa distância é resguardada) para não invadir seu campo de expansão perispiritual e por razões de respeitabilidade ética.
- Nunca tocar/segurar o médium, nem dobrar-se proximamente para ouvi-lo melhor, pelas mesmas razões acima. Se o médium estiver falando muito baixo, solicitar que aumente o tom de voz. Se o dialogador está com dificuldade auditiva grave, observar se é possível ou não a permanência na tarefa como dialogador, consoante o grau de dificuldade na escuta e no entendimento do que é dito.
- Manter-se, ao longo do diálogo,

atento aos trejeitos, expressão facial, postura corporal do médium, pois essas exteriorizações podem auxiliar, inclusive, na identificação do perfil e características do Espírito comunicante, assim como na aferição de eventual interferência anímica.

- Observar, durante ou após o intercâmbio mediúnico, as condições do médium e dar o suporte que lhe seja necessário através do recurso da palavra, irradiação mental e, caso necessário, nas situações a serem descritas no item 5.2, aplicar passe ou solicitar à pessoa designada pelo dirigente para essa tarefa que proceda à aplicação do passe.



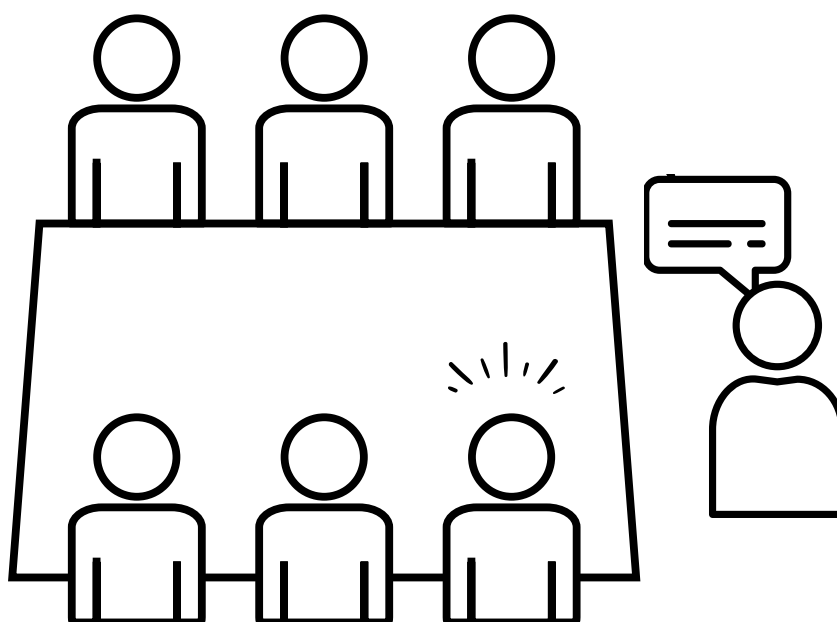
1. Perfil, atribuições e postura do dialogador de reunião mediúnica espírita

1.6 Postura do dialogador de reunião mediúnica espírita

1.6.3 – Postura em relação à equipe de apoio

Postura em relação à equipe de apoio:

- Não cabe ao dialogador a avaliação dos membros da equipe de apoio, mas sim ao dirigente da reunião. A atuação do dialogador, em relação à equipe de apoio, restringe-se a requerer a elevação do padrão mental, caso perceba o adensamento fluídico durante a fase de comunicações ou em caso de comunicações mais intrincadas. Para tanto, poderá dizer: “vamos pedir aos nossos companheiros que se mantenham em prece, elevando o padrão mental em favor do atendimento”, o que é suficiente para sinalizar ao grupo a necessidade de vigilância e elevação mental.
- Quando identificar a necessidade de aplicação do passe, o dialogador o aplicará, caso tenha tal atribuição, ou solicitará ao membro da equipe de apoio designado para essa tarefa que proceda à aplicação na pessoa indicada pelo dialogador.



1. Perfil, atribuições e postura do dialogador de reunião mediúnica espírita

1.6 Postura do dialogador de reunião mediúnica espírita

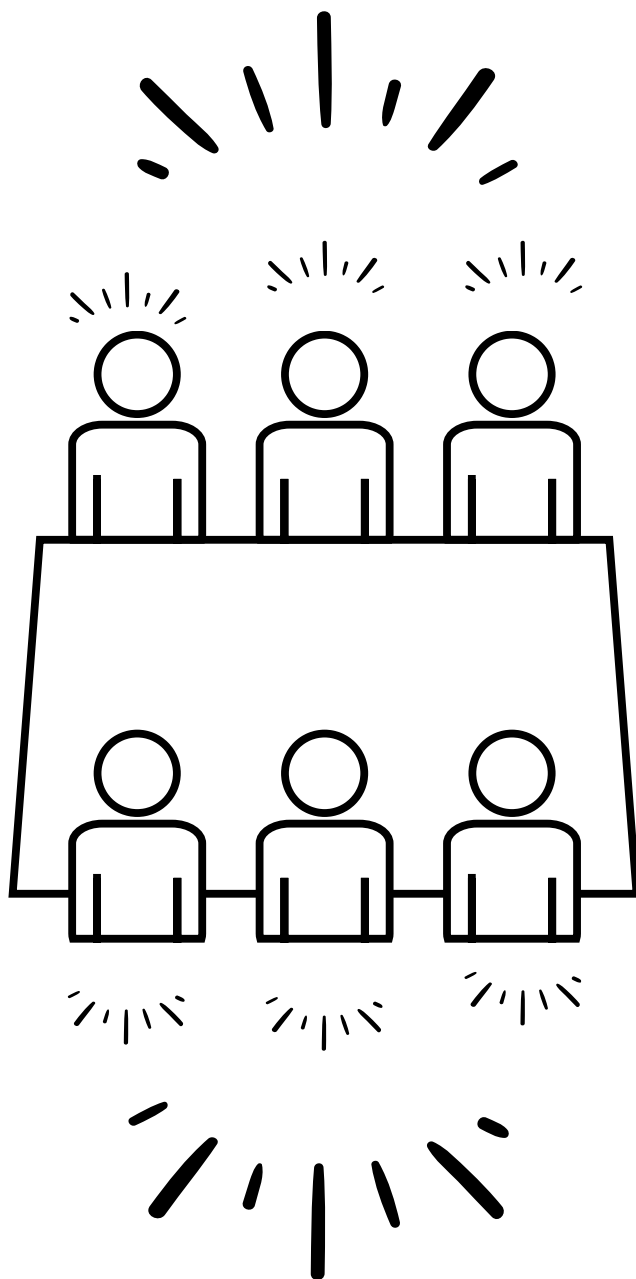
1.6.3 – Postura em relação à equipe de apoio

Postura em relação à equipe de apoio:

“Na energia pura está a base de todas as coisas. A mente, por sua vez, constituída por energia especial, emitindo raios e ondas contínuos, quando dirigida com objetivos próprios e conhecidos, sincroniza com as vibrações que constituem o mecanismo geral, podendo alterar-lhe o conteúdo, o potencial dinâmico.

O médium doutrinador, em face disso, é precioso colaborador nas tarefas desobsessivas, graças à sua perfeita identificação com o programa de libertação, por emitir e exteriorizar vibrações especiais que são próprias à vida física, atuando em nosso plano de ação como recurso ideoplástico expressivo, bem assim funcionando na qualidade de força energética mais carregada de *potencial humano* resultante da filtragem pelo corpo físico.” [itálico do original]

FRANCO, Divaldo P. Cap. 23 –
Terapia desobsessiva. **Tramas
de Destino**. Pelo Espírito
Manoel Philomeno de Miranda.



2. Integração entre o dialogador encarnado e o Mentor Espiritual da reunião

“Quando o doutrinador se aproximou para o diálogo, **foi Fernando [Mentor] quem o inspirou mais diretamente. De alto significado, em reuniões desta natureza, é a sintonia mental, moral e espiritual entre aquele que a dirige no plano físico e os responsáveis espirituais pela tarefa, porquanto a identificação dos comunicantes e o diálogo com eles muito dependem dessa afinidade. Qualquer tentativa precipitada, sem uma clara percepção de propósitos, põe a perder grandes esforços empenhados até o momento, que é a parte final de dias e até meses, para ser conseguida** a remoção da Entidade do seu lugar e trazida ao intercâmbio libertador. O Sr. Almiro [dialogador] era o protótipo do médium-doutrinador, porque unia ao **conhecimento espírita os dotes morais de que era investido, e muito sensível à inspiração dos mentores. Com esses requisitos a sua palavra se impregnava de força esclarecedora, capaz de conquistar os oponentes naturais com os quais trabalhava.**” [destaques nossos]

FRANCO, D. P. Cap. Terapia desobsessiva. **Trilhas da Libertação**. Pelo Espírito Manoel Philomeno de Miranda.

As reuniões mediúnicas, assim como demais atividades do Centro Espírita, têm coordenação da equipe espiritual.

Em relação à atividade mediúnica, são os Mentores espirituais que dispõem das seguintes informações:

- a) se o Espírito *quer* vir,
- b) se o Espírito *pode* vir,
- c) se o Espírito *precisa* (necessário e conveniente) vir,
- d) se há, naquela equipe de trabalho, médium com o qual haja afinidade que permita intermediar a comunicação daquele Espírito, e
- e) se os membros daquela equipe encarnada estão preparados para atendê-lo, dentre outros elementos.

Por isso, nas reuniões mediúnicas atuais, com fins educativos e de edificação moral para encarnados e desencarnados e com finalidade precipuamente socorrista a entidades espirituais em condição ainda inferior, é recomendável que os encarnados não façam evocações de Espíritos, posto que as evocações (chamamentos) e encaminhamentos são feitos pelos próprios Mentores, que detêm as informações acima indicadas.

2. Integração entre o dialogador encarnado e o Mentor Espiritual da reunião

Portanto, são os Mentores que possuem as fichas reencarnatórias tanto dos membros da equipe encarnada quanto dos Espíritos comunicantes, são eles que planejam o desenrolar da reunião (quais Espíritos poderão se comunicar; por quais médiuns cada comunicação ocorrerá) e são ainda os benfeitores espirituais que irão definir as estratégias para socorro e esclarecimento, inclusive conduzindo pessoas (como parentes já desencarnados dos comunicantes) e orientando eventuais estratégias complementares à palavra que o dialogador deverá utilizar, sob intuição dos Mentores.

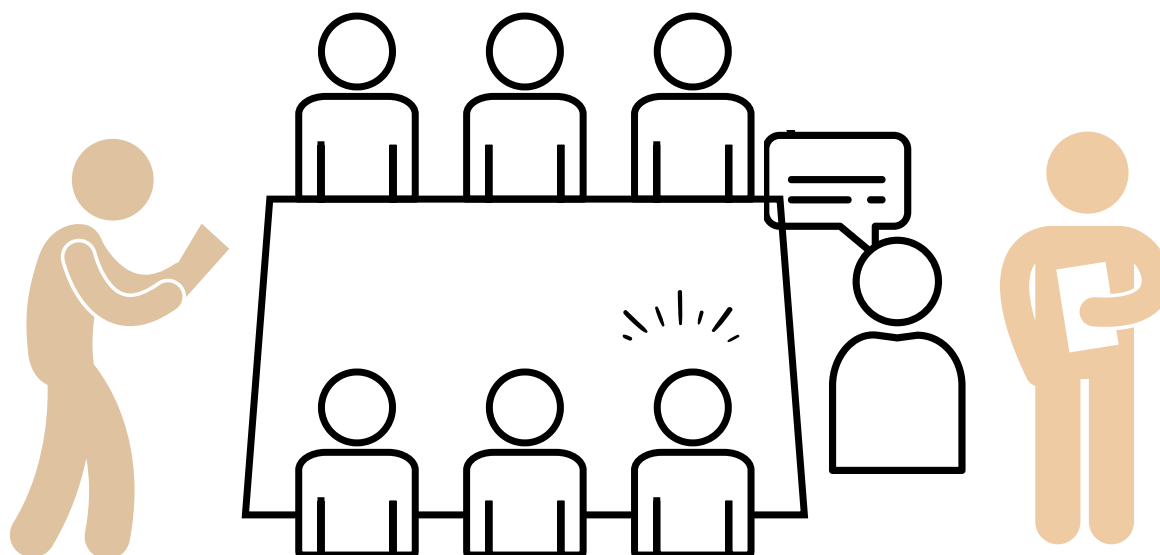
Também são os Mentores que, ao longo do diálogo, oferecem intuições e favorecem a acuidade perceptiva do dialogador para a melhor condução dos diálogos.

— “ —

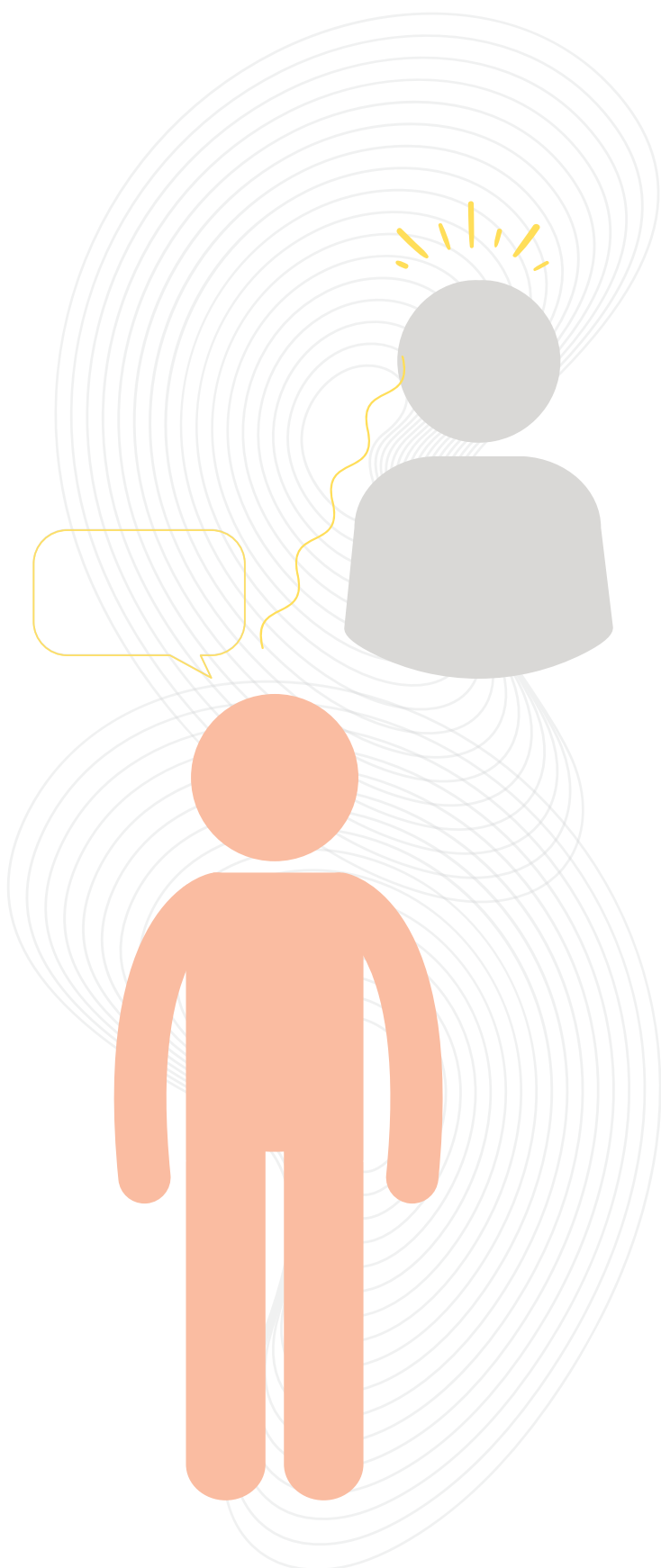
“(...) lucidez do preposto para os diálogos, cujo campo mental harmonizado deve oferecer possibilidades de fácil comunicação com os Instrutores Desencarnados, a fim de cooperar eficazmente com o programa em pauta, evitando discussão infrutífera, controvérsia irrelevante, debate dispensável ou informação precipitada e maléfica ao atormentado que ignora o transe grave de que é vítima, em cujas teias dormita semi-hebetado, apesar da ferocidade que demonstre ou da agressividade de que se revista...”.

[destaque nosso]

FRANCO, Divaldo P. Prolusão, item 1 - A equipe de trabalho, “j”. **Grilhões Partidos**. Pelo Espírito Manoel Philomeno de Miranda.



2. Integração entre o dialogador encarnado e o Mentor Espiritual da reunião

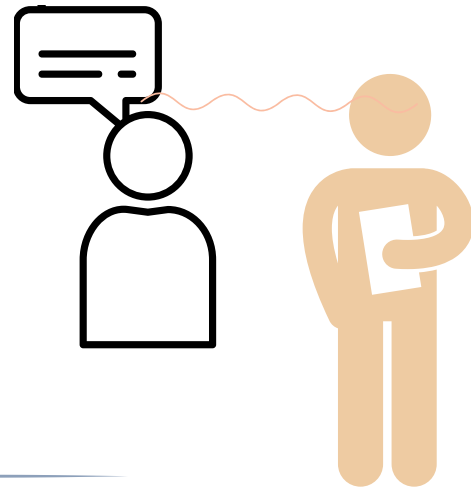


“Suponho que, por isso, a faculdade mais comumente encontrada num doutrinador é, precisamente, a intuição. Se ele procura sintonizar-se com o mundo espiritual, esta via de comunicação bastará ao seu trabalho. Por ela, seus companheiros mais esclarecidos se comunicarão, com eficiência e oportunidade, para a ajuda de que ele não pode prescindir. De uma vez por todas, tiremos de nossa cabeça a noção falaz de que o bom doutrinador pode dispensar a colaboração dos Espíritos superiores. Mais de uma vaidade tem sido explodida por causa disso, e não poucas obsessões pertinazes têm resultado dessa ingênua e perigosa imaturidade. Já fazemos muito quando não atrapalhamos os dedicados companheiros da Espiritualidade maior. Se manifestamos a tola pretensão de dispensar-lhes a ajuda, eles se afastarão, com tristeza, é certo, mas com serenidade e sem remorsos, uma vez que jamais impõem a sua presença, nem a sua vontade. Não há bom doutrinador sem a colaboração e o apoio dos Espíritos mais esclarecidos. E, em breve, não haverá nem bom nem mau, porque o pretensioso ficará literalmente aniquilado pela obsessão ou pela fascinação de Espíritos ardilosos, que se apresentam com nomes

2. Integração entre o dialogador encarnado e o Mentor Espiritual da reunião

pomposos e se arvoram, por sua vez, em doutrinadores do doutrinador, pregando estranhas e confusas ideias”.

MIRANDA, Hermínio C. Cap. 2 –
As pessoas, item 2.1.2 – O
doutrinador. **Diálogo com as
sombras.**



Exemplo 1

“Daí a minutos, providenciava-se a incorporação de Marinho, que tomou a intermediária sob forte excitação... Um instrutor de elevada condição hierárquica substituiu Alexandre junto da médium, **passando o meu orientador a inspirar diretamente o colaborador encarnado, que dirigia a reunião.** (...) fixei a minha atenção na palestra que se estabeleceu entre Marinho, incorporado em Otávia, e **o doutrinador humano, orientado intuitivamente por Alexandre.** A princípio, o sacerdote demonstrava imenso desespero e pronunciava palavras fortes que lhe denunciavam a rebeldia. **O interlocutor, contudo, falava-lhe com serenidade cristã, revelando-lhe a superioridade do Evangelho vivido sobre o Evangelho interpretado.** A certa altura da doutrinação, percebi que Alexandre chamava a si um dos diversos

cooperadores que manipulavam os fluidos e forças recolhidas na sala e recomendou-lhe que ajudasse a genitora de Marinho a tornar-se visível para ele... ao passo que Alexandre, abandonando por momentos o seu posto junto ao doutrinador, aplicou passes magnéticos na região visual do comunicante, compreendendo, então, que ali se encontravam em jogo interessantes princípios de cooperação... para que pudessem efetuar um reencontro temporário de benéficas consequências para ele. Voltou Alexandre a fixar-se ao lado do dirigente e, com surpresa, ouvi que o **amigo encarnado desafiava o exasperado comunicante, agindo francamente por intuição com a sua voz quente de sinceridade no ministério do amor fraternal: – Observe em volta de si, meu irmão!**

2. Integração entre o dialogador encarnado e o Mentor Espiritual da reunião

Exemplo 1

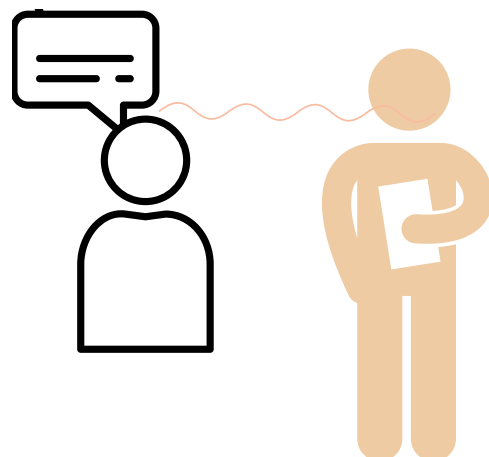
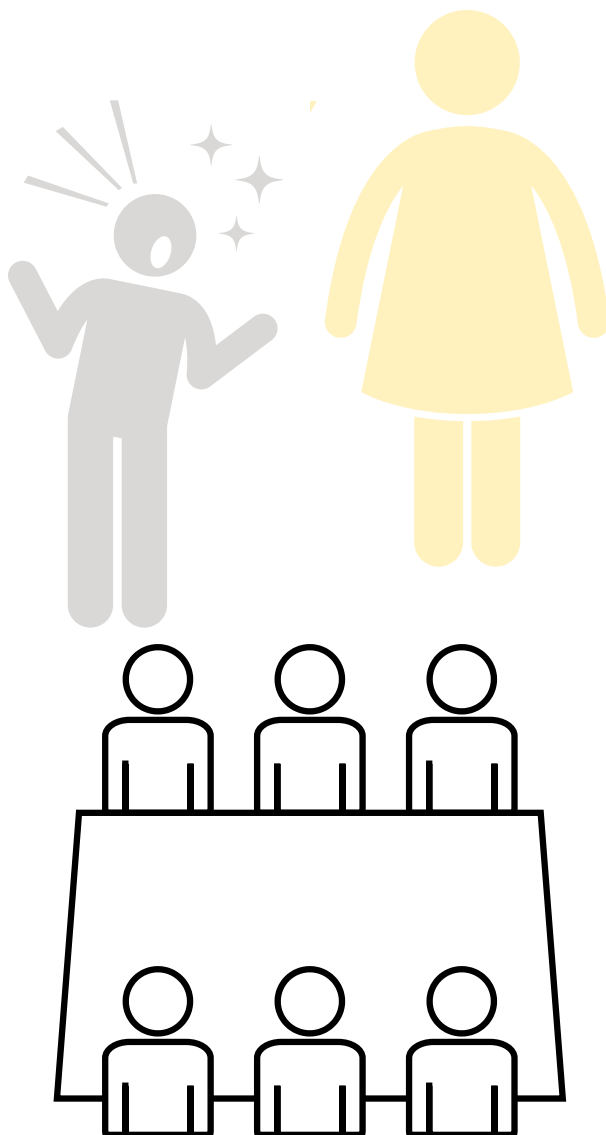
- exclamava o doutrinador, comoventemente - reconhece quem se encontra ao seu lado? Foi então que o sacerdote lançou um grito terrível: - Minha mãe! - disse ele, alarmado de dor e vergonha - minha mãe!..." [destaques nossos]

XAVIER, Francisco C. Cap. 17 - Doutrinação. **Missionários da Luz**. Pelo Espírito André Luiz.

Nesse exemplo, nota-se o conjunto de planejamentos e atendimentos prestados pelos Mentores: eles próprios aplicam passe no Espírito, programaram a vinda da mãe do comunicante para favorecer o atendimento e fica clara a orientação intuitiva dada pelo Mentor ao dialogador, favorecendo o encaminhamento do diálogo pelo encarnado.

A postura pacífica do dialogador encarnado e a percepção intuitiva que o Mentor espiritual ofereceu ao dialogador para registrar intuitivamente a presença da entidade espiritual - que facilitaria o auxílio àquele Espírito - favoreceram o atendimento ao comunicante.

Em outros casos, como a seguir, o próprio comunicante é que revela a percepção da presença de familiares/Espíritos amigos que venham contribuir em seu socorro e auxílio.



2. Integração entre o dialogador encarnado e o Mentor Espiritual da reunião

Exemplo 2

“O médium-doutrinador, auxiliado pela inspiração do Diretor Espiritual, em admirável fenômeno de clarividência [visão anímica], passou a registrar a cena que se desdobrava além da esfera física. Perfeitamente sintonizado com o labor que realizávamos, teve aguçados os sentidos, adquirindo consciência correta do abençoado esforço prestes a colimar no diálogo iluminativo.

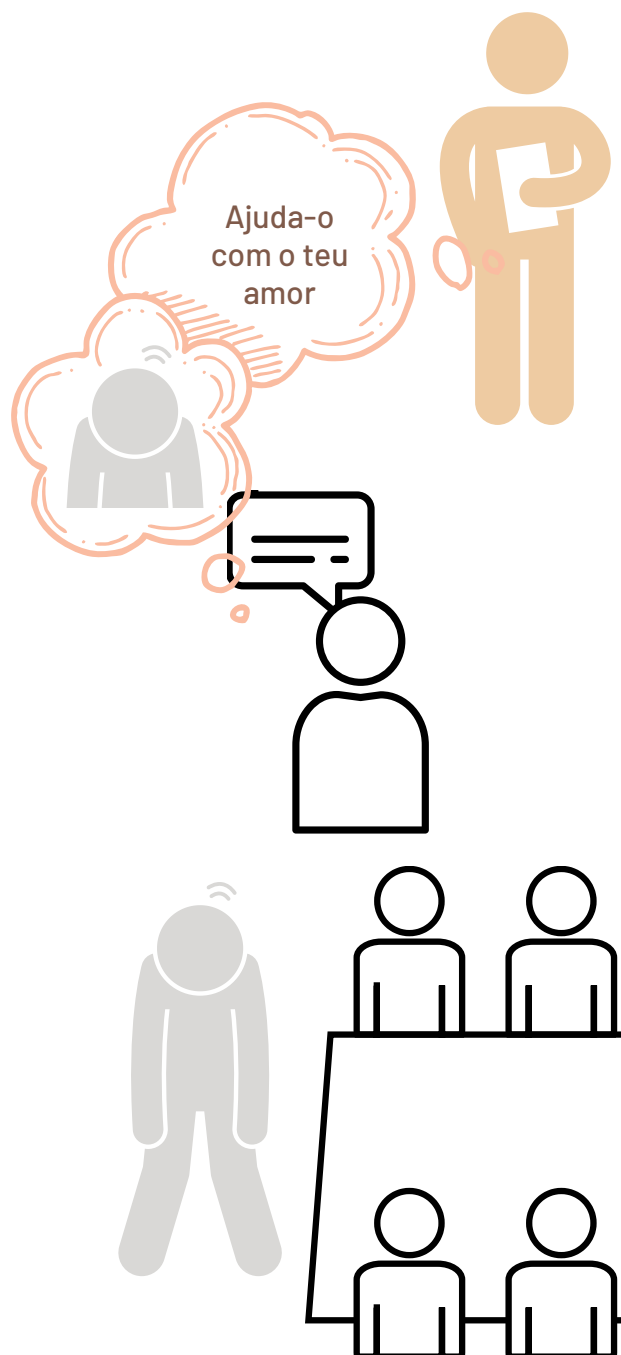
– Ajuda-o com o teu amor – escutou na mente a voz do Instrutor falar-lhe. Mais amor do que palavras necessita ele. Atende-o!

– Sê bem-vindo, meu irmão! – saudou-o, sem interromper as ligações que o retinham em nossa esfera de ação.

Emulado pelo convite, o visitante, com hesitação e laconismo na voz, falou:

– Sou infeliz!...”

FRANCO, Divaldo P. Cap. 18 -
Novos Esclarecimentos.
Grilhões Partidos. Pelo Espírito
Manoel Philomeno de Miranda.



2. Integração entre o dialogador encarnado e o Mentor Espiritual da reunião

Exemplo 3

“— Este é o nosso Irmão Raul Silva, que dirige o núcleo com sincera devoção à fraternidade. Correto no desempenho dos seus deveres e ardoroso na fé, consegue equilibrar o grupo na onda de compreensão e boa vontade que lhe é característica. Pelo amor com que se desincumbe da tarefa, é instrumento fiel dos benfeitores desencarnados, que lhe identificam na mente um espelho cristalino, retratando-lhes as instruções. (...)

Notamos que a cabeça venerável de Clementino [Mentor] passou a emitir raios fulgurantes, ao mesmo tempo em que o cérebro de Silva, sob os dedos do benfeitor, se nimbava de luminosidade intensa, embora diversa. O mentor desencarnado levantou a voz comovente, suplicando a Bênção Divina com expressões que nos eram familiares, expressões essas que Silva transmitiu igualmente em alta voz, imprimindo-lhes diminutas variações. (...)

— Repararam na comunhão entre Clementino [o Mentor] e Silva [dialogador], no momento da prece?

E, ante a nossa expectativa de aprendizes, continuou:

— Vimos aqui o fenômeno da perfeita assimilação de correntes mentais que preside habitualmente a quase

todos os fatos mediúnicos. Para clareza de raciocínio, comparemos a organização de Silva, nosso companheiro encarnado, a um aparelho receptor, quais os que conhecemos na Terra, nos domínios da radiofonia. (...) Hilário pensou alguns instantes e, estampando na fisionomia o contentamento de quem fizera importante descoberta, falou satisfeito: — Agora percebo como podem surgir fenômenos mediúnicos em comezinhas situações da vida, tanto nos feitos notáveis da genialidade, como nos dramas cotidianos...

— Sim, sim... — acentuou o orientador... — a mediunidade é um dom inerente a todos os seres, como a faculdade de respirar, e cada criatura assimila as forças superiores ou inferiores com as quais sintoniza. (...) Sob a influência de Clementino [Mentor], que o envolvia inteiramente, Silva levantara-se e dirigia-se ao comunicante com bondade... A paciência do doutrinador sensibilizava-nos. Não recebia Libório, qual se fora defrontado por um habitante das sombras, suscetível de acordar-lhe qualquer impulso de curiosidade menos digna. Ainda mesmo descontando o valioso concurso do mentor que o

2. Integração entre o dialogador encarnado e o Mentor Espiritual da reunião



Exemplo 3

acompanhava, Raul emitia de si mesmo sincera compaixão de mistura com inequívoco interesse paternal. Acolhia o hóspede sem estranheza ou irritação, como se o fizesse a um familiar que regressasse demente ao santuário doméstico. Talvez por essa razão o obsessor a seu turno se revelava menos agastadiço. Tão logo passou a entender-se, de algum modo, com o dirigente da casa, observamos que Eugênia se revigorava no esforço assistencial que lhe competia. (...) Ante o argumento enunciado com sinceridade e simplicidade, o renitente sofredor pareceu apaziguar-se ainda mais. Jatos de energia mental, partidos de Silva, alcançavam-no agora em cheio, no tórax, como a lhe buscarem o coração... Sob o sábio comando de Clementino, falou o doutrinador com afetividade ardente: – Libório, meu irmão! Essas três palavras foram pronunciadas com tamanha inflexão de generosidade fraternal que o hóspede não pôde sopitar o pranto que lhe subia do âmago. (...) O visitante chorava. Via-se, porém, com clareza, que não eram as palavras a força que o convenciam, mas sim o sentimento irradiante com que eram estruturadas. Raul Silva, sob a destra radiosa de Clementino,

afigurava-se-nos aureolado de intensa luz... O irmão Clementino fez breve sinal a um dos assessores de nosso plano, que apressadamente correu, trazendo interessante peça que me pareceu uma tela de gaze tenuíssima, com dispositivos especiais, medindo por inteiro um metro quadrado, aproximadamente. O mentor espiritual da reunião manobrou pequena chave num dos ângulos do aparelho e o tecido suave se cobriu de leve massa fluídica, branquicenta e vibrátil. Em seguida, postou-se novamente ao pé de Silva, que, controlado por ele, disse ao comunicante: – Lembre-se, meu amigo, lembre-se! Faça um apelo à memória! Veja à frente os quadros que se desenrolarão aos nossos olhos!... De imediato, como se tivesse a atenção compulsoriamente atraída para a tela, o visitante fixou-a e, desde esse momento, vimos com assombro que o retângulo sensibilizado exibia variadas cenas de que o próprio Libório era o principal protagonista. Recebendo-as mentalmente, Raul Silva passou a descrevê-las: (...) [narra o que está percebendo em sua tela mental] O comunicante, vencido, caiu em lágrimas. Tão grande lhe surgiu a

2. Integração entre o dialogador encarnado e o Mentor Espiritual da reunião

Exemplo 3



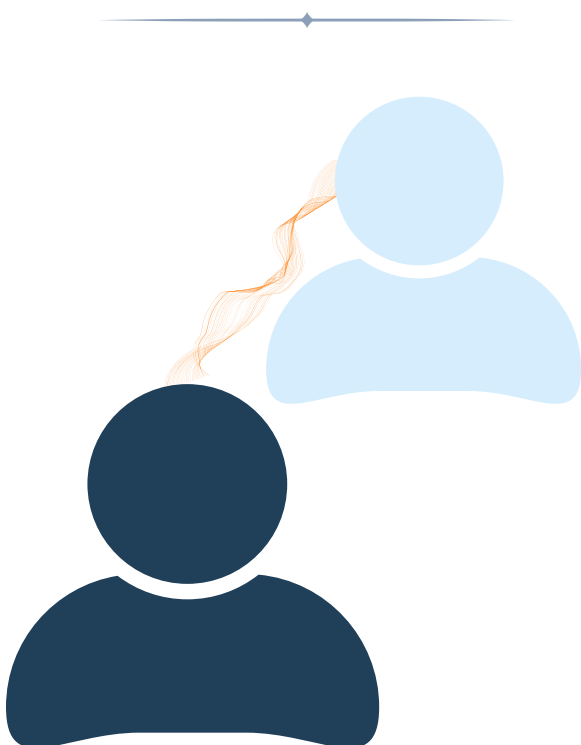
crise emotiva que o mentor espiritual do grupo se apressou a desligá-lo do equipamento mediúnico, entregando-o aos vigilantes para que fosse convenientemente abrigado em organização próxima. Libório, em fundo processo de transformação, afastou-se, tornando Eugênia à posição normal.”

XAVIER, Francisco C. Cap. 3, 5 e 7. **Nos Domínios da Mediunidade**. Pelo Espírito André Luiz.

É de se destacar que a literatura espírita indica a expressão “médium-dialogador” não no sentido de mediunidade ostensiva, mas na perspectiva da necessidade de integração intuitiva entre o Mentor espiritual e o dialogador encarnado. Médium, portanto, no sentido amplo do termo, consoante o Codificador esclarece na obra *O Livro dos Médiuns*:

“Todo aquele que sente, num grau qualquer, a influência dos Espíritos é, por esse fato, médium. Essa faculdade é inerente ao homem; não constitui, portanto, um privilégio exclusivo. Por isso mesmo, raras são as pessoas que dela não possuam alguns rudimentos. Pode, pois, dizer-se que todos são, mais ou menos, médiuns. Todavia, usualmente, assim só se qualificam aqueles em quem a faculdade mediúnica se mostra bem caracterizada e se traduz por efeitos patentes, de certa intensidade, o que então depende de uma organização mais ou menos sensitiva.”

KARDEC, Allan. 2ª Parte, Cap. XIV - Dos médiuns, item 159. **O Livro dos Médiuns**.



2. Integração entre o dialogador encarnado e o Mentor Espiritual da reunião

“Chamam-se assim [médiuns sensitivos, ou impressionáveis] às pessoas suscetíveis de sentir a presença dos Espíritos por uma impressão vaga, por uma espécie de leve roçadura sobre todos os seus membros, sensação que elas não podem explicar. Esta variedade não apresenta caráter bem definido.

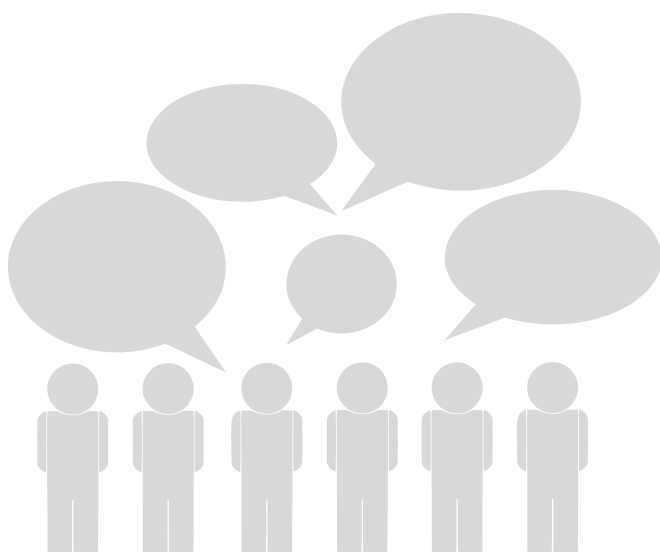
Todos os médiuns são necessariamente impressionáveis, sendo assim a impressionabilidade mais uma qualidade geral do que especial. É a faculdade rudimentar indispensável ao desenvolvimento de todas as outras.”

KARDEC, Allan. 2ª Parte, Cap. XV - Dos médiuns, item 164. **O Livro dos Médiuns.**

“Todo aquele que, tanto no estado normal, como no de êxtase, recebe, pelo pensamento, comunicações estranhas às suas ideias preconcebidas, pode ser incluído na categoria dos médiuns inspirados.

Estes, como se vê, formam uma variedade da mediunidade intuitiva, com a diferença de que a intervenção de uma força oculta é aí muito menos sensível, por isso que, ao inspirado, ainda é mais difícil distinguir o pensamento próprio do que lhe é sugerido... Sob esse aspecto, pode dizer-se que **todos são médiuns, porquanto não há quem não tenha seus Espíritos protetores e familiares, a se esforçarem por sugerir aos protegidos salutareis ideias**”. [destaque nosso]

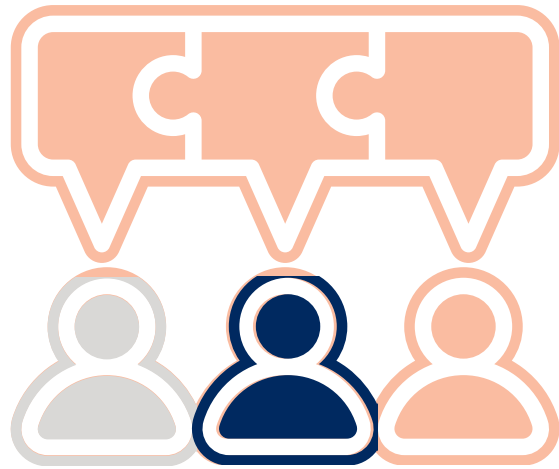
KARDEC, Allan. 2ª Parte, Cap. XV - Dos médiuns escreventes ou psicógrafos, item 182. **O Livro dos Médiuns.**



2. Integração entre o dialogador encarnado e o Mentor Espiritual da reunião

Por conseguinte, compreende-se que:

- O dialogador é um médium no sentido amplo que todos o são (tem a possibilidade de sofrer influências boas ou más dos Espíritos).
- Ele deve ter íntima ligação psíquica com o Mentor espiritual para conduzir com segurança a fase de comunicações da reunião mediúnica (perspicácia para identificação do nível evolutivo e necessidade do comunicante, definição do que falar, das estratégias de diálogo, aferição da necessidade ou não de emprego de recursos complementares eventualmente cabíveis). Para isso acontecer, é necessário que tenha o hábito (diário) da prece, estudo doutrinário e leituras edificantes, reflexão sobre o estudo e sobre si mesmo, esforço na vivência espírita, posto que tais condutas elevam seu padrão mental e favorecem a sua sintonia com o Mentor espiritual da tarefa.
- Sua percepção poderá ser mais ou menos clara (podendo ou não notar a presença e nível evolutivo



dos Espíritos, perceber com maior ou menor clareza suas características e até mesmo captar quadros mentais, etc.), porém o dialogador não pode ser dotado de mediunidade ostensiva (todas as percepções que o dialogador consegue fazer são em nível sensorio ou intuitivo, não podem chegar no nível de transe mediúnico, sob pena de estar impossibilitado de continuar como dialogador, pois essa tarefa é incompatível com o estado alterado de consciência característico da mediunidade ostensiva, por exemplo, na psicofonia).

- Em razão da possibilidade de eventualmente ter percepção mais clara de presenças espirituais, ainda que estritamente em nível intuitivo, deverá o dialogador ter o cuidado de não sugerir os médiuns ostensivos:

2. Integração entre o dialogador encarnado e o Mentor Espiritual da reunião

“Durante o processamento do labor mediúnico, jamais induzir os companheiros da mediunidade ostensiva, narrando presenças espirituais ao lado deles ou determinando quantos desencarnados se contam no recinto para o atendimento. Evitará tais procedimentos, que geram insegurança e perturbação nas mentes despreparadas para o discernimento ou por demais submissas às induções dessa ordem, o que, tantas vezes, provocará os episódios anímicos, desnecessários, ou da torpe mistificação...”

TEIXEIRA, Raul. Cap. 18 - Na Direção. **Correnteza de Luz**.
Pelo Espírito Camilo.

O que se pode destacar, pois, é que o dialogador não age por si mesmo e nem pode ter a pretensão de atuar por si mesmo, mas compete-lhe estar em condições morais que o tornem disponível para as inspirações dos Mentores espirituais que coordenam a atividade e o auxiliam na condução do diálogo, o que significa: comparecer à tarefa em condições fisiopsíquicas, emocionais e espirituais adequadas, descansado, e com vasto conhecimento doutrinário e elevação de sentimentos para que consiga captar as intuições dos Mentores durante o desenrolar dos diálogos, conduzindo-os com clareza e segurança para todos os envolvidos, em especial o comunicante e o médium.



3. Atuação do dialogador em relação ao médium

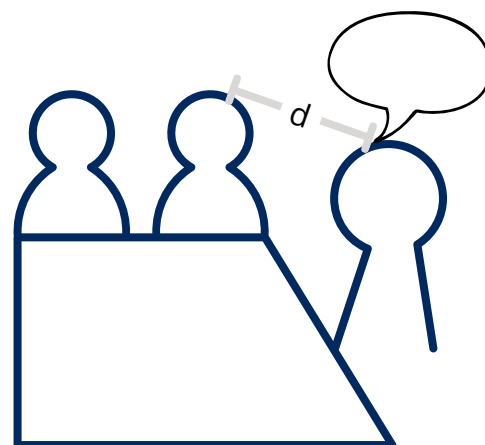
O dialogador deve atentar não apenas em relação à postura física, corporal, evitando proximidade inconveniente em relação ao médium, como deve observar que a maneira como conduz o diálogo possui repercussões favoráveis ou desfavoráveis em relação ao atendimento do comunicante e, por conseguinte, com efeitos para o próprio médium:



“No trabalho de doutrinação, o encarregado dessa tarefa deve estar conscientizado da grave responsabilidade que assume não somente no que diz respeito aos desencarnados, mas, também, na questão dos **danos físicos, emocionais e espirituais que pode causar ao médium quando o atendimento não é feito de forma correta.**

Outro tipo de ocorrência que deve ser evitado, a todo custo, é o doutrinador **tocar no médium no transcorrer da comunicação.** Este é um hábito inconveniente sob qualquer aspecto considerado, que promove, no médium, uma irritação extremamente desagradável, **danificando, em certos casos, a sua aparelhagem mediúnica e nervosa.**

Até mesmo uma **aproximação exagerada, dobrando-se sobre o médium para ouvi-lo melhor, pode**



provocar essas irritações por invadir o campo de aura do sensitivo em expansão nesse momento crítico de seu trabalho de doação. A nenhum pretexto deve o médium ser seguro pelo doutrinador, pois não é a força física, e sim a psíquica, que atua efetivamente para controlar os impulsos da Entidade comunicante, refletidos no comportamento do medianoiro.
“[destaques nossos]”

Proj. Manoel Philomeno de Miranda. Cap. 2 – Padrões de qualidade, item ‘Direção e doutrinação’, questão 17.
Reuniões Mediúnicas.



3. Atuação do dialogador em relação ao médium

“(...) É imprescindível aplicar a psicologia cristã em todas as fases do intercâmbio. (...) Daí procede o **imperativo de muito carinho, prudência e ponderação na abordagem das mentes desequilibradas que nos visitam.** (...) O médico sensato, frente ao enfermo que lhe pede auxílio, decerto **não entrará em pormenorizadas indagações** quanto a deslizes que terá ele cometido, por infortúnio da própria situação. **Não usará franqueza destrutiva. Saberá dosar a verdade, veiculando-a através da água viva do amor,** suscetível de regenerar os tecidos lesados por moléstias indefiníveis. Invocará a essência do socorro divino, que palpita em toda a Natureza, estimulando-lhe, assim, a confiança. **Situá-lo-á no otimismo, na alegria e na esperança,** a fim de que o poder curativo do Criador em cada célula viva possa entrar em ação. E o doutrinador, na assembleia mediúnica, é um agente da mesma espécie, atendendo a uma dupla de pacientes, que, no caso, vem a ser o desencarnado doente e o médium que o abriga, pois que qualquer golpe vibrado sobre a entidade comunicante percutirá, de modo imediato, sobre a organização perispiritica do instrumento em serviço. É por essa razão que, muitas vezes, se o doutrinador não se precata contra semelhantes perigos, o mediano humano, não obstante amparado por benfeitores

responsáveis, costuma retirar-se da tarefa assistencial predisposto a perturbações orgânicas, porquanto, entre a organização medianímica que auxilia e o doutrinador que esclarece, se entrosam elos sutis de força, em torno do necessitado que está recolhendo o recurso de que precisa, a fim de refazer-se. O desencarnado sofredor, no momento em que se comunica, permanece, dessa forma, temporariamente, quase que na posição de um filho espiritual das forças conjugadas do doutrinador e do médium. Eis aí a razão por que devemos prezar com mais veemência a responsabilidade nos serviços desse teor. Fazem-se indispensáveis a serenidade e a tolerância. E em qualquer fase mais complexa do esforço protecionista recordemos a oportunidade da prece como medicação inadiável para que a bênção de Mais Alto se registre na obra de solidariedade cristã que nos propomos efetuar. Não nos esqueçamos, assim, de que na comunhão com as mentes torturadas, já libertas do vaso físico, é imprescindível aprendamos, com Jesus, a servir com paciência e carinho, para que a nossa máquina de trabalho não se resseque, por falta de combustível da humildade e do amor.” [destaques nossos]

XAVIER, F. C. Cap. 64 – No Trato com os Sofredores (Pelo Espírito Efigênio S. Vitor).
Vozes do Grande Além.

3. Atuação do dialogador em relação ao médium

“63. O médium sofre algum dano físico, emocional ou espiritual quando a doutrinação não é adequada?

‘Sim. Nestes casos surge uma perturbação no seu sistema nervoso... Como a aparelhagem do sensitivo é muito delicada, se a doutrinação não vai bem canalizada e o Espírito se irrita, ele consegue perturbar a harmonia nervosa do intermediário...

Outra ocorrência que deve ser desestimulada é a questão dos doutrinadores tocarem no médium, no transcorrer da comunicação. Isto não só é inconveniente do ponto de vista estético como ético. Em sendo o sensitivo uma espécie de feixe nervoso excitado, o ato de pegá-lo promove nele uma irritação [mal-estar vibratório] extremamente desagradável, terminando por danificar as suas aparelhagens mediúnica e nervosa. Em casos específicos, tocar no médium pode causar-lhe uma terrível dor de cabeça. Nunca se deve segurá-lo, pois não é a força física e sim a força vibratória do doutrinador que atua efetivamente para controlar os impulsos do Espírito, refletidos no comportamento individual. Sempre o silêncio, a meditação, a quietude, a emissão mental conseguem mais êxito do que a luta física.”

Proj. Manoel Philomeno de Miranda. Questão 63. **Qualidade na prática mediúnica.**

Efeitos de uma condução inadequada do diálogo para o médium ostensivo:

- Se o dialogador se aproxima em demasia ou toca o médium, essa ação pode gerar impactos fluídicos/vibratórios que perturbem e até mesmo gerem danos à aparelhagem mediúnica e nervosa do médium.
- É preciso observar as orientações de adequada condução do diálogo (postura adequada diante do comunicante, abordagem da forma e com conteúdo pertinente), pois um diálogo em que a problemática do Espírito não é atendida ou que leve a maior soma de agressividade no comunicante gera repercussões vibratórias sobre o médium, o que pode ocasionar a este mal-estar emocional e mesmo físico, em vista da imbricação perispiritual entre o médium e o comunicante durante o transe mediúnico.
- Também diálogos muito longos por falta de adequada identificação do nível evolutivo do comunicante ou falta de percepção sobre o que deve ser dito a ele geram desgaste fluídico e, pois, físico ao médium.



3. Atuação do dialogador em relação ao médium

Efeitos de uma condução inadequada do diálogo para o médium ostensivo:



Observação:



Por isso é importante a mútua confiança e integração entre dialogador e médium.

Não cabe ao médium substituir-se ao dialogador durante o diálogo, sinalizando que o Espírito quer isto ou aquilo ou que a situação seja esta ou aquela durante o diálogo.

A função do médium é transmitir a comunicação. Assim, tudo o que o Espírito pensar, sentir ou quiser falar e o médium captar deve transmitir na sua fala (apassivar-se o mais possível para reproduzir em sua fala, expressão, o que ele percebe e capta do comunicante).

Se o dialogador não fez uma percepção compatível com o que o médium sentiu/captou do Espírito, isso somente poderá ser apontado pelo médium ao final, durante a fase de encerramento (na avaliação da atividade) e não durante o diálogo. (Ex. se o comunicante é um mistificador e isso não é percebido pelo dialogador, durante a fase de comunicações, o médium não dirá “ele não é o que parece”. Em vez disso, o médium deverá tentar transmitir tudo o que perceber para

que o próprio dialogador se dê conta de que o Espírito não é o que parece. Se não for aferido pelo dialogador durante o diálogo, na fase de encerramento da reunião, durante a avaliação, com tato psicológico, o médium pode apontar, por exemplo: “naquela comunicação, embora o Espírito tenha se apresentado com ar ameno, palavras melífluas, a vibração dele era densa, não era compatível com a de um Mentor”. Cabe à equipe avaliar, inclusive se o próprio médium é que não estava bem e/ou o aparente choque fluídico seja por outro motivo e refletir em conjunto; se verificado que houve equívoco, ter humildade de reconhecer e buscar refletir sobre a forma de alcançar melhor percepção em situações futuras, quando o dialogador poderá se manter mais atento, inclusive na expressão e postura do próprio médium, em detalhes da comunicação - como instigação de orgulho/vaidade do grupo, sugerindo que os membros do grupo sejam superiores, “muito iluminados”, falas típicas de Espírito mistificador que deseja instigar a vaidade, ainda que se faça passar por Mentor. Analisando cautelosamente esses detalhes, o que está nas entrelinhas

3. Atuação do dialogador em relação ao médium

Efeitos de uma condução inadequada do diálogo para o médium ostensivo:



Observação:

das falas, com treinamento e muita atenção é possível identificar a falsidade).

Igualmente, caso a equipe de apoio perceba que a comunicação é mais difícil (complexidade dos conteúdos ou das posturas renitentes, agressivas, do comunicante) ou suponha que o dialogador não esteja compreendendo a problemática do comunicante ou que não esteja dando a orientação que supõe correta, recomenda-se ao membro da equipe de apoio não desejar interferir (não ficar pensando o que o dialogador deveria ou não dizer - isso repercutirá no dialogador e dificultará a atividade deste - e ainda menos deve o membro da equipe de apoio dirigir-se diretamente ao comunicante, substituindo-se ao dialogador ou dizendo a ele o que deva ser falado).

Se é presumido que o diálogo não está a contento, deve-se, em prece, pedir à equipe espiritual que interceda em favor do dialogador, para que ele receba intuição sobre a melhor forma de conduzir o diálogo.

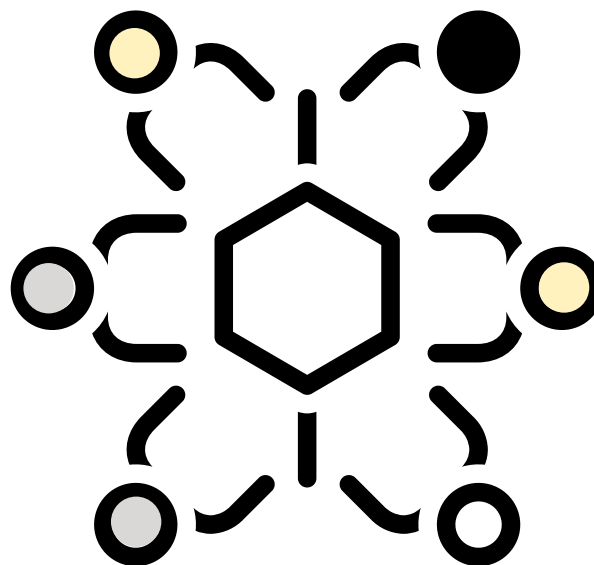
Também não deve o membro da

equipe de apoio dialogar ele próprio, mentalmente, com os Espíritos. Se estiver captando ideias do comunicante, esse fato deverá ser comunicado ao dirigente e ao dialogador, para identificar a causa da ocorrência (mediunidade em afloramento, direcionamento do trabalhador para atuar como dialogador, ou mesmo interferências espirituais inferiores). (5)

(5) Sobre o tema vide o material do Ciclo de Reflexões sobre a Prática Mediúnica Espírita, item 3.4.2 De que maneira a equipe de apoio pode/deve colaborar durante a atividade mediúnica espírita (Postura da equipe de apoio durante a atividade mediúnica espírita).

Disponível em:

<http://www.feparana.com.br/topico/?topico=3333>



3. Atuação do dialogador em relação ao médium

3.1 Como lidar com o médium iniciante

É recomendado que o médium iniciante seja encaminhado a uma reunião de educação e desenvolvimento mediúnico na qual possa, após concluído estudo da Doutrina Espírita e estudo específico de mediunidade, e desde que seja considerado apto para o exercício mediúnico, fazer os exercícios práticos iniciais, quais sejam:

- ✓ Exercício de concentração e desconcentração.
- ✓ Exercício de registro, assimilação e repulsão de fluidos.
- ✓ Exercício de irradiação mental (específico da atividade mediúnica, diverso em duração e finalidade daquele realizado pela Área de Atendimento Espiritual).
- ✓ Exercício de expansão perispiritual.
- ✓ Exercício de percepção de presenças espirituais.
- ✓ Exercício de contato e envolvimento perispiritual.
- ✓ Exercício de transmissão da comunicação.

Obs.: A Área da Mediunidade da Federação Espírita do Paraná oferecerá, oportunamente, material específico para a Orientação à Reunião de Educação e Desenvolvimento Mediúnico

Nessa reunião de educação e desenvolvimento mediúnico, o médium iniciante requererá especial suporte e orientação do dialogador experiente (sendo sugerido que o dialogador responsável por essa reunião de iniciantes tenha não apenas vasta experiência prática na tarefa de dialogador, como tenha sido qualificado para orientar iniciantes na atividade, o que requer habilidades específicas, já que os participantes dessa reunião de iniciantes ainda estão em processo de adestramento, não possuem o mesmo nível de destreza, produtividade e facilidade que os já adestrados possuem).

Por isso, os novatos requerem paciência, estímulos ou, conforme a situação, auxílio em contenção e, portanto, será útil não apenas experiência prática, como é necessária a aptidão de lidar com esse perfil de participante encarnado, ou seja, o aprendiz: dando o suporte, abordando com honestidade, mas com tato psicológico, empatia, encorajando-o ou orientando-o a conter-se, conforme o caso, e dando subsídios para que ele se sinta seguro, confiante, tranquilo na tarefa.

3. Atuação do dialogador em relação ao médium

Como lidar com o médium iniciante na tarefa:

- Despertar no médium a confiança, instigando-o a narrar tudo o que sente e as ideias que lhe venham à mente, sem se preocupar em ter certeza se são conteúdos seus ou de outro Espírito - durante a fase de comunicações, estimulá-lo a falar; no encerramento, durante a avaliação, auxiliá-lo na avaliação.
- Se o dialogador percebe no médium envolvimento espiritual sem transe bem caracterizado, encorajá-lo a manter-se calmo, confiante nos Mentores, apassivar-se, manter-se confiante no amparo espiritual e aguardar que ele consiga alcançar o efetivo transe e iniciar a comunicação.

Se o médium resistir (tiver dificuldade, não se sentir seguro), não forçá-lo, não pressioná-lo, nem intimidá-lo; respeitar o companheiro no seu processo de iniciação. Será oportuno que o dialogador, juntamente com o dirigente da reunião mediúnica, ao final do exercício, no momento da avaliação coletiva da atividade ou em particular com o médium, possam auxiliá-lo a identificar qual a causa



3. Atuação do dialogador em relação ao médium

3.1 Como lidar com o médium iniciante

Como lidar com o médium iniciante na tarefa:

impeditiva (se está com medo, insegurança, que outra eventual causa exista), com empatia, de forma tranquila, acolhedora, para ajudá-lo a superar as causas impeditivas ou dificultadoras.

- Se o dialogador percebe o transe bem caracterizado e a ligação do médium com o comunicante, mas o médium não iniciar a comunicação, o dialogador pode aproximar-se do médium, se necessário (mantendo distância respeitosa, sem invadir o campo de expansão perispiritual do médium) e fazer a abordagem inicial (como por exemplo: “estamos aqui para ajudá-lo”, “seja bem-vindo”, ou outra, conforme a intuição dos Mentores).
- Mesmo que sejam percebidos conteúdos evidentemente anímicos, deixar que o médium iniciante fale, sem coerções - é natural, no início do exercício, que o médium libere conteúdos próprios, até o aprendizado do efetivo apassivamento e captação das ideias do comunicante - e trazer esclarecimentos no diálogo

compatíveis com a situação apresentada.

Se percebida excessiva carga anímica, na fase de encerramento, durante a avaliação, é importante não ser rigoroso nem desencorajar o médium iniciante, nem cobrá-lo em demasia, porém, ajudá-lo na superação, perguntando com tato como ele se sentiu, se teve facilidade ou não para definir o que era dele próprio ou de outro Espírito, se teve percepção clara das características do Espírito comunicante e das ideias dele, para que o médium se dê conta de si mesmo, de eventuais interferências pessoais e vá progredindo na tarefa, com apoio e auxílio do dirigente e do dialogador experientes.

- Evitar utilizar o passe: é parte do processo de adestramento (desenvolvimento mediúnico) do iniciante aprender a apassivar-se e reassumir o autocontrole (entrar e sair do transe mediúnico).

Em práticas mediúnicas espíritas sérias, que atendem aos requisitos para os participantes e critérios de organização da reunião, vistos no

3. Atuação do dialogador em relação ao médium

3.1 Como lidar com o médium iniciante

Como lidar com o médium iniciante na tarefa:

Ciclo de Reflexões sobre a Prática Mediúnica Espírita (6), há assistência espiritual superior. Assim como atuaram para favorecer a aproximação e ligação fluídica entre o médium e o comunicante, que viabilize o intercâmbio mediúnico; ao término da comunicação, os Mentores espirituais auxiliam no desligamento (deslindar dos fluidos perispirituais do médium e do comunicante, por meio de passes espirituais, aplicados diretamente pelos Mentores) e encaminham o comunicante, conforme a sua situação e necessidade.

Em caso de permanência de dificuldade do médium no desligamento fluídico e psíquico com a entidade espiritual, o médium poderá fazer exercício de desconcentração e, não sendo suficiente, fazer prece ao Mentor da atividade para que este o auxilie na recomposição. Se, ainda assim, persistir a dificuldade após a prece final, poderá noticiar a situação e o dialogador deverá orientar a solução, conforme o caso.

O encaminhamento a ser dado pelo dialogador, no caso de persistência de mal-estar do médium, poderá ser tão somente por

(6) Disponível em:
<http://www.feparana.com.br/topico/?topico=3333>

meio da palavra, auxiliando o médium a sair do estado alterado de consciência (transe mediúnico), por meio da oração conjunta ou, a depender da situação, por meio de passes dispersivos.

É recomendado observar se é situação episódica ou repetitiva com o mesmo médium, sendo que, no último caso, deverá ser avaliado se houve satisfatório aproveitamento dos exercícios de educação e desenvolvimento mediúnico ou quais as ocorrências que estejam desencadeando a dificuldade.

Ressalta-se que o uso dos recursos pelo dialogador (como o passe) não deverá se tornar praxe, devendo o médium aprender a autogerir-se para sair do transe por si mesmo.

Em igual sentido, deve haver cautela em relação à aplicação de passe para favorecer a transmissão da comunicação, em caso de dificuldade de sintonia, pois em vez de efeito favorável, poderá o passe ter efeito dispersivo e inviabilizar a comunicação. Os detalhamentos sobre cabimento de uso do passe (como e quando utilizar) serão trazidos no item 5.2 deste material (Passe – como e quando utilizar).

3. Atuação do dialogador em relação ao médium

3.2 Fenômeno anímico

O que é o animismo:

Embora a expressão animismo, no contexto da prática espírita, tenha sido cunhada por Alexander Aksakof, a possibilidade de o próprio encarnado, em estado alterado de consciência, ou transe, transmitir conteúdos de si mesmo, foi vislumbrada pelo Codificador e confirmada pelos Espíritos na obra basilar *O Livro dos Médiuns*:

“2ª As comunicações escritas ou verbais também podem emanar do próprio Espírito encarnado no médium?”

‘A alma do médium pode comunicar-se, como a de qualquer outro...’ (...)

a) Não parece que esta explicação confirma a opinião dos que entendem que todas as comunicações provêm do Espírito do médium e não de Espírito estranho? ‘Os que assim pensam só erram em darem caráter absoluto à opinião que sustentam, porquanto é fora de dúvida que o Espírito do médium pode agir por si mesmo. Isso, porém, não é razão para que outros não atuem igualmente, por seu intermédio.’”

KARDEC, A. 2ª Parte, Cap. XIX – Do Papel dos Médiuns nas Comunicações, item 223, 2ª questão e letra ‘a’. **O Livro dos Médiuns**.

Conforme o Espírito André Luiz:

“Alinhando apontamentos sobre a mediunidade, não será lícito esquecer algumas considerações em torno do animismo ou conjunto dos fenômenos psíquicos produzidos com a cooperação consciente ou inconsciente dos médiuns em ação... própria Inteligência encarnada comandando manifestações ou delas participando com diligência...”

XAVIER, Francisco Cândido.
Cap. 23 – Animismo.

Mecanismos da Mediunidade.
Pelo Espírito André Luiz.

Conceito:

O termo animismo refere-se à comunicação do próprio médium, que expressa seus conteúdos pessoais. Esse seria o caso do animismo clássico ou puro; neste caso, não há comunicação mediúnica, mas, embora possa haver o transe, o médium transmite seus conteúdos próprios, seja desta ou de outras reencarnações.

Mas também é possível ocorrerem interferências anímicas, quando as ideias do próprio médium se misturam com as do Espírito (caso de ‘ruído na comunicação’), assim como

3. Atuação do dialogador em relação ao médium

3.2 Fenômeno anímico

Conceito:

também se podem considerar interferências anímicas situações em que outros componentes da equipe encarnada, por fixação mental, acabam transmitindo suas próprias ideias e interferindo na comunicação mediúnica em andamento.

Distinção entre animismo e mistificação

“Onde, porém, a influência moral do médium se faz realmente sentir, é quando ele substitui, pelas que lhe são pessoais, as ideias que os Espíritos se esforçam por lhe sugerir e também quando tira da sua imaginação teorias fantásticas que, de boa-fé, julga resultarem de uma comunicação intuitiva. É de apostar-se então mil contra um que isso não passa de reflexo do próprio Espírito do médium. Dá-se mesmo o fato curioso de mover-se a mão do médium, quase mecanicamente às vezes, impelida por um Espírito secundário e zombeteiro... Contra este escolho terrível vêm igualmente chocar-se as personalidades ambiciosas que, em falta das comunicações que os bons Espíritos lhes recusam,

apresentam suas próprias obras como sendo desses Espíritos. Daí a necessidade de serem, os diretores dos grupos espíritas, dotados de fino tato, de rara sagacidade, para discernir as comunicações autênticas das que não o são e para não ferir os que se iludem a si mesmos.”

KARDEC, Allan. 2ª Parte, Cap. XX – Da influência moral do médium, item 230. **O Livro dos Médiuns.**

“Tem o animismo alguma relação com a mistificação?”

Em princípio, não. Compreende-se mesmo que sendo o médium anímico ignorante da sua condição, não pode estar enganando deliberadamente a quem quer que seja. Quando um médium qualquer passa a saber de seu animismo, deve impor-se regras disciplinares, seja por meio de mais sério estudo da Doutrina Espírita, seja por meio de maiores cuidados em estudar-se, em compreender-se melhor. No caso de, ao invés de tomar providências, ele passar a não ver nada mais na situação, chegando mesmo a tirar

3. Atuação do dialogador em relação ao médium

3.2 Fenômeno anímico

Distinção entre animismo e mistificação

proveito dela, usando a comunicação para 'dar recados enviesados' a alguma pessoa, então, sai da condição de simples médium com tendências anímicas para um médium mistificador. Nessa área, podemos deparar formas gerais de engodo, de abuso da credulidade ou de mistificação:

Mistificação do médium: quando o encarnado simula uma comunicação e teatraliza, a fim de tirar proveito determinado ou proveitos variados com isso. É algo lamentável pela demonstração de desrespeito, pela profanação, pela usurpação de nomes, às vezes muito respeitáveis.

Mistificação do desencarnado: quando, embora o médium esteja 'filtrando' devidamente a mensagem, o comunicante desencarnado blefa, quase sempre fazendo-se passar por quem não é, ou fazendo falsas revelações ou falseadas instruções, igualmente com objetivos escusos...

Apontam-nos os Mentores, que nele [em *O Livro dos Médiuns*] trouxeram tantas instruções formidáveis, que o meio mais simples de alguém preservar-se de ser enganado é não esperar da Doutrina Espírita o que ela não veio para dar. (...)

Nesse *caldo de cultura* de tanta debilidade intelectual, de tanta ingenuidade e credulidade piegas é que os Espíritos levianos – maliciosos e zombeteiros – e mesmo impuros, de inclinações demoníacas, odientas, se locupletam, levando muita gente a se 'desapontar' com o Espiritismo, ou, pelo menos, com o que supõe que seja o Espiritismo.

Em síntese, o animismo não se vincula, obrigatoriamente, à mistificação, mas tanto um quanto a outra devem ser evitados por meio de modo sério, claro e efetivo de estudar-se e de vivenciar-se a veneranda Proposta Espírita".

[itálicos do original]

TEIXEIRA, Raul. Parte I – A Mediunidade e os Médiuns, questão 33. **Desafios da Mediunidade**. Pelo Espírito Camilo.

“Qual a diferença entre animismo e mistificação?”

Raul – Encontramos em *O livro dos médiuns*, mais exatamente no capítulo XIX, item 223 (1ª a 5ª questões), Allan Kardec discutindo e apresentando uma questão muito importante e muito grave, que é a circunstância em que o Espírito do

3. Atuação do dialogador em relação ao médium

3.2 Fenômeno anímico

Distinção entre animismo e mistificação



próprio percipiente, do próprio médium, no estado de excitação de variada ordem, transmite a sua mensagem.

Nos processos de regressões, de múltiplas procedências, a alma do encarnado expressa-se, chora suas angústias, deplora suas mágoas guardadas na intimidade, ou apresenta suas virtudes e conquistas, suas grandezas, também guardadas no íntimo. Esse fenômeno em que o próprio Espírito do médium expressa-se, com qualquer tipo de bagagem, nós o chamaremos de 'anímico', conforme Allan Kardec, em *O livro dos médiuns*. E aqueles outros fenômenos através dos quais entidades espirituais se manifestem por meio de médiuns, e dizem ser personalidades que verdadeiramente não foram na Terra, esses denominaremos de 'mistificação'.

Allan Kardec teve a oportunidade de estudar em *O livro dos médiuns*, na parte em que apresenta as dissertações mediúnicas (capítulo XXXI), diversas mensagens, das quais ele, depois de tê-las analisado, anota que jamais poderiam proceder de Vicente de Paulo, de Maria de Nazaré e de outros tantos Espíritos respeitados e considerados pela

humanidade. É o caso em que certas entidades banais dão nomes de vultos que gozam ou que gozaram no mundo de respeitosa projeção.

Mas temos ainda um outro tipo de mistificação, que é a mistificação do indivíduo, do 'médium', quando, por motivos diversos, não sendo portador de faculdades mediúnicas, ou ainda que seja, mas não sendo dotado da capacidade de comunicar, de permitir a comunicação de tal e qual Espírito, ele a forja, com interesses os mais estranhos. Aí encontramos a mistificação por parte do suposto médium.

É importante, porém, que nos lembremos de que todas as nossas ações, como se reporta *O livro dos Espíritos*, são conduzidas pelos Espíritos. Normalmente são eles que nos dirigem, conforme o item 459, da citada obra. Logo, quando se começa a fraudar, a mistificar por quaisquer interesses, no início é o próprio indivíduo com a sua mente doente, mas, a partir daí, passa a atrelar-se a entidades mistificadoras, submetido, então, à influência espiritual. A princípio, a criatura é mistificadora sem ser propriamente médium. Depois advém a 'sociedade' de forças, surgindo o engodo. O

3. Atuação do dialogador em relação ao médium

3.2 Fenômeno anímico

Distinção entre animismo e mistificação



primeiro impulso era fruto do encarnado, depois os Espíritos complementam.

Foi perguntado a Chico Xavier, e publicado no livro *No Mundo de Chico Xavier*, se alguma vez ele teria sido alvo de mistificação da parte de Espíritos. Ele disse que sim. E quando foi inquirido sobre qual a razão pela qual Emmanuel lhe permitira essa vivência de algum Espírito comunicar-se e dizer-se quem não era, ele afirmou que aquilo se destinava a que ele visse que não estava invulnerável à insuflação negativa. Jesus Cristo teve ensejo de dizer que, se possível fosse, essas entidades, os falsos profetas, enganariam aos próprios eleitos. Costumamos indagar-nos: ‘E nós que ainda somos apenas candidatos?’”
[itálicos do original]

FRANCO, Divaldo; **TEIXEIRA**, Raul. Questão 123. **Diretrizes de Segurança**. (Ed. Intervidas)



A mistificação, em *O Livro dos Médiuns* (item 303), é descrita como a situação em que um Espírito enganador se faz passar por outrem e/ou induz em erro, apresenta informação falsa.

Por outro lado, em algumas obras da literatura espírita, há também referência a “mistificação do médium”, referindo-se à situação em que o médium simula um fenômeno mediúnico.

Trata-se de animismo quando os conteúdos que o médium fala de si não são conscientemente percebidos pelo médium. Porém, se o médium sabe que está transmitindo conteúdos próprios ou deliberadamente forja conteúdos que sabe não serem de nenhum comunicante - por exemplo, quando perde a sintonia e, por constrangimento ou outro motivo, “completa/complementa/finaliza” a comunicação com suas próprias ideias para não admitir ou revelar que houve perda de sintonia, trata-se de mistificação do médium, que deve ser corrigida, sob pena de má-fé/embuste.

O dialogador deverá estar atento para identificar seja uma ou outra situação e encaminhar o atendimento consoante a seguir descrito.

3. Atuação do dialogador em relação ao médium

3.2 Fenômeno anímico

3.2.1 Como identificar o animismo

Em algumas situações, poderá ser bastante difícil identificar um fenômeno anímico, especialmente quando os conteúdos expressos pelo médium sejam de suas existências anteriores, sem correlação direta com sua personalidade atual, ocasião em que o fenômeno anímico poderá ter aparência de uma comunicação mediúnica autêntica, como no exemplo a seguir:

— “ —————

“– Não vejo a entidade de quem a nossa irmã se faz intérprete – alegou Hilário, curioso. – Sim – disse por minha vez –; observo em nossa vizinhança um triste companheiro desencarnado, mas se ele estivesse telepaticamente ligado à nossa amiga, decerto a mensagem definiria a palavra de um homem, sem as características femininas da lamentação que registramos... Em verdade, não notamos aqui qualquer laço magnético que nos induza a assinalar fluidos teledinâmicos sobre a mente da médium... Áulus afagou a fronte da doente em lágrimas, como se lhe auscultasse o pensamento, e explicou: – Estamos diante do passado de nossa companheira. A mágoa e o azedume, tanto quanto a personalidade supostamente exótica de que dá testemunho, tudo procede dela mesma... Ante a aproximação de

antigo desafeto, que ainda a persegue de nosso plano, revive a experiência dolorosa que lhe ocorreu, em cidade do Velho Mundo, no século passado, e entra em seguida a padecer insopitável melancolia. (...) – Mediunicamente falando, vemos aqui um processo de autêntico animismo. Nossa amiga supõe encarnar uma personalidade diferente, quando apenas exterioriza o mundo de si mesma... – Poderíamos, então, classificar o fato no quadro da mistificação inconsciente? – interferiu Hilário, indagador. Áulus meditou um minuto e ponderou: – Muitos companheiros matriculados no serviço de implantação da Nova Era, sob a égide do Espiritismo, vêm convertendo a teoria animista num travão injustificável a lhes congelarem preciosas oportunidades de realização do bem; portanto, não nos cabe adotar como justas as palavras ‘mistificação inconsciente ou subconsciente’, para batizar o fenômeno. Na realidade, a manifestação decorre dos próprios sentimentos de nossa amiga, arrojados ao pretérito, de onde recolhe as impressões deprimentes de que se vê possuída, externando-as no meio em que se encontra. E a pobrezinha efetua isso quase na

3. Atuação do dialogador em relação ao médium

3.2 Fenômeno anímico

3.2.1 Como identificar o animismo



posição de perfeita sonâmbula, porquanto se concentra totalmente nas recordações que já assinalamos, como se reunisse todas as energias da memória numa simples ferida, com inteira despreocupação das responsabilidades que a reencarnação atual lhe confere. Achamo-nos, por esse motivo, perante uma doente mental, requisitando-nos o maior carinho para que se recupere... Nosso orientador fez ligeira pausa, acariciando a enferma, e, enquanto Raul Silva continuava a doutriná-la e a consolá-la, notificou-nos, bondoso:

- Deve ser tratada com a mesma atenção que ministramos aos sofredores que se comunicam. É também um Espírito imortal, solicitando-nos concurso e entendimento para que se lhe restabeleça a harmonia. A ideia de mistificação talvez nos impelisse a desrespeitosa atitude, diante do seu padecimento moral. Por isso, nessas circunstâncias, é preciso armar o coração de amor, a fim de que possamos auxiliar e compreender. Um doutrinador sem tato fraterno apenas lhe agravaria o problema, porque, a pretexto de servir à verdade, talvez lhe impusesse corretivo inoportuno ao invés de socorro providencial. Primeiro, é

preciso remover o mal, para depois fortificar a vítima na sua própria defesa. Felizmente, o nosso Raul assimila as correntes espirituais que prevalecem aqui, tornando-se o enfermeiro ideal para as situações dessa ordem. Hilário, tanto quanto eu, edificado com os ensinamentos ouvidos, perguntou respeitoso: – E podemos considerá-la médium, mesmo assim? – Como não? Um vaso defeituoso pode ser consertado e restituído ao serviço. Naturalmente, agora a paciência e a caridade necessitam agir para salvá-la. Nossa irmã deve ser ouvida na posição em que se revela, como sendo em tudo a desventurada mulher de outro tempo, e recebida por nós nessa base, para que use o remédio moral que lhe estendemos, desligando-se enfim do passado... O assunto não comporta desmentido, porque indiscutivelmente essa mulher existe ainda nela mesma. A personalidade antiga não foi tão eclipsada pela matéria densa como seria de desejar. Ela renasceu pela carne, sem renovar-se em espírito... (...) Nessa altura, Raul Silva, na condição de hábil psicólogo, convidou a doente ao benefício da prece. Competia-lhe, a ela, suplicar ao Céu a graça do olvido. Cabia-lhe expungir o passado da imaginação, de maneira a pacificar-

3. Atuação do dialogador em relação ao médium

3.2 Fenômeno anímico

3.2.1 Como identificar o animismo



se. E, singularmente comovido, recomendou-lhe repetir em companhia dele as frases sublimes da oração dominical. A pobre senhora acompanhou-o docilmente. Ao término da súplica, mostrava-se mais tranquila. O prestimoso amigo, traduzindo a colaboração do mentor que o acompanhava, solícito, rogou-lhe considerar, acima de tudo, o impositivo do perdão aos inimigos para a reconquista da paz e, em lágrimas, a enferma desligou-se das impressões que a imobilizavam no pretérito, tornando à posição normal. Enquanto Silva lhe aplicava passes de reconforto, o Assistente comentou: – Outra não pode ser, por enquanto, a intervenção assistencial em seu benefício. Pela enfermagem espiritual bem conduzida, reajustar-se-á pouco a pouco, retomando o império sobre si mesma e capacitando-se para o desempenho de valiosas tarefas mediúnicas mais tarde.”

XAVIER, Francisco Cândido.
Cap. 22 - Emersão do passado.
Nos Domínios da Mediunidade.
Pelo Espírito André Luiz

Por outro lado, também pode se dar a situação inversa: uma comunicação que tenha todas as aparências de ser um fenômeno anímico, mas que é um fenômeno autenticamente mediúnico:

— “ —————
“Chegados a essa altura da conversação, o orientador convidou-me ao serviço de assistência a dedicada senhora, médium em processo de formação, que lhe vinha recebendo socorro para prosseguir na tarefa, com a fortaleza e serenidade indispensáveis. Propiciando-me o feliz ensejo, meu gentil interlocutor concluiu: – O caso é oportuno. Observarás comigo os obstáculos criados pela tese animista. Marcava o relógio precisamente vinte horas, quando penetramos confortável recinto. Várias entidades de nosso plano ali se moviam, ao lado de onze companheiros reunidos em sessão íntima, consagrada ao serviço da oração e do desenvolvimento psíquico. [Um médico desencarnado iria se comunicar tratando de uma questão de sua área de formação:} (...o nosso amigo médico não encontra em sua organização psicofísica elementos afins perfeitos: nossa colaboradora não se liga a ele através de todos os seus centros perispirituais; não é capaz de

3. Atuação do dialogador em relação ao médium

3.2 Fenômeno animico

3.2.1 Como identificar o animismo

e elevar-se à mesma frequência de vibração em que se acha o comunicante; não possui suficiente 'espaço interior' para comungar-lhe as ideias e conhecimentos; não lhe absorve o entusiasmo total pela Ciência, por ainda não trazer de outras existências, nem haver construído, na experiência atual, as necessárias teclas evolucionárias, que só o trabalho sentido e vivido lhe pode conferir. Eulália manifesta, contudo, um grande poder – o da boa vontade criadora, sem o qual é impossível o início da ascensão às zonas mais altas da vida. É a porta mais importante, pela qual se entenderá com o médico desencarnado. Este, a seu turno, para realizar o nobre desejo que o anima, vê-se compelido, em face das circunstâncias, a pôr de lado a nomenclatura oficial, a técnica científica, o patrimônio de palavras que lhe é peculiar, as definições novas, a ficha de renome, que lhe coroa a memória nos círculos dos conhecidos e dos clientes. (...) Decorridos alguns minutos de expectativa e de preparo silencioso, a mão da médium, orientada pelo médico e movida em cooperação com os estímulos psicofísicos da intermediária, começou a escrever, em caracteres irregulares,

denunciando o natural conflito de 'dois cosmos psíquicos' diferentes, mas empenhados num só objetivo – a produção de uma obra elevada. (...) [a médium psicografa a mensagem] O presidente da sessão, seguido pelos demais companheiros, iniciou o estudo e debate da mensagem. Concordou-se em que era edificante na essência, mas não apresentava índices concludentes da identificação individual; não procedia, possivelmente, do conhecido profissional que a subscrevera; faltavam-lhe os característicos especiais, pois um médico usaria nomenclatura adequada e se afastaria da craveira comum. E a tese animista apareceu como tábua de salvação para todos."

XAVIER, Francisco C. Cap. 9 –
Mediunidade. **No Mundo Maior.**
Pelo Espírito André Luiz.



3. Atuação do dialogador em relação ao médium

3.2 Fenômeno animico

3.2.1 Como identificar o animismo

Portanto, é preciso muita cautela, perspicácia e ponderação na apreciação, que deve ser feita caso a caso.

Ao questionar aos Espíritos sobre os meios para identificar o animismo, os benfeitores esclareceram ao Codificador que, em primeiro lugar, é preciso que se conheça o médium, suas características, sua personalidade, para se aferir se os conteúdos são dele próprio ou de outro Espírito, mas também que é preciso muita atenção, análise delongada e reflexão ponderada, profunda:

— ““ —————

“2ª As comunicações escritas ou verbais também podem emanar do próprio Espírito encarnado no médium?

‘A alma do médium pode comunicar-se, como a de qualquer outro...’ (...)

3ª Como distinguir se o Espírito que responde é o do médium, ou outro? ‘Pela natureza das comunicações.

Estuda as circunstâncias e a linguagem e distinguirás... Aliás, há respostas que se lhe não podem atribuir de modo algum. Por isso é que te digo: estuda e observa.’

Nota. Quando uma pessoa nos fala, distinguimos facilmente o que vem dela daquilo de que ela é apenas o

eco. O mesmo se verifica com os médiuns.

4ª Desde que o Espírito do médium há podido, em existências anteriores, adquirir conhecimentos que esqueceu debaixo do envoltório corporal, mas de que se lembra como Espírito, não poderá ele haurir nas profundezas do seu próprio eu as ideias que parecem fora do alcance da sua instrução?

‘Isso acontece frequentemente, no estado de crise sonambúlica, ou extática, porém, ainda uma vez repito, há circunstâncias que não permitem dúvida. Estuda longamente e medita.’

5ª As comunicações que provêm do Espírito do médium, são sempre inferiores às que possam ser dadas por outros Espíritos?

‘Sempre, não; pois um Espírito, que não o do médium, pode ser de ordem inferior à deste e, então, falar menos sensatamente. É o que se vê no sonambulismo. Aí, as mais das vezes, quem se manifesta é o Espírito do sonâmbulo, o qual não raro diz coisas muito boas.’”

KARDEC, Allan. 2ª Parte, Cap. XIX – Do Papel dos Médiuns nas Comunicações, item 223, 2ª, 3ª, 4ª e 5ª questões. **O Livro dos Médiuns**.

3. Atuação do dialogador em relação ao médium

3.2 Fenômeno anímico

3.2.1 Como identificar o animismo

Ou seja, apenas com análise acurada, delongada, será possível identificar interferências anímicas do médium, embora em determinados casos seja mais evidente, como, por exemplo, quando o médium esteja em algum conflito já conhecido do dialogador e haja alguma manifestação relacionada à problemática.

A literatura espírita complementar ainda apresenta mais alguns elementos balizadores para a aferição da ocorrência de animismo:

— “ —————

“30 - Como distinguir as comunicações anímicas das mediúnicas?”

Importante levar-se em conta que a manifestação anímica ocorre em razão de algum tipo de estímulo, de fator desencadeante, do exterior, que desata reminiscências íntimas, encontradas em certo estado de acomodação. Tais reminiscências vêm à tona, exteriorizando-se por meio de palavras, de atos, de gestos, ou não, podendo tão só despontar no psiquismo, alcançando as zonas do pensamento em forma de lembranças, saudade, sem que se saiba de quem ou de que, tristezas

infundadas, sem qualquer exteriorização.

Podem ocorrer que elementos de encarnações precedentes, próximas ou remotas, emergem na superfície da mente, deixando a nítida impressão, a quem está sofrendo o fenômeno, ou a quem está lidando com esse alguém, de que se trata de manifestação de uma mente estranha atuando sobre o sensitivo encarnado. Podem se dar, ainda, simulações de manifestação mediúnica, quando ‘desatam’ na mente do encarnado elementos da mesma encarnação, mas vividos e represados na infância, na juventude ou mesmo na fase adulta, elementos esses que rompem a carapaça criada por incontáveis situações, e se apresentam com aspectos capazes de confundir a grande maioria dos que lidam nessa área, sejam médiuns, doutrinadores espiritistas ou não.

O sensitivo com características anímicas não tem consciência, a princípio, de que o é. Sofre o fenômeno e garante que é de fundo mediúnico, em virtude dos dados estranhos, diferentes, que se apresentam durante o surto. Os doutrinadores, quando se trata de reuniões mediúnicas, são levados a crer na versão mediúnica pelos mesmos motivos.

3. Atuação do dialogador em relação ao médium

3.2 Fenômeno anímico

3.2.1 Como identificar o animismo

Costumam se dar alterações fisionômicas ou vocais, modificação de grafia, e o sensitivo pode se mostrar mais ou menos hábil em vários setores da sua intelectualidade. Não esqueçamos que é a 'porta' de um pretérito mais ou menos rico de valores que irrompe, como magma de um vulcão, jorrando para o exterior substâncias que até então eram desconhecidas, por estarem represadas em sua intimidade.

A princípio, é muito difícil fazer-se distinção entre manifestação anímica e manifestação mediúnica. É muito tênue o véu que separa uma da outra. No entanto, Allan Kardec admite que se pode distinguir se um Espírito que se comunica, que responde a algo, é ou não o do médium *'pela natureza das comunicações. Estuda as circunstâncias e a linguagem e distinguirás. Por isso é que te digo: estuda e observa'*.

Bem se vê que não é uma distinção que se possa fazer de uma olhada ou por mera desconfiança. É necessário o apoio da investigação, do estudo atilado, ao largo do tempo. É preciso que desenvolva o senso de observação aquele que tem necessidade de estabelecer a distinção entre um e outro tipo de

fenômeno.

Kardec reforça a importância de se aprofundar a observação quando é indagado a respeito de médiuns que trazem consigo bagagens de conhecimentos esquecidos, de outras existências, que podem fluir quando esses mesmos médiuns se acham como Espíritos, em estado de emancipação, fazendo as exprimir ideias que parecem fora de sua capacidade instrucional. Diz ele, então: *'estuda longamente e medita'*. [itálicos do original]

TEIXEIRA, Raul. Parte I – A Mediunidade e os Médiuns, questão 30. **Desafios da Mediunidade.** Pelo Espírito Camilo.

“(…) Não é tarefa simplista para qualquer um a identificação do fenômeno anímico na realização mediúnica, salvo os casos grotescos diante dos quais ninguém manterá dúvidas. A cortina que separa o anímico do mediúnico e vice-versa é muito tênue, dificultando a identificação imediata ou a classificação definitiva. Uns dizem que 'sabem' quando ocorre fenômeno anímico, pois o comunicante usa os termos da

3. Atuação do dialogador em relação ao médium

3.2 Fenômeno anímico

3.2.1 Como identificar o animismo

linguagem peculiar ao médium. Entretanto, isso não será 'prova de animismo', pois a entidade poderá valer-se das expressões condicionadas pelo intermediário, sendo a mensagem autenticamente mediúnica.

Outros garantem que o 'descobrem', em virtude da mensagem banal que o médium transmite, logo, só pode ser 'coisa dele'. Aí está outro equívoco, porque o comunicante pode ser igualmente banal e o intérprete estar sendo fiel.

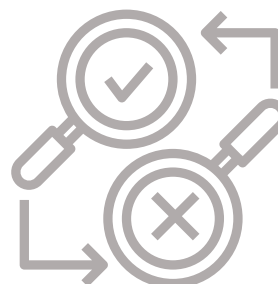
Muitos asseguram que a mensagem é genuinamente mediúnica quando os seus termos são acadêmicos ou são empolados ou demonstrando soberba erudição. Não teremos nisso a 'prova' cabal, pois no inconsciente do médium pode existir todo esse arquivamento e, no momento anímico, tudo isso estar vindo à baila.

(...) **Aos dirigentes de atividades mediúnicas cabe irreprochável conhecimento do pensamento espírita**, sempre crescente, bem como uma **gradual busca de conhecimento da psicologia humana**, por meio de diálogos proveitosos, **do hábito da observação das criaturas nas variadas ocasiões da vida, frente às dificuldades e dores ou às facilidades e alegrias.**

Associando a visão espírita e o apercebimento das reações humanas aos mais distintos lances da vida, lograrão os diretores de sessões os mais lúcidos aprendizados que farão com que amadureçam conceitos e providências em torno da questão anímica e da mediúnica, podendo, então, estabelecer distinções marcantes entre um e outro fenômeno.

O empenho de crescer para melhor servir não deverá ser um dever apenas dos médiuns que transmitem o comunicado do Além, mas também dos diretores que são igualmente os médiuns inspirados para as atuações felizes, pondo-se à disposição dos trabalhadores do bem, que dirigem, de outra dimensão, os esforços dos lidadores encarnados." [destaques nossos]

TEIXEIRA, Raul. Cap. 15 – Mediunidade e animismo. **Correnteza de Luz**. Pelo Espírito Camilo.



3. Atuação do dialogador em relação ao médium

3.2 Fenômeno anímico

3.2.1 Como identificar o animismo

“66. Existem fronteiras delimitadoras entre animismo e fenômeno mediúnico que possam ser identificadas pelo terapeuta encarnado [o dialogador]?”

Existem algumas características: No fenômeno anímico é a alma do encarnado que fala. São seus hábitos, seus registros, seus condicionamentos... o doutrinador é capaz de identificá-lo através do **caráter** do médium, que é por ele conhecido.

Todos nós temos vícios de linguagem, como também bengalas psicológicas. No estado de transe, se essas bengalas psicológicas aparecem... Se, por exemplo, as comunicações têm sempre a mesma linha de raciocínio, estamos diante de um fenômeno anímico... Então, qualquer doutrinador atento pode saber quando o fenômeno é eminentemente mediúnico, digamos a 70%, e quando ele é um fenômeno anímico, ou seja: a 70% de animismo e apenas 30% de mediúnico. Por isso as reuniões mediúnicas devem ser feitas com pessoas que se conheçam entre si, que tenham um bom relacionamento, pessoas moralizadas, que não venham fazer espetáculos, que tenham conhecimento doutrinário, porque

são equipamentos para nos policiarmos contra os fenômenos automatistas da nossa personalidade.” [negrito do original]

Proj. Manoel Philomeno de Miranda. Questão 66. Qualidade na prática mediúnica.

“Como identificar se o médium é anímico?”

DIVALDO A mais eficiente maneira de o conseguir é com a utilização do método de análise das comunicações de que o médium se faz portador. Encontrando-se-lhe lugares-comuns, repetições viciosas, fixações doentias, lamentações ou exacerbações, identificação de conteúdo igual entre todas, dispõem-se de algumas características dos conflitos do médium, em catarse que libera os seus arquivos do inconsciente atual. Apesar disso, o paciente necessita de orientação e não de apodos ou acusações indébitas. A bondade e a compaixão devem sempre acompanhar o comportamento do verdadeiro espírita que se disciplina através do conhecimento do espiritismo, a doutrina que se caracteriza pelo conhecimento intelecto-moral,

3. Atuação do dialogador em relação ao médium

3.2 Fenômeno anímico

3.2.1 Como identificar o animismo

tendo, porém, como bandeira a
caridade.” [destaques nossos]

TEIXEIRA, Raul; FRANCO,
Divaldo P. Questão 128 (ed. 2016
- Editora Intervidas). **Diretrizes
de Segurança**

elementos sugestivos

<input type="checkbox"/>	_____
<input type="checkbox"/>	_____
<input type="checkbox"/>	_____
<input type="checkbox"/>	_____

ponderações

<input type="checkbox"/>	_____
<input type="checkbox"/>	_____
<input type="checkbox"/>	_____
<input type="checkbox"/>	_____

Alguns elementos sugestivos de animismo, portanto, são: repetições viciosas (chavões, lugares-comuns repetidos pelo médium) e/ou posturas corporais (respirar profundamente, trejeitos, cacoetes, por exemplo) em toda comunicação (que não sejam, pois, característica do comunicante); comunicações reiteradas com mesmos conteúdos (toda comunicação ou em várias comunicações seguidas o ‘Espírito’ falando as mesmas coisas). Neste caso, deverá ser investigada a possibilidade seja de animismo, como também ser averiguado se não é caso de obsessão.

Assim como não se deve desconsiderar, mas sim atentar para a ocorrência de animismo puro ou interferências anímicas (‘ruídos na comunicação’), buscando preveni-los e/ou superá-los; não se deve, por outro lado, sobrelevar em demasia o animismo no momento da fase de comunicações: a simples dúvida sobre a autenticidade do fenômeno, o excesso de autocrítica nesse momento, podem implicar a quebra de sintonia de uma comunicação mediúnica autêntica.

É preciso, pois, que o dialogador e a equipe de apoio tenham cautela, porque a presunção de animismo em um fenômeno autenticamente mediúnico pode gerar uma irradiação mental de desconfiança que repercuta no médium e o aturda, com

3. Atuação do dialogador em relação ao médium

3.2 Fenômeno anímico

3.2.1 Como identificar o animismo

ruptura de sintonia ou perturbação do mediano.

É comum e mesmo esperado que, no início do exercício mediúnico, as comunicações sejam predominantemente anímicas, até porque o médium está aprendendo a apassivar-se, a captar as ideias, emoções, características do comunicante para transmiti-las da forma mais fiel possível, consoante suas possibilidades.

Já com o decorrer do tempo, o prosseguimento dos estudos e exercícios práticos, o adestramento do médium (desenvolvimento da aptidão e educação do médium), é esperado que as “cores anímicas” se tornem menos intensas.

Portanto, nem se deve sobrelevar, nem subestimar e/ou negligenciar o animismo, especialmente, porque a reunião mediúnica espírita presta-se ao diálogo e atendimento de Espíritos comunicantes e não de eventuais conflitos do próprio médium (excetuados, naturalmente, aqueles estritamente relacionados ao próprio exercício mediúnico).

3.2.2 Como lidar com o fenômeno anímico na reunião mediúnica

“67. Qual a conduta correta do doutrinador no fenômeno anímico?”

A postura correta do doutrinador é a de esclarecer, tanto o Espírito encarnado como o desencarnado. Mas, cumpre-lhe deixar o médium perceber que a doutrinação está sendo direcionada ao seu inconsciente, a fim de que se mantenha mais vigilante, passando a bloquear a irrupção do fenômeno automatista...”

Proj. Manoel Philomeno de Miranda. Questão 67. Qualidade na prática mediúnica.



3. Atuação do dialogador em relação ao médium

3.2 Fenômeno anímico

3.2.2 Como lidar com o fenômeno anímico na reunião mediúnica

“55. Que conselho você dá aos médiuns principiantes que ainda não sabem definir bem os limites entre suas ideias e as que vêm dos Espíritos?”

Quando sentirem algo, deem expansão. Não tenham a preocupação de monologar: – Ah! Será que sou eu mesmo? – A prática mediúnica é um laboratório. Estamos participando dela como intermediários do bem e não como cientistas ou pesquisadores à cata da perfeição absoluta.

O trabalho de intercâmbio espiritual deve ser considerado como uma atividade de ‘catacumba’, numa comunhão estreita com os Espíritos benévolos. **Deve-se dar campo à comunicação, cabendo ao doutrinador avaliar se é fenômeno anímico, mediúnico ou nervoso.** Deixa-se a porta aberta e, **em caso de dúvida, pergunta-se ao doutrinador no término da prática mediúnica: – O que você achou daquela comunicação? – Deve existir um mínimo de confiança entre os componentes de uma reunião mediúnica, porque, havendo este clima, a resposta virá com naturalidade. Caso o doutrinador**

diga: – Bem, eu achei que foi mais um fenômeno nervoso. Procure relaxar mais –. Isso não desonra ninguém. Pode-se ter uma crise nervosa em casa, porque não pode acontecer também na sala mediúnica? O sistema nervoso atua em qualquer lugar, e principalmente na prática mediúnica, onde se processam intensas reações eletromagnéticas.

Quando o fenômeno for anímico, o doutrinador deve dizer ao médium: – Você está com as ideias muito fixas –. Cabe ao sensitivo refletir e controlar-se.

Na hipótese de Entidades muito repetitivas, e elas sempre retornam com os mesmos chavões, o médium deve controlar mentalmente, dialogando com o Espírito: – Absolutamente. Ou você incorpora e se comunica dando toda a mensagem ou então não permito a comunicação –. Isto deve ser feito para que o Espírito não fique explorando o fluido do sensitivo.

No caso em que a Entidade fique externando pensamentos repetitivos, como por exemplo: – Eu vou matá-lo, eu mato, eu mato... –,

3. Atuação do dialogador em relação ao médium

3.2 Fenômeno anímico

3.2.2 Como lidar com o fenômeno anímico na reunião mediúnica

levando um tempo infindo a repetir as mesmas palavras para perturbar a sensibilidade do médium e impedir que outros Espíritos se comuniquem, cabe ao mediano ajudar o comunicante, dizendo: – Informe a que veio ou não lhe dou campo mental.” [destaques nossos]

Proj. Manoel Philomeno de Miranda. Questão 55. **Qualidade na prática mediúnica.**

Caso o médium seja iniciante, como exposto, é comum que haja grande proporção de conteúdo anímico no início do exercício mediúnico. Já no caso de médiuns adestrados, é necessário averiguar qual a causa que esteja ocasionando a ocorrência da interferência anímica e atuar na solução da causa.

De toda forma, uma vez constatada a ocorrência de fenômeno anímico, durante a fase de comunicações, o dialogador procederá ao diálogo como o faria com uma entidade espiritual, porém, tanto quanto possível, já deve direcionar para que o médium perceba que a orientação está sendo direcionada para ele próprio, médium.

Já na etapa de encerramento, durante a avaliação da atividade, será necessário, com tato psicológico, com discrição, em grupo ou em conversa particular com o médium juntamente com o dirigente da reunião mediúnica, compartilhar que está sendo notada situação indicativa de animismo, para que o médium possa dizer sua impressão, e também observar e verificar as causas possíveis da ocorrência, para ajuste de postura e apassivamento mental para efetivo intercâmbio mediúnico.

A postura, pois, não é acusatória nem coercitiva, mas no sentido de acolher, esclarecer e orientar o médium e mesmo aferir se a suposição da ocorrência de animismo por parte da equipe é acertada ou se há autêntico fenômeno mediúnico que apenas aparente se tratar de ocorrência anímica.



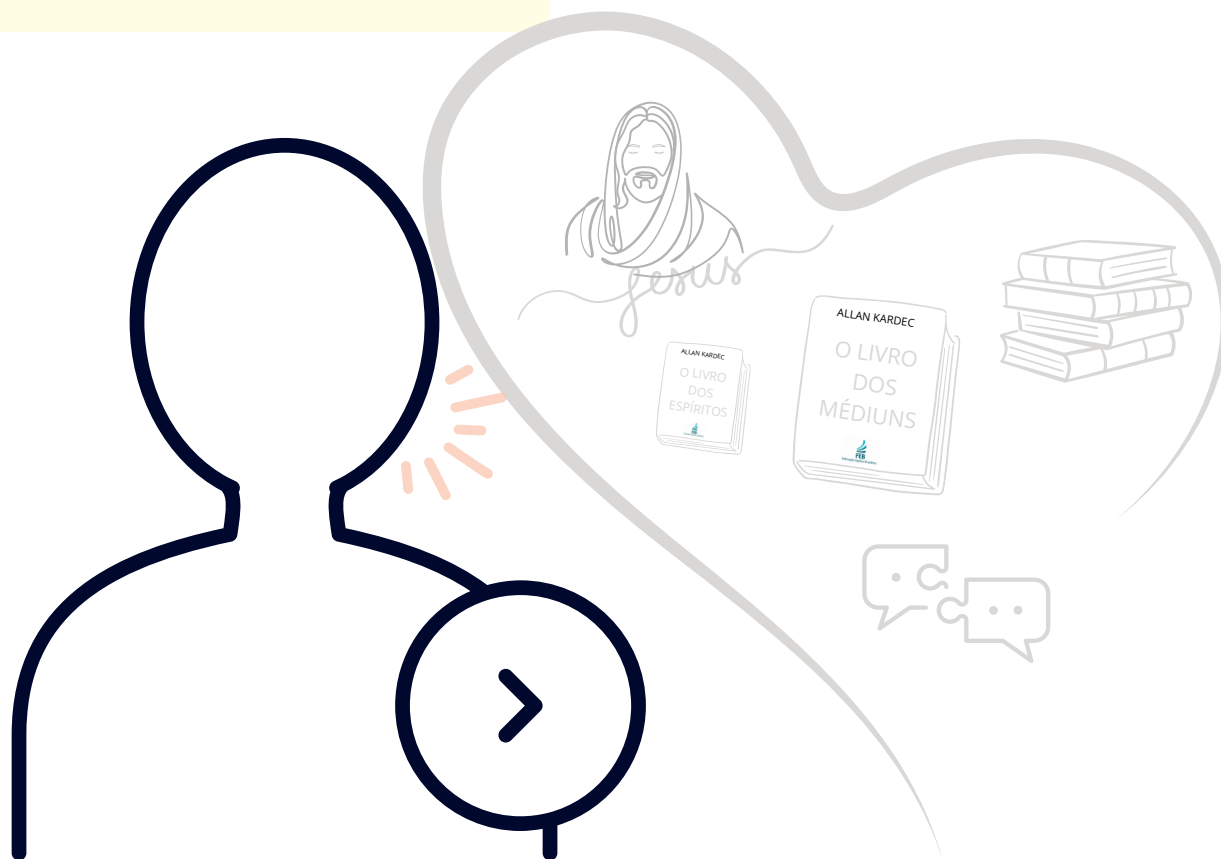
3. Atuação do dialogador em relação ao médium

3.2 Fenômeno anímico

3.2.2 Como lidar com o fenômeno anímico na reunião mediúnica

De toda maneira, identificada a ocorrência de animismo, será relevante auxiliar o médium em sua reflexão e autoavaliação para identificar as possíveis causas e atuar na solução, visto que a finalidade precípua da reunião mediúnica é atender aos Espíritos encaminhados pelos Mentores e as demandas dos encarnados devem ser direcionadas para atendimento pela Área de Atendimento Espiritual. (7)

(7) Demais esclarecimentos sobre o animismo constam do material do Ciclo de Reflexões sobre a Prática Mediúnica Espírita, no item 3.3.4 Desafios da prática: animismo, mistificação dos Espíritos e obsessão. Disponível em: <http://www.feparana.com.br/topico/?topico=3333>



4. Diálogo com os Espíritos – recurso da palavra

Orientações gerais para o diálogo e para lidar com os Espíritos comunicantes:

“1015. Que se deve entender por uma alma a penar?

‘Uma alma errante e sofredora, incerta de seu futuro e à qual podeis proporcionar o alívio, que muitas vezes solicita, vindo comunicar-se convosco.’”

KARDEC, Allan. 4ª Parte, Cap. II - Das Penas e Gozos Futuros, questão 1015. **O Livro dos Espíritos.**

“477. As fórmulas de exorcismo têm qualquer eficácia sobre os maus Espíritos?

‘Não. Estes últimos riem e se obstinam, quando veem alguém tomar isso a sério.’”

KARDEC, Allan. 2ª Parte, Cap. IX - Da Intervenção dos Espíritos no Mundo Corporal, questão 477. **O Livro dos Espíritos.**



“A cura das obsessões graves requer muita **paciência, perseverança e devotamento**. Exige também **tato e habilidade**, a fim de encaminhar para o bem Espíritos muitas vezes perversos, endurecidos e astuciosos, porquanto há os rebeldes ao extremo. Na maioria dos casos, temos de nos guiar pelas circunstâncias. Qualquer que seja, porém, o caráter do Espírito, nada se obtém, é isto um fato incontestável, pelo constrangimento ou pela ameaça. Toda influência reside no ascendente moral. Outra verdade igualmente comprovada pela experiência tanto quanto pela lógica, é a completa ineficácia dos exorcismos, fórmulas, palavras sacramentais, amuletos, talismãs, práticas exteriores, ou quaisquer sinais materiais.” [destaques nossos]

KARDEC, Allan. Cap. XXVIII – Coletânea de Preces Espíritas, nota de Allan Kardec ao item 84. **O Livro dos Espíritos.**

4. Diálogo com os Espíritos – recurso da palavra

Orientações gerais para o diálogo e para lidar com os Espíritos comunicantes:

BEM



“(...) no exorcismo só lhe [ao Espírito] contrapõem palavras e sinais materiais, na virtude dos quais acreditam, mas que o Espírito não leva em nenhuma conta: irritam-no, ameaçam-no, amaldiçoam-no e o condenam às chamas eternas; querem domá-lo pela força, mas, como é inatingível, ele ri e vos escapa, querendo provar que é mais forte que vós. **Pelo Espiritismo falam-lhe com doçura, procuram fazer que nele vibre a corda do sentimento e lhe mostram a misericórdia de Deus; fazem-lhe entrever a esperança e o conduzem suavemente ao bem. Eis todo o segredo.**” [destaque nosso]

KARDEC, Allan. ‘Os Espíritos na Espanha – cura de uma obsedada em Barcelona’.
Revista Espírita, junho de 1865.

“Uma questão que se apresenta grave, no que tange ao atendimento dos desencarnados em desconforto, é a técnica que deve ser aplicada, objetivando socorrer com eficiência.

Indaga-se: - como atender temperamentos tão díspares, em tempo tão breve? Que linguagem adotar, diante de culturas variadas, recém-chegadas da Terra, se o tempo se apresenta escasso? Como receber comportamentos tão diversos, quais aqueles que aportam em nosso santuário hospitalar? Que expressões imediatas utilizar, tendo-se em vista a perturbação que desorganiza o centro de lucidez dos comunicantes? Como propor medida de paz a quem está devorado pela revolta ou se apresenta instigado por ódios largamente resguardados? Qual a postura, diante do rebelde, do celerado, que encontra no fenômeno psicofônico o meio de exteriorizar as mágoas represadas e os ódios vivenciados? Que espécie de julgamento fazer, considerando o criminoso revel e a sua vítima, o perseguidor implacável e o que lhe padece a injunção, o odiento extravagante e o ignorante em excesso? Sem dúvida, são muitas as interrogações, porque cada ser é um ser especial; cada necessidade exige

4. Diálogo com os Espíritos – recurso da palavra

Orientações gerais para o diálogo e para lidar com os Espíritos comunicantes:

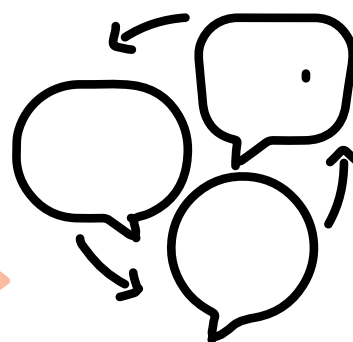
uma resposta correspondente cada anseio um socorro específico...
Diante, portanto, dos espíritos em perturbação que nos chegam, seja a nossa a atitude de caridade. A caridade dir-nos-á a palavra sábia e certa, no momento próprio, para cada aflição e despautério...
Acendendo-se a luz da caridade...
nunca faltarão recursos valiosos para o atendimento, com êxito, dos mais diferentes grupos de seres infelizes que aí aportam..."

FRANCO, Divaldo P. Cap. 22 – Técnica da caridade. **Suave luz nas sombras**. Pelo Espírito João Cléofas.



O diálogo com os Espíritos

O diálogo com os Espíritos deve se estabelecer consoante os preceitos do Evangelho e da Doutrina Espírita, visando ao esclarecimento, socorro e auxílio de comunicantes em aprendizagem.



Sendo o Espírito uma pessoa, as leis morais que se aplicam nas relações com encarnados devem também orientar a forma e o conteúdo do diálogo com Espíritos desencarnados de todos os níveis evolutivos, que poderão se comunicar na reunião mediúnica espírita.

O dialogador que se empenha no estudo doutrinário e na vivência do ensino cristão-espírita favorece sua sintonia com os Mentores espirituais, que o auxiliarão, por meio da intuição, a identificar a problemática do comunicante, seu perfil, e conduzir o diálogo conforme as necessidades e características do Espírito comunicante.

Por isso, requer-se alta envergadura moral do dialogador, pois, embora não deva ser médium ostensivo, a sua moralidade é fundamental para manter a sintonia com os Mentores da tarefa e para que a sua palavra tenha a vibração de quem aplica a si o que diz, ou seja, o ascendente moral, daquele que não apenas informa, mas sensibiliza o

4. Diálogo com os Espíritos – recurso da palavra

Orientações gerais para o diálogo e para lidar com os Espíritos comunicantes:

comunicante, estimulando-o a também se esforçar para refletir a respeito e vivenciar a orientação doutrinária que lhe é proposta.

O principal recurso do dialogador é a palavra, que deverá ser clara, concisa, sem pretensão de convencer (no sentido de converter o comunicante), mas visando a esclarecê-lo, orientá-lo, auxiliá-lo.

Deve-se falar em tom natural, **audível**, e de modo claro, **sem rebuscamento**, mas numa **linguagem simples, respeitosa e escorreita**.

Dialogar implica falar e ouvir, há momentos de fala e de escuta, que se intercalam de modo sucessivo, espontâneo, encadeado e harmonioso, com fluidez.



“Como deve processar-se a doutrinação dos desencarnados na reunião mediúnica?”

RAUL A doutrinação, ou esclarecimento, dirigida aos companheiros desencarnados que se apresentem em reuniões de intercâmbio mediúnico deve ser processada dentro de um clima de entendimento e respeito, estando certo o doutrinador, ou esclarecedor, de estar dialogando com um ser humano cuja diferença mais notável é estar o Espírito despojado do corpo físico... o doutrinador não ignorará que o desencarnado continua com possibilidades de sentir simpatia ou antipatia, de nutrir amor ou ódio, alegria ou tristeza, euforia ou depressão. Que ele pode ainda ser lúcido ou embotado, zombeteiro, leviano, emotivo ou frio de sentimentos. A doutrinação, a partir dessa reflexão, desenvolver-se-á como um diálogo com outro ser humano... Em tudo, o bom senso. O doutrinador deixa a entidade falar, dizer a que veio, o que deseja, a partir de então vai conversando, perguntando sem agressão,

4. Diálogo com os Espíritos – recurso da palavra

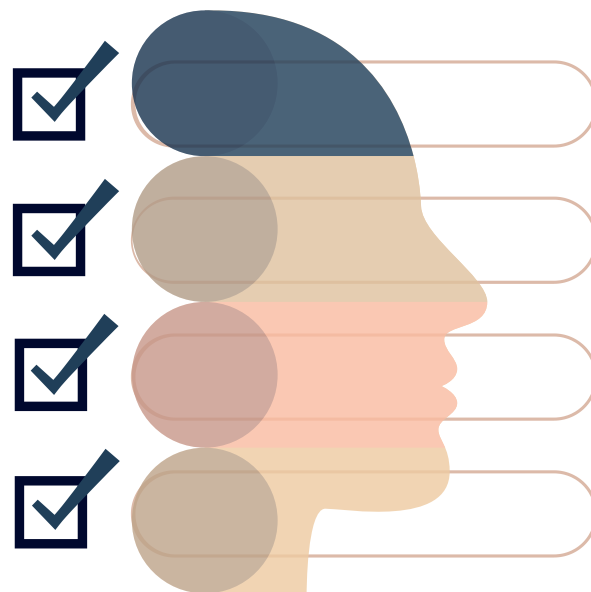
chamando o desencarnado à meditação, à compreensão... nem sempre será tarefa muito fácil ou imediata, como entre pessoas encarnadas que têm dificuldade de entender as coisas, por múltiplas razões, e passam longos meses ou mesmo anos, às vezes, para reformar uma opinião ou abrir mão de determinados costumes ou procedimento.” [destaques nossos]

FRANCO, Divaldo P.; **TEIXEIRA**, Raul. Questão 85 (ed. 2016 – Editora Intervidas). **Diretrizes de Segurança.**



Síntese da condução do diálogo:

- Palavra clara, concisa, audível, sem rebuscamento.
- Linguagem simples, respeitosa e escoreita.
- Diálogo: momentos de fala e oitiva (saber intercalar entre falar e ouvir).
- Momentos de fala e de escuta devem se encadear de modo sucessivo, espontâneo e harmonioso, com fluidez.



4. Diálogo com os Espíritos – recurso da palavra

Postura geral durante o diálogo **(passos do diálogo)**

4.1 Como iniciar o diálogo

- **Início do Diálogo - Recepção do Comunicante**

No caso de médiuns já adestrados, em geral, os Espíritos iniciam a comunicação espontaneamente, bastando o dialogador se aproximar relativamente (sem proximidade excessiva) do médium que nota estar em transe mediúnico (8). Se mais de um médium no grupo estiver em transe, ao notar que o dialogador se aproximou de outro, o médium deve aguardar o seu momento de falar.

O dialogador nem sempre precisa fazer a abordagem, pois, em muitos casos, o médium, percebendo a sua aproximação, já inicia a transmissão da comunicação. Em outros casos, o médium não iniciará a fala, mas apresentará expressão fisionômica e atitude corporal indicando não apenas a presença da entidade espiritual, como seu estado íntimo.

Quando o início da fala é feito pelo Espírito, a sua expressão inicial poderá ser de inúmeras formas, consoante o nível evolutivo do

(8) O transe bem caracterizado é mais facilmente percebido tratando-se de médiuns já adestrados, ou seja, médiuns com experiência na prática mediúnica, que já possuem controle e compreensão de como entrar e sair do transe mediúnico - o que se aprende em exercícios iniciais nas reuniões de educação e desenvolvimento mediúnico. Assim, o médium em transe poderá apresentar expressão facial ou corporal que indique o intercâmbio fluídico e registro pelo médium de sensações, impressões, sentimentos e ideias do comunicante. Ou seja, alguma característica corporal e/ou facial ou de postura que denotem o seu estado alterado de consciência. No entanto, não é preciso que o médium tenha repetições viciosas (chavões, lugares-comuns repetidos pelo médium) e/ou certas posturas corporais (respirar profundamente, trejeitos, cacoetes, por exemplo) para indicar o transe; tais situações, ao contrário, são sugestivos de animismo e ou processo obsessivo a serem analisados pelo dirigente da atividade. Vide o material do Ciclo de Reflexões sobre a Prática Mediúnica Espírita, item 3.3.4 (disponível em <http://www.feparana.com.br/topico/?topico=3333>)

comunicante. Por exemplo: 'Onde estou?'; 'Que lugar é esse? Por que me trouxeram aqui?'; 'Eu não suporto mais essa dor, ajude-me, por favor', 'Eu quero sair daqui!', 'Vocês não vão me manter preso aqui', 'Estou só observando' e inúmeras outras, conforme sua situação, estado evolutivo, intenções, experiências e condições em que esteja.

4. Diálogo com os Espíritos – recurso da palavra

Início do diálogo - recepção do comunicante

Quando o Espírito não iniciar a fala, o dialogador, ao aproximar-se do médium que já está envolvido espiritualmente e com transe bem caracterizado, pode fazer a recepção inicial.

Não há fórmula para essa abordagem inicial do dialogador, podendo ser feita a fala que o dialogador seja intuído a fazer, de forma respeitosa, acolhedora, espontânea.

Expressões temporais como 'bom dia', 'boa tarde', 'boa noite' podem ser inoportunas, pois tal pode ser o aturdimento do Espírito que não necessariamente possui noção temporal e tampouco identificação espaço-temporal (alguns desencarnaram até mesmo há séculos e prosseguem com clichês mentais, como se ainda fossem, por exemplo, escravos, ou estivessem presos em calabouços ou fossem samurais, dentre outras diversas situações que tenham vivenciado em existência anterior).

Também não é preciso iniciar todo diálogo da mesma maneira, nem usar expressões padrão como: *'que estejamos em paz', 'seja bem-vindo,*



estamos aqui para auxiliá-lo', 'seja bem-vindo, meu irmão', 'seja bem-vindo, em nome de Jesus', 'que a paz de Jesus esteja conosco'.

Somente se usam expressões assim se houver a inspiração para as empregar, até mesmo porque, nesse momento inicial, não se sabe ainda com que perfil de comunicante estamos falando (se for uma entidade que sofreu perseguições de 'cristãos', como no período da Inquisição, ou um Espírito vinculado a outras crenças, como um muçulmano ou judeu, essa abordagem com referência a Jesus pode aturdi-lo)(9).

(9) O que não significa que não possa ser usada essa referência, inclusive, poderá suscitar o Espírito a revelar seu caráter e intenções (como, por exemplo, mostrar-se raivoso com a referência a Jesus e confessar seu intuito de perseguir o grupo, desforçar-se de cristãos, porque fora perseguido e mesmo morto outrora por ditos 'cristãos'). Apenas se salienta que a referência a Jesus pode sensibilizar a alguns tipos de Espíritos, porém não a todos.

4. Diálogo com os Espíritos – recurso da palavra

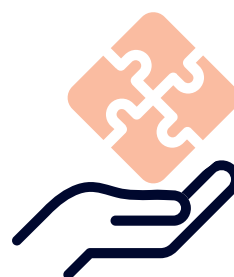
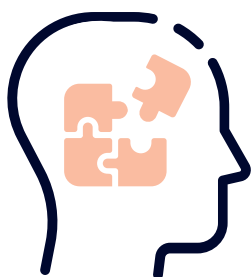
Início do diálogo - recepção do comunicante

Em regra, pois, a partir da prévia análise da expressão corporal e facial do médium, da sua postura física, poderá ser possível uma impressão inicial sobre o perfil do comunicante – o que será confirmado ou não no decorrer do diálogo – e, a partir dessa aferição inicial, faz-se, conforme a intuição que tiver, a fala de recepção. De toda forma, somente após ouvir o comunicante será possível, pois, identificar seu nível evolutivo.

Caso o dialogador note o envolvimento espiritual do médium (10), mas este não consiga iniciar a fala, compete avaliar qual é a situação: a) se o Espírito mantém alguma limitação nesse sentido (se teve alguma deficiência física, a exemplo, da mudez, ou outra situação que venha a ser dificultadora/impeditiva da fala) ou b) se há dificuldade do próprio médium em transmitir – o que é bastante comum com médiuns iniciantes na tarefa –; ou, ainda, c) se é alguma particularidade daquele comunicante (ele não quer falar por qualquer motivo)(11).

(10) O envolvimento espiritual é uma das etapas do transe, no momento em que o médium está em algum nível de expansão perispiritual que permite o início do intercâmbio fluídico com o comunicante. Para o transe, as etapas são: concentração, expansão perispiritual, ampliação das percepções da dimensão espiritual pelo médium, contato e envolvimento perispiritual e efetivo intercâmbio – de fluidos, sensações, emoções, ideias entre o médium e o comunicante – que culmina na transmissão da comunicação. Na etapa do contato e envolvimento, o médium ainda não está em estado de apassivamento psíquico que gere estado alterado de consciência, está em nível de expansão que lhe permite sentir a presença do Espírito, mas as ligações perispirituais entre ambos ainda não estão bem estabelecidas. A percepção de que há envolvimento espiritual se dá, então, de forma semelhante à percepção do transe, alguma expressão facial ou corporal do médium que denote que ele está registrando a presença de entidade espiritual e iniciando trocas fluídicas perispirituais com o Espírito.

(11) Vide na tabela do item 4.2: Espíritos que não podem/conseguem falar.



4. Diálogo com os Espíritos – recurso da palavra

Início do diálogo - recepção do comunicante

Caso percebido que a dificuldade é do médium, ele poderá ser estimulado pelo dialogador a confiar na equipe espiritual, de forma sutil, sem a necessidade de chamar o médium pelo nome e com a cautela de não admoestá-lo e nem pressioná-lo. Por exemplo, pode-se dizer: *‘estamos sob a assistência amiga da equipe espiritual, à qual nos entregamos, atuando como intermediários para a assistência àqueles que os Benfeitores nos apresentem para colaborar; podemos confiar nos Mentores, permitindo que o transe se dê em bases de equilíbrio e segurança’*. Com esse tipo de fala, o médium já estará orientado a favorecer a passividade. (12)

(12) O apassivamento do médium é ensinado teoricamente em Cursos de formação inicial e continuada de trabalhadores da mediunidade, sendo que a prática, os exercícios iniciais - que se dão em etapas sequenciais - ocorrem em reunião de educação e desenvolvimento mediúnico. Há orientação para a implantação e condução desse tipo de reunião no material do Ciclo de Reflexões sobre a Prática Mediúnica Espírita, há orientações sobre o tema no item 3.3.3 Como favorecer a passividade mediúnica. Referido material está disponível em <http://www.feparana.com.br/topico/?topico=3333>



De toda forma, é importante não forçar os médiuns: é possível que demorem alguns segundos até conseguirem estabelecer efetivamente a sintonia com o comunicante e conseguirem captar de forma clara e transmitirem o conteúdo da comunicação. É preciso, pois, dar-lhes tempo, sem constrangimentos.

Caso o Espírito esteja com dificuldade, por ainda manter limitações que tinha no corpo físico, o dialogador poderá conduzir conforme o quadro a seguir, no item “Espíritos que não conseguem falar”.

De toda maneira, não sendo dificuldade do médium ou impedimento de fala do Espírito, se o Espírito não começar a falar, o dialogador pode fazer o estímulo inicial: *‘Pois não, estamos a seu dispor’* ou *‘Estamos aqui para ouvi-lo, vamos conversar um pouco?’*, *‘Como se sente, deseja algo de nós?’*, *‘Estamos aqui para auxiliar, como se sente? Podemos ser-lhe útil?’*, etc.

4. Diálogo com os Espíritos – recurso da palavra

Início do diálogo - recepção do comunicante

O Espírito poderá iniciar a sua fala ou então dizer que não nos conhece, que não falará com desconhecidos, que não sabe onde está, que não confia em nós, dentre outras possíveis respostas iniciais.

Daí a importância da fina intuição do dialogador com o Mentor da tarefa para definir os caminhos a seguir, que palavras dizer, seja no sentido de que estamos num ambiente de auxílio, ou no sentido de que há pessoas presentes que são apoio – caso intuído de que tenha alguma entidade conhecida do comunicante, etc.

Enfim, poderá dar seguimento ao diálogo consoante a intuição o direcionar, tendo o *cuidado* (observar cabimento, oportunidade, adequação) com referências como ‘estamos em *pronto-socorro* espiritual’, pois podem aturdir o comunicante (ele pode se desorientar, dizendo, por exemplo, que não sofreu acidente, ou aturdir-se perguntando se sofreu acidente e não percebeu, ficando nervoso, querendo pessoas da família, etc.).

Deve-se, então, falar com naturalidade, sem expressões-chavão (falar apenas o que tenha clara intuição do que deve ser dito), nem referências que possam perturbar e, menos ainda, anunciando que ele é um Espírito que já morreu, pois essa informação, dada de chofre, sem contexto e sem notar se a entidade está em condições de assimilá-la, poderá gerar grandes choques e dificultar seu atendimento. (13)

(13) Sobre essa situação, podem-se ver as orientações da tabela do item 4.2 para casos de ‘Espíritos que desconhecem a própria situação’

É preciso, inicialmente, **OUVIR** o comunicante, ou seja, permitir que ele possa falar, a fim de, a partir de sua fala, identificar o seu perfil e demandas.



4. Diálogo com os Espíritos – recurso da palavra

Início do diálogo - recepção do comunicante

Exemplos de início de diálogo espontâneos:

“Aproximando o vingador inclemente do perispírito da médium, logo se deu a imantação com a sensitiva que estremeceu levemente...

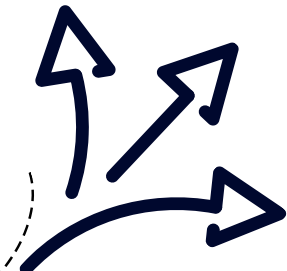
Automaticamente, a médium começou a falar, externando o enfado e o desgosto de ali encontrar-se. Tratava-se da comunicação do indigitado espiritual...

– O que se pretende de mim? Quem se atreve a deter-me na minha programática de vingança? O que está ocorrendo?

Fortemente inspirado por Dr. Bezerra de Menezes, Marcelo, um experiente doutrinador, respondeu com bondade e lucidez:

– Pretendemos um contato com o amigo, a fim de estudarmos o seu problema e as razões do seu sofrimento, agora transformado em rude perseguição a quem certamente o prejudicou...”

FRANCO, Divaldo P. Cap. 5 - Procedimentos Libertadores. **Amanhecer de uma nova Era.** Pelo Espírito Manoel Philomeno de Miranda.



“Agora, era Leonardo, dedicado médium espírita, quem se entregava à comunicação. Contorcendo o sensitivo, o que denotava o deplorável estado espiritual em que se debatia, o comunicante desferiu os golpes verbais que o caracterizavam:

– Até que enfim vocês o expulsaram daqui... Sem a proteção que ele aqui recebia, ser-nos-á fácil acabar-lhe com a presunção e o prestígio...

O Sr. Almiro [dialogador], inspirado por Vicente [Mentor], acercou-se do médium e respondeu, calmo, ao interlocutor:

– Seria o caso então de dizer-lhe que este é o nosso lado, e não nos convém manter submissão ao amigo que está do outro, não lhe parece?

– Claro que não – reagiu – porquanto é sabido que os mortos sempre conduziram os vivos.

– Certamente – concordou o doutrinador – conduzir não é o mesmo que perturbar, injuriar, afligir, levar ao desespero...”

FRANCO, Divaldo P. Cap. Terapia desobsessiva. **Trilhas da Libertação.** Pelo Espírito Manoel Philomeno de Miranda.

4. Diálogo com os Espíritos – recurso da palavra

Início do diálogo - recepção do comunicante

Início do diálogo – síntese:

- O próprio Espírito pode iniciar a fala ou o médium demonstrará o transe e o dialogador fará a recepção.
- Não há fórmula de recepção, nem frases-chave e tampouco se deve iniciar todo diálogo de igual forma (conforme o caso e as percepções prévias, haverá intuições sobre a abordagem inicial).
- O dialogador deve atentar à expressão corporal e facial do médium, à sua postura física, para buscar aferir o possível perfil de comunicante (nem sempre vai ter clareza antes de iniciar o diálogo).
- A abordagem deve ser respeitosa, acolhedora, espontânea.
- Falar com naturalidade, sem expressões-chavão, nem referências que possam aturdir (modular a verdade, acautelar-se com indicações que possam perturbar, tais como: ‘aqui é um

pronto-socorro espiritual’, ‘você já morreu’, etc.).

- Abordar de forma a identificar o nível evolutivo do comunicante e qual a sua necessidade, a fim de definir como conduzir o diálogo (o que dizer ao Espírito: esclarecimento e orientação a ser-lhe apresentada).
- Priorizar inicialmente a oitiva (OUVIR o comunicante, permitir que ele fale a que veio, revele seu perfil e demandas).

“Concede, a quem chega, a honra de o ouvir. Não te apresses em cumulá-lo de informações, talvez desinteressantes para ele. Silencia e ouve. (...) No momento próprio, fala, com naturalidade, sem a falsa postura de intocável ou sem problema. A arte de ouvir é, também, a ciência de ajudar.”

FRANCO, Divaldo P. Cap. 17 - Arte de Ouvir. **Episódios Diários**. Pelo Espírito Joanna de Ângelis.

4. Diálogo com os Espíritos – recurso da palavra

Como OUVIR o comunicante:

Para saber o que dizer é preciso, inicialmente, identificar quais as características e necessidades do Espírito. É preciso, pois, nos momentos iniciais do diálogo, que o dialogador não fale em demasia, mas, sobretudo, que ouça o comunicante, o que ele tem a dizer, a que veio, como ele é.

Essa oitiva deve ser uma escuta ativa, ou seja, atenta, perspicaz, para perceber o nível evolutivo do comunicante, sua real necessidade, se o que ele diz é verdadeiro/verossímil ou se é hipocrisia (caso de algumas manifestações de obsessores ou mistificadores, que podem apresentar palavras elevadas, belo discurso, mas se traem por pequenos detalhes, ou incitando a vaidade do grupo, ou lançando discórdia entre os presentes, de forma subliminar, por exemplo. O que somente será percebido pelo dialogador com essa escuta ativa, com atenção e perspicácia).

Também é importante que não haja, por parte do dialogador, projeção vibratória de desconfiança, dúvida, em relação ao comunicante, ou temor/ansiedade sobre o que deverá dizer, mas calma, tanto

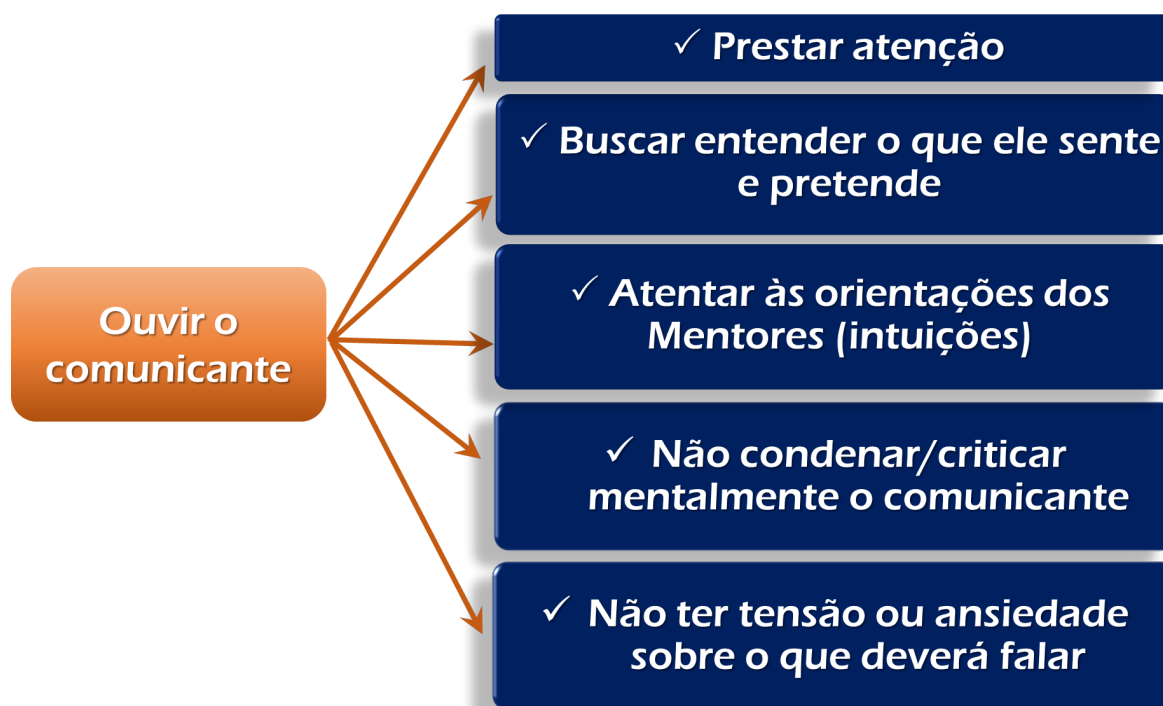
quanto devemos ter no diálogo com um encarnado que não conhecemos: a pessoa se aproxima para uma conversa, ouvimos o que ela tem a dizer, o motivo da sua aproximação, intercalamos a fala dela com nossas respostas ou perguntas, dentro de padrões de respeitabilidade, sem inconveniência.

Observações gerais para a escuta:

- Nos momentos iniciais, não falar em demasia: estimular/permitir que o Espírito fale.
- Manter *escuta ativa* (atenção ao que o Espírito verbaliza e ao que oculta, o que está nas entrelinhas das suas falas, eventuais incoerências, detalhes, alguma expressão/palavra falada que chame a atenção).
- Não manter pensamentos de desconfiança, dúvida, temor em relação ao comunicante.
- Não ter ansiedade sobre o que irá dizer, ouvir com tranquilidade.
- Manter a calma e serenidade para garantir a sintonia com os Mentores espirituais.

4. Diálogo com os Espíritos – recurso da palavra

Como OUVIR o comunicante:



A escuta visa a permitir ao dialogador compreender com que tipo de comunicante está falando, quais as suas características, a fim de permitir-lhe definir o que é preciso dizer a ele.



“Além da faculdade de escutar-se com os ouvidos, pode-se fazê-lo também com a mente, com a emoção, com interesse... com o coração... A arte de ouvir é muito complexa. (...) Quem narra um drama é gente que, como tal, deve ser considerada. Não é um caso a mais, um cliente, um necessitado, um pesadelo do qual se deve descartar...
Necessita de ajuda. Requer

atenção... uma palavra dita com o coração consegue o milagre de modificar-lhe a visão em torno do que lhe ocorre, encorajando-a para prosseguir no cometimento. Ouvir com o coração é também uma forma feliz de falar com o coração, mediante ou não o uso de palavras. É vibração de amor que se expande e que retorna em música de solidariedade... Aprende, tu, a ouvir com o coração, tudo quanto outros corações estejam procurando dizer-te.”

FRANCO, Divaldo P. Cap. 12 – Ouvir com o coração. **Diretrizes para o Êxito**. Pelo Espírito Joanna de Ângelis.

4. Diálogo com os Espíritos – recurso da palavra

Como OUVIR o comunicante:

Naturalmente que, se o Espírito alonga-se demasiadamente, não chegando a termo a sua fala, é possível que o dialogador, na primeira oportunidade em que seja possível interceptar-lhe a fala, proceda à interrupção de modo respeitoso, apresentando alguma ponderação/afirmativa ou pergunta que previna divagações do comunicante e/ou previna eventual intuito do Espírito de tomar o tempo da reunião.

4.2 Como identificar o tipo de comunicante

- **Identificar o nível evolutivo do comunicante:**

“Se a identidade absoluta dos Espíritos é, em muitos casos, uma questão acessória e sem importância, o mesmo já não se dá com a distinção a ser feita entre bons e maus Espíritos. **Pode ser-nos indiferente a individualidade deles; suas qualidades, nunca.** Em todas as comunicações instrutivas, é sobre este ponto, consequentemente, que se deve fixar a atenção, porque só ele nos pode dar a medida da

confiança que devemos ter no Espírito que se manifesta, seja qual for o nome sob que o faça. **É bom, ou mau, o Espírito que se comunica? Em que grau da escala espírita se encontra? Eis as questões capitais.**”
[destaques nossos]

KARDEC, Allan. 2ª Parte, Cap. XXIV – Da Identidade dos Espíritos, item 262. **O Livro dos Médiuns.**

“A questão da identidade dos Espíritos é uma das mais controvertidas... Esta, por isso mesmo, é, depois da obsessão, uma das maiores dificuldades do Espiritismo prático.”

KARDEC, Allan. 2ª Parte, Cap. XXIV – Da Identidade dos Espíritos, item 255. **O Livro dos Médiuns.**



4. Diálogo com os Espíritos – recurso da palavra

- **Identificar o nível evolutivo do comunicante:**

Não é preciso, no diálogo, identificar quem é o comunicante, ou seja, no sentido de saber qual é seu nome, se o conhecemos ou não; mas é imprescindível saber com que *perfil* de Espírito estamos dialogando (características, nível evolutivo, tendências, necessidades), a fim de definir que tipo de orientação/esclarecimento ele necessita que seja dado (14).

(14) Na tabela do item 4.3.8, serão indicadas algumas características com que se apresentam determinados perfis de comunicantes e a maneira de dialogar com eles.

(15) Tudo o que cause alguma impressão ou chame atenção, ainda que o dialogador não tenha clareza do porquê notou, deve ser cautelosamente analisado, para se decodificar o que se destacou/incomodou e trabalhar (pode ser algum preconceito do próprio dialogador, algo que precise trabalhar em si, pode ser algum alerta do Mentor do que deverá ser atentado para identificar a problemática do comunicante e melhor orientá-lo ou para identificar um mistificador, dentre outras razões a serem analisadas na situação prática).

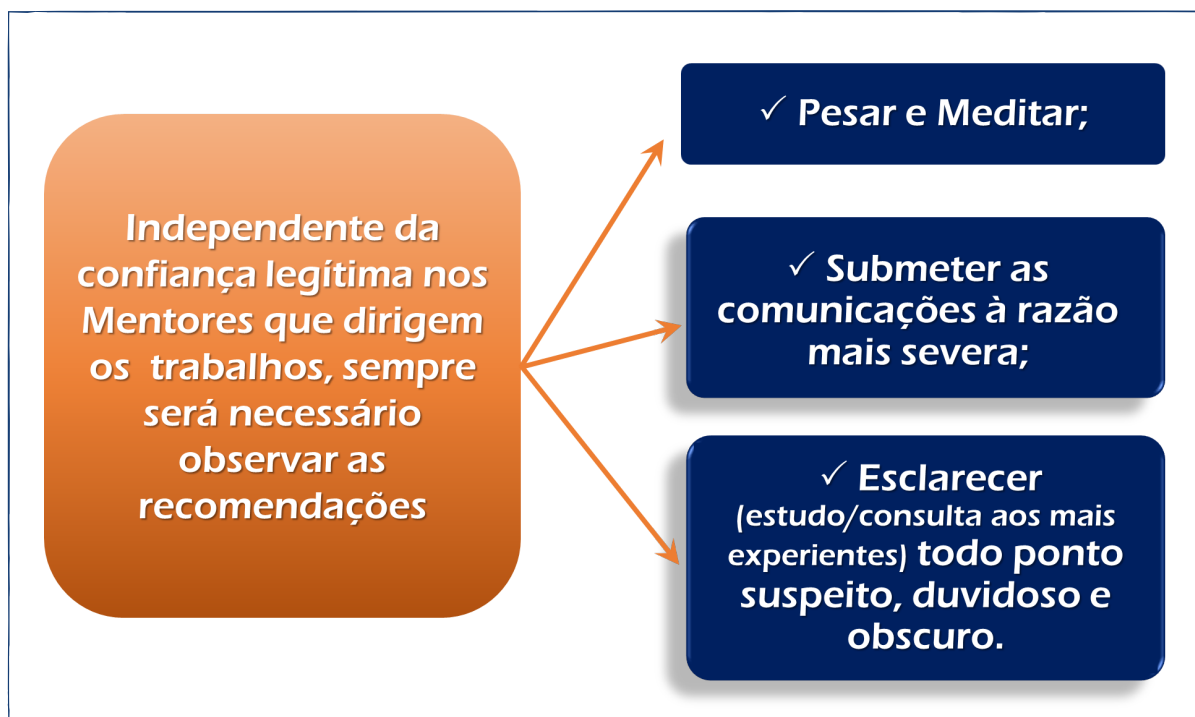
- **Como identificar o tipo de comunicante:**

- Prestar atenção ao que ele diz – permitir que ele fale e ouvi-lo (atentar ao que é verbalizado e ao que está nas entrelinhas). Ele pode dizer que sente ódio, mas na verdade está pedindo socorro, porque está em sofrimento, por exemplo.
- Ouvir com atenção, com empatia.
- Prestar atenção às expressões faciais, postura corporal do médium (ele pode inclusive demonstrar que o Espírito não é o que parece). Ex. ares de sarcasmo em disparidade com uma fala aparentemente superior podem revelar um mistificador.
- Atenção aos detalhes da fala (exame escrupuloso: atento, detalhado): contradições, palavras ou expressões que chamem a atenção. (15)
- Analisar cautelosamente a linguagem do Espírito (*forma* como fala e também o *conteúdo* do que diz).



4. Diálogo com os Espíritos – recurso da palavra

- **Identificar o nível evolutivo do comunicante:**



4. Diálogo com os Espíritos – recurso da palavra

- **Identificar o nível evolutivo do comunicante:**

“Pode estabelecer-se como regra invariável e sem exceção que – a linguagem dos Espíritos está sempre em relação com o grau de elevação a que já tenham chegado.

Os Espíritos realmente superiores não só dizem unicamente coisas boas, como também as dizem em termos isentos, de modo absoluto, de toda trivialidade. Por melhores que sejam essas coisas, se uma única expressão denotando baixeza as macula, isto constitui um sinal indubitável de inferioridade... A linguagem revela sempre a sua procedência, quer pelos pensamentos que exprime, quer pela forma, e, ainda mesmo que algum Espírito queira iludir-nos sobre a sua pretensa superioridade, bastará conversarmos algum tempo com ele para a apreciarmos. (...) Em se submetendo todas as comunicações a um exame escrupuloso, em se lhes perscrutando e analisando o pensamento e as expressões, como é de uso fazer-se quando se trata de julgar uma obra literária, rejeitando-se, *sem hesitação*, tudo o que peque contra a lógica e o bom-senso, tudo o que desminta o caráter do Espírito que se supõe ser o que se está manifestando, leva-se o desânimo aos Espíritos mentirosos, que acabam por se retirar, uma vez

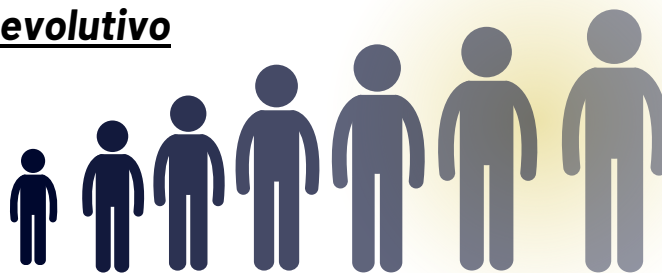
tenham bem convencidos de que não lograrão iludir. Repetimos: este meio é único, mas é infalível, porque não há comunicação má que resista a uma crítica rigorosa. Eis aqui o conselho que a tal respeito nos deu São Luís: ‘Qualquer que seja a confiança legítima que vos inspirem os Espíritos que presidem aos vossos trabalhos, uma recomendação há que nunca será demais repetir e que deveríeis ter presente sempre na vossa lembrança, quando vos entregais aos vossos estudos: é a de pesar e meditar, é a de submeter ao cadinho da razão mais severa todas as comunicações que receberdes; é a de não deixardes de pedir as explicações necessárias a formardes opinião segura, desde que um ponto vos pareça suspeito, duvidoso ou obscuro.’” [destaques do original]

KARDEC, Allan. 2ª Parte, Cap. XXIV – Da Identidade dos Espíritos, itens 263, 266. **O Livro dos Médiuns.**



4. Diálogo com os Espíritos – recurso da palavra

- **Identificar o nível evolutivo do comunicante:**



“Podem resumir-se nos princípios seguintes os meios de se reconhecer a qualidade dos Espíritos (...)

linguagem de que usam e pelas suas **ações**. Estas se traduzem pelos **sentimentos que eles inspiram e pelos conselhos que dão...** de um bom Espírito não pode provir o que tenda para o mal... Os Espíritos superiores ... linguagem digna, nobre, elevada, sem eiva de trivialidade... simplicidade e modéstia, **jamais se vangloriam...** Qualquer ofensa à lógica, à razão e à ponderação não pode deixar dúvida sobre a sua procedência, seja qual for o nome com que se ostente o Espírito. (...) Os Espíritos superiores se exprimem com simplicidade, sem prolixidade.

Têm o estilo conciso... claro, inteligível a todos, sem demandar esforço para ser compreendido. Têm a arte de dizer muitas coisas em poucas palavras, porque cada palavra é empregada com exatidão. Os Espíritos inferiores, ou falsos sábios, ocultam sob o empolamento, ou a ênfase, o vazio de suas ideias. Os bons Espíritos nunca ordenam; não se impõem, aconselham e, se não são escutados, retiram-se. Os maus são imperiosos; dão ordens, querem ser

obedecidos e não se afastam, haja o que houver. Os bons Espíritos não lisonjeiam; aprovam o bem feito, mas sempre com reserva. Os maus prodigalizam exagerados elogios, estimulam o orgulho e a vaidade, embora pregando a humildade, e procuram *exaltar a importância pessoal* daqueles a quem desejam captar... Os bons Espíritos são muito escrupulosos no tocante às atitudes que hajam de aconselhar... nunca deixam de objetivar um *fim sério e eminentemente útil...* Também se reconhecem os bons Espíritos pela prudente reserva que guardam sobre todos os assuntos que possam trazer comprometimento. Repugna-lhes desvendar o mal, enquanto que aos Espíritos levianos, ou malfazejos apraz pô-lo em evidência. (...) Não basta se interrogue um Espírito para conhecer-se a verdade. Precisamos, antes de tudo, saber a quem nos dirigimos... Também não basta que um Espírito tenha sido na Terra um grande homem, para que, no mundo espírita, se ache de posse da soberana ciência. Só a virtude pode, purificando-o, aproximá-lo de Deus e dilatar-lhe os conhecimentos.

4. Diálogo com os Espíritos – recurso da palavra

- **Identificar o nível evolutivo do comunicante:**

(...) 25º Estudando-se cuidadosamente o caráter dos Espíritos que se apresentam, sobretudo do ponto de vista moral, reconhecem-se-lhes a natureza e o grau de confiança que devem merecer. O bom-senso não poderia enganar.” [itálicos do original, demais destaques nossos]

KARDEC, Allan. 2ª Parte, Cap. XXIV – Da Identidade dos Espíritos, item 267. **O Livro dos Médiuns.**

“Para não ser enganado, basta que alguém esteja animado de boas intenções? E os homens sérios, que não mesclam de vã curiosidade seus estudos, também se acham sujeitos a serem enganados?”

‘Evidentemente, menos do que os outros; mas, **o homem tem sempre alguns pontos fracos que atraem os Espíritos zombeteiros.** Ele se julga forte e muitas vezes não o é. Deve, pois, desconfiar sempre da fraqueza que nasce do **orgulho** e dos **preconceitos**. Ninguém leva bastante em conta estas **duas**

— “ —
causas de queda, de que se aproveitam os Espíritos que, lisonjeando as manias, têm a certeza do bom êxito.’ (...)

‘Assim, pois, usai de muita circunspeção no acolher o que de mal possa um Espírito dizer de um de vós... e desconfiai também de vós mesmos e das vossas próprias prevenções...’

Pela facilidade com que os maus Espíritos se intrometem nas comunicações, parece legítimo concluir-se que nunca estaremos certos de ter a verdade?

‘Não é assim, pois que **tendes um juízo para as apreciar...** há sinais que não vos permitirão qualquer equívoco. O mesmo sucede com relação aos Espíritos. Figurai, pois, que é um amigo quem vos escreve, ou que ledes a obra de um escritor, e julgai pelos mesmos processos.’

‘Os bons Espíritos se interessam pelos que usam criteriosamente da faculdade de discernir e trabalham seriamente por melhorar-se. Dão a esses suas preferências e os secundam; pouco, porém, se incomodam com aqueles junto dos quais perdem o tempo em belas palavras...’

Não podem também os Espíritos

4. Diálogo com os Espíritos – recurso da palavra

- **Identificar o nível evolutivo do comunicante:**

enganadores contrafazer o pensamento?

‘Contrafazem o pensamento, como os cenógrafos contrafazem a Natureza.’

Parece assim fácil sempre descobrir-se a fraude por meio de um **estudo atento?**

‘Não o duvides. **Os Espíritos só enganam os que se deixam enganar. Mas, é preciso ter olhos de mercador de diamantes, para distinguir a pedra verdadeira da falsa. Ora, aquele que não sabe distinguir a pedra fina da falsa se dirige ao lapidário.**”
[destaques nossos]

KARDEC, Allan. 2ª Parte, Cap. XXIV – Da Identidade dos Espíritos, item 268, 15ª, 17ª, 18ª, 20ª, 24ª e 25ª questões. **O Livro dos Médiuns.**

“É incontestável que, submetendo ao cadinho da razão e da lógica todos os dados e todas as comunicações dos Espíritos, fácil será descobrir-se o absurdo e o erro. Pode um médium ser fascinado, como pode um grupo ser mistificado. Mas, a verificação severa dos outros grupos, o conhecimento adquirido e a alta autoridade moral dos diretores de grupos, as comunicações dos

principais médiuns, com um cunho de lógica e de autenticidade dos melhores Espíritos, farão justiça rapidamente a esses ditados mentirosos e astuciosos, emanados de uma turba de Espíritos enganadores e malignos.” *Erasto* (discípulo de São Paulo). [destaque nosso]

KARDEC, Allan. 2ª Parte, Cap. XXXI – Dissertações espíritas, XXVII. **O Livro dos Médiuns.**



Alertas do Codificador:

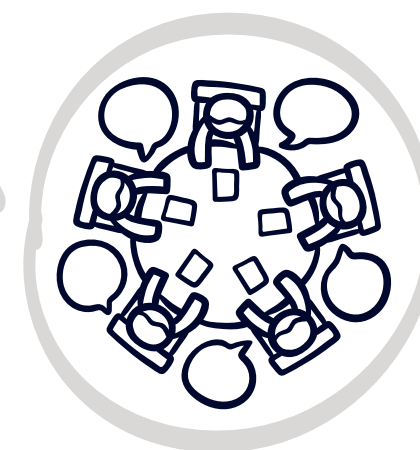
- Pesar e meditar tudo (exame escrupuloso: atento, detalhado).
- Uma única expressão indicando baixeza: sinal de inferioridade.
- Analisar que sentimentos inspiram, que conselhos dão.

4. Diálogo com os Espíritos – recurso da palavra

- **Identificar o nível evolutivo do comunicante:**

Alertas do Codificador (cont.):

- Rejeitar tudo o que seja contra a lógica e o bom-senso.
- Participar dos processos de unificação (Cursos de qualificação/formação inicial e continuada, reuniões e diálogos que permitam trocas de experiências e avaliação – buscar o auxílio de pessoas mais experientes e com maior conhecimento doutrinário no Centro Espírita e no Movimento Espírita).
- Caso o trabalhador mantenha estudo continuado, procure seu aperfeiçoamento moral e faça exame criterioso das comunicações, merecerá a assistência da equipe espiritual que também o auxiliará na avaliação e identificação do nível evolutivo do comunicante, suas necessidades e a melhor forma de conduzir o diálogo, visando a esclarecê-lo e auxiliá-lo.



4. Diálogo com os Espíritos – recurso da palavra

4.3 Como conduzir o diálogo – a fala do dialogador

“Perante os sofredores que nos buscam a orientação, a terapia da palavra deve revestir-se de emoção. Nem o pieguismo da aparência, nem a severidade agressiva; porém, uma participação honesta na problemática que aturde o comunicante, a fim de transmitir-lhe sentimento afável, recamado de experiências de ternura, com que ele compreenderá a necessidade de libertar-se do sofrimento... A postura do terapeuta espiritual é de emitir conceitos vazados na certeza da saúde e repassados com material da confiança, para que o aflito desperte e se integre numa nova formulação de pensamentos em favor da conduta posterior... Cada paciente espiritual é uma experiência nova. A cada um, uma linguagem própria, sem as fórmulas tradicionais, nem as verborreias exaustivas como inúteis. O terapeuta espiritual deve utilizar-se sempre do amor”.

FRANCO, Divaldo P. Cap. 20 – Palavra e emoção. **Suave luz nas sombras.** Pelo Espírito João Cléofas.

“O nosso trabalho, que objetiva o conforto moral dos desencarnados, deve revestir-se de características especiais. Não se trata de um debate verbal em que o enfermo necessite mudar de opinião e conduta a golpe do nosso verbo inflamado. Mais importante do que as palavras que lhes vamos dirigir é o nosso sentimento solidário, também são a compaixão para com a sua dor, a solidariedade em forma de vibração harmônica, para arrancá-lo da situação emocional em que se encontra. São as vibrações que partem do dialogador e dos participantes que, envolvendo o paciente, refrigeram-lhe a ardência do sofrimento, acalmando-o, para melhor refletir nas lições de misericórdia do Senhor Jesus.”

FRANCO, Divaldo P. Cap. 73 – Palavras e sentimentos. **Triunfo da Imortalidade.** Pelo Espírito João Cléofas.



4. Diálogo com os Espíritos – recurso da palavra

• **Condução do diálogo - A FALA do dialogador:**

“Torna-se imprescindível que o doutrinador ausculte a problemática da Entidade. Por exemplo: o médium está em estertor e não consegue dizer nada. O doutrinador aproxima-se e pergunta com delicadeza: – Qual é o seu problema ou dificuldade? Estamos aqui para lhe ser úteis. Você já percebeu porque foi trazido a este local? Qual a razão de encontrar-se tão inquieto? A Entidade retruca: – Eu estou com raiva. E o doutrinador: – Você já imaginou o quanto a raiva é prejudicial para a pessoa que a está sentindo?. – Pois eu odeio. – Mas, tudo nos ensina a amar. Procure superar esse sentimento destruidor.

O comunicante deve ser encaminhado ao autodescobrimento. Não adianta falar-lhe sobre pontos doutrinários, porque ele não se interessa. Vamos ilustrar:

Chega uma pessoa com dor de cabeça e aconselha-se: – Tome um analgésico, descanse, depois vamos conversar. Isto significa dar o remédio específico para o problema do paciente. No atendimento mediúnico o doutrinador deve ser breve, porque nas discussões infundáveis e nas doutrinações que não acabam nunca o mediano se desgasta excessivamente, e o que se



deve fazer é preservá-lo ao máximo. (...) Não há, pois, justificativa para a preocupação de dar-se muitos informes. É como dizer-se para uma criança o que ela não tem condição de assimilar. Não adianta falar muito. Tem-se que ser prático e objetivo; cuidar-se de falar num tom de voz que seja natural e coloquial... Às vezes, o doutrinador fala em demasia, e não deixa o Espírito expor o seu problema. Observa-se com frequência um hábito que deve ser eliminado: o médium apresenta os primeiros estertores – e isso depende da organização nervosa ou da constituição psicológica do sensitivo – e logo o doutrinador, aproximando-se, e sem ouvir o problema da Entidade, propõe: – Tenha calma, tenha calma... O Espírito, nem sequer disse uma palavra, e já foi tolhido de falar. Necessário deixar-se que a comunicação se dê, para o doutrinador sentir o problema do comunicante, a fim de encontrar a forma mais sensata de atendê-lo. Se o Espírito está gemendo, ouve-se dizer: – Venha com Deus ou venha na paz de Deus. Existe uma outra fórmula muito corriqueira, que se costuma usar: – Ore, pense em Deus.

4. Diálogo com os Espíritos – recurso da palavra

• Condução do diálogo - A FALA do dialogador:



São chavões que não levam a lugar nenhum. O doutrinador tem primeiro que ouvir as alegações da Entidade, para depois iniciar a argumentação específica, como se faz no relacionamento humano. Se alguém está chorando não se diz: – "Calma, calma, não chore, não chore...". Deixa-se a pessoa chorar um pouco, e depois pergunta-se: – "Qual é o problema? Por que está chorando tanto?"

Damos um outro exemplo: Aproxima-se de nós uma pessoa muito nervosa, e se quisermos atendê-la, dizemos: – Pois não... E mantemo-nos em silêncio até a outra extravasar os sentimentos. Depois é que a interrogamos. Interrogar na hora do desespero cria confusão e a irritação acontece, prejudicando o êxito do atendimento.

Portanto, poucas informações são um sinal de bom senso. Quando estamos com um problema, e se aproximam aquelas pessoas conselheiras, que falam muito, deixamo-las à parte e ficamos pensando no assunto que nos aflige. Assim acontece quando estamos lidando com os desencarnados. Em decorrência disso, o doutrinador deve fazer tudo para criar um diálogo, abstendo-se de qualquer

discussão. Na hipótese da Entidade recalcitrar na teimosia, deve-se-lhe dizer: – Você veio aqui em busca de ajuda, deixe-me ajudá-lo.

Tratando-se de Espíritos perturbadores que, por princípio, se deduz que sabem o estado em que se encontram, agindo, portanto, com intenção maléfica, o doutrinador usa outra técnica. Aliás, é bom alertar: a tática do obsessor é discutir para ganhar tempo e perturbar o ambiente. Enquanto está discutindo, irradia vibração desagradável que a todos irrita e provoca mal-estar, enfraquece-se o círculo vibratório e ele se torna senhor das mentes que emitem animosidade na sua direção.

Ao apresentar-se um Espírito obsessor, dizendo mais ou menos assim: – Eu vou matar, destruir, etc... - a resposta é a seguinte: – Só que você se equivocou na base. A sua vinda aqui não foi espontânea. Você veio trazido... E o diálogo prossegue: – Não. Eu vim porque quis. – Você sabe que não é assim. A evidência vai-lhe comprovar. Experimente retirar-se, para ver se vai conseguir o intento.

– Eu vou no momento em que quiser.
– Mas esse momento só acontecerá quando os Mentores Espirituais o permitirem. O doutrinador deve falar

4. Diálogo com os Espíritos – recurso da palavra

• Condução do diálogo - A FALA do dialogador:



com a Entidade, não com o objetivo de fazê-la abandonar os seus propósitos, mas porque ele sabe que, enquanto o Espírito estiver acoplado no médium está perdendo força psíquica negativa. Cada vez que um obsessor incorpora em um médium perde alta porcentagem de energia, que antes descarregava na sua vítima. Na tentativa de sensibilizá-lo, porque a vítima de hoje é sempre o grande algoz de ontem, pode-se-lhe dizer: – Muito bem; você tem ódio de alguém, e porque está maltratando o médium que não tem nada com o seu problema? Você veio aqui, porque sente ódio de nós, e daí? Vá então contra o nosso Chefe que nos colocou neste trabalho. Se você está a serviço de um ideal pessoal, nós estamos a serviço de uma causa comum que é a do Cristo. Então, se volte contra Ele. Você está imerso no mar da Misericórdia Divina... Isto para demonstrar-lhe que não nos assusta, nem tampouco nos intimida com as suas ameaças. Porém, não devemos esquecer que, logo mais, ele será uma companhia constante, a fim de verificar se agimos conforme doutrinamos. Nota-se que o número de obsidiados que se curam hoje, é bem menor do que nos primórdios. A razão disso, é porque o Espiritismo

em muitos corações tem tido o efeito de uma reunião social, de um clube em que a pessoa vai participar com certa unção mas, saindo dali acabou-se, não mais se interessa, tem a vida profana normal, é o homem social, comum, e por isso, os Espíritos que nos observam não acreditam em nossas palavras. Os vingativos não abandonam as vítimas que não demonstrem propósitos de melhorar-se intimamente, nem também levam em consideração as palavras destituídas do respaldo dos bons atos.

Desta forma, quando convivermos com os obsessores, a melhor técnica é não discutir com eles, porque são faladores e têm o objetivo de confundir; principalmente os inimigos do ideal superior, as Entidades 'religiosas', frias, cínicas, sofistas. A atitude do doutrinador deve ser sempre pacífica e gentil. Caso percebamos a intenção do Espírito em demorar-se além do necessário, digamos-lhe: – Agora, você pode ir-se. Já lhe atendemos conforme podíamos. Vamos aplicar-lhe uma medicação, - e utiliza-se da indução hipnótica.

Às vezes o Espírito reage, mas a medicação faz efeito, porque, quando tomamos esta postura, os

4. Diálogo com os Espíritos – recurso da palavra

• **Condução do diálogo - A FALA do dialogador:**

Mentores Espirituais aplicam-lhes sedativo indispensável para o tratamento específico – hipnose ou certos produtos de origem espiritual que os anestesiaram – e retiram-no. Esta é a técnica ideal.”

Proj. Manoel Philomeno de Miranda.
Questões 64 e 65. **Qualidade na Prática Mediúnica.**

“Esclarecer, em reunião de desobsessão, é clarear o raciocínio; é levar uma entidade desencarnada, através de uma série de reflexões, a entender determinado problema que ela traz consigo e que não consegue resolver; ou fazê-la compreender que as suas atitudes representam um problema para terceiros, com agravantes para ela mesma. É levá-la a modificar conceitos errôneos, distorcidos e cristalizados, por meio de uma lógica clara, concisa, com base na Doutrina Espírita e, sobretudo, permeada de amor. Essa é uma das mais belas tarefas na reunião de desobsessão e que requer muita prudência, discernimento e diplomacia. Que requer, principalmente, o ascendente moral daquele que fala sobre aquele que ouve, que está sendo atendido. Esse



ascendente moral faz com que as explicações dadas levem o cunho da serenidade, da energia equilibrada e da veracidade. No instante do esclarecimento... (...) o doutrinador será o polo centralizador desse conjunto de emoções positivas [de todos os participantes do grupo], estabelecendo-se uma corrente magnética que envolve o comunicante e que ajuda, concomitantemente, ao que esclarece. Este [dialogador], recebendo ainda o influxo amoroso do Mentor da reunião, terá condições de dirigir a conversação para o rumo mais acertado e que atinja o cerne da problemática que o Espírito apresenta. O esclarecimento não se faz mostrando erudição, conhecimentos filosóficos ou doutrinários. Também não há necessidade de dar uma aula sobre o que é o Espiritismo, nem de mostrar

4. Diálogo com os Espíritos – recurso da palavra

• **Condução do diálogo - A FALA do dialogador:**

o quanto os espíritas trabalham. Como não é o instante para criticar, censurar, acusar ou julgar. Esclarecer não é fazer sermão. Não surtirão bons resultados palavras revestidas de grande beleza, mas vazias, ocas, frias. Não atenderão às angústias e aflições daquele que sofre e muito menos abrandarão os revoltados e vingativos. (...) Para sentir aquilo que diz, é essencial ao doutrinador uma vivência que se enquadre nos princípios que procura transmitir. Assim, a sua vida diária deve ser pautada, o mais possível, dentro dos ensinamentos evangélicos e doutrinários. Inclusive, porque, os desencarnados que estão sendo atendidos, não raro, acompanham-lhe os passos para verificar o seu comportamento e se há veracidade em tudo o que fala e aconselha... Outro cuidado que o doutrinador deve ter durante o diálogo é o de dosar a verdade, para não prejudicar o Espírito que veio em busca de socorro e lenitivo, esclarecimentos, enfim, que lhe deem paz. A franqueza, em certos casos, pode ser destrutiva. A verdade pode ferir àquele que não está em condições de recebê-la. É o caso, por exemplo, de uma entidade que desconhece que deixou a Terra e

apresenta total despreparo para a morte. Este esclarecimento só deve ser transmitido depois de uma conversação que a prepare psicologicamente para a realidade... Há um outro ponto a se considerar a respeito dos que estão na tarefa de esclarecimento, nas sessões de desobsessão: é que estes não devem ser médiuns de incorporação, pois não teriam condições de acumular as duas funções, além de sofrerem de modo direto as influências dos obsessores, o que obviamente prejudicaria a tarefa de esclarecimento.”

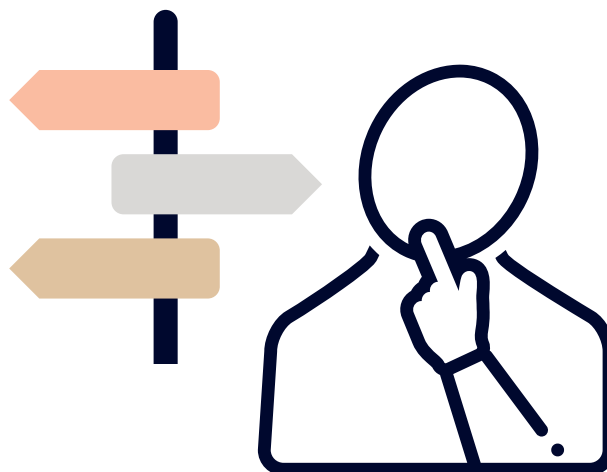
SCHUBERT, Suely C. Terceira Parte, Cap. 6 – O doutrinador. **Obsessão/desobsessão.**



4. Diálogo com os Espíritos – recurso da palavra

- **Condução do diálogo - A FALA do dialogador:**

4.3.1 Finalidade do Diálogo com os Espíritos



“994. O homem perverso, que não reconheceu suas faltas durante a vida, sempre as reconhece depois da morte?”

“Sempre as reconhece e, então, mais sofre, porque sente em si todo o mal que praticou, ou de que foi voluntariamente causa. Contudo, o arrependimento nem sempre é imediato. Há Espíritos que se obstinam em permanecer no mau caminho, não obstante os sofrimentos por que passam. Porém, cedo ou tarde, reconhecerão errada a senda que tomaram e o arrependimento virá. **Para esclarecê-los trabalham os bons Espíritos e também vós podeis trabalhar.**” [destaque nosso]

KARDEC, Allan. 4ª Parte, Cap. II – Das Penas e Gozos Futuros, q. 994. **O Livro dos Espíritos.**

1015. Que se deve entender por – uma alma a penar?

“Uma alma errante e sofredora, incerta de seu futuro e à qual podeis **proporcionar o alívio**, que muitas vezes solicita, vindo comunicar-se convosco.” (664)[destaque nosso]

KARDEC, Allan. 4ª Parte, Cap. II – Das Penas e Gozos Futuros, q. 1.015. **O Livro dos Espíritos.**

“As comunicações que se obtêm dos Espíritos muito elevados... são preciosas, pelos altos ensinamentos que encerram... Não se segue daí sejam inúteis as comunicações dos Espíritos de ordem menos elevada. Delas muita instrução colhe o observador... Mais facilmente nos pomos no lugar daquele que foi nosso igual, do que no de outro que apenas divisamos

4. Diálogo com os Espíritos – recurso da palavra

• Condução do diálogo - A FALA do dialogador:

através da miragem de uma glória celestial. Os Espíritos vulgares nos mostram a aplicação prática das grandes e sublimes verdades, cuja teoria os Espíritos superiores nos ministram... A evocação dos Espíritos vulgares tem, além disso, a vantagem de nos pôr em contato com Espíritos sofredores, que podemos aliviar e cujo adiantamento podemos facilitar, por meio de bons conselhos. Todos, pois, nos podemos tornar úteis, ao mesmo tempo que nos instruímos. Há egoísmo naquele que somente a sua própria satisfação procura nas manifestações dos Espíritos, e dá prova de orgulho aquele que deixa de estender a mão em socorro dos desgraçados. De que lhe serve obter belas (16) comunicações de Espíritos de escol, se isso não o faz melhor para consigo mesmo, nem mais caridoso e benévolo para com seus irmãos deste mundo e do outro? Que seria dos pobres doentes, se os médicos se recusassem a lhes tocar as chagas?”

KARDEC, Allan. Cap. XXV – Das Evocações, item 281. **O Livro dos Médiuns**.

(16) Nas traduções da obra O Livro dos Médiuns, no item 281 da obra a redação está: “De que lhe serve obter delas comunicações de Espíritos de escol”. Contudo, no original da obra (vide a Biblioteca Virtual Espírita da FEP - <http://www.bibliotecaespirita.com.br/visualizar.php?&idi=482>, p. 404 do PDF, que o correto é “A quoi lui sert d’obtenir de belles recommandations des Esprits d’elite...”, sendo a tradução do vocábulo sublinhado “belas” como indicado neste material pela Área da Mediunidade da FEP.

4.3.2 Por que é preciso um dialogador encarnado

“5ª Não se pode também combater a influência dos maus Espíritos, moralizando-os?

‘Sim, mas é o que não se faz e é o que não se deve descurar de fazer, porquanto, muitas vezes, isso constitui uma tarefa que vos é dada e que deveis desempenhar caridosa e religiosamente. **Por meio de sábios conselhos, é possível induzi-los ao arrependimento e apressar-lhes o progresso.**’

— Como pode um homem [encarnado] ter, a esse respeito, mais influência do que a têm os próprios Espíritos?

4. Diálogo com os Espíritos – recurso da palavra

- **Condução do diálogo - A FALA do dialogador:**



‘Os Espíritos perversos se aproximam antes dos homens que eles procuram atormentar, do que dos Espíritos, dos quais se afastam o mais possível.

Nessa aproximação dos humanos, quando encontram algum que os moralize, a princípio não o escutam e até se riem dele; depois, se aquele os sabe prender, acabam por se deixarem tocar. Os Espíritos elevados só em nome de Deus lhes podem falar e isto os apavora. **O**

homem [encarnado], indubitavelmente, não dispõe de mais poder do que os Espíritos superiores, porém, sua linguagem se identifica melhor com a natureza daqueles outros e, ao verem o

ascendente que o homem pode exercer sobre os Espíritos inferiores, melhor compreendem a solidariedade que existe entre o céu e a terra.

‘Demais, **o ascendente que o homem pode exercer sobre os Espíritos está na razão da sua superioridade moral.** Ele não domina os Espíritos superiores, nem mesmo os que, sem serem superiores, são bons e benevolentes, mas pode dominar os

que lhe são inferiores em moralidade.”
(Veja-se o nº 279.) [destaques nossos].

KARDEC, Allan. Cap. XXIII – Da Obsessão, item 254, 5ª questão. **O Livro dos Médiuns.**

“É correto um médium incorporado fazer o papel do doutrinador durante a reunião mediúnica?

É completamente dispensável e muitas vezes despropositado esse procedimento.

Os labores desenvolvidos durante as reuniões de caráter mediúnico, com a participação dos encarnados, são passíveis de ser realizados somente pelos Mentores desencarnados, que sabem retirar da natureza em torno as substâncias de que necessitam para o êxito da atividade.

Quando esses Mentores, em nome do Celeste Guia, que é Jesus, nos convidam, nos conclamam e nos admitem nesses serviços, não é

4. Diálogo com os Espíritos – recurso da palavra

• Condução do diálogo - A FALA do dialogador:

porque não o saibam ou não o possam fazer, porém, é para que nos possam oferecer oportunidade de cooperar na obra formidável de renovação psíquica do planeta, iniciando pelo socorro a nós mesmos... quando os desencarnados, Guias, querem se dirigir aos desencarnados sofredores ou turrões, sabem muito bem como fazê-lo nas regiões do Invisível, sem nenhum problema.

Seria estultícia supor que jamais um desencarnado comunicante pudesse a outro desencarnado se dirigir, durante uma dada sessão mediúnica, por variados motivos. O que se deve coibir, cuidadosa e doutrinariamente, é que se torne usual o fato de comunicantes desencarnados assumirem o papel dos doutrinadores encarnados, como quem retira destes o ensejo de serem úteis, de aprender e de crescer. Há que se considerar, ainda, que, do mesmo modo que há encarnados sem o mínimo tino, que adentram onde não foram convidados e que interferem em campos e áreas que não são de sua alçada, por mero espírito exibicionista, há desencarnados da mesma condição,

acatados sem discernimento, muitas vezes, pelo simples fato de serem Espíritos. Todo cuidado será pouco e muito bem-vindo nessa questão.”

TEIXEIRA, Raul. Questão 94.
Desafios da Mediunidade. Pelo Espírito Camilo.

4.3.3 Considerações gerais sobre o estado dos Espíritos no mundo espiritual

“155. Como se opera a separação da alma e do corpo?

‘Rotos os laços que a retinham, ela se desprende.’

a) – A separação se dá instantaneamente por brusca transição? Haverá alguma linha de demarcação nitidamente traçada entre a vida e a morte?

‘Não; a alma se desprende gradualmente, não se escapa como um pássaro cativo a que se

4. Diálogo com os Espíritos – recurso da palavra

• Condução do diálogo - A FALA do dialogador:



restitua subitamente a liberdade. Aqueles dois estados se tocam e confundem, de sorte que o Espírito se solta pouco a pouco dos laços que o prendiam. Estes laços se desatam, não se quebram.'

[Nota de Allan Kardec:] Durante a vida, o Espírito se acha preso ao corpo pelo seu envoltório semimaterial ou perispírito. A morte é a destruição do corpo somente, não a desse outro invólucro, que do corpo se separa quando cessa neste a vida orgânica. A observação demonstra que, no instante da morte, o desprendimento do perispírito não se completa subitamente; que, ao contrário, se opera gradualmente e com uma lentidão muito variável conforme os indivíduos. Em uns é bastante rápido, podendo dizer-se que o momento da morte é mais ou menos o da libertação. Em outros, naqueles sobretudo cuja vida foi toda material e sensual, o desprendimento é muito menos rápido, durando algumas vezes dias, semanas e até meses, o que não implica existir, no corpo, a menor vitalidade, nem a possibilidade de volver à vida, mas uma simples afinidade com o Espírito, afinidade que guarda sempre proporção com a

preponderância que, durante a vida, o Espírito deu à matéria. É, com efeito, racional conceber-se que, quanto mais o Espírito se haja identificado com a matéria, tanto mais penoso lhe seja separar-se dela; ao passo que a atividade intelectual e moral, a elevação dos pensamentos operam um começo de desprendimento, mesmo durante a vida do corpo, de modo que, em chegando a morte, ele é quase instantâneo. Tal o resultado dos estudos feitos em todos os indivíduos que se têm podido observar por ocasião da morte. Essas observações ainda provam que a afinidade, persistente entre a alma e o corpo, em certos indivíduos, é, às vezes, muito penosa, porquanto o Espírito pode experimentar o horror da decomposição. Este caso, porém, é excepcional e peculiar a certos gêneros de vida e a certos gêneros de morte. Verifica-se com alguns, suicidas."

KARDEC, Allan. Parte 2ª, Cap. III – Da Volta do Espírito, extinta a vida corpórea, à vida espiritual, questões 155, 155-a e nota. **O Livro dos Espíritos.**

4. Diálogo com os Espíritos – recurso da palavra

• Condução do diálogo - A FALA do dialogador:

“163. A alma tem consciência de si mesma imediatamente depois de deixar o corpo?

‘Imediatamente não é bem o termo. A alma passa algum tempo em estado de perturbação.’

164. A perturbação que se segue à separação da alma e do corpo é do mesmo grau e da mesma duração para todos os Espíritos?

‘Não; depende da elevação de cada um. Aquele que já está purificado, se reconhece quase imediatamente, pois que se libertou da matéria antes que cessasse a vida do corpo, enquanto que o homem carnal, aquele cuja consciência ainda não está pura, guarda por muito mais tempo a impressão da matéria.’...

[Nota de Allan Kardec:] Muito variável é o tempo que dura a perturbação que se segue à morte. Pode ser de algumas horas, como também de muitos meses e até de muitos anos. Aqueles que, desde quando ainda viviam na Terra, se identificaram com o estado futuro que os aguardava, são os em quem menos longa ela é, porque esses compreendem imediatamente a posição em que se encontram. Aquela perturbação apresenta

— “ —

circunstâncias especiais, de acordo com os caracteres dos indivíduos e, principalmente, com o gênero de morte. Nos casos de morte violenta, por suicídio, suplício, acidente, apoplexia, ferimentos, etc., o Espírito fica surpreendido, espantado e não acredita estar morto.

Obstinadamente sustenta que não o está. No entanto, vê o seu próprio corpo, reconhece que esse corpo é seu, mas não compreende que se ache separado dele. Acerca-se das pessoas a quem estima, fala-lhes e não percebe por que elas não o ouvem. Semelhante ilusão se prolonga até ao completo desprendimento do perispírito. Só então o Espírito se reconhece como tal e compreende que não pertence mais ao número dos vivos. Este fenômeno se explica facilmente. Surpreendido de improviso pela morte, o Espírito fica atordoado com a brusca mudança que nele se operou; considera ainda a morte como sinônimo de destruição, de aniquilamento.

Ora, porque pensa, vê, ouve, tem a sensação de não estar morto. Mais lhe aumenta a ilusão o fato de se ver com um corpo semelhante, na forma, ao precedente, mas cuja natureza etérea ainda não teve tempo de

4. Diálogo com os Espíritos – recurso da palavra

• **Condução do diálogo - A FALA do dialogador:**

estudar. Julga-o sólido e compacto como o primeiro e, quando se lhe chama a atenção para esse ponto, admira-se de não poder palpá-lo. Esse fenômeno é análogo ao que ocorre com alguns sonâmbulos inexperientes, que não creem dormir. É que têm o sono por sinônimo de suspensão das faculdades.

Ora, como pensam livremente e veem, julgam naturalmente que não dormem. Certos Espíritos revelam essa particularidade, se bem que a morte não lhes tenha sobrevindo inopinadamente.

Todavia, sempre mais generalizada se apresenta entre os que, embora doentes, não pensavam em morrer.

Observa-se então o singular espetáculo de um Espírito assistir ao seu próprio enterramento como se fora o de um estranho, falando desse ato como de coisa que lhe não diz respeito, até ao momento em que compreende a verdade...”.

KARDEC, Allan. Parte 2ª, Cap. III – Da Volta do Espírito, extinta a vida corpórea, à vida espiritual, questões 163, 164 e nota à 165. **O Livro dos Espíritos.**

“231. São felizes ou desgraçados os Espíritos errantes?

‘Mais ou menos, conforme seus méritos. Sofrem por efeito das paixões cuja essência conservaram, ou são felizes, de conformidade com o grau de desmaterialização a que hajam chegado...”

KARDEC, Allan. Parte 2ª, Cap. VI – Da Vida Espírita, item 231. **O Livro dos Espíritos.**

“377. Depois da morte, o Espírito do alienado se ressentido do desarranjo de suas faculdades?

‘Pode ressentir-se, durante algum tempo após a morte, até que se desligue completamente da matéria, como o homem que desperta se ressentido, por algum tempo, da perturbação em que o lançara o sono.’

378. De que modo a alteração do cérebro reage sobre o Espírito depois da morte?

4. Diálogo com os Espíritos – recurso da palavra

• Condução do diálogo - A FALA do dialogador:

‘Como uma recordação. Um peso oprime o Espírito e, como ele não teve a compreensão de tudo o que se passou durante a sua loucura, sempre se faz mister um certo tempo, a fim de se pôr ao corrente de tudo. Por isso é que, quanto mais durar a loucura no curso da vida terrena, tanto mais lhe durará a incerteza, o constrangimento, depois da morte. Liberto do corpo, o Espírito se ressent, por certo tempo, da impressão dos laços que àquele o prendiam.’ (...)

381. Por morte da criança, readquire o Espírito, imediatamente, o seu precedente vigor?

“Assim tem que ser, pois que se vê desembaraçado de seu invólucro corporal. Entretanto, não readquire a anterior lucidez, senão quando se tenha completamente separado daquele envoltório, isto é, quando mais nenhum laço exista entre ele e o corpo.”

KARDEC, Allan. Parte 2ª, Cap. VII – Da Volta do Espírito à vida corporal, questões 377, 378 e 381. **O Livro dos Espíritos.**

“957. Quais, em geral, com relação ao estado do Espírito, as consequências do suicídio?

‘Muito diversas são as consequências do suicídio. Não há penas determinadas e, em todos os casos, correspondem sempre às causas que o produziram. Há, porém, uma consequência a que o suicida não pode escapar; é o desapontamento. Mas, a sorte não é a mesma para todos; depende das circunstâncias. Alguns expiam a falta imediatamente, outros em nova existência, que será pior do que aquela cujo curso interromperam.’

[Nota de Allan Kardec:] A observação, realmente, mostra que os efeitos do suicídio não são idênticos. Alguns há, porém, comuns a todos os casos de morte violenta e que são a consequência da interrupção brusca da vida. Há, primeiro, a persistência mais prolongada e tenaz do laço que une o Espírito ao corpo, por estar quase sempre esse laço na plenitude da sua força no momento em que é partido, ao passo que, no caso de morte natural, ele se enfraquece gradualmente e muitas vezes se

4. Diálogo com os Espíritos – recurso da palavra

- **Condução do diálogo - A FALA do dialogador:**



desfaz antes que a vida se haja extinguido completamente. As consequências deste estado de coisas são o prolongamento da perturbação espiritual, seguindo-se à ilusão em que, durante mais ou menos tempo, o Espírito se conserva de que ainda pertence ao número dos vivos. (155 e 165)

A afinidade que permanece entre o Espírito e o corpo produz, nalguns suicidas, uma espécie de repercussão do estado do corpo no Espírito, que, assim, a seu mau grado, sente os efeitos da decomposição, donde lhe resulta uma sensação cheia de angústias e de horror, estado esse que também pode durar pelo tempo que devia durar a vida que sofreu interrupção. Não é geral este efeito; mas, em caso algum, o suicida fica isento das consequências da sua falta de coragem e, cedo ou tarde, expia, de um modo ou de outro, a culpa em que incorreu. Assim é que certos Espíritos, que foram muito desgraçados na Terra, disseram ter-se suicidado na existência precedente e submetido voluntariamente a novas provas, para tentarem suportá-las com mais resignação. Em alguns, verifica-se

uma espécie de ligação à matéria, de que inutilmente procuram desembaraçar-se, a fim de voarem para mundos melhores, cujo acesso, porém, se lhes conserva interdito. A maior parte deles sofre o pesar de haver feito uma coisa inútil, pois que só decepções encontram. A religião, a moral, todas as filosofias condenam o suicídio como contrário às leis da Natureza. Todas nos dizem, em princípio, que ninguém tem o direito de abreviar voluntariamente a vida. Entretanto, por que não se tem esse direito? Por que não é livre o homem de pôr termo aos seus sofrimentos? Ao Espiritismo estava reservado demonstrar, pelo exemplo dos que sucumbiram, que o suicídio não é uma falta, somente por constituir infração de uma lei moral, consideração de pouco peso para certos indivíduos, mas também um ato estúpido, pois que nada ganha quem o pratica, antes o contrário é o que se dá, como no-lo ensinam, não a teoria, porém os fatos que ele nos põe sob as vistas.”

KARDEC, Allan. Parte 4ª, Cap. I – Das Penas e Gozos Terrestres, questão 957. **O Livro dos Espíritos.**

4. Diálogo com os Espíritos – recurso da palavra

• Condução do diálogo - A FALA do dialogador:

“997. Veem-se Espíritos, de notória inferioridade, acessíveis aos bons sentimentos e sensíveis às preces que por eles se fazem. Como se explica que outros Espíritos, que devêramos supor mais esclarecidos, revelem um endurecimento e um cinismo, dos quais coisa alguma consegue triunfar?

‘A prece só tem efeito sobre o Espírito que se arrepende. Com relação aos que, impelidos pelo orgulho, se revoltam contra Deus e persistem nos seus desvarios, chegando mesmo a exagerá-los, como o fazem alguns desgraçados Espíritos, a prece nada pode e nada poderá, senão no dia em que um clarão de arrependimento se produza neles.’ (664)

Não se deve perder de vista que o Espírito não se transforma subitamente, após a morte do corpo. Se viveu vida condenável, é porque era imperfeito. Ora, a morte não o torna imediatamente perfeito. Pode, pois, persistir em seus erros, em suas falsas opiniões, em seus preconceitos, até que se haja esclarecido pelo estudo, pela reflexão e pelo sofrimento.

KARDEC, Allan. Parte 4ª, Cap. II – Das Penas e Gozos Futuros, questão 997. **O Livro dos Espíritos.**

“A punição mais imediata, sobretudo entre os que se acham ligados à vida material em detrimento do progresso espiritual, faz-se sentir pela lentidão do desprendimento da alma; nas angústias que acompanham a morte e o despertar na outra vida, na conseqüente perturbação que pode dilatar-se por meses e anos... Um fenômeno mui frequente entre os Espíritos de certa inferioridade moral é o acreditarem-se ainda vivos, podendo esta ilusão prolongar-se por muitos anos, durante os quais eles experimentarão todas as necessidades, todos os tormentos e perplexidades da vida. Para o criminoso, a presença incessante das vítimas e das circunstâncias do crime é um suplício cruel. Espíritos há mergulhados em densa treva; outros se encontram em absoluto insulamento no Espaço, atormentados pela ignorância da própria posição, como da sorte que os aguarda. Os mais culpados padecem torturas muito mais pungentes por não lhes entreverem um termo.”

KARDEC, Allan. 1ª Parte, Cap. VII – As penas futuras segundo o Espiritismo, Código penal da vida futura, 22º a 25º artigo. **O Céu e o Inferno.**

4. Diálogo com os Espíritos – recurso da palavra

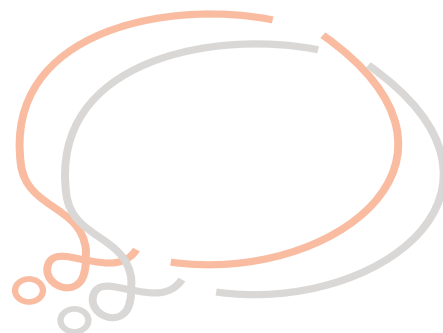
• Condução do diálogo - A FALA do dialogador:



“Os Espíritos atuam sobre os fluidos espirituais, não manipulando-os como os homens manipulam os gases, mas empregando o pensamento e a vontade. Para os Espíritos, o pensamento e a vontade são o que é a mão para o homem... Algumas vezes, essas transformações resultam de uma intenção; doutras, são produto de um pensamento inconsciente... É assim, por exemplo, que um Espírito se faz visível a um encarnado que possua a vista psíquica, sob as aparências que tinha quando vivo na época em que o segundo o conheceu, embora haja ele tido, depois dessa época, muitas encarnações. Apresenta-se com o vestuário, os sinais exteriores – enfermidades, cicatrizes, membros amputados, etc. – que tinha então. Um decapitado se apresentará sem a cabeça. Não quer isso dizer que haja conservado essas aparências, certo que não, porquanto, como Espírito, ele não é coxo, nem maneta, nem zanolho, nem decapitado; o que se dá é que, retrocedendo o seu pensamento à época em que tinha tais defeitos, seu perispírito lhes toma instantaneamente as aparências, que deixam de existir logo que o mesmo pensamento cessa de agir naquele sentido. Se, pois, de uma vez ele foi negro e branco de

outra, apresentar-se-á como branco ou negro, conforme a encarnação a que se refira a sua evocação e à que se transporte o seu pensamento. Por análogo efeito, o pensamento do Espírito cria fluidicamente os objetos que ele esteja habituado a usar. Um avaro manuseará ouro, um militar trará suas armas e seu uniforme, um fumante o seu cachimbo, um lavrador a sua charrua e seus bois, uma mulher velha a sua roca. Para o Espírito, que é, também ele, fluídico, esses objetos fluídicos são tão reais, como o eram, no estado material, para o homem vivo; mas, pela razão de serem criações do pensamento, a existência deles é tão fugitiva quanto a deste.” [itálico do original]

KARDEC, Allan. Cap. XIV - Os fluidos, item 14. **A Gênese.**



4. Diálogo com os Espíritos – recurso da palavra

• Condução do diálogo - A FALA do dialogador:

“O que uns chamam *perispírito* não é senão o que outros chamam envoltório material fluídico. Direi, de modo mais lógico, para me fazer compreendido, que esse fluido é a perfectibilidade dos sentidos, a extensão da vista e das ideias. Falo aqui dos Espíritos elevados. Quanto aos **Espíritos inferiores, os fluidos terrestres ainda lhes são de todo inerentes**; logo, são, como vedes, matéria. Daí os sofrimentos da fome, do frio, etc., sofrimentos que os Espíritos superiores não podem experimentar...” [itálico do original, negrito nosso]

KARDEC, Allan. Parte 1ª, Cap. IV – Dos Sistemas, item 51 (Mensagem de *Lamennais*). **O Livro dos Médiuns**.

“Observemo-los atentamente, no instante em que acabem de deixar a vida; acham-se em estado de perturbação; tudo se lhes apresenta confuso, em torno; veem perfeito ou mutilado, conforme o gênero da morte, o corpo que tiveram; por outro lado se reconhecem e sentem vivos; alguma coisa lhes diz que

aquele corpo lhes pertence e não compreendem como podem estar separados dele. Continuam a ver-se sob a forma que tinham antes de morrer e esta visão, nalguns, produz, durante certo tempo, singular ilusão: a de se crerem ainda vivos. Falta-lhes a experiência do novo estado em que se encontram, para se convencerem da realidade. Passado esse primeiro momento de perturbação, o corpo se lhes torna uma veste imprestável de que se despiram e de que não guardam saudades. Sentem-se mais leves e como que aliviados de um fardo. Não mais experimentam as dores físicas e se consideram felizes por poderem elevar-se, transpor o espaço, como tantas vezes o fizeram em sonho, quando vivos. Entretanto, malgrado à falta do corpo, comprovam suas personalidades; têm uma forma, mas que os não importuna nem os embaraça; têm, finalmente, a consciência de seu *eu* e de sua individualidade.” [itálico do original]

KARDEC, Allan. Parte 2ª, Cap. I – Da Ação dos Espíritos sobre a Matéria, item 53. **O Livro dos Médiuns**.

4. Diálogo com os Espíritos – recurso da palavra

• Condução do diálogo - A FALA do dialogador:

“Em tudo isto uma coisa ainda se dá, que difícil vos será compreender: é que alguns Espíritos tão pouco adiantados se encontram e, em comparação com os Espíritos elevados, tão materiais se conservam, que guardam as ilusões da vida terrena e julgam obrar como quando tinham o corpo de carne.”

KARDEC, Allan. Parte 2ª, Cap. IV – Da Teoria das Manifestações Físicas, item 74, XXIV. **O Livro dos Médiuns.**

“35ª Como pode o Espírito de uma criança, que morreu em tenra idade, responder com conhecimento de causa, se, quando viva, ainda não tinha consciência de si mesma?

‘A alma da criança é um *Espírito ainda envolto nas faixas da matéria*; porém, desprendido desta, goza de suas faculdades de Espírito, porquanto os Espíritos não têm idade, o que prova que o da criança já viveu. Entretanto, até que se ache completamente desligado da matéria, pode conservar, na linguagem, traços do caráter da criança.’



Nota. A influência corpórea, que se faz sentir, por mais ou menos tempo, sobre o Espírito da criança, igualmente é notada, às vezes, no Espírito dos que morreram em estado de loucura. O Espírito, em si mesmo, não é louco; sabe-se, porém, que certos Espíritos julgam, durante algum tempo, que ainda pertencem a este mundo. Não é, pois, de admirar que, no louco, o Espírito ainda se ressinta dos entraves que, durante a vida, se opunham à livre manifestação de seus pensamentos, até que se encontre completamente desprendido da matéria. Este efeito varia, conforme as causas da loucura, porquanto há loucos que, logo depois da morte, recobram toda a sua lucidez.” [itálicos do original]

KARDEC, Allan. 2ª Parte, Cap. XXV – Das Evocações, item 282, 35ª questão. **O Livro dos Médiuns.**

4. Diálogo com os Espíritos – recurso da palavra

- **Condução do diálogo - A FALA do dialogador:**

4.3.4 Possibilidade de a comunicação não ser desejada pelo comunicante

“9ª Pode o Espírito evocado negar-se a atender ao chamado que lhe é dirigido?”

‘Perfeitamente; onde estaria o seu livre-arbítrio, se assim não fosse?’

Pensais que todos os seres do Universo estão às vossas ordens?

Vós mesmos vos considerais obrigados a responder a todos os que vos pronunciam os nomes? Quando digo que o Espírito pode recusar-se, refiro-me ao pedido do evocador, visto que um Espírito inferior pode ser constrangido a vir, por um Espírito superior.’ (...)

21ª Alguma diferença há entre os bons e os maus Espíritos, pelo que toca à solicitude com que atendam ao nosso chamado?

‘Uma bem grande há: os maus Espíritos não vêm de boa vontade, senão quando contam dominar e enganar; experimentam viva contrariedade, quando forçados a vir, para confessarem suas faltas, e outra coisa não procuram senão ir-se embora, como um colegial a quem se chama para repreendê-lo. Podem a



isso ser constrangidos por Espíritos superiores, como castigo e para instrução dos encarnados...”

KARDEC, Allan. 2ª Parte, Cap. XXV – Das Evocações, item 282, 9ª e 21ª questões. **O Livro dos Médiuns.**



4. Diálogo com os Espíritos – recurso da palavra

- **Condução do diálogo - A FALA do dialogador:**

4.3.5 Considerações sobre a formulação de perguntas

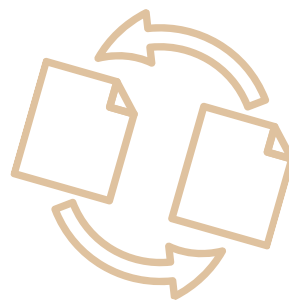
“Nunca será excessiva a importância que se dê à maneira de formular as perguntas e, ainda mais, à natureza das perguntas.

Duas coisas se devem considerar nas que se dirigem aos Espíritos: a forma e o fundo. Pelo que toca à forma, devem ser redigidas com clareza e precisão, evitando as questões complexas.

Mas, outro ponto há não menos importante: a ordem que deve presidir à disposição das perguntas.

Quando um assunto reclama uma série delas, é essencial que se encadeiem com método... (...) O fundo da questão exige atenção ainda mais séria, porquanto é, muitas vezes, a natureza da pergunta que provoca uma resposta exata ou falsa.

Algumas há a que os Espíritos não podem ou não devem responder, por motivos que desconhecemos. Será, pois, inútil insistir. Porém, o que sobretudo se deve evitar são as perguntas feitas com o fim de lhes por à prova a perspicácia. (...) respondem mais ou menos bem, conforme os conhecimentos que possuem, o interesse que nos têm, a afeição que nos dedicam e,



finalmente, o fim a que nos propomos e a utilidade que vejamos no que lhes pedimos.” [destaques nossos]

KARDEC, 2ª Parte, Cap. XXVI – Das perguntas que se podem fazer aos Espíritos, item 286. **O Livro dos Médiuns.**



“288. PERGUNTAS SIMPÁTICAS OU ANTIPÁTICAS AOS ESPÍRITOS

1ª Os Espíritos respondem de boa vontade às perguntas que lhes são dirigidas?

‘Conforme as perguntas. Os Espíritos sérios sempre respondem com prazer às que têm por objetivo o bem e os meios de progredirdes. Não atendem às fúteis.’

4. Diálogo com os Espíritos – recurso da palavra

• Condução do diálogo - A FALA do dialogador:



2ª Basta que uma pergunta seja séria para obter uma resposta séria?
'Não; isso depende do Espírito que responde.'

a) Mas, uma pergunta séria não afasta os Espíritos levianos?

'Não é a pergunta que afasta os Espíritos levianos, é o caráter daquele que a formula.' (...)

5ª Quando os Espíritos não respondem a certas perguntas, será por que o não queiram, ou por que uma força superior se opõe a certas revelações?

'Por ambas essas causas. Há coisas que não podem ser reveladas e outras que o próprio Espírito não conhece.'

a) Insistindo-se fortemente, o Espírito acabaria respondendo?

'Não; o Espírito que não quer responder tem sempre a facilidade de se ir embora. Por isso é que se torna necessário espereis, quando se vos diz que o façais, e, sobretudo, não vos obstineis em querer forçar-nos a responder. Insistir, para obter uma resposta que se não quer dar, é um meio certo de ser enganado.'

6ª Todos os Espíritos são aptos a compreender as questões que se lhes proponham?

'Muito ao contrário: os Espíritos inferiores são incapazes de compreender certas questões, o que não impede respondam bem ou mal, como sucede entre vós mesmos.'

Nota. Nalguns casos e quando seja conveniente, sucede com frequência que um Espírito esclarecido vem em auxílio do Espírito ignorante e lhe sopra o que deva dizer. Isso se reconhece facilmente pelo contraste de certas respostas e além do mais, porque o próprio Espírito quase sempre o diz. O fato, entretanto, só ocorre com os Espíritos ignorantes, mas de boa-fé; nunca com os que fazem alarde de falso saber. (...)

KARDEC, Allan. 2ª Parte, Cap. XXVI
– Das Perguntas que se Podem Fazer aos Espíritos, item 288, 2ª, 2ª-a, 5ª, 5ª-a e 6ª questões. **O Livro dos Médiuns.**



4. Diálogo com os Espíritos – recurso da palavra

- **Condução do diálogo - A FALA do dialogador:**

292. SOBRE A SORTE DOS ESPÍRITOS

21ª Podem pedir-se aos Espíritos esclarecimentos sobre a situação em que se encontram no mundo espiritual?

‘Sim, e eles os dão de boa vontade, quando é a simpatia que dita o pedido, ou o desejo de lhes ser útil, e não a simples curiosidade.’

22ª Podem os Espíritos descrever a natureza de seus sofrimentos ou da felicidade de que gozam?

‘Perfeitamente e as revelações desta espécie são um grande ensinamento para vós outros, porquanto vos iniciam no conhecimento da verdadeira natureza das penas e das recompensas futuras. Destruindo as falsas ideias que hajais formado a tal respeito, elas tendem a reanimar a vossa fé e a vossa confiança na bondade de Deus. Os bons Espíritos se sentem felizes em vos descreverem a felicidade dos eleitos; os maus podem ser constrangidos a descrever seus sofrimentos, a fim de que o arrependimento os ganhe. Nisso encontram eles, às vezes, até uma espécie de alívio: é o desgraçado que se lamenta, na esperança de obter compaixão.



Não esqueçais que o fim essencial, exclusivo, do Espiritismo é a vossa melhora e que, para o alcançardes, é que os Espíritos têm a permissão de vos iniciarem na vida futura, oferecendo-vos dela exemplos de que podeis aproveitar. Quanto mais vos identificardes com o mundo que vos espera, tanto menos saudosos vos sentireis desse onde agora estais. Eis, em suma, o fim atual da revelação.’ [destaques do original]

KARDEC, Allan. 2ª Parte, Cap. XXVI
– Das Perguntas que se Podem Fazer aos Espíritos, item 292, 21ª e 22ª questões. **O Livro dos Médiuns.**



4. Diálogo com os Espíritos – recurso da palavra

- **Condução do diálogo - A FALA do dialogador:**



4.3.6 Forma de abordagem dos Espíritos e condução da fala/diálogo

“Duas categorias há bem distintas de Espíritos perversos: a dos que são francamente maus e a dos hipócritas. Infinitamente mais fácil é reconduzir ao bem os primeiros do que os segundos. Aqueles, as mais das vezes, são naturezas brutas e grosseiras, como se nota entre os homens; praticam o mal mais por instinto do que por cálculo e não procuram passar por melhores do que são... Os Espíritos hipócritas quase sempre são muito inteligentes, mas nenhuma fibra sensível possuem no coração; nada os toca; simulam todos os bons sentimentos para captar a confiança, e felizes se sentem quando encontram tolos que os aceitam como santos Espíritos, pois que possível se lhes torna governá-los à vontade. O nome de Deus, longe de lhes inspirar o menor temor, serve-lhes de máscara para encobrirem suas torpezas. No mundo invisível, como no mundo visível, os hipócritas são os seres mais perigosos, porque atuam na sombra,

sem que ninguém disso desconfie; têm apenas as aparências da fé, mas fé sincera, jamais.”

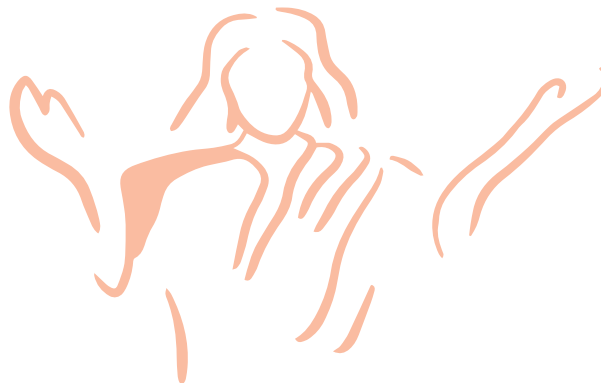
KARDEC, Allan. Cap. XXVIII - Coletânea de preces espíritas, item 75 – Pelos Espíritos endurecidos. **O Evangelho segundo o Espiritismo.**

“270. (...) Nas perguntas que se lhes façam, devem **evitar-se as fórmulas secas e imperativas**, que constituiriam para ele um motivo de afastamento. **As fórmulas devem ser afetuosas, ou respeitosas, conforme o Espírito**, e, em todos os casos, cumpre que o evocador lhes dê prova da sua **benevolência**. (...)”

273...que se recusem a fazer qualquer pergunta ociosa, ou que saia do âmbito das que racionalmente se podem dirigir aos espíritos

4. Diálogo com os Espíritos – recurso da palavra

- **Condução do diálogo - A FALA do dialogador:**



As perguntas devem ser formuladas com clareza, precisão e sem ideia preconcebida, em se querendo respostas categóricas. Cumpre, pois, se repilam todas as que tenham caráter insidioso, porquanto é sabido que os Espíritos não gostam das que têm por objetivo pô-los à prova. Insistir em questões desta natureza é querer ser enganado. **O evocador deve ferir franca e abertamente o ponto visado, sem subterfúgios e sem circunlóquios.** Se receia explicar-se, melhor será que se abstenha. (...)

279. Ninguém exerce ascendentes sobre os Espíritos inferiores, senão pela superioridade moral.

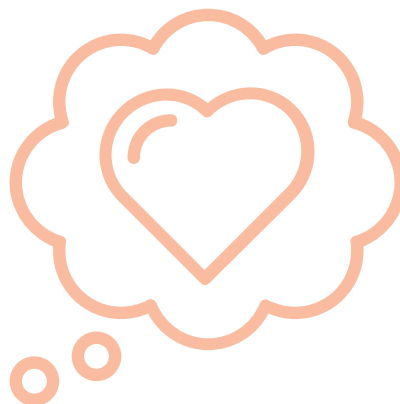
Os Espíritos perversos sentem que os **homens de bem os dominam**. Contra quem só lhes oponha a energia da vontade, espécie de força bruta, eles lutam e muitas vezes são os mais fortes. A alguém que procurava domar um Espírito rebelde, unicamente pela ação da sua

vontade, respondeu àquele: *Deixa-me em paz, com teus ares de matamouros, que não vales mais do que eu; dir-se-ia um ladrão a pregar moral a outro ladrão...* O nome de Deus só tem influência sobre os Espíritos imperfeitos, quando proferido por quem possa, pelas suas virtudes, servir-se dele com autoridade. Pronunciado por quem nenhuma superioridade moral tenha, com relação ao Espírito, é uma palavra como qualquer outra. O mesmo se dá com as coisas santas com que se procure dominá-los. A mais terrível das armas se torna inofensiva em mãos inábeis a se servirem dela, ou incapazes de manejá-la.

280. O grau de superioridade ou inferioridade dos Espíritos indica naturalmente em que tom convém se lhes fale. É evidente que, quanto mais elevados eles sejam, tanto mais direito têm ao nosso respeito, às nossas atenções e à nossa

4. Diálogo com os Espíritos – recurso da palavra

- **Condução do diálogo - A FALA do dialogador:**



submissão... deferência... o nosso respeito tem que ser motivado pela superioridade moral de que desfrutam... Não é com palavras que se lhes pode captar a benevolência, mas pela **sinceridade dos sentimentos**. Seria, pois, ridículo estarmos a dar-lhes os títulos que os nossos usos consagram... Se são realmente superiores, não somente nenhuma importância dão a esses títulos, como até lhes desagradam que os empreguemos. Um bom pensamento lhes é mais agradável do que os mais elogiosos epítetos; se assim não fosse, eles não estariam acima da Humanidade... Quanto aos Espíritos inferiores, o caráter que revelam nos traça a linguagem de que devemos usar para com eles. Há os que, embora inofensivos e até delicados, são levianos, ignorantes, estouvados. Dar-lhes tratamento igual ao que dispensamos aos Espíritos sérios, como o fazem certas pessoas, o mesmo fora que nos inclinarmos diante de um colegial, ou diante de

um asno que trouxesse barrete de doutor. O tom de familiaridade não seria descabido entre eles, que por isso não se formalizam; ao contrário, acolhem-no de muito boa vontade.

Entre os Espíritos inferiores, muitos há que são **infelizes**. Quaisquer que sejam as faltas que estejam expiando, seus sofrimentos constituem títulos tanto maiores à nossa **comiseração**, quanto é certo que ninguém pode lisonjear-se de lhe não caberem estas palavras do Cristo: 'Atire a primeira pedra aquele que estiver sem pecado.' A **benignidade** que lhe testemunhemos representa para eles um alívio. Em falta de simpatia, precisam encontrar em nós a **indulgência** que desejaríamos tivessem conosco...

Os **Espíritos** que revelam a sua inferioridade pelo **cinismo da linguagem, pelas mentiras, pela baixaza dos sentimentos, pela perfídia dos conselhos**, são, indubitavelmente, menos dignos do

4. Diálogo com os Espíritos – recurso da palavra

- **Condução do diálogo - A FALA do dialogador:**

nosso interesse, do que aqueles
cujas palavras atestam o seu
arrependimento; mas, pelo menos,
devemo-lhes a piedade que nos
inspiram os maiores criminosos e o
meio de os reconduzirmos ao silêncio
consiste em nos mostrarmos
superiores a eles, que não confiam
senão nas pessoas de quem julgam
nada terem que temer, porquanto os
Espíritos perversos sentem que os
homens de bem, como os Espíritos
elevados, são seus superiores.

Em resumo, tão irreverente seria
tratarmos de igual para igual os
Espíritos superiores, quanto ridículo
seria dispensarmos a todos, sem
exceção, a mesma deferência.
Tenhamos veneração para os que a
merecem, reconhecimento para os
que nos protegem e nos assistem e,
para todos os demais, a benignidade
de que talvez um dia venhamos a
necessitar. Penetrando no mundo
incorpóreo, aprendemos a conhecê-
lo e esse conhecimento nos deve
guiar em nossas relações com os que
o habitam.” [itálico do original,
demais destaques nossos]

KARDEC, Allan. Cap. XXV – Das
Evocações, itens 270, 273, 279 e
280. **O Livro dos Médiuns.**



4. Diálogo com os Espíritos – recurso da palavra



• **LINHAS GERAIS DO DIÁLOGO ESTABELECIDAS PELO CODIFICADOR (em O Livro dos Médiuns, item 280)**

- Com Espíritos superiores - tom, sentimento e pensamentos de submissão, deferência, profundo respeito (após se certificar de que é realmente superior e não mistificador).
- Com Espíritos inferiores - identificar qual tipo de inferior é (sofredor, obsessor, sarcástico, renitente, etc.) e falar conforme o perfil:
 - Inofensivos/levianos/ignorantes/estouvados (não são eminentemente maus, mas não estão conscientes e nem comprometidos com o próprio progresso): acolhem de muito boa vontade o tom de familiaridade - falar de modo claro, simples, “de igual para igual”, com o respeito que devemos a qualquer pessoa.
 - Infelizes/sofredores (expiam faltas, sofrem no mundo espiritual): sentir comiseração, empatia (não julgar/criticar); a benignidade representa-lhes um alívio; buscar simpatia e, se não for possível, indulgência que gostaríamos de receber se estivéssemos no lugar dele.
 - Cínicos/mentirosos/com sentimentos baixos/enganadores: não perder tempo com longos debates; ter sentimento de piedade (cautela para não sentir raiva/não entrar no jogo ‘dele’). Meio de contê-los: estar vibratoriamente em condição superior (somente alcançada pelo esforço de reforma íntima e vivência espírita).

4. Diálogo com os Espíritos – recurso da palavra

- **LINHAS GERAIS DO DIÁLOGO ESTABELECIDAS PELO CODIFICADOR (em O Livro dos Médiuns, item 280)**

Nota-se que o Codificador estabeleceu linhas gerais de perfis de Espíritos comunicantes.

Podem-se citar como exemplos possíveis de Espíritos comunicantes, os descritos em *O Livro dos Espíritos*, item 100 e seguintes, assim como em *O Céu e o Inferno* e, ainda, algumas especificações de características apresentadas na literatura espírita complementar como, por exemplo, Espíritos que: desconhecem a própria situação (não perceberam a morte física); que não conseguem falar; suicidas; alcoólatras e toxicômanos; levianos/zombeteiros (que desejam tomar o tempo da reunião); irônicos; mistificadores; inimigos do Espiritismo; sofredores; religiosos; materialistas; intelectuais; com perturbações sexuais; magnetizadores e hipnotizadores; psicopáticos, dentre outros.



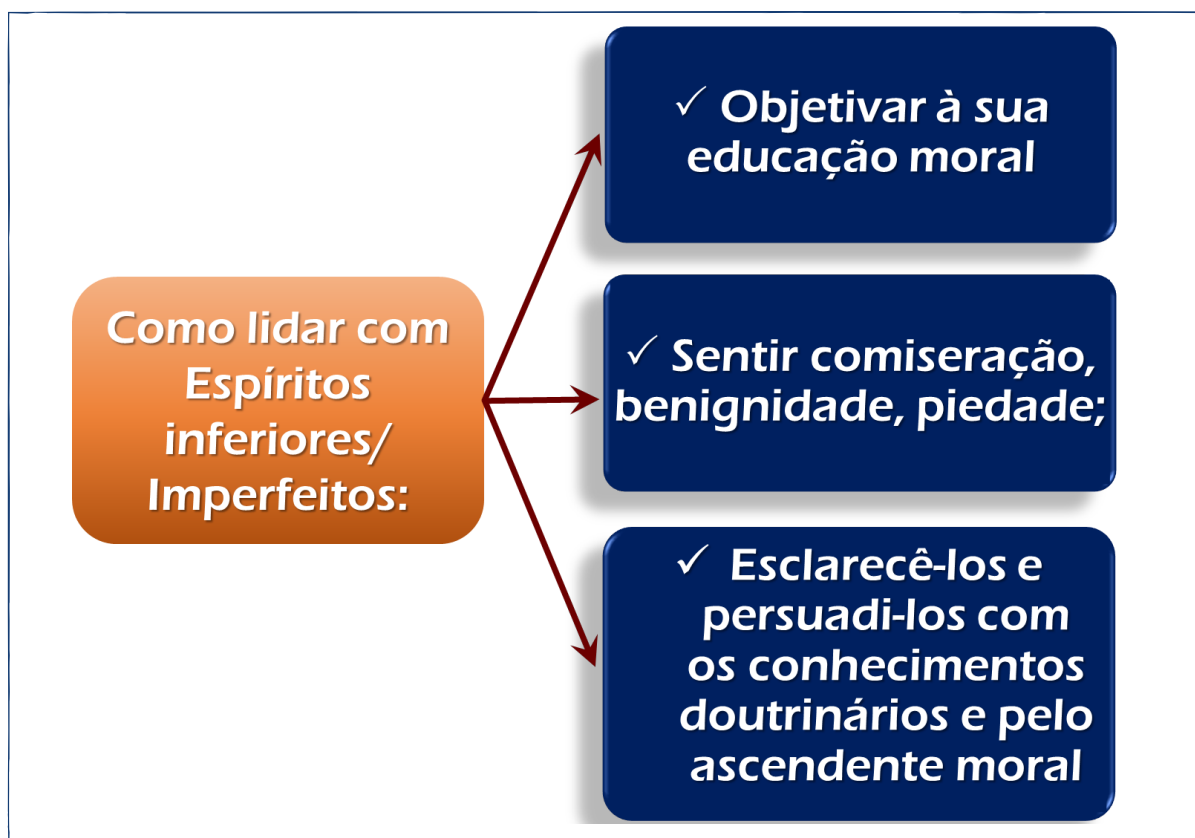
Não se pretende fazer uma proposição taxativa, estanque, reducionista e/ou simplista, nem rotular/estereotipar os comunicantes, e tampouco propor fórmulas “mágicas”/salvacionistas ou engessadas, mas apenas o estabelecimento de parâmetros gerais de posturas e considerações a serem feitas, conforme as características predominantes, o perfil dos Espíritos:

“A classificação dos Espíritos se baseia no grau de adiantamento deles, nas qualidades que já adquiriram e nas imperfeições de que ainda terão de despojar-se. Esta classificação, aliás, nada tem de absoluta. (...) pode acontecer que muitos reúnam em si os caracteres de várias categorias, o que seus atos e linguagem tornam possível apreciar-se.”

KARDEC, Allan. Parte 2ª, Cap. I – Dos Espíritos, item 100. **O Livro dos Espíritos.**

4. Diálogo com os Espíritos – recurso da palavra

- **LINHAS GERAIS DO DIÁLOGO ESTABELECIDAS PELO CODIFICADOR (em O Livro dos Médiuns, item 280)**



4. Diálogo com os Espíritos – recurso da palavra

• Condução do diálogo - A FALA do dialogador:



Naturalmente, um dialogador que mantenha profundos e refletidos estudos doutrinários, assim como empenho na vivência espírita, receberá intuições dos Mentores sobre a melhor forma de condução do diálogo, conforme cada situação.

Diretrizes gerais para a fala do dialogador:

- Falar em tom natural, audível, de modo claro.
- Falar de maneira respeitosa, clara, objetiva, impregnada de sentimentos elevados (respeito, compaixão, fraternidade).
- Usar linguagem simples, embora respeitosa e escoreita, com uso de vocábulos corretos e compreensíveis, sem rebuscamento (não querer falar empolado, rebuscado, belos discursos, 'falar bonito').
- Preferencialmente, não usar vocábulos específicos do

Espiritismo (ex. perispírito, desencarnação: possivelmente o comunicante não seja espírita e não conhece/não compreende vocábulos específicos da Doutrina).

- Focar o problema/necessidade do comunicante, de forma objetiva, sem discursos muito abrangentes, delongados ou evasivos.
- Não sobrecarregar o comunicante com perguntas desnecessárias (que não contribuam para a compreensão do estado do Espírito e identificação da orientação a ser apresentada).
- Não ter intuito de convencer/converter/dobrar o comunicante, mas esclarecê-lo e auxiliá-lo em seu progresso.
- Não entrar em debates secundários ou intimidar-se com ameaças ou acusações, nem tomar para si os desafios

4. Diálogo com os Espíritos – recurso da palavra

• **Condução do diálogo - A FALA do dialogador:**

Diretrizes gerais para a fala do dialogador (cont.):

lançados pelo irmão espiritual (não se melindrar, nem entrar em debate, tampouco querer justificar-se ou ter o último argumento), mas direcionar a reflexão para que seja focado o problema do atendido, conduzindo-o à reflexão, com lógica e de forma pacífica, amorosa.

- Basear-se no Evangelho e na Doutrina Espírita, apresentando argumentos lógicos, concatenando raciocínios, de modo a auxiliar o comunicante a se sentir motivado e comprometer-se com o próprio aperfeiçoamento.
- Ao falar, nutrir sentimento de empatia, fraternidade, amor ao próximo, a fim de que a palavra falada tenha vibração superior que sensibilize o comunicante.
- Mesmo que o comunicante tente agredir, intimidar, provocar, manter discurso sereno (fruto de ascendente moral). Se necessário, usar firmeza, mas nunca



agressividade, nem violência, tampouco rudeza, que poderão ser ocasionadas por despreparo ou insegurança que requeiram mais investimentos em estudo (preparação para a tarefa) e mesmo a assistência de dialogador mais experiente na tarefa para auxiliar na sua preparação.

- Identificado o perfil do comunicante, conduzir o diálogo da maneira cabível ao atendimento de sua problemática ou necessidade.
- Buscar manter o pensamento e sentimento elevados, para manter sintonia com os Mentores espirituais e captar suas inspirações/intuições sobre a melhor forma de conduzir o diálogo, de modo que as ideias sobre o que dizer fluam com naturalidade.

4. Diálogo com os Espíritos – recurso da palavra

- **Condução do diálogo - A FALA do dialogador:**

4.3.7 Desafios durante o diálogo:

Caso o dialogador constate ou presuma que esteja havendo interferências da equipe encarnada (17) ou mesmo interferência espiritual inferior, por exemplo, ao notar pensamentos invasivos, dificuldade de assimilação de intuições dos Mentores, atribulação mental (18) que não seja decorrência de desafio, impedimento ou eventual negligência dele próprio, poderá solicitar à equipe a elevação do padrão mental, indicando que confiemos nos Mentores para que direcionem as melhores soluções dos atendimentos em andamento.

Se a equipe estiver bem entrosada, compreenderá que está sendo alertada para não interferir diretamente no diálogo, mas desempenhar seu papel conforme condizente com a sua função de apoio, na forma descrita no Ciclo de Reflexões sobre a Prática Mediúnica Espírita (19), item 3.4.2 De que maneira a equipe de apoio pode/deve colaborar durante a atividade mediúnica espírita (Postura da equipe de apoio durante a atividade



(17) Vide o material do Ciclo de Reflexões sobre a Prática Mediúnica Espírita, item (interferências da equipe de apoio – páginas 163-165). Disponível em: <http://www.feparana.com.br/topico/?topico=3333>

(18) Esse fato pode ocorrer não apenas por interferências da equipe encarnada, como também por outras razões, como interferências espirituais inferiores, atribulação mental do próprio dialogador – se não fez as rotinas diárias de silenciamento, prece, leituras edificantes e reflexão ao longo da semana, situações-problema, dificuldades que o estejam aturdindo no momento, dentre outras causas eventuais. Cabe-lhe, então, uma avaliação e autoavaliação percuciente e honesta para identificar as causas dos desafios e buscar os mecanismos de prevenção e solução, a depender da causa.

(19) Disponível em: <http://www.feparana.com.br/topico/?topico=3333>



4. Diálogo com os Espíritos – recurso da palavra

- **Condução do diálogo - A FALA do dialogador:**

4.3.7 Desafios durante o diálogo:

mediúnica espírita).

Igualmente, caso, durante a fase de comunicações, perdure longo silêncio e não haja comunicações sucessivas, de modo encadeado, é relevante que o dialogador solicite à equipe de apoio a elevação do padrão mental e aos médiuns para que possam apassivar-se, confiando-se ao amparo da equipe espiritual.



Se os médiuns estão com dificuldade de iniciar a comunicação, especialmente se ainda são iniciantes no labor, não se deve pressioná-los, para que não se sintam constrangidos e ansiosos, mas encorajá-los com acolhimento,



respeitando suas individualidades.

Outro possível desafio durante a fase de comunicações são exacerbações dos médiuns na transmissão da comunicação, ocasião em que o dialogador pode atuar tanto em relação ao comunicante, dizendo-lhe que ali é um ambiente monitorado, de respeito e solicitando que se contenha (ex. não grite, controle-se) ou, se necessário, atuar em relação ao médium, solicitando contenção e autocontrole.

De toda forma, é de se ressaltar que toda fala deve ser feita com tato psicológico, acolhimento e respeito, durante o diálogo, em que a condução é atribuição do dialogador, e, durante a fase de encerramento da reunião, no momento da avaliação, competirá ao dirigente da reunião mediúnica a abordagem e eventuais providências de suporte e orientação à equipe.

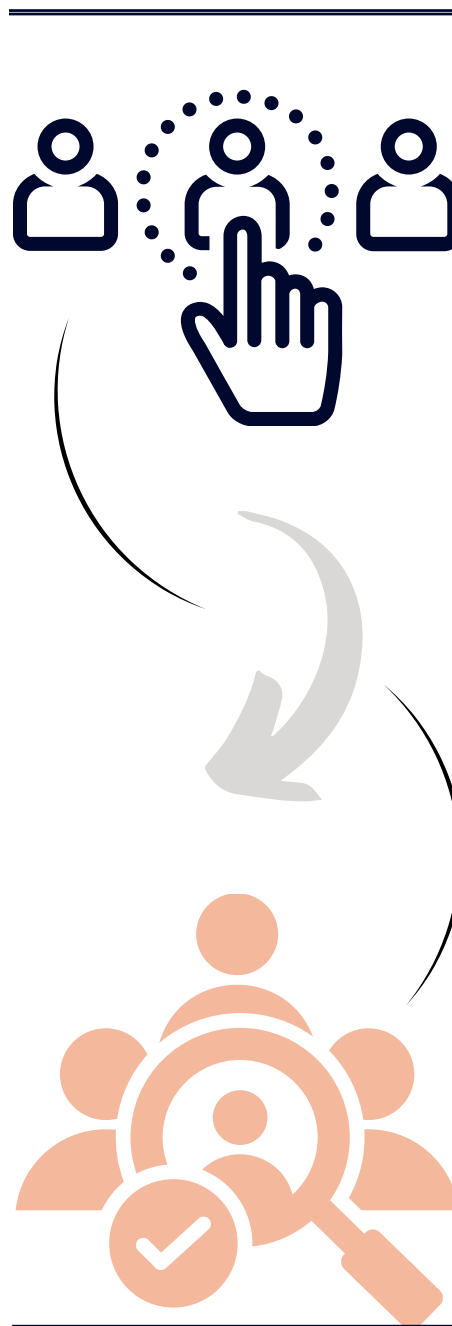
4. Diálogo com os Espíritos – recurso da palavra

- **Condução do diálogo - A FALA do dialogador:**

4.3.7 Desafios durante o diálogo:

Em reuniões mediúnicas sérias, há triagem pelos Mentores dos Espíritos que a equipe possui condições de atender e que podem ser levados para o intercâmbio naquela equipe, assim como os benfeitores fazem encaminhamento da ordem das comunicações, de que médium será intermediário de cada comunicante, amparando a equipe durante todo o andamento do trabalho.

Naturalmente, compete à equipe encarnada observar os critérios para admissão de seus integrantes e requisitos de organização da tarefa, para manterem a sintonia com os Mentores espirituais.



4. Diálogo com os Espíritos – recurso da palavra

- **Condução do diálogo - A FALA do dialogador:**

4.3.7 Desafios durante o diálogo:

“48. As comunicações são programadas de antemão pelos Instrutores espirituais? Sempre, mesmo quando alguns Espíritos dizem que não. Interessante ressaltar que as barreiras magnéticas existentes impedem a entrada no recinto da reunião de Entidades não programadas, isto no caso de uma prática mediúnica séria, com assistência disciplinada. Quando essas Entidades acham que romperam a proteção magnética é porque, na verdade, foi facilitado o seu ingresso no local do intercâmbio espiritual.

Vamos admitir que uma pessoa seja invigilante e atraia o seu desafeto: a entrada deste é vetada, embora o indivíduo possa estabelecer uma vinculação com esse Espírito odioso, de ordem puramente psíquica e à distância. O médium atormentado poderá ensejá-la por meio de telementalização, o que dá margem a alguém, inadvertidamente, achar que as defesas magnéticas da reunião foram insuficientes para impedir tal ocorrência.”

Proj. Manoel Philomeno de Miranda.
Questão 48. **Qualidade na Prática Mediúnica.**



4. Diálogo com os Espíritos – recurso da palavra

4.3.8 PERFIL DE COMUNICANTE – CARACTERÍSTICAS GERAIS – FORMA DE CONDUZIR O DIÁLOGO – EXEMPLOS



O quadro-síntese a seguir embasa-se na Codificação espírita, bem como em demais obras da literatura espírita complementar, a exemplo de *Diálogo com as sombras*, de Hermínio C. Miranda e *Obsessão/desobsessão* de Suely Caldas Schubert.

É de se ressaltar, contudo, que o ser humano, encarnado ou desencarnado, possui um complexo de características que não permite categorizá-lo de forma estanque ou simplista neste ou naquele perfil, sob pena de reducionismo.

De toda forma, há características predominantes, que ressaltam um perfil psicológico de determinado caráter, embora também seja possível que diversas características se destaquem (como, por exemplo, um Espírito que seja irônico e também queira tomar o tempo da reunião; um Espírito sensualista que tenha também outras características, dentre outros).

Assim, ao se propor didaticamente o quadro seguinte, não se pretende categorizar de forma

estrita e fechada, com engessamento e, menos ainda, estigmatizar.

Tampouco se visa à completude, a uma abordagem exauriente, mas apenas se pretende a apresentação *exemplificativa* de perfis psicológicos e posturas de comunicantes que podem se apresentar nas reuniões mediúnicas espíritas, bem como a sugestão de propostas de possíveis abordagens, sem cunho absoluto, mas apenas a título sugestivo, consoante o perfil, as características predominantes da entidade espiritual comunicante.

Não obstante, as situações concretas podem apresentar variantes e especificidades que requeiram abordagens diversas das ora propostas; assim como demandem combinações de ações, consoante as nuances do caso prático em atendimento, de forma que a tabela seguinte não pode ser considerada como um roteiro prático absoluto, que deva necessariamente ser seguido, mas apenas uma proposta de trabalho a ser aplicada quando pertinente.

4. Diálogo com os Espíritos – recurso da palavra

PERFIL DE COMUNICANTE – CARACTERÍSTICAS GERAIS – FORMA DE CONDUZIR O DIÁLOGO – EXEMPLOS

É de se ressaltar que as definições sobre a maneira de conduzir o diálogo, o que dizer, a necessidade ou não de uso de recursos complementares à palavra, descritos em item seguinte, além de serem resultantes do estudo e experiência de vida do dialogador, são inspiradas pelos Mentores ao dialogador, que as recebe na forma de intuição clara, embora o dialogador não seja e não deva ser médium ostensivo.

Assim, o dialogador deve pautar-se por tais intuições claras, que funcionam de forma muito eficiente quando o dialogador se empenhe no estudo e na vivência espírita, que lhe assegurem a sintonia com o Mentor da atividade mediúnica, somente adotando uma condução neste ou naquele sentido, desta ou de outra forma, se estiver seguro do caminho a seguir.



4. Diálogo com os Espíritos – recurso da palavra

PERFIL DE COMUNICANTE	CARACTERÍSTICAS GERAIS	FORMA DE CONDUZIR O DIÁLOGO
<p>Espíritos que não podem/não conseguem falar (São comuns)</p>	<p>Não conseguem falar:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Por problemas mentais. - Por sentimento de ódio. - Por doenças que tinham e cujas impressões persistem após a morte (ex. mudez – nesse caso, indicam por gestos). - Porque querem esconder algo. - Em função de estarem em estado de zoantropia (situação menos comum – vide as orientações para o perfil de comunicante ‘Espíritos com Deformações e necessidades materiais’). <p>Outros, embora consigam, apenas não querem falar por variados motivos (não querer revelar algo, por estar indisposto/indisponível, para conversar, etc.),</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Não insistir que falem, nem forçar com perguntas. - Perceber os sentimentos que trazem. - Dizer palavras de reconforto, aguardando resposta espontânea. Se não vier, pode reforçar: ‘Estamos a seu dispor’ ou ‘Estamos aqui para ouvi-lo, vamos conversar um pouco’, ‘Como se sente, deseja algo de nós?’. <p>Se for caso de mudez e for percebido que ele está em condições de compreender a morte física, esclarecer que a deficiência era do corpo, que já pode superar, confiando em Jesus, com fé (avaliar, conforme o caso, se será necessário usar recurso complementar de prece e passe – vide o item 5 deste material). Não necessariamente é preciso dizer que já morreu e não tem mais as dificuldades do corpo; caso ele não esteja em condição de receber essa informação, pode-se simplesmente indicar que já está sendo atendido, que, aos poucos, ele vai notar que os bloqueios vão se desvanecer e ele vai restaurar a capacidade de se comunicar. Pode-se, por exemplo, indicar: ‘Com esse atendimento que está recebendo, você conseguirá superar a limitação’. [aguardar a atuação dos Mentores ou utilizar recursos complementares se houver intuição clara nesse sentido. A seguir, sendo o caso, pode-se complementar:] ‘Veja agora, como está.’, ou se a intuição indicar que o Espírito ainda não conseguiu se liberar das fixações, pode-se dar outro encaminhamento como: ‘fique tranquilo, você continuará a ser atendido e tudo vai ficar bem/se encaminhar’ e direcionar para o encerramento.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Dadas as orientações que julgar intuitivamente úteis, o dialogador pode encerrar o diálogo, mesmo que breve, considerando-se que, no caso, o grande contributo poderá ser o próprio choque anímico. <p>Nesse caso, se o Espírito insistentemente não aderir ao diálogo, a abordagem do dialogador poderá ser breve, visto que o choque anímico será o recurso mais eficiente para o caso.</p>

4. Diálogo com os Espíritos – recurso da palavra

PERFIL DE COMUNICANTE	CARACTERÍSTICAS GERAIS	FORMA DE CONDUZIR O DIÁLOGO
<p>Espíritos que desconhecem a própria situação</p>	<p>Não se deram conta da morte física, podem se sentir ligados a locais ou atividades que faziam, alguns referem que estão em casa e no trabalho e ninguém os ouve, nem fala com eles, que são ignorados e desrespeitados.</p> <p>Podem referir necessidades materiais (fome, frio), enfermidades (feridas abertas, ossos fraturados, dores físicas).</p> <p>Por outro lado, podem se apresentar como se tudo estivesse bem, o que não é verdade, senão não teriam sido levados pelos Mentores para o intercâmbio mediúnico.</p>	<p>Alguns não têm condição de ser informados da morte, estão despreparados para a verdade, que deve ser dosada, com tato. Não falar em demasia e nem dizer de pronto que já estão desencarnados, isso pode mais aturdi-los.</p> <p>Estimular a confiança em Deus. Refletir que a vida se processa em vários estágios.</p> <p>Se indicam dores físicas e houver inspiração para isso, podem ser referidos os médicos e enfermeiros presentes, que já o estão atendendo, que vão administrar-lhe medicação e logo ele se sentirá melhor.</p> <p>Alguns começam a se dar conta das mudanças e, se há ensejo para referir a ocorrência do passamento, com cautela (não dizer: 'você já morreu', mas referir de forma indireta, as mudanças pelas quais passamos, reflexões genéricas sobre o tema imortalidade, até ele próprio concluir que já morreu. Essas referências são feitas apenas se ele sinaliza já estar com condições de receber essa notícia, ou quando se refere que está vendo alguém que conhece, mas essa pessoa já morreu, por exemplo. Ocasão em que se pode referir: 'veja só, a morte não existe, não é mesmo? Você não está falando com ele? A morte chega para todos nós, é um fenômeno da vida, continuamos a ser nós mesmos, não precisamos nos aturdir, alguns passam pela experiência da morte e nem se dão conta'. Então, ele poderá questionar: '- Mas eu também já morri? - Você não, pois é um Espírito imortal, apenas seu corpo, mas a vida continua, etc.'</p> <p>Quando se dão conta de que já morreram, alguns podem se aturdir, apresentar muitas preocupações com familiares que ficaram, ocasião em que se deve acalmá-los, indicando que Deus é o Pai criador e que nenhuma criatura fica privada da sua assistência.</p>

4. Diálogo com os Espíritos – recurso da palavra

<p>Espíritos que desconhecem a própria situação (cont.)</p>		<p>Mesmo que peçam que conversemos com seus familiares, a atividade mediúnica espírita não serve para tal finalidade; por isso, pode-se simplesmente dizer que, futuramente, se Deus o permitir, será dado ensejo para que ele próprio possa conversar com os entes (por exemplo, durante o sono dos encarnados) e que esses seguem amparados, não havendo urgência de comunicados.</p> <p>Quando demonstram fixações como um local muito gelado, estar preso a ferragens de carro, estar queimando ou se afogando ou outras necessidades, como sede e fome, a estratégia é mudar seu foco, tirá-lo da fixação mental. Pode-se indicar que ele já não está mais naquela condição, mas já está sendo assistido, recebendo ajuda, que essas impressões desagradáveis vão se diluir aos poucos, em breve, que mantenha a confiança em Deus.</p> <p>Aos que se apresentem como se estivesse tudo bem, o diálogo pode ser conduzido no sentido de seu despertar, conforme as inspirações que ocorram: como perguntar se ele notou como chegou ali, se vinha bem antes, com a saúde, por exemplo, buscando um ponto de referência (a partir de intuições dos Mentores) para que a entidade caia em si.</p> <p>Alguns, por convicções religiosas, poderão iniciar a fala indicando muita sonolência, referindo que estavam dormindo, questionando se já chegou o juízo final. É importante não violentar consciências, não criticar convicções, mas buscar ampliar sua percepção, a partir de suas próprias referências, por exemplo, dizendo 'é verdade, sempre chega o momento do juízo final, aquele momento de exame de nossa própria consciência, de avaliação das ações que adotamos, e de planejamento futuro da vida imortal de todos nós...'</p>
---	--	--

4. Diálogo com os Espíritos – recurso da palavra

PERFIL DE COMUNICANTE	CARACTERÍSTICAS GERAIS	FORMA DE CONDUZIR O DIÁLOGO
<p>Espíritos suicidas</p>	<p>Apresentam-se, em geral, com sofrimento atroz (físico e/ou moral), perturbados e fazem alguma referência indicativa do ato de suicídio (como referir a repetição da cena de se matar, ou indicarem que tentaram se matar e não conseguiram – achando que ainda não morreram).</p> <p>Outros, porém, podem ainda manter estado de indiferença, descrença e irredutibilidade (sem consciência de culpa e, ao contrário, alguns até irritados/inconformados de não terem conseguido o intento de se matarem).</p>	<p>Quanto aos que já se arrependeram:</p> <p>Priorizar o acolhimento e consolo. Não os criticar nem os repreender pelo ato de suicídio, pois isso não o ajudará. O diálogo deverá ser acolhedor, consolador, para trazer alento às dores, com a indicação de que o irmão espiritual já está sendo auxiliado, de que, aos poucos, as impressões mais traumáticas se desvanecerão. A vibração amorosa, de compaixão, alivia-o. O Espírito deverá ser estimulado a confiar em Deus e na possibilidade de melhora. Alguns serão adormecidos, desligados do médium e encaminhados pelos Mentores.</p> <p>Avaliar, conforme o caso, e se houver intuição para tanto, se será necessário usar recurso complementar de prece e passe ou outro – vide o item 5 deste material).</p> <p>Quanto aos que estão irritados/inconformados de não terem conseguido se matar, que mantenham indiferença em relação à vida ou a Deus, alguns apresentarão teses filosóficas elucidativas de que ainda conseguirão se destruir.</p> <p>Em tais casos, em regra, não há adesão pelo Espírito a processos reflexivos e os diálogos tendem a ser curtos, sendo o maior contributo o do choque anímico e recursos complementares, apenas se fortemente inspirados pelo Mentor.</p> <p>No entanto, caso haja abertura do Espírito para a desconstrução do paradigma da descrença e de insubordinação à Lei divina, podem-se apresentar argumentos que sejam inspirados pelo Mentor para compreensão de que as Leis divinas se aplicam sempre e o mais sensato será nos submetermos a elas.</p>

4. Diálogo com os Espíritos – recurso da palavra

PERFIL DE COMUNICANTE	CARACTERÍSTICAS GERAIS	FORMA DE CONDUZIR O DIÁLOGO
Espíritos obsessores	<p>Apresentam-se, muitas vezes, raivosos.</p> <p>Referem odiar algo/alguém e apresentam indicativos de que estão empreendendo processo obsessivo.</p> <p>Expressam rancores.</p> <p>Podem ser frios ou, por vezes, são agressivos/violentos, desafiam e podem ameaçar o grupo.</p>	<p>O dialogador não deve ameaçar, tentar compeli-lo à força ou expulsar. Na mediunidade com Jesus, cujo parâmetro é da lei de amor, caridade, benevolência com todos, o obsessor deve ser visto como alguém que faz sofrer porque sofre, por isso, não deve ser repellido, mas precisa ser auxiliado.</p> <p>Usar de empatia, buscando entender sua dor e, com sentimento de compaixão, apresentar-lhe argumentos lógicos, visando a auxiliá-lo a se convencer a abandonar os seus propósitos, arrepende-se.</p> <p>Demonstrar a lei de causa e efeito (se sofre é porque já feriu, se continuar a ferir, está criando um problema futuro para si mesmo) como recurso para persuadi-lo a despojar-se da monoideia (ideia fixa) de vingança, ódio, destruição.</p> <p>Alguns podem argumentar que, se nada fizerem, aquele a quem obsidiam ficará impune, ocasião em que se pode reportar a justiça divina e que Deus não precisa de um vingador que se comprometa, para que a Lei de causa e efeito se opere.</p> <p>Caso ameace, não é preciso temor, mas tampouco se deve agir de modo temerário (menosprezo ou desconsideração).</p> <p>Não se devem aceitar desafios/provocações, nem entrar em embates de palavras e tampouco emocionais/vibratórios. Se ele insiste que vai nos perseguir, reforçar que assim ocorrerá se Deus o permitir e no limite do que mereçamos, mantendo serenidade.</p> <p>É preciso manter efetiva serenidade e sintonia com a equipe espiritual (não se intimidar, mas ter prudência e cautela).</p> <p>Caso o Espírito acuse a respeito dos defeitos do trabalhador, não tentar se defender ou forjar virtude não alcançada, mas buscar no dia a dia o aperfeiçoamento para ter forças morais no diálogo com ele.</p>

4. Diálogo com os Espíritos – recurso da palavra

PERFIL DE COMUNICANTE	CARACTERÍSTICAS GERAIS	FORMA DE CONDUZIR O DIÁLOGO
<p>Espíritos alcoólatras e toxicômanos</p>	<p>Poderão pedir as substâncias desejadas, fazer referência ao desejo de consumi-las, ou apresentar-se em crise de abstinência ou com sintomas de perturbação, referindo-se ao uso dessas substâncias (sob os torpores das substâncias que usaram em vida e que ainda poderão absorver em vampirização a encarnados que as utilizem).</p>	<p>Não será útil repreendê-los pelo vício. Em muitos casos, não é possível nem mesmo tentar dissuadi-los de usar, pois, em geral, não têm condições de entender e aceitar, situação em que o primordial é o choque anímico, para diluição inicial do torpor.</p> <p>O diálogo deverá ser no sentido de se acalmarem, de que estão recebendo assistência, de que poderão se sentir melhor em outra condição e de que as impressões mais densas se desvanecerão.</p> <p>Direcioná-los para desejarem receber a ajuda e pensarem em Deus, em Jesus.</p> <p>Pode-se falar a respeito de Jesus, exemplos do Evangelho de superação, dizer que, em Jesus, temos força para resistir, caso haja inspiração em tal sentido.</p> <p>Em alguns casos, poderão estar em condições de entender o mal que o vício causa para si e também a responsabilidade que têm por processos de vampirização que estejam realizando, ocasião em que o diálogo deverá ser no sentido de motivá-los a mudarem tal postura, aceitando a ajuda.</p>

4. Diálogo com os Espíritos – recurso da palavra

PERFIL DE COMUNICANTE	CARACTERÍSTICAS GERAIS	FORMA DE CONDUZIR O DIÁLOGO
<p>Espíritos que desejam tomar o tempo da reunião</p>	<p>Fazem discursos longos, empolados, debates inúteis, tendem a alongar a conversa.</p> <p>Podem acusar a equipe encarnada, para tirar o foco de si mesmos e do atendimento de que necessitam, assim como podem comentar as comunicações anteriores e/ou ridicularizá-las.</p> <p>Podem tentar estender o horário de término da reunião, na tentativa de colocar o grupo em risco, considerando que os Mentores têm reservado o horário da atividade para atendê-la.</p>	<p>Não debater com eles nem fazer defesa pessoal. Levá-los a pensarem em si mesmos, 'caírem em si'.</p> <p>Se apresentar debates filosóficos, atacar pessoas ou a Doutrina, não entrar em embate ou querer contra-argumentar, pois é o que pretende. Retomar o foco a ele.</p> <p>Se persiste em rodeios, evasivas, dizer que há outros irmãos planejados para o atendimento e que ele continuará a ser atendido pelos benfeitores.</p> <p>Caso esteja próximo do termo final da reunião, indicar que é chegado o momento final e que precisam encerrar o diálogo. Se o Espírito resiste, cria dificuldades, solicitar ao médium que resista e colabore, desconcentrando-se para interromper o intercâmbio.</p> <p>Em geral, os resultados em um primeiro diálogo são pouco frutíferos e esses Espíritos poderão ser trazidos em outra(s) oportunidade(s).</p>

4. Diálogo com os Espíritos – recurso da palavra

PERFIL DE COMUNICANTE	CARACTERÍSTICAS GERAIS	FORMA DE CONDUZIR O DIÁLOGO
<p>Espíritos Irônicos</p>	<p>Em geral, são inteligentes e usam ironia como agressão, comentários sarcásticos e/ou contundentes para ofender o dialogador e a equipe.</p> <p>Podem dizer que o grupo ou os espíritos em geral usam máscaras, fingem-se de santos, etc.</p> <p>Alguns referem que acompanham os membros do grupo para checar como agem e aferirem hipocrisia.</p>	<p>É necessário cuidado para não se sentir ofendido e não entrar no jogo, no padrão vibratório desses Espíritos.</p> <p>É necessário, ainda, cuidado com o próprio orgulho de querer calá-los, mostrar-se mais inteligente do que eles.</p> <p>Não tentar defender-se. O dialogador deverá apresentar-se com humildade, o que somente consegue quando não é presunçoso, mas realmente humilde, não se expondo como perfeito (mas alguém que está em esforços, e somente terá força moral para dizê-lo se isso realmente estiver ocorrendo).</p> <p>Manter-se pacificado, não aceitar a provocação e nem justificar as próprias e as atitudes alheias que realmente possam estar equivocadas.</p> <p>Conduzir o diálogo para que o Espírito possa focar em si mesmo, seu próprio estado. Para tanto, poderá questionar se tem contato com seus amores ou está isolado, ocupando-se em ver erros alheios.</p> <p>Esses comunicantes nem sempre aceitarão de pronto as orientações e esclarecimentos.</p>

4. Diálogo com os Espíritos – recurso da palavra

PERFIL DE COMUNICANTE	CARACTERÍSTICAS GERAIS	FORMA DE CONDUZIR O DIÁLOGO
<p>Espíritos desafiantes</p>	<p>Apresentam-se como fortes, poderosos; podem se mostrar frios ou agressivos.</p> <p>Amedrontam os presentes; ameaçam de perseguições ‘se continuarmos a interferir’.</p> <p>Podem gritar/altear a voz, lançar desafios (como dizer que estamos fugindo, tentando nos esquivar, etc.).</p> <p>Também podem usar como estratégia falar de forma contínua, na tentativa de fugir de ouvir e nos perturbar/desestabilizar.</p>	<p>Não se impressionar, mas manter a confiança nos Mentores.</p> <p>Manter serenidade íntima e atentar às suas falas para captar qual o seu ponto sensível – seja como estão (aparência e sentimentos), onde estão seus amores, há quanto tempo não os veem. Os Mentores podem intuir o dialogador sobre a presença de um familiar do Espírito que ali esteja para auxiliar no atendimento.</p> <p>É importante não entrar em disputa verbal, não querer ‘vencer o debate’, o que pode requerer contenção e disciplina das próprias emoções por parte do dialogador.</p> <p>Se preciso, usar energia equilibrada, dosada no amor, falar de forma serena e segura.</p> <p>Podem se manter resistentes, de forma que os resultados em um primeiro diálogo são pouco frutíferos e esses Espíritos poderão ser trazidos em outra(s) oportunidade(s).</p> <p>Se não pararem de falar de modo reiterado, interceptar a fala, pedindo licença e dizendo que, infelizmente, não poderemos continuar o diálogo. Em caso de insistência, indicar que vamos encerrar o diálogo e o médium reassumirá o controle (indicação ao médium para proceder à desconcentração e encerrar o intercâmbio).</p>

4. Diálogo com os Espíritos – recurso da palavra

PERFIL DE COMUNICANTE	CARACTERÍSTICAS GERAIS	FORMA DE CONDUZIR O DIÁLOGO
Espíritos descrentes e materialistas	<p>Referem/indicam, pela postura (frieza, ceticismo), que nada creem, ou dizem-se ateus.</p> <p>Em geral, mostram-se insensíveis e/ou indiferentes a apelos de reflexão e sentimento.</p> <p>Poderão estar inconscientes de sua morte ou perturbados, estranhando a nova situação, ou ainda apegados às experiências que tinham enquanto encarnados.</p> <p>Referem, no diálogo, a crença de que tudo acaba com a morte.</p> <p>Podem ser materialistas em termos teóricos (adeptos da tese materialista), mas terem mantido uma existência proba, ou materialistas em termos comportamentais (apegos e vícios materiais).</p>	<p>Demonstrar a imortalidade da alma e a comunicabilidade do Espírito através de uma reflexão ponderada, lógica, sem intuito de ‘converter’, impor verdade. Em geral, não aceitam apelos afetivos.</p> <p>Conforme o caso, o dialogador pode ser acolhedor – demonstrar a compreensão de que sofrimentos e desilusões podem nos conduzir à descrença.</p> <p>Pode-se focar em como ele está, como se sente, se sua forma de pensar o ajuda.</p> <p>O diálogo deverá ser conduzido para perceberem o estado de insatisfação e sofrimento em que se encontram e que se deem conta da necessidade de auxílio e do recurso da prece para recebê-lo.</p> <p>Não se deve referir a conceitos/princípios espíritas no sentido de tentar convencê-lo de que Deus existe (não fazer “doutrinação”), a menos que deem abertura, ocasião em que se pode sugerir a confiança numa força superior.</p> <p>Poderão ser instados a observar como estão conversando (para se darem conta da participação do médium), referindo-se ao fenômeno mediúnico e à ocorrência da morte.</p> <p>Em alguns casos, o choque de descobrir que todas as suas convicções estavam equivocadas poderá ser muito traumático e o dialogador será inspirado a não fazer a revelação, mas, com paciência e tato, apenas retirá-lo da monoideia, das fixações dos lugares e da rotina de quando ainda estava encarnado, para posterior atendimento pela equipe espiritual</p> <p>Se mantiverem pertinácia, resistência à mudança, dizer que os respeitamos, a liberdade também é uma concessão da Lei divina, e encaminhar para o encerramento do diálogo.</p>

4. Diálogo com os Espíritos – recurso da palavra

PERFIL DE COMUNICANTE	CARACTERÍSTICAS GERAIS	FORMA DE CONDUZIR O DIÁLOGO
<p>Espíritos dementados</p> <p>(O Livro dos Espíritos, questões 377 e 378)</p>	<p>Apresentam-se perturbados, aturdidos, inconscientes.</p> <p>Suas falas não têm lógica.</p> <p>Às vezes, apresentam monoideia (ideia fixa).</p> <p>Têm dificuldade de prestar a atenção no que lhes é dito e de entenderem.</p>	<p>Deve-se ser breve, claro, avaliar a possibilidade ou não de diálogo e, se necessário, avaliar a necessidade de uso de recursos complementares, conforme o caso.</p> <p>A fala deverá ser sucinta, com caráter otimista, apenas para lhes dar condições mínimas para posterior atendimento pela equipe espiritual ou retorno em reunião posterior, quando estiverem em melhores condições de discernimento.</p>
<p>Espíritos amedrontados/ perseguidos</p>	<p>Apresentam-se aflitos, com muito medo.</p> <p>Dizem-se perseguidos (em geral são mesmo perseguidos por outros Espíritos obsessores, que já os obsidiavam enquanto encarnados ou com os quais se associaram e dos quais tornaram-se escravos).</p> <p>Alguns podem até indicar endurecimento moral e dizer que, quando se libertarem, também querem se vingar dos obsessores, o que atrasará seu socorro.</p> <p>Outros referem que acabaram de fugir de prisões, em que sofreram amarguras, tormentos, humilhações.</p>	<p>No diálogo, procurar acalmá-los, referindo a assistência espiritual, que estão em ambiente seguro, protegido; infundir-lhes confiança, sugerindo que mantenham fé em Deus e em Jesus e na preponderância do bem.</p> <p>Caso demonstrem algum endurecimento ou desejo de vingança (que favorece o domínio que sofrem), refletir sobre o quanto isso mais o “pluga” aos algozes; indicar que, se não desejam sofrer a escravidão, não podem nutrir o intuito de desforço em relação a outrem.</p> <p>Caso estejam ainda impregnados das impressões, inclusive perispirituais, das “prisões”, é recomendado que seja feito diálogo de acolhimento, de reforço da confiança em Deus e no amparo consecutivo que será prestado pelos Mentores espirituais para sua recuperação.</p>

4. Diálogo com os Espíritos – recurso da palavra

PERFIL DE COMUNICANTE	CARACTERÍSTICAS GERAIS	FORMA DE CONDUZIR O DIÁLOGO
<p>Espíritos que auxiliam os obsessores (muito comuns)</p>	<p>Podem referir como atuam e que têm um chefe.</p> <p>Nem sempre dizem de pronto a que vieram e quando se sentem tolhidos revelam-se.</p> <p>Alguns alegam terem sido levados à força ou não saberem como ali foram parar.</p>	<p>Pode-se refletir se o 'dito' chefe lhes quer bem, se é confiável, assim como referir que o único verdadeiro chefe é Jesus.</p> <p>Argumentar que não temos conferido por Deus nenhum poder uns sobre os outros.</p> <p>Esclarecê-los sobre as atitudes que estão adotando, seus efeitos e, inclusive, as consequências que colherão para si mesmos.</p> <p>Poderá haver inspiração para o questionamento sobre há quanto tempo não veem os seres queridos, desde que aceitaram a escravidão de alguém que não lhes quer bem, indicando que já é tempo de se libertarem.</p> <p>Encorajá-los a mudarem de escolha, libertarem-se do jugo.</p>

4. Diálogo com os Espíritos – recurso da palavra

PERFIL DE COMUNICANTE	CARACTERÍSTICAS GERAIS	FORMA DE CONDUZIR O DIÁLOGO
<p>Espíritos de congregações que visam a prejudicar/destruir o grupo mediúnico</p> <p>(Vide o material do Ciclo de Reflexões sobre a Prática Mediúnica Espírita, V. QUALIDADE DA REUNIÃO MEDIÚNICA ESPÍRITA - CONDIÇÕES PARA MANUTENÇÃO)</p>	<p>Pretendem desorganizar a atividade, opor dificuldades e mesmo encerrá-la.</p> <p>São muito habilidosos, estratégicos, bem planejados – possuem plano de ação que inclui: observação inicial do grupo e seus membros (como atuam, quais as fragilidades, planejam a estratégia de como atuar para fragilizar e até dismantelar o grupo, incluindo como mecanismos: explorar fragilidades morais dos membros do grupo para instaurar discórdias, crises de relacionamento, afastamento de participantes, cansaço/exaustão e desânimo; podem levar ao efetivo afastamento de participantes, agindo sobre sua saúde (enfermidades verdadeiras ou simulacro) ou de membros da família ou pessoas do âmbito profissional para excesso de trabalho/desfoque da atividade, promoções, eventos sociais/familiares de que a pessoa julgue ‘imprescindível’ participar; podem causar no dia a dia dos participantes, sobretudo dos médiuns ostensivos, verdadeiros constrangimentos, mal-estar profundo – pressão espiritual constante e</p>	<p>Não devem ser temidos e tampouco menosprezados.</p> <p>É preciso saber que esse tipo de Espírito é muito inteligente e, por vezes, conhece técnicas de hipnotismo e outras e que não podem ser desconsideradas (é preciso saber que realmente podem atuar, e que isso nos deve estimular a buscar o mais possível a sintonia com os Mentores).</p> <p>A postura do dialogador não pode ser de ‘bater de frente’ com tais Espíritos, mas tampouco uma atitude de submissão. Pode-se lembrar que ainda que julguem que têm poder, é o limite do poder da criatura, e que plenos poderes na Terra, somente Jesus os teve, por se submeter integralmente às Leis Divinas.</p> <p>Na estratégia de diálogo, deve-se buscar tirar o foco da monoideia de destruir o trabalho e o grupo e centrar o foco nele próprio: como tem conduzido a si mesmo, como se sente, o que espera para si.</p> <p>Ele pode ironizar, dizer que não se convence com tolices e estratégias psicológicas, ocasião em que o dialogador não precisa se sentir sem recursos, mas retomar o foco: ‘estamos falando de você, que sabe que aqui há uma proteção espiritual, sempre há alguém que sabe mais do que nós, por que acha que os Mentores o trouxeram aqui, permitiram que viesse?’.</p> <p>Se o Espírito permite uma pequena abertura, investir no esclarecimento, acolhimento, reflexões; se se mantiver empedernido, inflexível, pode-se, se houver inspiração para tanto, direcionar para o encerramento do diálogo até oportunidade futura, se necessário e possível.</p> <p>Em relação aos ditos ‘observadores’, podem se aturdir com o choque anímico por terem sido ‘descobertos’, e tentar se esquivar –</p>

4. Diálogo com os Espíritos – recurso da palavra

<p>Espíritos de congregações que visam a prejudicar/destruir o grupo mediúnico (cont.)</p>	<p>perturbadora, no intuito de desestabilizá-los, irritá-los, fazê-los desistir.</p> <p>Na reunião, podem ameaçar, amedrontar, coagir. Por vezes, são frios ou sarcásticos, dizendo que vão destruir o trabalho e referindo todos os problemas que aconteceram com os participantes ao longo da semana, para demonstrar ‘seu poder’.</p> <p>Também podem referir que gravam as cenas da nossa vida e nossas atitudes para nos estudarem e derrubar-nos e, de fato, podem utilizar recursos para tais registros e tentativas de derrubada.</p> <p>Alguns apenas se apresentam como ‘coletores de informações’, observadores, achando que estão por livre vontade na reunião.</p> <p>Às vezes, apresentam-se fora de si, transtornados, provocando medo, desestabilização emocional no grupo.</p> <p>Podem se apresentar como dirigente das trevas, com características de frieza, arrogância, inteligência (agilidade de raciocínio, envolvente) e, por vezes, violência.</p> <p>Podem dar ordens e mostrar impaciência no diálogo, menosprezando o dialogador e o grupo.</p> <p>Podem indicar a presença de subordinados e usar palavras de ordem, acionando-os para atuarem sobre o grupo.</p>	<p>dizendo que estão só observando, ocasião em que se pode também direcionar o foco para eles, como estão, a mando de quem observam, se esses companheiros os amam, se lhe querem bem, se ele é realmente livre para agir, o que aconteceria se não quisesse contar o que viu, etc., conforme a intuição, para que ele se dê conta de sua escravidão e possibilidade de obter auxílio dos Mentores presentes.</p> <p>Nos mais renitentes, ameaçadores, além de não entrar em embates, é possível argumentar, se houver intuição para tanto, que eles são livres para escolher o que quiserem, mas no limite das Leis divinas: poderão atuar até que lhes seja permitido, não passaremos por nada que não mereçamos e eles não farão mais do que os Mentores permitirem, conduzindo para o encerramento do diálogo.</p>
--	---	--

4. Diálogo com os Espíritos – recurso da palavra

PERFIL DE COMUNICANTE	CARACTERÍSTICAS GERAIS	FORMA DE CONDUZIR O DIÁLOGO
Espíritos vingativos	<p>Obsidiam por vingança pessoal.</p> <p>Alguns explicitam as estratégias que usam e outros apenas fazem alguma indicação que explicita que estão em desforço, que têm perfil de vingativos.</p> <p>Podem demonstrar irritação ou raiva e mesmo enfurecimento em relação à equipe encarnada, por estarem criando “obstáculos a seus planos”.</p> <p>Em geral, recusam-se a perdoar, referindo-se aos sofrimentos causados pela pessoa de quem se vingam.</p>	<p>Buscar demonstrar que não prejudicam apenas ao outro, mas a si próprios; que o ódio e vingança infelicita a eles mesmos; que ainda sofrem, não têm paz.</p> <p>Levá-los a refletirem sobre si mesmos, o que seria melhor para eles próprios.</p> <p>Refletir que a Lei divina permite o exercício do livre-arbítrio, mas se a vítima estiver “quitada”, também o desforço tem prazo, limite.</p> <p>Poderá, conforme o caso, ser refletido que ainda que haja injustiças não há injustiçados e, se ele sofreu algum dano, poderá ter antes cometido também, já que reconhece a imortalidade e a pluralidade das existências por sua própria condição (de Espírito).</p> <p>O envolvimento fluídico do grupo, a lógica e bons sentimentos do dialogador podem sensibilizá-lo ao arrependimento.</p> <p>Alguns se mantêm resistentes e precisarão de mais atendimentos no mundo espiritual ou serão trazidos em outra(s) oportunidade(s).</p>
Juristas	<p>Atribuem-se o papel de aplicadores da lei/justiceiros;</p> <p>Em geral, apresentam-se para cobrar o grupo de que está interferindo em situações em que há sentença contra alguém e estamos os atrapalhando na aplicação da pena.</p>	<p>No diálogo com esse tipo de Espíritos, em geral de grande intelecto, não se deve entrar em debates de saber/disputa por poder, mas, com serenidade, sem imposições, buscar levá-lo à reflexão sobre a quem compete julgar, quem lhe outorgou poderes para tanto, como é que está a conduta dele próprio, dentre outros recursos que sejam inspirados para tirar o foco do outro e trazer para si mesmo.</p> <p>Quando se mostram empedernidos, desejando suscitar debates, não entrar em confronto, podendo-se reportar a autoridades e instâncias superiores às quais poderão se dirigir para a solução da questão, indicando-se os Mentores do grupo.</p>

4. Diálogo com os Espíritos – recurso da palavra

PERFIL DE COMUNICANTE	CARACTERÍSTICAS GERAIS	FORMA DE CONDUZIR O DIÁLOGO
Espíritos mistificadores	<p>Encobrem as reais características e/ou intenções.</p> <p>Em geral, iniciam com um discurso enganador, podendo-se apresentar como superiores ou sofrendores ou ignorantes; quando percebidos, tornam-se agressivos revelando seu real caráter.</p> <p>Podem se apresentar como humildes, sofrendores, como amigos, como Mentores.</p> <p>São sutis (podem até propor mudanças nos trabalhos, ou instigar vaidade de membro do grupo ou dele todo – dizendo que são muito iluminados, que são superiores, que veio procurar socorro num local especial e ali encontrou uma equipe valorosa, extraordinária, muita luz).</p> <p>Procuram tomar o tempo da reunião, desviar o foco.</p> <p>Usam como estratégia elogiar o dialogador, o médium, o grupo e instigam, nas estrelinhas, as fraquezas individuais/coletivas ou incitam discórdias, desconfianças que impulsionem a dissensões e cismas entre os participantes.</p>	<p>O dialogador deve estar atento a todos os detalhes dos diálogos, pois a mistificação nem sempre é evidente; inclusive, deve atentar à expressão facial do médium, a suas posturas (ex. algum ar de sarcasmo, expressão de ironia, enquanto se fala “do bem”) que possam indicar a mistificação.</p> <p>Uma vez percebida a mistificação, não se deve dizer ao Espírito que é falsário, enganador (não ‘desmascará-lo de chofre’), mas fazê-lo dar-se conta de que foi percebida a farsa. Para isso, pode-se encaminhar o diálogo com perguntas (não insidiosas, mas no sentido de contribuir com seu despertar, ‘cair em si’) ou falas como: <i>“sabemos que, uma vez que nascemos num mundo inferior como a Terra, não podemos ser tão iluminados e excelentes assim e o irmão, como um Mentor que nos diz ser, também sabe disso”</i>.</p> <p>Nesse caso, em geral, quando se veem descobertos, podem-se apresentar agressivos, irritadiços e é quando se pode melhor atendê-los, esclarecendo e orientando sobre o fato de que tentar enganar aos outros, em verdade, é enganar a si mesmo, sacar de si a chance de receber ajuda, de se modificar, de encontrar mais paz.</p> <p>Se propuserem ideias ‘inovadoras’, insistirem em mudanças, sugerir que possam apresentar a proposta aos Mentores que poderão melhor avaliar a sua sugestão, não se delongando no diálogo.</p>

4. Diálogo com os Espíritos – recurso da palavra

PERFIL DE COMUNICANTE	CARACTERÍSTICAS GERAIS	FORMA DE CONDUZIR O DIÁLOGO
<p>Espíritos ligados a trabalhos de magia (magnetizador, mago), terreiro, etc.</p>	<p>Farão referência que permite identificar a sua vinculação a certas linhas espiritualistas.</p> <p>Podem se queixar de que estamos atrapalhando seus “trabalhos”.</p> <p>Podem propor associação conosco (acordo, pacto ou barganha).</p> <p>Muitos dizem que não sabem como chegaram ali.</p> <p>Poderão ameaçar e entoar fórmulas cabalísticas/mágicas, conduzir rituais tentando hipnotizar o grupo, assim como referir que trazem apetrechos, como caveiras, velas, penas, etc.</p>	<p>Não devem ser temidos e tampouco menosprezados, pois realmente dominam técnicas de magnetismo e podem envolver o grupo.</p> <p>Caso percebido que incitam temor ou que envolvem psiquicamente o grupo – hipnotizando, induzindo à sonolência –, o dialogador deve advertir à equipe encarnada para manter a sintonia com os Mentores e elevar o padrão mental – para prevenir a sintonia com essas entidades e seus fluidos narcotizantes.</p> <p>Se insistirem em “acordos”, pode-se sugerir que falem com os dirigentes espirituais da tarefa e se eles recusarem ou disserem que os benfeitores negam, reforçar que também não estamos autorizados a aceitar (não aceitar, nem acusar, tampouco agredir ou se indignar com as ‘propostas’ desse tipo de Espíritos).</p> <p>Pode-se refletir sobre a lei de causa e efeito, que tudo o que fazem está submetido a um poder maior, que é o do Criador. Se a ‘vítima’ de seus ‘trabalhos’ já tiver quitado o débito com a Lei Divina, irá se libertar e o débito será deles, então.</p> <p>Refletir que promover a infelicidade alheia é semear tumulto para si, dentre outras reflexões que sejam inspiradas, como o despertamento afetivo, a reflexão sobre onde estão seus afetos, se eles se sentem realmente felizes ou se aquela satisfação não os preenche verdadeiramente, etc.</p> <p>Tratá-los com respeito e paciência, reportando aos verdadeiramente dotados de poder: Deus e Jesus.</p> <p>É necessário grande ascendente moral do dialogador, pois a assistência espiritual superior é imprescindível para minorar as influências deletérias desse perfil de Espíritos.</p>

4. Diálogo com os Espíritos – recurso da palavra

PERFIL DE COMUNICANTE	CARACTERÍSTICAS GERAIS	FORMA DE CONDUZIR O DIÁLOGO
<p>Espíritos religiosos (obsessores inimigos do Espiritismo)</p>	<p>Enquanto encarnados foram líderes de religiões, mas não cultivaram a verdadeira religiosidade e transformação moral que as religiões pautam (podem ter utilizado mal a religião, sucumbido ao poder/orgulho, vaidade, riqueza/busca de dominar; ou serem fanáticos ou extremistas).</p> <p>Geralmente, indicam a crença que possuem e atacam abertamente a tarefa, alguns chegam a dizer que estamos fazendo uma prática diabólica, por exemplo.</p> <p>Alguns estão fixados em suas ideias, achando-se donos da verdade. Dizem-se defensores do Cristo e de seus ensinamentos.</p> <p>Outros podem-se apresentar como judeus, como muçulmanos e atacarem os cristãos (incluindo espíritas).</p> <p>Em geral são cultos e cristalizados em seu ponto de vista.</p> <p>Alguns podem afirmar que somos traidores da causa, desertores (porque muitos de nós falimos no sacerdócio/conventos ou</p>	<p>Não se deve buscar provar que o Espiritismo é cristão e tampouco que tenhamos a verdade, pelo contrário, não devemos pretender defender a Doutrina no diálogo com esse tipo de Espíritos.</p> <p>Nem se devem fazer comparações entre religiões, mas suscitar o comunicante a dizer quais os preceitos morais e éticos que sua religião prega e se considera que está agindo de conformidade com esses princípios e orientações religiosos.</p> <p>Se são cristãos, pode-se referir especificamente os ensinamentos e atitudes propostos por Jesus. Se forem judeus, muçulmanos ou de orientações diversas, a referência expressa a Jesus pode não ser indicada ou mesmo contraindicada – caso dos que foram perseguidos, por exemplo, pela Inquisição. Por outro lado, se estão enganando, essa referência pode irritá-los e dizerem efetivamente a que vieram.</p> <p>Não se deve ter a pretensão de convencê-los e, muito menos, de convertê-los.</p> <p>Pode-se refletir com eles sobre os próprios ensinamentos do Cristo (dos Evangelhos do Novo Testamento), com cautela, pois eles próprios indicam trechos selecionados da Bíblia para se justificarem e acusarem com argumentos sofistas.</p> <p>A maioria resiste ao convencimento, e mesmo a argumentos e raciocínio lógico. Ainda estão muito aferrados ao poder e podem até mesmo adulterar e subverter os próprios ensinamentos religiosos para justificarem as próprias atitudes.</p> <p>Podem ser indagados se se sentem preenchidos, felizes com os ensinamentos que já conhecem, se já estão pacificados ou se prosseguem ainda aturdidos, como estão seus sentimentos, na tentativa de permitir-lhes caírem em si, com sentimento de fraternidade, sem arrogância ou soberba,</p>

4. Diálogo com os Espíritos – recurso da palavra

PERFIL DE COMUNICANTE	CARACTERÍSTICAS GERAIS	FORMA DE CONDUZIR O DIÁLOGO
<p>Espíritos religiosos (obsessores Inimigos do Espiritismo)</p> <p>(cont.)</p>	<p>participamos do regime inquisitorial).</p>	<p>mas empatia em relação a esse irmão espiritual.</p> <p>Em geral, os resultados em um primeiro diálogo são pouco frutíferos e esses Espíritos poderão ser trazidos em outra(s) oportunidade(s).</p>
<p>Espíritos intelectuais</p>	<p>Julgam-se superiores e se apresentam dessa maneira.</p> <p>Têm bons argumentos e muitas vezes possuem realmente inteligência superior.</p>	<p>Como podem ser muito inteligentes e terem sofismas preconcebidos, o debate de argumentos não é aconselhado.</p> <p>Como há nele supremacia de intelecto e déficit de sentimento, é necessário sensibilizá-lo no sentimento, não de forma piegas, mas através de reflexões.</p>
<p>Espíritos sofredores</p>	<p>Apresentam sofrimentos decorrentes da morte; aflições e angústias das últimas impressões físicas.</p> <p>Alguns podem ter sofrimentos morais não vinculados à desencarnação; poderão, em alguns casos, até demonstrar consciência de que já desencarnaram, mas mantêm dores e desafios íntimos.</p> <p>Podem se apresentar arrependidos por equívocos, crimes ou outros motivos que os fazem sofrer.</p>	<p>O diálogo é breve, com acolhimento, buscando tranquilizá-los, demonstrar que estão sendo atendidos, para se acalmarem.</p> <p>Deverá haver uma conversa otimista, levando-os à confiança em Deus para estarem disponíveis para receber o auxílio e encaminhamento da equipe espiritual.</p> <p>A depender da situação, pode-se auxiliá-lo a compreender as razões de estar em sofrimento, mas sem focar no problema, e sim em atitude positiva, de esperança (possibilidade de resolver o problema), confiança em Deus (possibilidade de reparar, ressarcir, superar, que a Lei Divina nos concede).</p>

4. Diálogo com os Espíritos – recurso da palavra

PERFIL DE COMUNICANTE	CARACTERÍSTICAS GERAIS	FORMA DE CONDUZIR O DIÁLOGO
<p>Orientadores (Mentores)</p>	<p>Na maioria das reuniões mediúnicas, não se comunicam com frequência.</p> <p>Em geral, quando se comunicam, são breves, para não tomar tempo dos atendimentos aos necessitados.</p> <p>Falam com simplicidade, são tranquilos, não dão ordem, negam-se a impor condições.</p> <p>São modestos e humildes, embora tenham autoridade; são amorosos, mas firmes, leais e francos.</p> <p>Orientam, sugerem, nunca ordenam; estimulam, podem fazer alertas (nunca como ameaça, nem evidenciando fragilidades e tampouco jogando pessoas umas contra as outras).</p> <p>Em regra, não dão diretrizes sobre escolhas que nos competem e não querem gerar dependência.</p> <p>Jamais recomendam ritos especiais, fórmulas rígidas (caso dos mistificadores).</p>	<p>Em geral, o dialogador, após certificar-se de que o comunicante é de fato o Mentor do grupo ou Espírito benfeitor (e não um mistificador), mais ouve do que fala e, ao final, agradece pelas diretrizes, orientações ou pela contribuição/participação.</p> <p>Não deve enfatizar, elogiar o Espírito, enaltecer o grupo/o médium por contar com a presença de um benfeitor.</p> <p>Deve ter cautela para aferir se é mesmo benfeitor ou mistificador (se houver belo discurso, mas empolado, demorado, com louvores ao grupo, há grande probabilidade de ser mistificação).</p>

4. Diálogo com os Espíritos – recurso da palavra

PERFIL DE COMUNICANTE	CARACTERÍSTICAS GERAIS	FORMA DE CONDUZIR O DIÁLOGO
<p>Espíritos com deformações e necessidades materiais</p> <p>(A explicação sobre o assunto pode ser encontrada em A Gênese, Cap. XIV, item 14, em razão da propriedade da plasticidade do perispírito).</p>	<p>Alguns referem que sentem fome, frio, dores físicas, indicam doenças de que foram acometidos durante a existência e cujos sintomas e efeitos persistem ou, ainda, indicam feridas de acidentes que sofreram e os levaram à morte física.</p> <p>Podem apresentar cacoetes ou manter sinais de deficiências que tiveram enquanto encarnados.</p> <p>Outros podem indicar deformações e mutilações (ex.: zoantropia).</p>	<p>Não se deve dizer que não podem mais sentir aquelas sensações e/ou necessidades ou manter as características/limitações porque já não têm mais o corpo, porque já morreram. Embora possuam apenas o corpo espiritual, tal pode ser a sua densidade, assim como os apegos e necessidades do Espírito, que tudo o que ele narra é verdadeiro, palpável, concreto para ele.</p> <p>Então, é preciso proporcionar a ele a percepção/impressão/sensação de socorro imediato, o que ocorre principalmente pelo choque anímico e palavras de reconforto, encorajamento, esperança, referência ao socorro que já está sendo prestado pelos atendentes presentes no momento, etc.</p> <p>No caso da zoantropia, haverá indicativos (ex. apresentar-se com expressões típicas e o médium adotar posturas corporais animais - como rosar, etc.), ocasião em que o diálogo é no sentido de reforçar sua condição humana, como filho de Deus, apto a pensar, comunicar-se, o que é reforçado pelo fato de ele estar entendendo o que estamos dizendo, um animal não tem essa condição: 'veja, você é humano', 'reassuma a consciência humana', 'a forma humana'. Essas palavras podem ser suficientes para uma 'desipnose' (diluir a fixação psíquica), mas, em casos assim, também podem ser necessários, a depender da situação, recursos complementares à palavra indicados no item 5 deste material.</p> <p>De toda forma, é preciso que o dialogador não se aturda, mantenha a calma, sentimento de compaixão. Se nota que o grupo está temendo, tenso com a situação, pode lembrar que estamos ali para auxiliar, atender, vamos manter a confiança nos Mentores, elevando o padrão vibratório.</p>

4. Diálogo com os Espíritos – recurso da palavra

PERFIL DE COMUNICANTE	CARACTERÍSTICAS GERAIS	FORMA DE CONDUZIR O DIÁLOGO
<p>Espíritos sensualistas</p>	<p>Trazem desequilíbrios do sexo que, às vezes, quase os levam à loucura.</p> <p>Outros usam magnetismo para envolver sensualmente, estimular sexualmente, fomentar a criação de clichês mentais sensuais.</p> <p>Podem ligar-se a pessoas, inclusive membros do grupo, para induzir a comportamentos e comprometimentos na área da sexualidade.</p>	<p>Considerando a intensidade e força da energia sexual, é preciso cautela no diálogo com esse tipo de Espíritos para não haver envolvimento fluídico dos participantes do grupo e, sobretudo, do médium ostensivo.</p> <p>Devem ser abordados como irmãos que, em realidade, estão enredados nas próprias energias sexuais desregradas e que requerem comiseração.</p> <p>Pela densidade de seus fluidos e repercussões para o médium, os diálogos com esse tipo de Espíritos não devem ser alongados, mas permitirem o contributo breve do choque anímico e suscitação inicial de reflexão sobre os benefícios da sublimação dos sentimentos e liberação das sensações carnis mais densas.</p> <p>Alguns não terão condições de compreender propostas desse nível, de modo que deverá funcionar bem a intuição para a percepção sobre a abordagem adequada no caso concreto, sem imposições.</p> <p>Nesse tipo de atendimento, poderá ser necessário o uso de recursos complementares à palavra descritos no item 5 deste material, conforme inspiração dos Mentores.</p>

4. Diálogo com os Espíritos – recurso da palavra

PERFIL DE COMUNICANTE	CARACTERÍSTICAS GERAIS	FORMA DE CONDUZIR O DIÁLOGO
<p>Zombeteiros/ brincalhões</p>	<p>Fazem comentários jocosos, engraçados, com a intenção de baixar o padrão vibratório do grupo.</p> <p>Podem fazer facécias, distrair.</p> <p>Seus discursos, por vezes, são “agradáveis”, divertidos, mas perigosos, porque não se ajustam à finalidade educativa e terapêutica (socorrista) que é o intuito da reunião mediúnica espírita.</p>	<p>Paciência, não achar graça das brincadeiras e nem se irritar com o comunicante.</p> <p>É preciso manter-se vigilante, para não acolher sua sedução, não achar divertido o que dizem e, se isso acontecer, lembrar-nos da presença dos Mentores para vigiarmos o pensamento e emoções e estarmos à altura do auxílio dos Benfeitores.</p> <p>No diálogo, é interessante levá-los a refletir que o lúdico, a alegria são bênçãos para a alma, mas o gracejo, a diversão, podem estar escamoteando alguma ferida oculta/interna, que o riso encobre medo, solidão, desassossego, ou ser estratégia de negação/procrastinação do próprio progresso, visando-se, assim, a despertá-lo.</p> <p>Não é preciso ser rigoroso em demasia, nem sisudo no trato com esse tipo de Espírito, mas sensibilizá-lo sobre o que tem feito de seu tempo, de si mesmo, referir os momentos de transição que requerem de nós uma tomada de decisão.</p> <p>Se ele resistir, não insistir e dizer que, se estiverem dispostos em outro momento e os Mentores permitirem, poderão voltar a conversar ou terão quem possa orientá-los na dimensão espiritual.</p> <p>Caso o dialogador note que a equipe de apoio está sendo envolvida, salientar a importância de elevar o padrão mental e não nos distrairmos em momentos graves de transição.</p>

4. Diálogo com os Espíritos – recurso da palavra

PERFIL DE COMUNICANTE	CARACTERÍSTICAS GERAIS	FORMA DE CONDUZIR O DIÁLOGO
<p>Crianças</p>	<p>Nem sempre o Espírito, ao desencarnar, desvencilha-se por completo das impressões materiais.</p> <p>Embora a maioria dos que desencarnam na fase infantil seja atendida no próprio mundo espiritual, como indicam obras espíritas, como a obra de André Luiz/Chico Xavier <i>Entre a Terra e o Céu</i>, eventualmente, poderão alguns Espíritos que desencarnaram na infância e ainda guardam essa impregnação psíquica da fase infantil da última existência, serem trazidos à comunicação, como referiu o próprio Codificador, em <i>O Livro dos Médiuns</i>, item 282, 35ª questão e nota de Allan Kardec.</p> <p>Não são comunicações usuais, mas muito pouco frequentes e, quando ocorrem, o Espírito revela características e linguagem infantil que permitem identificar sua condição.</p> <p>Suas comunicações são breves e quando há demasiada extensão e/ou desenvoltura de raciocínio é preciso aferir se não é o caso de mistificador se fazendo passar por criança.</p>	<p>Como estão sendo assistidos pelos Mentores e o choque anímico é o recurso de despertar, em geral, o atendimento é com um diálogo curto, acolhedor, indicativo do auxílio que ele está recebendo, que não se preocupe, pois alguém já o está auxiliando.</p> <p>Em geral, confirmam a presença de alguma entidade que lhes pareça confiável e seguem com os trabalhadores espirituais.</p> <p>É preciso estar atento para aferir se não é um mistificador se fazendo passar por criança para tomar o tempo da reunião.</p> <p>Espíritos que autenticamente ainda se portam como crianças, pela impregnação psíquica, têm raciocínio infantil e o diálogo é muito breve, enquanto um mistificador se trai denotando condição acima da cognição e discernimento de uma criança.</p>

4. Diálogo com os Espíritos – recurso da palavra

- **Condução do diálogo - A FALA do dialogador:**

Orientações/exemplos de diálogos:

Espíritos que não conseguem falar

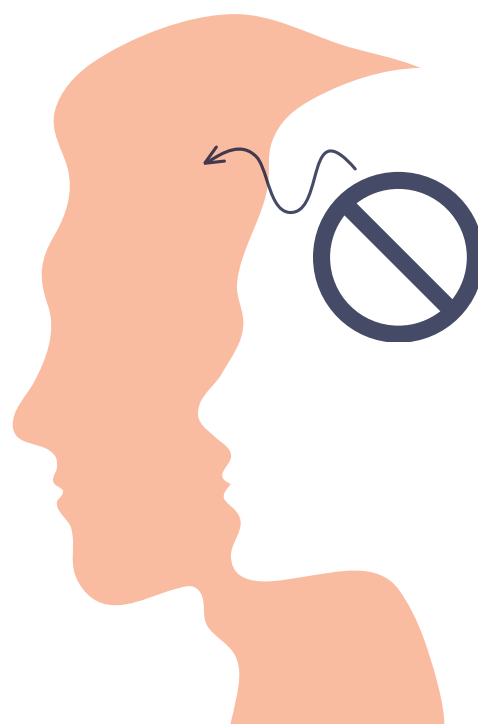
“Seria possível a um Espírito ovoide manifestar-se através da psicofonia em reunião de desobsessão? Nesse caso, o médium traduziria adequadamente o pensamento da entidade? Esse trabalho poderia ser útil a reencarnação desse Espírito?”

DIVALDO O fenômeno da comunicação dos Espíritos ovoides ocorre com mais frequência do que se pensa, o que constitui uma benção nas reuniões mediúnicas.

Invariavelmente, trata-se de uma comunicação atormentada, sem verbalização do sofrimento, sem raciocínio lógico, com alta carga de perturbação do Espírito, em consequência alterando o sistema nervoso central e endócrino do médium, que, sendo moralizado, não sofre efeitos perturbadores. Como a ‘vida do ovoide’ é um estágio somente mental, a comunicação mediúnica proporciona-lhe uma pré-recomposição do perispírito, em face da união com o do médium, preparando-o para a futura reencarnação. É, portanto, de salutar

benefício estabelecer-se a comunicação desses irmãos em tremenda limitação, que, nada obstante, somente pode ser facultada pelos orientadores espirituais do núcleo espírita.”

FRANCO, Divaldo P; **TEIXEIRA**, Raul. Questão 83 (ed. 2016 – Editora Intervidas). **Diretrizes de Segurança.**



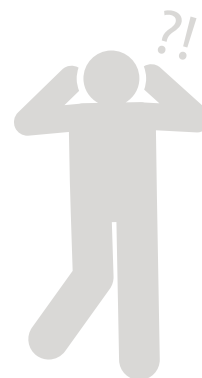
4. Diálogo com os Espíritos – recurso da palavra

- **Condução do diálogo - A FALA do dialogador:**

Orientações/exemplos de diálogos:

Espíritos que desconhecem a própria situação:

“86. No atendimento a Espíritos sofredores, o doutrinador deve primeiramente fazer o comunicante conhecer a sua condição espiritual? Divaldo - Há que se perguntar quem de nós está em condições de receber uma notícia, a mais importante da vida, como é a morte, com a serenidade que seria de esperar? Não podemos ter a presunção de fazer o que a divindade tem paciência em realizar. Essa questão de esclarecer o Espírito no primeiro encontro é um ato de invigilância e, às vezes, de leviandade, porque é muito fácil dizer alguém que está em perturbação: ‘Você já morreu!’ É muito difícil escutar-se essa frase e recebê-la serenamente. Dizer a alguém que deixou a família na Terra e foi colhido numa circunstância trágica, que aquilo é a morte, necessita de habilidade e carinho, preparando o primeiro ouvinte, a fim de lhe evitar choques, ulcerações da alma. Considerando-se que a terapêutica moderna, principalmente no capítulo das psicoterapias, objetiva sempre libertar o homem



de quaisquer traumas e não lhe criar novos, por que, na vida espiritual, deveremos usar metodologia diferente? A nossa tarefa não é dizer *verdades*, mas *consolar*, porque dizer simplesmente que o comunicante já desencarnou, os guias também poderiam fazê-lo. Deve-se entrar em contato com a entidade, participar de sua dor, consolá-la e, na oportunidade que se faça lógica e própria, esclarecer-lhe que já ocorreu o fenômeno da morte, mas somente quando o Espírito puder receber a notícia com a necessária serenidade, a fim de que disso retire o proveito indispensável a sua paz. Do contrário, será perturbá-lo, prejudicá-lo gravemente, criando embaraços para os mentores espirituais.” [itálicos do original]

FRANCO, Divaldo P; **TEIXEIRA**, Raul. Questão 86 (ed. 2016 – Editora Intervidas). **Diretrizes de Segurança.**

4. Diálogo com os Espíritos – recurso da palavra

- **Condução do diálogo - A FALA do dialogador:**

Orientações/exemplos de diálogos:

Espíritos que desconhecem a própria situação:

“Abeiramo-nos de triste companheiro, de macilenta expressão fisionômica, e Hilário, num impulso todo humano, perguntou-lhe: – Amigo, como te chamas? – Eu? – tartamudeou o interpelado. E, num esforço tremendo e inútil para recordar-se de alguma coisa, ajuntou: – Eu não tenho nome... – Impossível!... – considerou meu colega, dominado de espanto – todos temos um nome. – Esqueci-me, esqueci-me de tudo... – comentou o infeliz, desoladoramente. – É um caso de amnésia a estudar – aclarou o companheiro da equipe de trabalho que visitávamos. – Fenômeno natural? – interrogou Hilário, perplexo. – Sim, pode ser natural, em razão de algum desequilíbrio trazido da Terra, mas é possível que o nosso amigo esteja sendo vítima de vigorosa sugestão pós-hipnótica, partida de algum perseguidor de grande poder sobre os seus recursos mnemônicos. Encontra-se ainda profundamente imantado às sensações físicas e a vida cerebral nele ainda é uma cópia das linhas



sensoriais que deixou. Assim considerando, é provável esteja submetido ao império de vontades estranhas e menos dignas, às quais se teria associado no mundo. – Céus! – clamou meu colega impressionado – é possível semelhante dominação depois da morte? – Como não? a morte é continuação da vida, e na vida, que é eterna, possuímos o que buscamos. Atento aos nossos estudos da mediunidade, observei: – Se o nosso amigo desmemoriado for conduzido ao aparelho mediúnico, manifestar-se-á, acaso, assim, ignorando a identidade que lhe é própria? – Perfeitamente. E precisará de tratamento carinhoso como qualquer alienado mental comum. Expressando-se por algum médium que lhe dê guarida, será para qualquer doutrinador terrestre o mesmo enigma que estamos presenciando.”

XAVIER, Francisco Cândido. Cap. 4 – Ante o serviço. **Nos Domínios da Mediunidade**. Pelo Espírito André Luiz.

4. Diálogo com os Espíritos – recurso da palavra

- **Condução do diálogo - A FALA do dialogador:**

Orientações/exemplos de diálogos:

Espíritos Obsessores:

“[Explica Eurípedes Barsanulfo:] –
Dentre as atividades mediúnicas a
que me houvera afervorado na
Terra... o tratamento com os
obsessos sempre me significou
ministério delicado e credor do maior
empenho. (...) Sempre que
enfrentava essa pertinaz
enfermidade [obsessão], procurava
penetrar no âmago do vingador para
despertá-lo... (...) Evitando
discussões estéreis, sempre busquei
irradiar simpatia e compreensão pelo
seu drama, conseguindo sensibilizar
um expressivo número de
equivocados. Na trama da obsessão,
portanto, não apenas se encontra em
desalinho o que chora e se
desespera, mas também aquele que
aplica o látigo, o verdugo
aparentemente insensível, que é
sempre alguém que perdeu o rumo
de si mesmo... Acercar-se da sua
situação penosa, mediante sincera
emoção, é de significado profundo,
porque a irradiação mental é mais
poderosa do que a verbalização que
pode ser destituída da vibração de
legitimidade. O amor, por



consequência, é o mais poderoso
recurso ao nosso alcance, expresso
ou não, para ser utilizado, do que
quaisquer argumentos bem urdidos,
porém, escassos do recurso
vitalizador que é necessário a todo
aquele que se encontra em carência
afetiva. E os perseguidores são,
invariavelmente, Espíritos em grande
carência...”

FRANCO, Divaldo P. Cap. 18 –
Socorro de emergência.

Tormentos da Obsessão.
Pelo Espírito Manoel Philomeno de
Miranda.



4. Diálogo com os Espíritos – recurso da palavra

- **Condução do diálogo - A FALA do dialogador:**



Orientações/exemplos de diálogos:

Espíritos alcoólatras e toxicômanos:

“Quase sempre se apresentam pedindo, suplicando ou exigindo que lhes deem aquilo de que tanto sentem falta. Sofrem muito e das súplicas podem chegar a crises terríveis, delírios em que se debatem e que os desequilibram totalmente. Sentem-se cercados por sombras, perseguidos por bichos, monstros que lhes infundem pavor, enquanto sofrem as agonias da falta do álcool ou do tóxico. De nada adiantará ao doutrinador tentar convencê-los das inconveniências dos vícios e da importância da temperança, do equilíbrio. Não estão em condições de entender e aceitar tais tipos de conselhos. Deve-se tentar falar-lhes a respeito de Jesus, de que nele é que encontramos forças para resistir. De que somente com Jesus seremos capazes de vencer os condicionamentos ao vício. Se, entretanto, estiverem em delírios, o passe é o meio de aliviá-los.”

SCHUBERT, Suely Caldas. Terceira Parte, Cap. 12 - Tipos de Espíritos Comunicantes.

Obsessão/desobsessão.

Espíritos que desejam tomar o tempo da reunião:

“Vêm com a ideia preconcebida de ocupar o tempo dos trabalhos e assim perturbarem o seu desenrolar. Usam muito a técnica de acusar os participantes, os espíritas em geral, ou comentam sobre as comunicações anteriores, zombando dos problemas apresentados. Tentam alongar a conversa, têm resposta para tudo. Observando o seu intento, o doutrinador não deve debater com eles, tentando provar a excelência do Espiritismo, dos propósitos da reunião e dos espíritas, mas sim levá-los a pensar em si mesmos. Procurar convencê-los de que enquanto analisam, criticam ou perseguem outras pessoas, esquecem-se de si mesmos, de buscar a sua felicidade e paz interior. Quase nunca são esclarecidos de uma só vez. Voltam mais vezes.”

SCHUBERT, Suely Caldas. Terceira Parte, Cap. 12 - Tipos de Espíritos Comunicantes.

Obsessão/desobsessão.

4. Diálogo com os Espíritos – recurso da palavra

- **Condução do diálogo - A FALA do dialogador:**

Orientações/exemplos de diálogos:

Espíritos Irônicos:

“Fernando foi destacado para conduzir à psicofonia o atormentado perseguidor, que igualmente recobrou a consciência plena e, hostil, com graves ameaças, foi imantado ao perispírito da intermediária.

A jovem experimentou um choque nervoso como efeito da assimilação dos fluidos do comunicante, congestionou a face e tornou-se-lhe um verdadeiro símile, em perfeita identificação psíquica. Agitando-se, perturbado, indagou, sem ocultar a rebeldia:

- Por que a violência? Terão desaparecido dos *mansos* e *humildes* de coração a paciência e a bondade?

- interrogou com ironia mal disfarçada. - Até quando, ou desde quando, os *bons* se utilizarão da força para atender aos seus objetivos? Não há mais respeito pela liberdade individual?...

O doutor Carneiro interrompeu-o, **sem qualquer aborrecimento**, elucidando:

- As leis da Vida funcionam por automatismos naturais para todos os seres. A princípio, a liberdade do



indivíduo leva-o a agir como lhe apraz, inclusive mediante violência contra si próprio e o seu próximo, qual vem ocorrendo com amigo. E a utilização errada do livre-arbítrio.

Porque o mau uso dessa opção complica o destino do imprevidente, este tomba no determinismo inevitável, que o elege para a evolução, conclamando-o, com amor ou por meio do sofrimento, ao despertar da consciência. Desse modo, não nos estamos utilizando de qualquer recurso de violência, mas de uma terapia enérgica, objetivando a sua felicidade...

Uma gargalhada de mofa estrugiu, desconcertante, dos lábios da médium.

O doutrinador continuou, porém, imperturbável:

- Compreendemos a alucinação que o domina, e tendo-a em vista é que nos acercamos de você com carinho.

4. Diálogo com os Espíritos – recurso da palavra

- **Condução do diálogo - A FALA do dialogador:**

Orientações/exemplos de diálogos:

Espíritos Irônicos:

Considere-nos, portanto, como amigos, que o somos, e que se compadece do seu problema, da sua aflição. [o diálogo segue].” [negrito nosso, itálico do original]

FRANCO, Divaldo P. Cap. O caso Raulinda. **Trilhas da Libertação**. Pelo Espírito Manoel Philomeno de Miranda.

Nesse caso, observa-se que o Espírito ironiza, com sofismas (sugerindo incoerência na abordagem - refere-se ao choque anímico e à sua condução para o diálogo como um ato de violência, enquanto sabemos que é ato de contenção vibratória, cujo objetivo é o socorro e auxílio), e também dá gargalhada de ridicularização.

Nota-se que o dialogador não se permite entrar na faixa de sintonia do comunicante, não aceita a provocação, a ironia, na medida em que não se irrita. Apresenta-lhe contra-argumentos com lógica, serenidade e lucidez e, mesmo com a



reiteração da ironia/deboche do comunicante, prossegue de forma tranquila, numa explicitação prática da exortação de Jesus do *dar a outra face* (não devolver na mesma moeda, nem com ironia, e tampouco com agressividade), mas acolhendo-o para tratar da sua problemática e auxiliá-lo.

Espíritos desafiantes
(“discutidores”/debatedores/
perturbadores/sofistas)

“Retornando à sala mediúnica, acompanhamos outras comunicações espirituais atormentadas, sempre aprendendo as técnicas da compaixão e da misericórdia que ali eram aplicadas, em detrimento dos debates inúteis, recheados de palavras pomposas e vazias que não atendiam aos dramas e aos apelos dos sofredores. A terapia espírita oferecida aos desencarnados em desespero difere

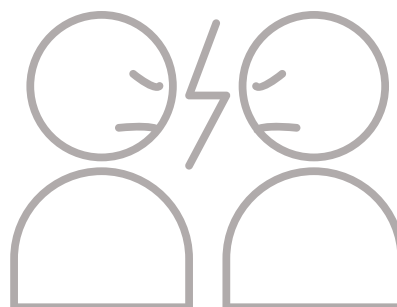
4. Diálogo com os Espíritos – recurso da palavra

- **Condução do diálogo - A FALA do dialogador:**

Orientações/exemplos de diálogos:

Espíritos desafiantes:

de tudo quanto se aplica aos enfermos encarnados. A situação de ambos é muito diversa, pois que todos os seus padecimentos estão impressos no perispírito que registra as ações e os seus efeitos, necessitando de vibrações generosas de amor e de caridade para serem diluídas mediante novas fixações emocionais. As palavras, naturalmente, auxiliam no despertamento das aflições, no entanto, com mais eficiência quando carregadas de compaixão e de entendimento fraternal, sem reprimendas nem imposições pretensivas de quem deseja doutrinar, convencer, modificar... O trabalho é de socorro e não de domínio das mentes e dos sentimentos dos enfermos espirituais. Quando, porém, se apresentam espíritos discutidores e recalcitrantes, nesse caso, ademais do sentimento de piedade em relação à sua ignorância, devem-se evitar as discussões infrutíferas que prejudicam a execução do trabalho, roubando o tempo da ação caritativa



para os debates vazios da vaidade humana. Impedir-se, pois, essas tentativas de convencimento, encerrando a comunicação e deixando que os espíritos superiores encarreguem-se de os atender, após o *choque anímico* resultante da comunicação, que é uma das finalidades básicas do recurso terapêutico. (...) No confronto com obsessores perversos e conscientes dos males que executam, ainda aí, o objetivo é socorrê-los sem os censurar nem criar conflitos mais profundos nos desditosos perseguidores. Jesus é sempre o Modelo em todas as situações.”
[itálico do original]

FRANCO, Divaldo P. Cap. 6 – O socorro prossegue. **Amanhecer de uma nova era.** Pelo Espírito Manoel Philomeno de Miranda.



4. Diálogo com os Espíritos – recurso da palavra

• **Condução do diálogo - A FALA do dialogador:**

Orientações/exemplos de diálogos:

Espíritos desafiantes:

- **Orientações gerais no diálogo com 'discutidores':**
- Não entrar na faixa de sintonia dele (não abrir campo e se embrenhar na discussão).
- Manter emanção psíquica, vibratória, de teor diverso daquele do comunicante. Manter compaixão, compreensão.
- Identificar se há um ponto frágil da personalidade do comunicante (penetrar no âmago para despertá-lo). Por vezes, os Mentores trazem algum familiar para isso e o comunicante refere ou o dialogador capta intuitivamente a presença e indica.
- Uma vez que é percebido um diálogo circular ou repetitivo, a pertinácia, resistência, não ceder ao orgulho próprio de querer impor-se ou ter pretensão de convencê-lo. Encaminhar para o encerramento do diálogo, confiando o irmão espiritual ao encaminhamento dos Mentores. [Esse atendimento é realizado em continuidade à reunião



Espíritos descrentes e materialistas:

mediúnica, durante o sono físico dos membros encarnados da equipe]:
"Foi Malvina quem primeiro entrou em transe sob a influência do bispo de M., que já houvera sido atendido antes e fora conduzido a uma câmara de tratamento.

O aspecto lupino em que se apresentava era comovedor...

blasonou:

- (...) Acreditam, por acaso, que nos deixamos atemorizar pelas falsas teologias sobre Deus, imortalidade, justiça? Não aceitamos esses contos de fadas... Estão equivocados. Tudo se acaba, consome-se com o tempo.

Aqui temos duas correntes filosóficas: a esotérica e a exotérica. Entre nós, os sábios, conhecemos a desagregação do ser e sua consumpção, aniquilamento na poeira da energia, e aos exotéricos ensinamos a imortalidade, na qual nada se extingue e se expressam recompensa e punição. Só existe o caos em tudo, e nós somos as

4. Diálogo com os Espíritos – recurso da palavra

- **Condução do diálogo - A FALA do dialogador:**

Orientações/exemplos de diálogos:



Espíritos descrentes/materialistas

sucessivas ondas do nada ainda cristalizadas. Vão-se diluindo as mais grosseiras, depois as mentais ainda cristalizadas e assim

sucessivamente, até o nada. (...)

Deu ruidosa gargalhada. A médium reproduzia os meneios e movimentos do comunicante. Embora as suas palavras se revestissem sempre de ironia, o rosto estava marcado pela dura expressão lupina... [o Espírito]

Embora se encontrasse como as funções mentais, emocionais e dispositivos complexos da vida, a tudo considerava de natureza imaginária.

O nosso Eurípedes [Barsanulfo] era o dialogador que o deixou realizar a catarse que o outro anelava, o que fez com alegria, a fim de poder entretecer considerações, conforme aconteceu.

Embora as defesas de estrutura do recinto dedicado à oração e ao socorro da Caridade, as emanações mentais e exsudações dos convidados à comunicação espiritual deixavam o ambiente saturado de ideias deletérias...

Na pausa que se fez natural,
Eurípedes expôs:

- Seria, sem dúvida, uma aberração da lógica e do conhecimento podermos contemplar o Universo e tudo quanto abarca... ser resultado do nada... Mudaríamos somente de designação, substituindo Deus por Natureza, nada ou equivalente. Sempre chegaríamos ao ponto inicial, à grande interrogação que tem estado presente no infinito do tempo. Esse conceito estúpido não pode viger em mente igual a do Sr. bispo, conhecedor de Santo Agostinho e das suas conclusões a respeito da vida e sobre a sua origem... Como o nosso objetivo não é filosofar, porém estabelecer padrões morais de comportamento para a vivência imortal, a sua negligência religiosa enquanto na Terra e conduta reprochável oculta sob o manto da fé transtornaram-lhe a mente, e o senhor optou pela solução mais simples e estúpida, que finge aceitar entre conflitos que o atormentam. A sua e a perseguição aos discípulos de Jesus assim como

4. Diálogo com os Espíritos – recurso da palavra

- **Condução do diálogo - A FALA do dialogador:**

Orientações/exemplos de diálogos:



Espíritos descrentes/materialistas

a Ele próprio, demonstram que se trata de uma realidade que os fatos confirmam. Primeiro, veio Jesus anunciar o seu Reino e vivê-lo, depois os Seus exemplos no cotidiano, culminando com a morte, que seria consumpção, e Ele ressuscitou com o mesmo *corpo*... Não se trata de uma concepção, de uma fantasia, de um fenômeno isolado, porque a cena se repete inúmeras vezes, naqueles dias, e periodicamente até hoje.

A vida é imperecível e iremos demonstrar-lhe.

Por ocasião do seu ministério religioso, fez voto de castidade e, nada obstante, desrespeitando o compromisso, seduziu diversas criaturas ingênuas ou invigilantes, dentre diversas a jovem Marcela, de pouco mais de 14 anos. E o fez num dos lugares denominados sagrados: o confessionário!...

- Não vá adiante, caluniador! - bradou com aspereza.

- Sim, claro que irei... Utilizou-se da infeliz menina... mas quando inesperadamente ela descobriu que estava em gestação e lhe deu

ciência, a sua reação foi covarde e perversa, propondo o aborto imediatamente, antes que os sinais a denunciasses sem alternativa... soube de um médico aborteiro e, quase ao terceiro mês, eliminou a vida em floração que a jovem carregava no ventre.

Ela era frágil e insegura, sabia que estava em pecado e, após confessar-se com o seu algoz, resolveu por suicidar-se, em tentativa louca de livrar-se do clamoroso erro.

O silêncio fez-se na sala, e o presunçoso religioso começou a contorcer-se a emitir sons terríveis através da médium.

- Mas isso não foi tudo... - prosseguiu o mentor. - O corpo da criança foi despedaçado ainda em formação, mas o Espírito, que já se lhe estava fixando, permaneceu no claustro orgânico em sua volta, terminando por ligar-se a você. Não se consumiu no nada, mas continua exatamente como era, agora com propósitos definitivos. (...)

Profundo conhecedor das misérias humanas, o nobre Eurípedes

4. Diálogo com os Espíritos – recurso da palavra

- **Condução do diálogo - A FALA do dialogador:**

Orientações/exemplos de diálogos:



Espíritos descrentes/materialistas

fê-lo voltar ao cenário de degradação e infâmia em que interrompeu o renascimento do Espírito.

Recordando desditoso naquele momento, as teses *nadaístas* pouco ou nada puderam impedir nos dias do passado próximo nas arrepiantes atrocidades.

Estorcegando e debatendo-se nos delicados e vigorosos fluidos da mediunidade, passou a rever na mente, antes obnubilada, a cena terrível da infeliz mãezinha que se atirara da torre alta da Igreja Matriz onde ambos pareciam cultuar Deus. Vimos, através das imagens que ele exteriorizava, a criancinha ensanguentada, enquanto a sua voz pedia misericórdia para que não lhe matassem o corpo de que muito necessitava. Simultaneamente, a própria Marcela, enlouquecida e deformada, tentava agredir o insano, igualmente atacado por outros inimigos também dos desencarnados. (...)

Nesse comenos, Eurípedes evocou as bênçãos de Maria Santíssima, e uma luz desceu sobre o cenário

triste, produzindo um terrível choque visual. A senhora de Nazaré em pessoa apareceu a pouco e pouco, ocorrendo um silêncio incomum, quebrado pelo pranto de muitas vozes, e abraçou o demente pervertido incorporado em Malvina...

Ele uivava e retorcia-se nos braços carinhosos da Mãe Sublime de Jesus. Ouviu-se-lhe a dúcida voz como a tonalidade inolvidável:

- Filho, que fizeste das ovelhas que te foram entregues para pastorear? Por que as transformaste em vampiros e as levaste à loucura? Onde estão os teus sentimentos de pastor?

Por tiraste os cordeiros débeis inseguros aos cardos, sobre as pedras da desagregação? Ainda é tempo de voltares ao aprisco...

Tua veneranda mãezinha rogou-me teu auxílio... Entrego-te aos seus cuidados, qual aconteceu há bastante tempo.

Liberta-te do mal, no seu doce aconchego.

Surpreendeu-nos uma dama idosa

4. Diálogo com os Espíritos – recurso da palavra

- **Condução do diálogo - A FALA do dialogador:**

Orientações/exemplos de diálogos:



Espíritos descrentes/materialistas

adornada de luz, que se aproximou e distendeu os braços, recolhendo o filho desditoso que chorava em urros dilacerantes.

- Confia em Deus, meu filho, e saiamos do abismo para outro campo onde reine o amor...

A agressividade geral diminuiu.. Foi então que a Senhora Mãe da Humanidade concluiu:

- Renascerás ainda na Terra, proximamente, assinalado pelas flores negras dos teus delitos, espinhos transformados em feridas e deformações surgirão no teu corpo e na tua emoção, como flores perversas, a fim de logreres a redenção, até o momento em que o teu coração pulse ao ritmo do amor que destroçaste em outras existências.



Não recalcitres, nem titubeies. Não há crimes que não possam ser corrigidos, nem amor que se negue a envolver todos os réprobos para a reparação...”.

FRANCO, Divaldo P. Cap. 17 - Iluminação de Consciências. **No Rumo do Mundo de Regeneração.** Pelo Espírito Manoel Philomeno de Miranda.

Pode-se destacar do caso:

- O nível de negacionismo desse Espírito era tal que, mesmo já desencarnado, ele ainda negava a imortalidade e insistia que haveria dissolução gradual até a completa (nada), como uma forma de tentar justificar-se com a própria consciência.
- O diálogo é conduzido pelo próprio Mentor na dimensão espiritual, o qual conhecia o passado do Espírito e usou no recurso da palavra as seguintes

4. Diálogo com os Espíritos – recurso da palavra

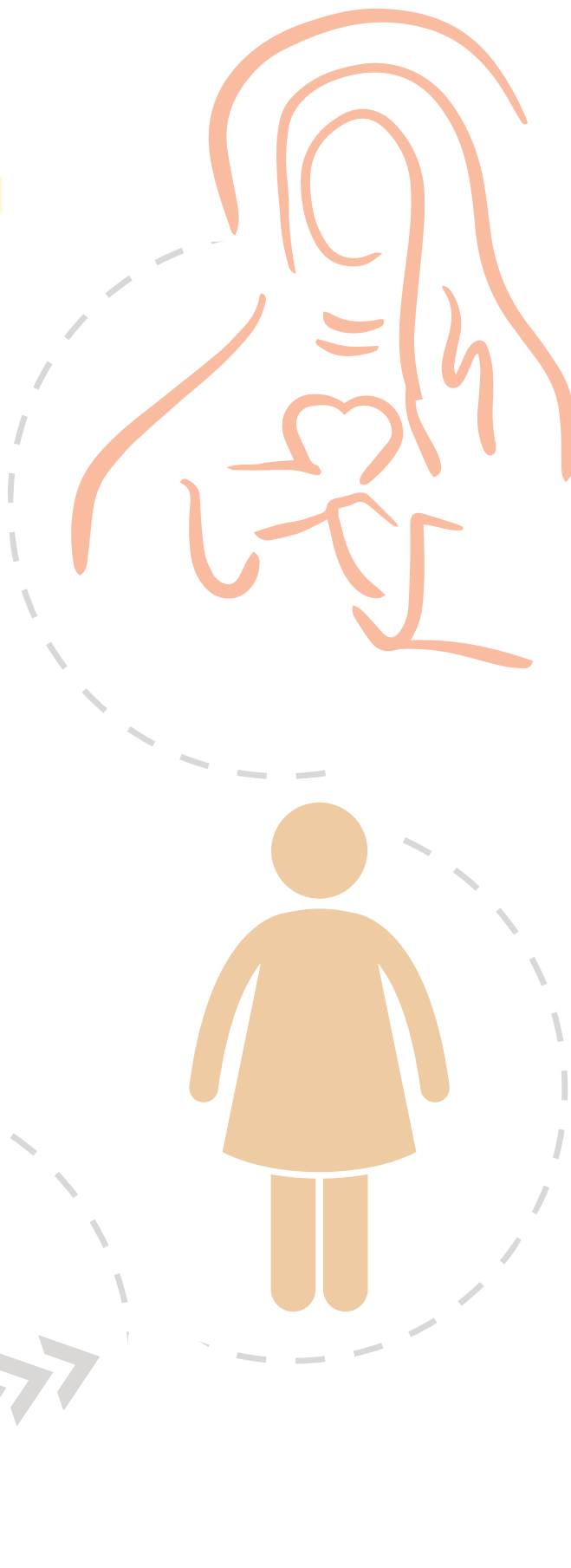
- **Condução do diálogo - A FALA do dialogador:**

Orientações/exemplos de diálogos:

Espíritos descrentes/materialistas

estratégias: iniciou com brandura, mas firmeza, apresentando raciocínios lógicos; na sequência, apresentou fatos (recurso da regressão de memória).

- Ainda como recurso ao atendimento, compareceram outras entidades espirituais (a própria Mãe de Jesus e a mãe do comunicante) para auxiliar em seu socorro.
- Para a reabilitação daquele Espírito seria necessário reencarnação em condições penosas.



4. Diálogo com os Espíritos – recurso da palavra

- **Condução do diálogo - A FALA do dialogador:**

Orientações/exemplos de diálogos:

Espíritos dementados

[Embora o caso seguinte não tenha sido atendido em uma reunião mediúnica, as medidas adotadas sinalizam orientações úteis à abordagem do dialogador:]

“- Irmão Tobias!... Irmão Tobias!... Por caridade! – gritou um ancião, gesticulando, agarrado ao leito, à maneira de louco – Estou a sufocar! Isto é mil vezes pior que a morte na Terra... Socorro! Socorro! Quero sair, sair!... Quero ar, muito ar!

Tobias aproximou-se, examinou-o com atenção e perguntou:

- Por que teria o Ribeiro piorado tanto?

- Experimentou uma crise de grandes proporções, explicou a serva – e o Assistente Gonçalves esclareceu que a carga de pensamentos sombrios, emitidos pelos parentes encarnados... Hoje, muito cedo, ele se ausentou sem consentimento nosso, a correr desabaladamente. Gritava que lhe exigiam a presença no lar, que não podia esquecer a esposa e os filhos chorosos; que era crueldade retê-lo aqui, distante do lar. Lourenço e Hermes esforçaram-se por fazê-lo voltar ao leito, mas foi



impossível. Deliberei, então, aplicar alguns passes de prostração. Subtraí-lhe as forças e a motilidade, em benefício dele mesmo.

- Fez muito bem – acentuou Tobias... Fixei o doente procurando identificar-lhe a expressão íntima, verificando a legítima expressão de um dementado. Ele chamara Tobias como a criança que conhece o benfeitor, mas acusava profundo alheamento de quanto se dizia a seu respeito. Notando-me a admiração, o novo orientador explicou:

- O pobrezinho permanece na fase de pesadelo, em que a alma pouco mais vê e ouve que as aflições próprias. O homem, meu caro, encontra na vida real o que amontoou para si mesmo. Nosso Ribeiro deixou-se empolgar por numerosas ilusões...”

XAVIER, Francisco Cândido. Cap. 27 - O trabalho, enfim. **Nosso Lar**. Pelo Espírito André Luiz.

4. Diálogo com os Espíritos – recurso da palavra

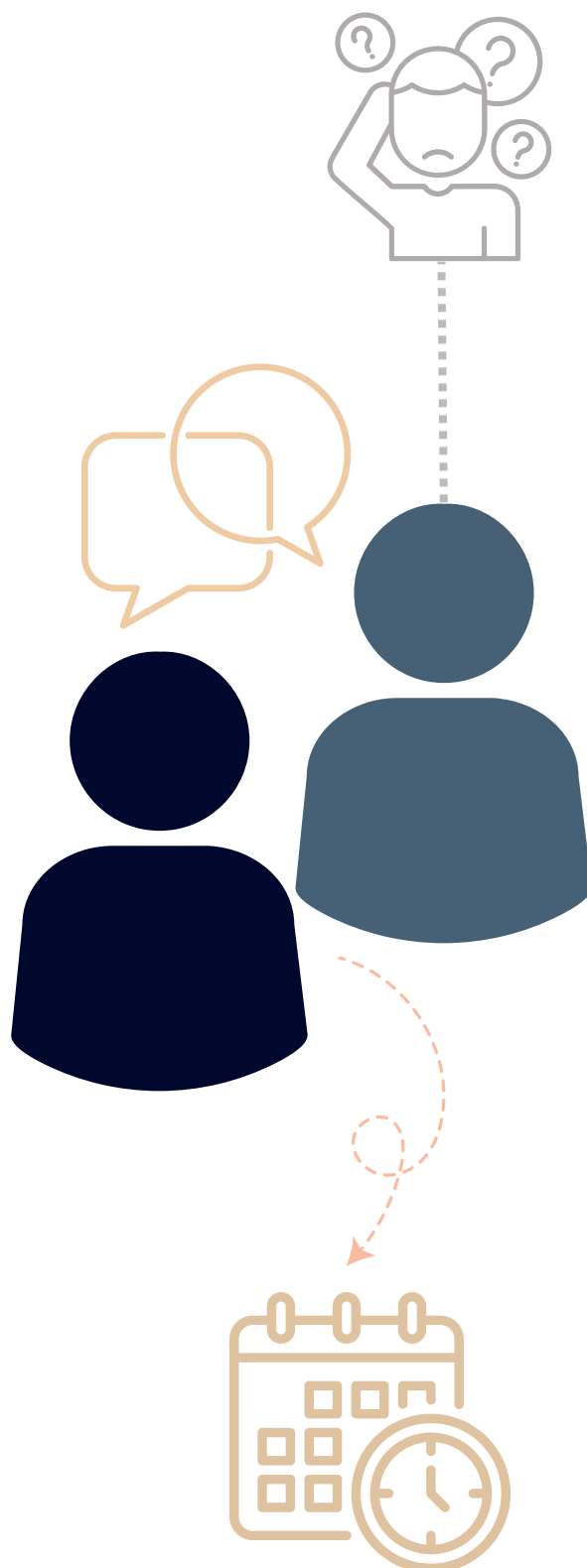
- **Condução do diálogo - A FALA do dialogador:**

Orientações/exemplos de diálogos:

Espíritos dementados

Orientações para o dialogador
extraídas do caso:

- Quando o Espírito se apresenta muito perturbado, com alucinações mentais, não terá condições de compreender explicações que lhe sejam ministradas e, por isso, será suficiente o acolhimento; o choque anímico irá também auxiliá-lo e, se necessário, poderá ser utilizado algum recurso complementar (como a prece, o passe ou a sonoterapia, por exemplo, desde que sejam fortemente inspirados pelo Mentor da atividade), com diálogo curto, no intuito mais específico de um primeiro atendimento que terá continuidade na dimensão espiritual ou em nova reunião mediúnica, quando a entidade estiver em condições de receber mais amplo auxílio.



4. Diálogo com os Espíritos – recurso da palavra

- **Condução do diálogo - A FALA do dialogador:**

Orientações/exemplos de diálogos:

Espíritos mistificadores

“Quando se trata de Espíritos mistificadores, burlões ou perversos, as suas impressões são desagradáveis ao médium bem como àquele de quem se acercam, não as podendo disfarçar ou impedir que se expressem.

Por afinidade se identificam mais facilmente com pessoas que possuem os mesmos sentimentos e com eles sintonizam harmonicamente.

A dificuldade existente para uma perfeita identificação dos Espíritos que se comunicam desaparece, quando aquilo que ensinam está de acordo com o caráter moral de quem afirmam haver sido na Terra, ademais ocorrendo através de médiuns idôneos, cuja conduta irreprochável constitui, por si mesma, impedimento natural a mistificações e zombarias que procedem de perturbadores e infelizes sem as roupagens físicas.

Quando, por acaso, ocorre esse fenômeno em um grupo sério, tem ele por objetivo mais conscientizar os que ali operam, auxiliando-os no aprendizado para lidar com situações



desse porte ou equivalentes. Normalmente são facultados pelos Mentores espirituais que se encarregam de conduzir as reuniões edificantes. (...)

Os médiuns por sua vez, face à identificação fluídica sentida durante o transe, podem contribuir para ser examinado o grau de evolução moral do autor da mensagem. (...)

Assim posta a questão, a identificação dos Espíritos torna-se de fácil realização, quando se têm em mente os sentimentos, para mais facilmente sintonizar-se com os mentores da Humanidade”.

FRANCO, Divaldo P. Cap. Identificação Espiritual. (Pelo Espírito Manoel Philomeno de Miranda). **Luzes do Alvorecer**. (Por Diversos Espíritos).



4. Diálogo com os Espíritos – recurso da palavra

- **Condução do diálogo - A FALA do dialogador:**

Orientações/exemplos de diálogos:

Espíritos mistificadores

“Os médiuns de mais mérito não estão ao abrigo das mistificações dos Espíritos embusteiros; primeiro, porque não há ainda, entre nós, pessoa assaz perfeita, para não ter algum lado fraco, pelo qual dê acesso aos maus Espíritos; segundo, porque os bons Espíritos permitem mesmo, às vezes, que os maus venham, a fim de exercitarmos a nossa razão, aprendermos a distinguir a verdade do erro e ficarmos de prevenção, não aceitando cegamente e sem exame tudo quanto nos venha dos Espíritos; nunca, porém, um Espírito bom nos virá enganar; o erro, qualquer que seja o nome que o apadrinhe, vem de uma fonte má. Essas mistificações ainda podem ser uma prova para a paciência e perseverança do espírita, médium ou não; e aqueles que desanimam, com algumas decepções, dão prova aos bons Espíritos de que não são instrumentos com que eles possam contar.”

KARDEC, Allan. Cap. II - Noções elementares de Espiritismo, item 82. **O que é o Espiritismo.**

“(...) A mistificação é um dos graves escolhos à mediunidade, todavia, fácil de se evitar, como de se identificar.

A convivência com o médium dará ao observador a dimensão dos seus valores morais, e será por estes que se poderá medir a qualidade e as resistências mediúnicas do mesmo, a possibilidade dele ser vítima ou responsável por mistificações.”

FRANCO, Divaldo P. Cap. 14 – Mistificações na mediunidade. **Médiuns e Mediunidades.** Pelo Espírito Vianna de Carvalho.

“68. Qual é a abordagem correta do doutrinador, quando identifica a presença de um Espírito mistificador?”

Detectada a farsa da Entidade perturbadora, o dever do orientador é desmascará-lo. Deve dizer que está em uma atividade muito séria, e que

4. Diálogo com os Espíritos – recurso da palavra

- **Condução do diálogo - A FALA do dialogador:**

Orientações/exemplos de diálogos:

Espíritos mistificadores

ele vindo burlar, perturba o trabalho, que tem finalidade superior. Abrimos um parêntese para dizer que os Benfeitores Espirituais permitem que venham Espíritos mistificadores para tornar o médium humilde, não alimentando a presunção de que é perfeito, invulnerável a quaisquer situações dolorosas. Depois, para treinar os doutrinadores a separarem o joio do trigo e, por fim, porque, quando o Espírito burlão, mistificador, se comunica, também é credor de misericórdia, de caridade, pois está em sofrimento. Essa máscara aparente, com que se apresenta, é o mecanismo de autonegação da sua realidade e merece ser necessariamente esclarecido, com bondade e compaixão, para que se dê conta de que a farsa não encontrou receptividade e, despertado, a partir daí, os Instrutores Espirituais prossigam no atendimento, demonstrando-lhe os sofrimentos porque vai passar, derivados da larga mentira que haja proposto a si mesmo e aos outros.



Todavia, a tarefa do doutrinador é a de esclarecer, identificando a mistificação, sem que o médium se sinta melindrado com isso. O fenômeno da mistificação nenhuma relação tem com a mediunidade, aliás, a sua existência é própria da qualidade mediúnica. Allan Kardec fala, textualmente, que o médium excelente não é aquele que tem a capacidade de dar comunicações superiores, e sim aquele que tem facilidade de se comunicar com diferentes Entidades. Quando se trata de uma única, estamos diante de uma fascinação. A mediunidade é polimorfa, sendo um telefone por onde falam todos aqueles que se lhe acercam, cabendo ao mediano a postura dignificante para não sintonizar com os Espíritos perversos, senão com objetivo caritativo.”

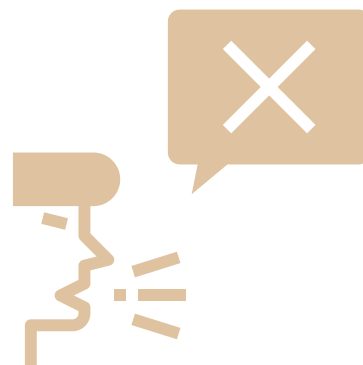
Proj. Manoel Philomeno de Miranda.
Questão 68. **Qualidade na Prática Mediúnica.**

4. Diálogo com os Espíritos – recurso da palavra

- **Condução do diálogo - A FALA do dialogador:**

Orientações/exemplos de diálogos:

Espíritos religiosos (obsessores inimigos do Espiritismo)



“... dona Márcia, a veneranda médium, encontrava-se sob a ação de um Espírito tresvariado, que lhe reproduzia contorções angustiantes, transfigurando-lhe a face, que ficou deformada, com os olhos desmesuradamente abertos... O comunicante... bradou, estentóreo: - Os feiticeiros que criaram a Santa Inquisição - e rugiu como se fosse uma gargalhada de mofa - agora entregam-se à necromancia, obrigando os mortos a atenderem aos seus caprichos. (...) para constranger-nos com a sua verborragia cansativa e inútil, vestindo-se de bons samaritanos da ridícula parábola do seu Mestre... Vamos, então, ao que mais interessa... Que pretendem de mim? Com a voz mansa e sem apresentar qualquer preocupação... o mentor Elvídeo, o atendeu, a um olhar do benfeitor, esclarecendo: - O caro amigo está perfeitamente consciente do que se passa neste momento. Esta é uma Casa que se dedica à comunicação com o denominado o *mundo invisível*... não

exercemos a necromancia ou qualquer prática censurável como a das evocações levianas, porque o amigo aqui está por espontânea vontade, ou, talvez, sob ordens de algum sicário que o escraviza às suas paixões torpes. É provável que alguns de nós tenhamos mourejado na funesta Inquisição, filha hedionda das nossas paixões nos dias já remotos do passado... fascinados pelo enganoso poder, esquecidos da imortalidade... Hoje os nossos projetos e ações são muito diferentes, pois que, por fim, descobrimos o significado das lições incomparáveis do Evangelho, dedicando-nos à vivenciá-las e auxiliar aqueles aos quais afligimos... Surpreendentemente, o visitante permaneceu em silêncio escutando as explicações, porém, apresentando fâcies deformada, quase lupina, os olhos miúdos e brilhantes, enquanto externava terríveis vibrações de ódio e desprezo... explodiu, irônico: - Miseráveis, discípulos do Carpinteiro criminoso... que não trepidaram em matar os

4. Diálogo com os Espíritos – recurso da palavra

- **Condução do diálogo - A FALA do dialogador:**



Orientações/exemplos de diálogos:

Espíritos religiosos (obsessores inimigos do Espiritismo)

herdeiros de Moisés e da Tradição judaica! Ambiciosos desalmados, utilizavam-se dos pérfidos argumentos... enquanto se assenhoreavam do mundo... Hoje, no entanto, quando ensaiam o renascimento das ideias d'Ele, após o Seu fracasso ao longo dos tempos, pelas adulterações e crimes cometidos em Seu nome, pretendem dominar novamente a Terra, o que jamais permitiremos... Conhecemos vocês de antes e sabemos o de que são capazes, mas nós também dispomos de armas de sedução, de intriga, de destruição, porque conhecemos os seus pontos vulneráveis, os seus calcanhares de Aquiles... e nenhum escapará das nossas hábeis manobras... Interrompendo-o, o irmão Elvídio elucidou:

- Reconhecemos que já transitamos por esses caminhos escabrosos... Essas experiências que nos conduziram antes a condições penosas de resgate, são-nos hoje abençoadas lições para não repetirmos os mesmos ou outros erros. (...) As ameaças

de destruição dos nossos centros de atividade não nos intimidam, porque temos como templo a Natureza e como o altar para devoção o próprio coração, qual aprendemos com Jesus.

- Os seus lamentos não me sensibilizam, porque conheço as técnicas dos farsantes que apelam para os sentimentos dos fracos... Hoje formamos um exército de combatentes bem equipados para a batalha, considerando a nossa vantajosa posição fora do corpo... utilizando das técnicas modernas de sedução e interferência psicológica... O orgulho e a presunção, a sede de dominação que remanesce nos diversos chefetes das agremiações cristãs, especialmente aquelas que se dizem construídas sob as luzes do Consolador - novamente estertorou com desprezo incomum - não se manterão de pé...

- O irmão Elvídio, discreto e impertérrito, calmamente redarguiu:
- (...) As vítimas *inocentes* que a Santa Inquisição assassinou, eram

4. Diálogo com os Espíritos – recurso da palavra

- **Condução do diálogo - A FALA do dialogador:**

Orientações/exemplos de diálogos:



Espíritos religiosos (obsessores inimigos do Espiritismo)

nada mais, nada menos, do que os homicidas de séculos anteriores...

Ninguém escapa impune de si mesmo, das leis soberanas neles mesmos insculpidas... o Pai de

Misericórdia não necessita da interferência humana imperfeita e vingativa para reconduzir ao bem os infratores... É hora, portanto, de ir para outro tipo de reflexões. O amigo reconhece haver pertencido às ordens alucinadas da destruição, tendo passado pelo processo de resgate doloroso... reincidindo em gravame dos quais estaria libertado se houvesse entendido a lição recuperadora imposta pelo Criador.

As elucidações lógicas e apresentadas com alta dose de bondade, sem qualquer ressentimento por parte do expositor, de alguma forma a sensibilizaram o rebelde, que se manteve em silêncio, escutando e reflexionando... o irmão Elvídio, acentuou:

- Qualquer tentativa de diálogo neste momento é improfícua, pois que sempre será derivada para as ideias

fixadas demoradamente ao longo dos séculos... Em razão disso, iremos recorrer à terapêutica do sono tranquilizador para futuros cometimentos...

O amigo Germano [Espírito responsável pela aplicação de passes] acercou-se do médium e deu início à aplicação de fluidos anestésiantes, enquanto o mentor, com monotonia na voz, sugeria o adormecimento ao comunicante.

Transcorridos menos de dois minutos, o visitante espiritual repousava com algum ruído em profundo sono hipnótico.

Delicadamente desligado da abnegada médium, foi acomodado em maca especial [na dimensão espiritual] para as futuras providências."

FRANCO, Divaldo P. Cap. 5 - Enfrentamento iluminativos. **Perturbações espirituais.** Pelo Espírito Manoel Philomeno de Miranda.

4. Diálogo com os Espíritos – recurso da palavra

- **Condução do diálogo - A FALA do dialogador:**

Orientações/exemplos de diálogos:

Espíritos religiosos (obsessores inimigos do Espiritismo)

Pode-se destacar no caso:

- O Espírito usa de ironia, trata de falha que muitos trabalhadores espíritas atuais tiveram no campo religioso; acusa, ameaça, agride.
- O dialogador não se exaspera, não se altera emocionalmente, mantém a calma, aplicando argumentos lógicos - lei de causa e efeito, lei de justiça amor e caridade, etc. - não tenta se defender. Quando o comunicante quer prosseguir em ataques, interrompe-o na fala, sem exacerbação. Nota que o prosseguimento do diálogo de forma muito extensa não traria maiores benefícios para o despertamento do comunicante e finaliza usando o recurso da sonoterapia.



Espíritos intelectuais

“Nem sempre é materialista. A escala cromática aqui é ampla e variada. Encontramo-los de todos os feitios, variedades e tendências. Há os descrentes, indiferentes, materialistas, espiritualistas, religiosos ou não. Foram escritores, sacerdotes, artistas, poetas, médicos, advogados, nobres, ricos, pobres. Quase sempre se deixaram dominar por invencível vaidade, fracassando na provação da inteligência. No binômio cérebro/coração, no qual o homem deve buscar equilíbrio, deixaram disparar na frente um dos componentes, em sacrifício do outro. Brillhantes, demoram-se na doce e venenosa contemplação narcisista da própria inteligência, fascinados pelos seus mecanismos, sua engenhosidade e os belos pensamentos que produzem. Julgam-se geniais – e muitas vezes o são mesmo. São bons argumentadores e, quando movidos para objetivos bem definidos, tornam-se verdadeiramente difíceis

4. Diálogo com os Espíritos – recurso da palavra

- **Condução do diálogo - A FALA do dialogador:**

Orientações/exemplos de diálogos:



Espíritos intelectuais

de serem despertados, pois se acham solidamente convencidos do poder e da força das suas próprias fantasias, suas doutrinas, seus sofismas e suas autojustificações. Vemo-los, às vezes, na condição de ex-sacerdotes também, como exímios criadores de tais sofismas. Estudaram profundamente os Evangelhos e a teologia ortodoxa. Leram os seus filósofos, escreveram tratados, pregaram sermões belíssimos, do ponto de vista literário, e tanto consolidaram suas construções, que acabaram acreditando nelas. São estes que constituem o diálogo mais difícil para o doutrinador. Não se exaltam, nem dão murros. Parecem, mesmo, suaves e tranquilos. Têm respostas prontas e engenhosas para tudo, fazem perguntas bem formuladas, procurando confundir, para desarvorar o interlocutor. Ao cabo de algum tempo de observação atenta, descobrimos que o intelectualismo é como qualquer outra forma de fuga; é também um esconderijo, para o

Espírito que reluta em enfrentar uma realidade dolorosa. Se conseguirmos restabelecer o vínculo, que sempre deverá existir, entre cabeça e coração, estaremos a caminho de ajudá-lo.”

MIRANDA, Hermínio Correa. Cap. 19
- O intelectual. **Diálogo com as sombras.**



4. Diálogo com os Espíritos – recurso da palavra

- **Condução do diálogo - A FALA do dialogador:**

Orientações/exemplos de diálogos:

Orientadores (Mentores)

“90. Haverá necessidade de que, no início das sessões mediúnicas, todos os médiuns recebam seus mentores particulares, para garantir sua presença ou para deixar a cada qual sua mensagem?

RAUL Não, não há. As leituras e meditações feitas na abertura da sessão, seguidas pela oração contrita e objetiva, assim como a predisposição positiva dos participantes dão-nos a garantia da presença e da conseqüente assistência dos Espíritos-guia, sem necessidade de que cada médium receba o seu mentor particular. Há circunstâncias em que o Espírito responsável pelo labor a desenrolar-se comunica-se, após a abertura da sessão, com alguma mensagem orientadora, comumente versando sobre as lides a se processar, concitando à atenção, ao aproveitamento etc. Outras vezes, vem ao final das tarefas para alguma explicação, conclamação ao encorajamento e à perseverança, desfazendo quaisquer temores em função de alguma comunicação mais

preocupante. Contudo, a comunicação de todos os guias, no mínimo, é desnecessária e sem propósito.”

FRANCO, Divaldo P.; **TEIXEIRA**, Raul. Questão 90 (da Ed. Intervidas).
Diretrizes de Segurança.

“53. Alguns grupos mediúnicos exigem a manifestação dos mentores espirituais para declararem iniciados os trabalhos. É isto necessário?

DIVALDO Exigir a manifestação do mentor é inverter a ordem do trabalho. Quem somos nós para exigir alguma coisa dos mentores? Quando o trabalho está realmente dirigido, são os mentores que, espontaneamente, quando convém, se apressam em dar instruções iniciais, objetivando maior aproveitamento da própria

4. Diálogo com os Espíritos – recurso da palavra

- **Condução do diálogo - A FALA do dialogador:**

Orientações/exemplos de diálogos:

Orientadores (Mentores)

experiência mediúnica. Ocorre que, se condicionar o início do trabalho a ‘incorporações’ dos chamados Espíritos-guia, criar-se-á um estado de animismo nos médiuns que, enquanto não ouçam as ‘palavras sacramentais’, não se sentirão inclinados a uma boa receptividade. Isso é criação nossa, não é da doutrina espírita.”

FRANCO, Divaldo P.; **TEIXEIRA**, Raul. Questão 53 (da Ed. Entrevistas).
Diretrizes de Segurança.

“Procedida à leitura de uma página consoladora e entretidos leves, agradáveis comentários sobre o texto, foi feita a prece de abertura, que dava início ao intercâmbio entre as duas esferas da vida.

Como fora providenciado da vez anterior, o enfermo desencarnado foi trazido adredemente e, desde a véspera, quando o médium Joel, em desdobramento pelo sono, foi conduzido àquele recinto, cuidou-se da sua pré-imantação fluídica para o ministério em pauta...

O caroável Bezerra, humilde e diligente, aprestara-se às providências indispensáveis. (...)

Tomando a instrumentação mediúnica de Rosângela, que manipulava com habilidade e delicadeza, após a saudação evangélica, expôs, compassivo: – Aqui estamos sob a égide de Jesus para ajudar, pura e simplesmente. Candidatamo-nos a socorrer sem maiores ambições, pois que os resultados pertencem sempre ao Senhor, a Quem doamos, também, nossas vidas..

‘Desse modo, recordemos o Mestre em Gadara ou Gerasa diante do obsidiado em desvalimento: nenhuma exprobração, nenhuma violência, vulgaridade alguma, sem acusação nem reproche. Calmo e íntegro, superior e amoroso, infundiu respeito, concedeu oportunidade liberativa, amparou. Não desvalorizemos as excelentes possibilidades que Ele nos coloca ao alcance: oração, paciência, caridade... Permeando-nos desses poderes, serão dispensáveis a discussão, a agitação, a ofensa

4. Diálogo com os Espíritos – recurso da palavra

- **Condução do diálogo - A FALA do dialogador:**

Orientações/exemplos de diálogos:

Orientadores (Mentores)

humilhante, a dura verdade
para dobrar.

Ninguém está lutando contra outrem
a perseguir a própria vitória.
Estamos exercitando vivência cristã
fraternal e caridosa para com nós
mesmos, através do auxílio ao
próximo.'

Depois de breve silêncio, a fim de que
todos pudéssemos absorver o
tônico das suas palavras,
obtemperou, concluindo:

– O irmão em tratamento representa
o nosso passado, o que já fomos, e o
porvir dos invigilantes, que ainda hoje

não despertaram para as
responsabilidades que lhes dizem
responsabilidades que lhes dizem
respeito. Atendido como irmão, que
não o seja apenas verbalmente,
recebendo o afável tratamento que
lhe devemos dispensar.
'Oremos e prossigamos!'"

FRANCO, Divaldo P. Cap. 17 -
Doutrinação e surpresas. **Grilhões
partidos**. Pelo Espírito Manoel
Philomeno de Miranda.



4. Diálogo com os Espíritos – recurso da palavra

- **Condução do diálogo - A FALA do dialogador:**

Orientações/exemplos de diálogos:

Espíritos com deformações e necessidades materiais:

“89. Em casos nos quais o Espírito se manifesta e queixa-se de dores físicas, deve o doutrinador oferecer remédios, leite, como se de fato a entidade padecesse daquelas dores?”

Em *O Livro dos Espíritos* [questão 257], o Codificador aclara que ‘a lembrança que da dor a alma conserva pode ser muito penosa, mas não pode ter ação física’. Sendo assim, a queixa do desencarnado procede dos seus campos psíquicos, onde a memória se lhe fixou os travos do sofrimento e das dores.

O doutrinador, em sua função de ajudar, pode propor ao comunicante a busca desse ou daquele apoio nos Benfeitores presentes à reunião. Pode também oferecer-lhe algum remédio, simbolizado na aplicação de passes sobre o desencarnado e o médium. Nada, contudo, de oferta material.

Não há qualquer sentido, à luz do Espiritismo, em se oferecer algo material a qualquer desencarnado comunicante. Nem remédio, nem água, nem comida, nem tabacos,



nem alcoólicos. Não haverá nexos algum em se fazer deixar o médium em transe, sob a justificativa de dar-se leite ao Espírito. Na esfera fluídica, contudo, os trabalhadores espirituais tudo providenciarão para o atendimento aos sofredores, tenha ou não sido solicitado pelo doutrinador.” [itálicos do original]

TEIXEIRA, Raul. Parte quatro, questão 89. **Desafios da mediunidade**. Pelo Espírito Camilo.

“Nesse momento, renteou conosco uma entidade em deplorável aspecto.

Era um homem esguio e triste, exibindo o braço direito paralítico e ressecado. Atendendo-me ao olhar interrogativo, o companheiro, como quem não mais dispunha de tempo para o comentário fraterno, apenas me disse:

– Faça uma auscultação. Repare por si mesmo.

Acerquei-me do amigo sofredor. Toquei-lhe a

4. Diálogo com os Espíritos – recurso da palavra

- **Condução do diálogo - A FALA do dialogador:**

Orientações/exemplos de diálogos:



Espíritos com deformações e necessidades materiais:

fronte, de leve, e registrei-lhe a angústia. Nas recordações que se lhe haviam cristalizado no mundo mental, senti-lhe o drama interior. Fora musculoso estivador no cais, alcoólatra inveterado que, certa feita, de volta a casa, esbofeteou a face paterna, porque o velho genitor lhe exprobrara o procedimento.

Incapaz de revidar, o ancião, cuspinhando sangue, praguejou, desapiedado: – Infame! o teu braço cruel será transformado em galho seco... Maldito sejas!

Ouvindo tais palavras que se fizeram seguidas por terrível jato de força hipnotizante, o mísero tornou à via pública, suggestionado pela maldição recebida, bebericando para esquecer. Cambaleante, foi vitimado num desastre de bonde, no qual veio a perder o braço. Sobreviveu por alguns anos, coagulando, contudo, no próprio pensamento a ideia de que a expressão paternal tivera a força de uma ordem vingativa a se lhe implantar no fundo d'alma e, por isso, ao desencarnar, recuperara o membro dantes mutilado a pender-

lhe, ressecado e inerte, no corpo perispirítico. Enquanto refletia, o nosso orientador reaproximou-se de nós e, percebendo quanto se passava, informou: – É um caso de reajuste difícil, reclamando tempo e tolerância. E, afagando os ombros do paralítico, acentuou: – Nosso amigo traz a mente subjugada pelo remorso com que ambientou nele mesmo a maldição recebida. Exige muito carinho para refazer-se. Sem despreocupar-me do tema que nos prendia a atenção, inquiri: – Se esse companheiro utilizar-se da organização mediúnica, transmitirá ao receptor humano as sensações de que se acha investido? – Sim – elucidou o Assistente –, refletirá no instrumento passivo as impressões que o possuem, nos processos de imanização em que se baseiam os serviços de intercâmbio.”

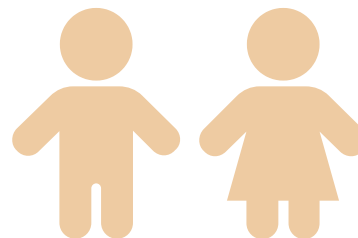
XAVIER, Francisco Cândido. Cap. 4 – Ante o serviço. **Nos Domínios da Mediunidade**. Pelo Espírito André Luiz.

4. Diálogo com os Espíritos – recurso da palavra

- **Condução do diálogo - A FALA do dialogador:**

Orientações/exemplos de diálogos:

Crianças



“89. De que maneira um doutrinador deverá conduzir o diálogo, ao atender a um Espírito que se apresente como jovem? E no caso de uma criança? Há algum sentido ou mesmo algum proveito no encaminhamento à reunião mediúnica de Espíritos que, desencarnados de idade infantil, ainda se apresentam com essas características na vida espiritual? RAUL Todo o diálogo realizado com desencarnados deverá ser conduzido em função do modo como se apresenta o Espírito. É sumamente importante que o dialogador tenha paciência de sondar ou aguardar seja dito inicialmente alguma coisa que lhe facilite identificar as condições gerais do comunicante. É desse modo que o dialogador - doutrinador ou médium esclarecedor - conseguirá perceber se o comunicante apresenta-se como jovem, como homem ou mulher, ou qualquer outra caracterização que possa auxiliar no diálogo. No caso de a entidade apresentar-se como jovem, será importante saber o que deseja, como retornou ao mundo

espiritual, a fim de que seja proveitosa a conversa e que consiga ser útil ao desencarnado, sem fazer-lhe ingênuos ou maçantes sermões desfocados das reais necessidades do Espírito. Maior cuidado deverão ter o dialogador e o dirigente da reunião quando se manifestam entidades afirmando que são crianças, pois muito raramente o mundo superior encaminhará um Espírito ainda na fase psicologicamente infantil às comunicações. Quando fazem, não costumam ser as crianças que manifestam atuação intelectual, tais como diálogos elaborados, aconselhamentos a terceiros etc. São quase sempre seus anjos guardiães ou algum benfeitor da família que fala em nome delas, a fim de suprir alguma necessidade familiar, dentro da lei do mérito, necessidade verificada pela espiritualidade superior e não aquelas aventadas pelos próprios familiares. Aprendemos em *O livro dos médiuns* que; ‘a alma da criança é um Espírito ainda

4. Diálogo com os Espíritos – recurso da palavra

- **Condução do diálogo - A FALA do dialogador:**

Orientações/exemplos de diálogos:



Crianças

envolto nas faixas da matéria; porém, desprendido desta, goza de suas faculdades de Espírito, porquanto os Espíritos não têm idade, o que prova que o da criança já viveu. Entretanto, até que se ache completamente desligado da matéria, pode conservar, na linguagem, traços do caráter da criança'. Sendo assim, no caso de a criança desencarnada recobrar as suas faculdades de Espírito, não terá nenhuma necessidade de manifestar-se como criança, falando e agindo como tal, como nenhum adulto se dirige a outro, salvo em situações patológicas ou lúdicas, com falas e trejeitos infantis. São muitas as entidades mistificadoras que se prevalecem da sensibilidade do senso comum com relação a crianças, a fim de dominar gradualmente pessoas ou grupos de pessoas, passando a comandar-lhes as ações, mantendo, contudo, a postura psicológica de crianças. Há que se ter muita cautela, a fim de que, por invigilância ou ingenuidade, um grupo mediúnico não seja tragado

por ondas de dominação obsessiva, por não ter os olhos bem abertos para qualquer tipo de manifestações mediúnicas que fujam o bom senso preconizado pelo espiritismo.”

FRANCO, Divaldo P.; **TEIXEIRA**, Raul. Questão 89 (da Ed. Intervidas).
Diretrizes de Segurança.

Conclusões:

- Embora sejam possíveis, são muito raras comunicações autênticas de crianças e, quando ocorrem, são falas muito simples e breves.
- São indício de mistificação comunicações supostas de crianças que tenham expressão intelectual, como diálogos elaborados, aconselhamentos a terceiros.

4. Diálogo com os Espíritos – recurso da palavra

- **Condução do diálogo - A FALA do dialogador:**

“... cada diálogo é único porque cada Espírito comunicante sempre guardará suas características individuais, seus problemas pessoais, suas dívidas particulares, seus compromissos intransferíveis, suas dúvidas e inseguranças peculiares, exigindo do dialogador o exercício da paciência, perseverança, dedicação e do

insubstituível amor no auxílio específico para que cada irmão encontre a via própria para o autoconhecimento e a sua reintegração nos caminhos do bem.”

CAMPETTI, Carlos; CAMPETTI, Vera. Parte 2, Cap. 8, item 8.1.6.
Trabalho Mediúnico: desafios e possibilidades.

**OUVIR o comunicante
(identificação do tipo
de comunicante e sua
necessidade)**

**Diálogo:
palavra e
vibração**

**Recursos complementares
(se necessários, mediante
intuição dos Mentores)**

4. Diálogo com os Espíritos – recurso da palavra

4.4 Como encerrar o diálogo

4.4.1 Tempo para o diálogo e finalização da comunicação



“76. Qual é a importância da disciplina em relação ao horário de início e término de uma reunião mediúnica? É importante essa disciplina, tendo em vista o respeito ao tempo e aos compromissos dos irmãos desencarnados e dos encarnados também. O que verificamos na Codificação Espírita é que *‘quando as reuniões se efetuam em dias e horas certos, eles - os Espíritos - se preparam antecipadamente a comparecer e é raro faltarem’* [O livro dos Médiuns, Cap. XXIX, item 333].”
[itálicos do original]

TEIXEIRA, Raul. Parte quatro, questão 76. **Desafios da mediunidade**. Pelo Espírito Camilo.

O ponto em que o diálogo está frutuoso e útil, o momento em que as falas vão ficando redundantes e repetitivas, a falta de razão para continuar e a importância de encerrar-se o diálogo. Como em qualquer conversa entre pessoas adultas, pedimos escusas, alegamos a necessidade de atender a outros deveres, vamos nos encaminhando para as conclusões e nos despedimos’.”

TEIXEIRA, Raul. Parte quatro, questão 90. **Desafios da mediunidade**. Pelo Espírito Camilo.

“90. Deve haver um limite de tempo para a conversa que o doutrinador tem com cada Espírito?
‘Ainda aqui estamos diante da necessidade marcante do uso do bom-senso, por parte do doutrinador. Qualquer amadurecido interlocutor sabe dar-se conta de uma conversa.

“91. Deve existir um número definido de entidades assistidas numa reunião de desobsessão?

‘Quem define esse número são os Dirigentes Espirituais da reunião. Na medida em que chega ao fim o número de atendidos, percebe-se

4. Diálogo com os Espíritos – recurso da palavra

• **Encerramento do diálogo**

Tempo para o diálogo e finalização da comunicação:



que a reunião, antes exuberante e concorrida, vai perdendo o 'tônus', o vigor; as manifestações vão ficando sempre mais espaçadas, anunciando o momento de encerrar-se”.

TEIXEIRA, Raul. Parte quatro, questão 91. **Desafios da mediunidade**. Pelo Espírito Camilo.

“69. Como deve proceder o doutrinador diante de uma comunicação que se prolonga por tempo demasiado? A quem cabe pôr termo a essa comunicação, ao doutrinador ou ao médium? O médium, como passivo que é, não tem vontade; deve liberar o fenômeno. Ao doutrinador cabe discipliná-lo, pois ele é o terapeuta. Não tem, ali, a tarefa de libertar o Espírito de todos os seus traumas. A função primordial da comunicação mediúnica de um ser desencarnado sofredor é aliviá-lo através do

choque anímico ou fluídico: o Espírito absorve a **energia animalizada** do médium para dar-se conta da ocorrência da sua desencarnação. O doutrinador desperta-o, um pouco, para os Benfeitores Espirituais continuarem o trabalho depois de realizada essa primeira etapa. Toda vez que o diálogo se prolonga, se for o caso de um Espírito perturbador, é prejudicial ao médium, que assimila um excesso de energias deletérias. Ao doutrinador cabe, depois de cinco a dez minutos, no máximo, dizer: – Muito bem, agora permaneça no recinto para continuar ouvindo, pois que, bons Espíritos vão assisti-lo e quanto ao médium, colabore encerrando a comunicação. É tarefa, portanto do orientador [dialogador]. Neste ensejo sua responsabilidade é muito delicada, porque terá de possuir tato psicológico para poder orientar o paciente.” [negrito do original]

Proj. Manoel Philomeno de Miranda. Questão 69. **Qualidade na prática mediúnica**.

4. Diálogo com os Espíritos – recurso da palavra

• **Encerramento do diálogo**

4.4.2 Como encerrar o diálogo



Assim como não há fórmula/expressão padrão para iniciar o diálogo, tampouco há para finalizá-lo, devendo-se definir o melhor encaminhamento, conforme a inspiração/intuição, de acordo com cada perfil de comunicante e a maneira como se deu o diálogo.

Pode ocorrer de o diálogo ser conduzido com fluidez, com encadeamento lógico, aceitação pelo comunicante dos argumentos, reflexões que lhe são apresentados e demonstração de que sua problemática foi atendida (ex. aturcidos mostrarem-se menos ansiosos; perturbados que indicam maior lucidez; raivosos que estão mais amenizados, ainda que não totalmente resignados; inconscientes de sua desencarnação já encaminhados – conscientes ou não de que já morreram, mas já vislumbrando um encaminhamento por Espíritos conhecidos ou não que estão presentes; dentre outras situações), com espontânea condução para o encerramento,

ocasião em que o diálogo pode ser concluído com palavras de estímulo, de esperança, indicando que as soluções virão, que poderão acompanhar os Benfeitores presentes, dentre outras conduções que forem inspiradas.

É possível que o próprio Espírito refira que está se sentindo cansado, ocasião em que se pode estimulá-lo para que descanse e, após, haverá continuidade a seu atendimento, o que, em regra, ocorre na própria dimensão espiritual.

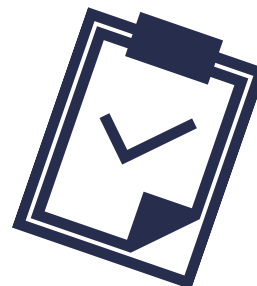
Eventualmente, poderá haver algum encerramento abrupto da comunicação, seja por perda de sintonia pelo médium, seja por resistência do Espírito e desligamento pelos Mentores. A situação deverá ser avaliada ao término da reunião, na etapa de encerramento (durante a avaliação da atividade).

Se a comunicação se prolongar demasiadamente e for direcionada

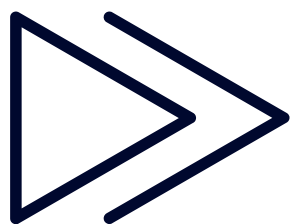
4. Diálogo com os Espíritos – recurso da palavra

• Encerramento do diálogo

Como encerrar o diálogo



pelo dialogador para a conclusão, por exemplo, dizendo-se que *‘é chegado o momento de encerrar o diálogo e, se houver nova oportunidade, os Mentores permitirão que retorne’*, e, mesmo assim, o Espírito (ex. alguns obsessores, mistificadores, Espíritos desafiantes, magnetizadores, dentre outros), persiste ou se negue a se afastar, o dialogador deverá, mentalmente, fazer forte rogativa aos Mentores para que atuem, chamando o médium pelo nome para que retome o controle e desconcentre-se e, ainda assim, havendo a dificuldade, requerer à equipe de apoio que eleve o padrão mental e contribua para a solução da situação, cuja causa deverá ser averiguada no momento da avaliação da reunião.



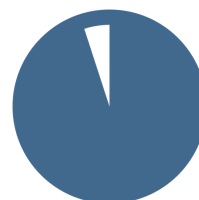
Assim, algumas finalizações possíveis, conforme as intuições/inspirações dos Mentores e como se deu o desenrolar do diálogo são:

- Indicar que ali há alguém para ajudá-lo e conduzi-lo, ocasião em que ele pode acompanhar os socorristas/benfeitores/seus conhecidos que tenha identificado (somente se tiver intuição/percepção para essa indicação).
- O Espírito pode referir sono (porque os Mentores lhe deram passes calmantes para conduzi-lo), e pode ser feito o reforço de que ele poderá repousar agora, ocasião em que será encaminhado pela equipe espiritual para fruir de descanso reparador, seguido de despertar mais lúcido na dimensão espiritual.
- Se estava em condições difíceis

4. Diálogo com os Espíritos – recurso da palavra

• Encerramento do diálogo

Como encerrar o diálogo



e aceitou a ajuda, podem ser ditas palavras de estímulo, como: 'Agradecemos a Deus, ou aos Benfeitores, pela ajuda recebida'; 'Tenha forças e fé, porque as situações se encaminharão para a solução'.

- Se mantém resistência/rebelia, indicar que, se for permitido, em nova oportunidade, poderemos voltar a dialogar e, não sendo suficiente, solicitar ao médium que reassuma o controle e faça desconcentração.

oportuna e concisa semelhante a um bisturi que opere com rapidez preparando o campo para uma terapia de longo curso. Não tenhamos, assim, a pretensão de erradicar, num breve espaço de tempo, os fenômenos que se demoram enraizados na personalidade delinquente dos comunicantes em sofrimento. Bastenos o ensejo de apontar-lhe rumo, despertando-os para uma visão mais alta e otimista da vida, por meio de cujos recursos os que, em verdade, estejam interessados no próprio progresso tomarão a diretriz e marcharão futuro afora”.

“A população da Erraticidade inferior difere pouco da população terrestre... Dialogar com estes companheiros que pedem espaço, através da mediunidade, em propostas iluminativas, é a arte de compreender, psicologicamente, a dor dos enfermos que ignoram a doença em que se debatem. Nem mediante os discursos de eloquência formal, nem através do pieguismo inoperante, mas, usando-se a palavra

FRANCO, Divaldo P. Cap. 35 –
Técnica de doutrinação.
Intercâmbio Mediúnico. Pelo
Espírito João Cléofas.



4. Diálogo com os Espíritos – recurso da palavra

• Encerramento do diálogo

4.4.3 Como avaliar a efetividade o diálogo



“A evocação dos Espíritos vulgares tem, além disso, a vantagem de nos pôr em contato com **Espíritos sofredores**, que podemos **aliviar e cujo adiantamento podemos facilitar**, por meio de bons conselhos.” [destaques nossos]

KARDEC, Allan. 2ª Parte, Cap. XXV – Das Evocações, item 281. **O Livro dos Médiuns.**

“(...) necessário, sobretudo, é que se atue sobre o ser inteligente, ao qual importa se possa falar com autoridade, que só existe onde há superioridade moral. Quanto maior for esta, tanto maior será igualmente a autoridade. E não é tudo: para garantir-se a libertação, cumpre **induzir o Espírito perverso a renunciar aos seus maus desígnios; fazer que nele despontem o arrependimento e o desejo do bem**, por meio de instruções habilmente ministradas, em evocações

particulares, objetivando a sua **educação moral**. Pode-se então lograr a dupla satisfação de libertar um encarnado e de converter um Espírito imperfeito.” [itálico do original, negrito nosso]

KARDEC, Allan. Allan. Cap. XXVIII – Coletânea de Preces Espíritas, item 81. **O Evangelho segundo o Espiritismo.**

“(...) pela evocação conduzida com sabedoria e prudência, com palavras de benevolência e conforto, combate-se o entorpecimento do Espírito, ajudando-o a **reconhecer-se mais cedo, e, se é sofredor, incute-se-lhe o arrependimento** – único meio de abreviar seus sofrimentos.” [destaques nossos]

KARDEC, Allan. Allan. 2ª Parte, Cap. I – O Passamento, item 15. **O Céu e o Inferno.**

4. Diálogo com os Espíritos – recurso da palavra

• Encerramento do diálogo

Como avaliar a efetividade o diálogo

“91. E como avaliar a efetividade do resultado terapêutica da Reunião, uma vez concluída a avaliação das passividades?

Como sempre propusemos: com o auxílio de alguns parâmetros ou padrões de qualidade. Basicamente uma reunião mediúnica de fins terapêuticos movimenta recursos dos Mentores da Espiritualidade, via de regra transcendentais à compreensão humana, mais a contribuição energética dos médiuns de incorporação, através do choque anímico, e mais a colaboração dos doutrinadores, que se utilizam da energia da palavra, reforçada, quando necessário, pela oração, pelo passe magnético, pela sugestão hipnótica e pela regressão de memória. (...)

94. A terapia básica do doutrinador é a **palavra**. É sobre ela e como recursos complementares que as demais terapias serão aplicadas. Com o auxílio de que indicadores podemos avaliar a eficácia dessa terapia?

Iremos apenas sistematizar alguns



itens para facilitar a avaliação da reunião mediúnica sob esse aspecto: **Móvel da comunicação identificado:**

esse é o item fundamental. Se o doutrinador percebe a problemática do Espírito, a terapia pode chegar a bom termo. Em caso negativo o trabalho se restringirá ao **choque anímico** podendo inclusive sofrer prejuízos, o Espírito e o médium.

Alguns Espíritos expressam claramente o seu problema; outros o disfarçam, quando não é o caso de dificuldades inerentes ao próprio médium, que não consegue interpretar a mensagem lucidamente. Não seja isso, todavia, uma dificuldade insuperável, mas um teste a ser vencido pela carga de sentimentos elevados que o doutrinador deve colocar no seu trabalho.

Bons atendimentos ficarão por conta sempre, de doutrinadores de percepção rápida, com intuição clara, tato psicológico, empáticos e otimistas.

Diálogo sustentado é a base sobre a qual se estabelecerá o entendimento.

4. Diálogo com os Espíritos – recurso da palavra

• Encerramento do diálogo

Como avaliar a efetividade o diálogo



Haverá de saber o doutrinador, ouvir e tomar a fala na hora certa, para tornar a cedê-la em seguida, para receber o **feedback** que abrirá espaço para o padrão de qualidade seguinte.

Espírito induzido à reflexão: João Cleófas, em **Intercâmbio Mediúnico**, psicografia de Divaldo P. Franco, ensina que dialogar com esses companheiros que pedem espaço através da mediunidade, é a arte de compreender, psicologicamente, a dor dos enfermos que ignoram a doença em que se debatem, usando a palavra oportuna e concisa qual um bisturi que opera com rapidez, preparando o paciente para uma terapia de longo curso. Por isso, propõe que se não tenha a pretensão de erradicar, naqueles breves minutos de diálogo, problemáticas profundamente enraizadas mas que se aponte o rumo, despertando esses sofredores desencarnados para uma visão mais alta e otimista da vida, por meio de cujos recursos os realmente interessados no próprio progresso porão em prática as reflexões e orientações recebidas.

Pelo interesse revelado pelo Espírito atendido saberá o doutrinador que aquele diálogo induziu o ser desencarnado a uma reflexão que poderá frutificar no amanhã.

Constitui-se momento extremamente feliz para o grupo quando alguns, dentre os muitos Espíritos que foram atendidos na reunião, **voltam para agradecer.**”
[negritos do original]

Proj. Manoel Philomeno de Miranda.
Questões 91 e 94. **Qualidade na prática mediúnica.**



4. Diálogo com os Espíritos – recurso da palavra

• **Encerramento do diálogo**

Como avaliar a efetividade o diálogo



Pode-se considerar como exitoso um diálogo em que:

- Houve identificação da problemática do Espírito e auxílio efetivo (revisão de conceitos, posturas, predisposição à mudança, redução de seu sofrimento, de sua perturbação ou sentimentos inferiores – raiva/desejo de desforço) ou, ainda que não haja predisposição à mudança, que ele permaneça resistente, tenha sido, em alguma medida, sensibilizado (recebeu uma orientação, ainda que inicial).
- Ainda que haja resistências do Espírito, será exitoso o diálogo em que tenha havido abordagem com respeito, consoante preceitos do Evangelho e da Doutrina, em que o dialogador tenha se mantido sereno, em sintonia com a equipe espiritual.
- Que tenha sido permitido ao comunicante falar (dar-lhe tempo adequado/necessário

para expressar-se).

- Que o comunicante tenha sido efetivamente ouvido com respeito, com honesta intenção de entender sua situação, no intuito de auxiliá-lo, oferecer-lhe uma reflexão honesta, de profundidade, que o leve a “cair em si”, modificar-se para melhor.
- Que o diálogo tenha ocorrido com momentos de fala e de escuta que se tenham encadeado de modo sucessivo, espontâneo e harmonioso, com fluidez, com uma linha de raciocínio lógica (começo, meio e fim), sem debates/perguntas inúteis/desnecessários, com foco no problema do atendido.
- Que as falas tenham sido conduzidas com clareza, tato psicológico, sentimentos elevados, oferecendo reflexões que auxiliem o Espírito a se motivar à autossuperação, à mudança para melhor.

4. Diálogo com os Espíritos – recurso da palavra

• Encerramento do diálogo

Como avaliar a efetividade o diálogo

- Que o dialogador tenha se mantido em clima de serenidade (não se irritou nem se desestabilizou de qualquer forma), com confiança e sintonia com o Mentor Espiritual.
- Clareza do dialogador na percepção de inspirações/intuições sobre o que dizer e eventuais recursos necessários a serem usados, bem como o emprego adequado desses recursos.
- Que o diálogo tenha sido conduzido com clareza, segurança, sem desgastes

excessivos para o médium ostensivo.

- Que o dialogador não tenha pretensão de, em breves minutos, resolver problemáticas seculares ou profundas, mas ser um instrumento da equipe espiritual para socorro e sensibilização do Espírito, que é também uma pessoa, filho de Deus, que poderá aderir à sua reforma moral após o diálogo ou somente depois de muito tempo.
- Que o Espírito tenha sido acolhido e sensibilizado pelo ascendente moral, ainda que se retire aparentemente resistente.



4. Diálogo com os Espíritos – recurso da palavra

• Encerramento do diálogo

4.4.4 Efeitos de um diálogo bem conduzido (20)

- Em alguns casos, o Espírito terá se liberado de suas fixações mentais, emoções perturbadoras, predisposto e comprometido com sua renovação íntima.
- O Espírito ainda poderá se retirar renitente, mas terá sido sensibilizado, em alguma medida e de alguma forma, ainda que essa semente só venha a germinar anos ou séculos depois.
- Colaboração com a redução da densidade fluídica do Planeta, pela predisposição do irmão espiritual à mudança para melhor.
- Em relação aos que se permitem a modificação, granjear Espíritos que se tornem amigos, e mesmo colaboradores de tarefas em que foram socorridos.
- Equilíbrio e segurança para os médiuns ostensivos.
- Atendermos ao nosso próprio

(20) Vide no material do Ciclo de Reflexões sobre a Prática Mediúnica Espírita os 'Objetivos e benefícios da reunião mediúnica espírita' (p. 13). Disponível em: : <http://www.feparana.com.br/topico/?topico=3333>

planejamento reencarnatório, aprendermos, refletirmos e também progredirmos com o diálogo com os irmãos espirituais e a reflexão sobre a lei de causa e efeito que esses atendimentos ensejam, contribuindo com estímulo ao nosso próprio aperfeiçoamento moral.



“(...) Não raramente, ... nossos amigos, os discípulos de Allan Kardec, isto é, os médiuns, os doutrinadores, os evangelizadores cujo altruísmo e boa vontade tanto contribuíam para alívio de nossas inquietações, visitavam-nos em nosso acampamento, pela calada da noite, mal seus corpos físicos repousavam em sono profundo. Confabulavam conosco piedosa e amorosamente... concitavam-nos ao amor a Deus, à esperança na Sua paternal bondade, à confiança no porvir por Ele reservado ao gênero humano, à coragem para vencer, como bases inalienáveis de

4. Diálogo com os Espíritos – recurso da palavra

• **Encerramento do diálogo**

Efeitos de um diálogo bem conduzido

serenidade no grande esforço pelo progresso! (...) Desse convívio, por assim dizer diário, resultou que grandes afeições e simpatias indestrutíveis se estabelecessem de parte a parte, mormente entre nós, desencarnados, que nos sentíamos sinceramente agradecidos pelo interesse que nos dispensavam e as inestimáveis mercês que lhes devíamos”.

PEREIRA, Yvonne do Amaral. Parte I – Os Réprobos, Cap. 7 – Nossos amigos – os discípulos de Allan Kardec. **Memórias de um suicida.** Pelo Espírito Camilo Cândido Botelho.



OBSERVAÇÃO: Para a segurança do grupo é relevante o dialogador não evocar Espíritos e nem sugerir os médiums, mas atender aos Espíritos comunicantes que tenham sido encaminhados pela equipe espiritual, a qual dispõe de elementos necessários para definir quais os comunicantes que a equipe encarnada tem condições de atender e por qual médium cada comunicante deverá se comunicar. Sobre o tema, vide o material do Ciclo de Reflexões sobre a Prática Mediúnica Espírita, p. 75-78 (21).

(21) Disponível em:
<http://www.feparana.com.br/topico/?topico=3333>



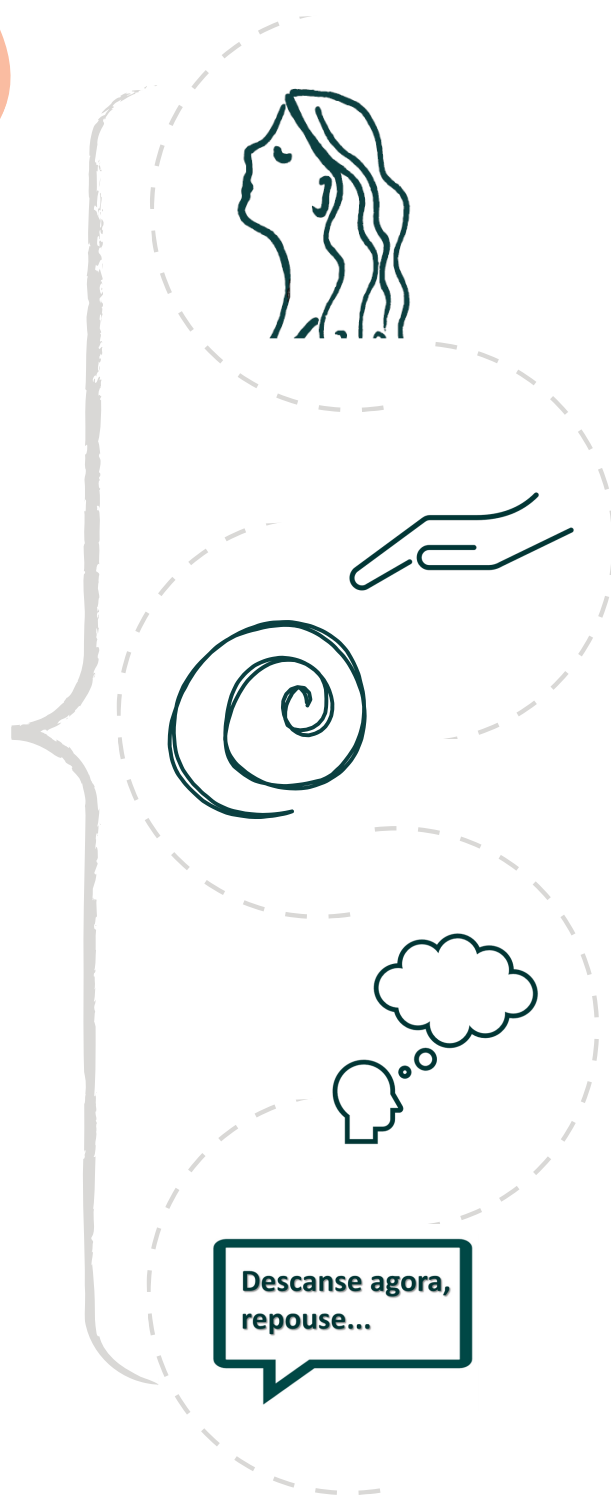
5. Diálogo com os Espíritos – recursos complementares

Palavra

O principal recurso do dialogador é a palavra, como já explicitado. Porém, em determinadas situações específicas, poderá ser requerido o uso de outros recursos, em complemento ao esclarecimento e auxílio por meio da palavra embasada no Evangelho e na Doutrina Espírita.

Assim, os recursos complementares não se usam como regra, até mesmo porque o emprego em ocasião inoportuna e/ou da forma inadequada tende a trazer dificuldades, em vez de favorecer o esclarecimento e socorro pretendidos com o intercâmbio mediúnico à luz da Doutrina Espírita.

Os recursos complementares, pois, a exemplo dos indicados na sequência, são empregados de forma pontual, quando a circunstância o exigir, em situações tais quais as descritas a seguir.

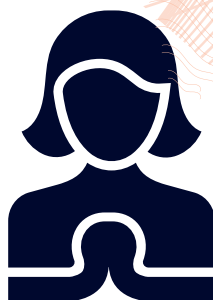


5. Diálogo com os Espíritos – recursos complementares

5.1 Prece – como e quando utilizar

“A prece é uma invocação, mediante a qual o homem entra, pelo pensamento, em comunicação com o ser a quem se dirige. Pode ter por objeto um pedido, um agradecimento, ou uma glorificação. Podemos orar por nós mesmos ou por outrem, pelos vivos ou pelos mortos. As preces feitas a Deus escutam-nas os Espíritos incumbidos da execução de suas vontades; as que se dirigem aos bons Espíritos são reportadas a Deus. Quando alguém ora a outros seres que não a Deus, fá-lo recorrendo a intermediários, a intercessores, porquanto nada sucede sem a vontade de Deus.”

KARDEC, Allan. Cap. XXVIII – Pedi e obtereis, item 9 – Ação da prece. Transmissão do pensamento. **O Evangelho segundo o Espiritismo.**



prece

“A prece torna melhor o homem? ‘Sim, porquanto aquele que ora com fervor e confiança se faz mais forte contra as tentações do mal e Deus lhe envia bons Espíritos para assisti-lo. É este um socorro que jamais se lhe recusa, quando pedido com sinceridade.’”

KARDEC, 2ª Parte, Cap. II – Da Lei de adoração, questão 660. **O Livro dos Espíritos.**

“Volve para Deus o teu olhar; dirige-lhe por um instante o teu pensamento e um raio da divina Luz virá iluminar-te. Dize conosco estas simples palavras: *Meu Deus, eu me arrependo, perdoa-me.* Tenta arrepender-te e fazer o bem, em vez de fazer o mal, e verás que logo a sua misericórdia descerá sobre ti, que um bem-estar indizível substituirá as angústias que experimentas.”

KARDEC, Allan. Cap. XXVIII – Coletânea de Preces Espíritas, item 76 – Pelos Espíritos Endurecidos. **O Evangelho segundo o Espiritismo.**

5. Diálogo com os Espíritos – recursos complementares

5.1 Prece – como e quando utilizar



“Muitas vezes, é durante a prece, dita em voz alta pelo doutrinador... que o Espírito manifestante faz uma pequena pausa para pensar. A prece o envolve em vibrações pacificadoras, em uma ternura que, talvez há muito não experimente. Ela deve ser elaborada em torno da própria temática que o companheiro nos tenha revelado, no decorrer do diálogo conosco. Como tudo o mais que tentamos realizar nos grupos de desobsessão, a prece tem seu momento psicológico ótimo, que varia, necessariamente, de um caso para outro. Em certas ocasiões é preciso orar ainda no princípio da manifestação, em virtude de o estado de agitação, ou de alienação, do Espírito, não nos permitir colher, antes, um pouco da sua história e da sua motivação. O melhor, no entanto, é esperar um pouco, aguardar esclarecimentos e informações que – nunca é demais recomendar – não devem ser colhidas em interrogatórios e por meio de artifícios da bisbilhotice. No momento propício – e mais uma vez temos que recorrer à intuição e ao senso de oportunidade – convém dirigir-se ao próprio Espírito e

propor-lhe a prece. Dificilmente ele recusará, e, ainda que o recuse, devemos fazê-la, mesmo porque, não devemos pedir-lhe permissão para orar, e sim comunicar-lhe que vamos fazê-lo. Basta dizer, por exemplo: – Vamos orar? Ou: – Agora vou fazer uma prece.

(...) Dirija a sua prece a Deus, a Jesus ou a Maria, pedindo ajuda para o companheiro que sofre. Se já dispõe de alguma informação sobre ele, fale especificamente de seu problema, como um intermediário entre ele e os poderes supremos que nos orientam e amparam. Eles se esqueceram, às vezes por séculos, e até milênios, de que esses canais de acesso estão abertos também a eles. Não têm mais vontade, ou interesse, de se dirigirem a Deus. Ou lhes falta coragem, por julgarem-se além de toda recuperação, indignos e incapazes de projetarem o pensamento a tão elevadas entidades. Em alguns casos, costume orar não apenas pelo Espírito manifestante, mas como se fosse ele próprio, com as palavras e as emoções que ele mesmo escolheria para dirigir-se ao Pai ou a Jesus, se estivesse em

5. Diálogo com os Espíritos – recursos complementares

5.1 Prece – como e quando utilizar



condições de fazê-lo. (...) São incríveis a força e o impacto de uma prece límpida, pura, singela, escorada na emoção e no afeto. O efeito é ‘milagroso’, surpreendente, ainda que nem sempre instantâneo.

São muitos os sofredores que se enquistaram de tal maneira atrás de suas defesas e de suas couraças, que precisam de algum tempo para deixarem-se alcançar, a ponto de realizar-se neles o milagre sempre renovado do amor. Estes ainda riem, por algum tempo, da prece – um riso nervoso, sem convicção. Estão com medo, pobres irmãos. Medo da emoção que os leva à crise, e da crise que os leva à dor que os espera ao longo do extenso caminho de volta...

Entre continuar numa dor que já conhecem, e que se encontra anestesiada, e entregar-se a outra que desconhecem, preferem ficar como estão. A prece muito contribui para vencer estas últimas inibições e hesitações. Ela os leva a alguns instantes de pausa, no curso dos seus pensamentos habituais.

Representa uma experiência da qual se desabituaram, ou com a qual não se acham familiarizados. Alguns deles, quando pedimos para

orar conosco, recusam-se, mas não tentam impedir-nos. Outros, quando propomos que eles orem também, desculpam-se desajeitadamente, dizendo que ‘ali não há condições’. Isto é especialmente invocado pelos companheiros que foram prelados. Como se julgam alienados da doce intimidade do Cristo, por exemplo, não se sentem encorajados a ‘falar’ com Ele através da prece.

Desculpam-se, então, com a impropriedade do ambiente, a falta dos paramentos e dos livros adequados. (...) A reação, pois, difere de um caso para outro, mas pode ser grupada dentro de classificações mais ou menos didáticas, como acima esboçado. Há, pois, os que se comovem; os que ouvem, em respeitoso silêncio, mas ainda precisam de tempo; os que a ridicularizam, porque temem seus efeitos; os que se recusam a dizê-la, por julgarem-se indignos, ou não necessitados; e os que se acham de tal maneira alienados, que oram até mesmo com certa veemência, convencidos de que Deus, ou o Cristo, virá imediatamente em seu socorro, para livrá-los da situação em que se encontram, diante de um

5. Diálogo com os Espíritos – recursos complementares

5.1 Prece – como e quando utilizar

doutrinador impertinente. (...) Sendo, pois, a fé, ‘a garantia do que se espera e a prova das realidades invisíveis’, a prece é o convite para que a esperança se realize em nós, ou diante de nós. A prece é o instrumento do amor grande e puro de que nos falou o Cristo; é por ela que a caridade nos faz agentes da Divindade. É por ela que conseguimos alçar o nosso espírito, aprisionado ainda no erro, às culminâncias da esperança. Paulo apresentou juntos a fé, a esperança e o amor. A prece nos liga porque, apoiada na fé, contempla a esperança e ajuda-nos na doação do amor.” [itálicos do original]

MIRANDA, Hermínio C. Cap. 4 - Técnicas e recursos, item 4.3 - A prece. **Diálogo com as sombras.**



“95. Como deve ser utilizada a prece no transcorrer da doutrinação para atingir efeitos terapêuticos a benefício dos Espíritos comunicantes em estado de sofrimento?

Alguns doutrinadores, enquanto estagiam nas fases da inexperiência, costumam recomendar aos Espíritos em estado de desespero, ou mesmo sofrendores, que façam preces, que se utilizem da oração. E o fazem em tom imperativo, algumas vezes: ‘Meu irmão, ore!’ de outras vezes em tom sugestivo: ‘Você precisa orar...’

A atitude, de ambas formas propostas, não é um procedimento recomendável pois nenhum Espírito em condições de desarmonia emocional como se apresenta a maioria, nas reuniões mediúnicas, tem condições para tanto. Estas recomendações soam como chavões que em nada ajudam. Depois de atendidos e aliviados, alguns, conforme o temperamento, podem ser orientados nesse sentido, mas de uma forma discreta e como uma recomendação a ser praticada depois daquele encontro. O

5. Diálogo com os Espíritos – recursos complementares

5.1 Prece – como e quando utilizar



doutrinador poderá fazer um comentário deste tipo: 'Graças a Deus você está melhor. A falta de oração fez que você chegasse até esse ponto. Mas o amigo, doravante, haverá de se lembrar de Deus e, certamente, orando, conservará o estado de paz em que se encontra agora. Observe: todos estamos aqui, silenciosamente, orando por sua paz.'

Em ocasiões especiais, o doutrinador recorrerá à prece, fazendo-a como se estivesse em associação com o Espírito que ali, diante dele, tendo experimentado o asserenar de seu tormento ou ansiedade, terá condições de, ao menos, acompanhá-lo com respeito. Há um exemplo clássico muito belo, no livro **Nos Domínios da Mediunidade**, capítulo VII; quando Raul Silva, o doutrinador em serviço, atende indigitado obsessor ao qual leva a emocionar-se, propondo-lhe, no meio do diálogo, a oração, que ele mesmo ali profere emocionado também. (...) Algumas regras, portanto, para a oração durante a doutrinação, as quais podemos considerar como padrões de qualidade: 1ª) **Orar somente diante**

de um Espírito comovido, face ao resultado exitoso do diálogo.

Equivale dizer: esperar que a tormenta passe, a onda do desespero amaine para fazê-lo.

2ª) **Orar em atitude associativa**, isto é, junto com o Espírito, como se o problema fosse comum...

3ª) Não tornar um procedimento rotineiro **Orar teamentalizado [inspirado] pelo Espírito que o assiste** no trabalho da orientação.

Em doutrinação, inspiração é tudo."
[negritos do original]

Proj. Manoel Philomeno de Miranda. Questão 95. Qualidade na Prática Mediúnica.



5. Diálogo com os Espíritos – recursos complementares

5.1 Prece – como e quando utilizar

A prece enquanto recurso complementar à palavra difere na maneira de ser conduzida e na finalidade em relação às preces inicial e final da reunião mediúnica espírita, visto que a prece inicial é o ato solene, conduzido pelo dirigente da tarefa ou o dialogador, em que se predispõe a equipe encarnada à sintonia mais fina com a equipe espiritual, indicando-se a disposição de servir, conforme os planejamentos da equipe espiritual, preparando-se o grupo para a etapa de comunicações.

E a prece final é o momento de agradecer pela tarefa, de rogar em favor dos irmãos espirituais atendidos, de louvar pela bênção do trabalho realizado.

A prece como recurso complementar à palavra, manejada pelo dialogador, também é distinta da irradiação mental feita pela equipe de apoio, assim como da rogativa que os membros da equipe de apoio façam aos Mentores em auxílio à tarefa, sobretudo nas comunicações mais intrincadas: a equipe de apoio deve manter-se em preces e

irradiações em favor da atividade, mas essa contribuição difere do recurso complementar ora referido.

Ou seja, a prece como recurso complementar à palavra não diz respeito àquela solicitada pelo dialogador à equipe de apoio em diálogos mais complexos (com comunicantes renitentes, agressivos, que tendem a desestabilizar emocionalmente ou vibratoriamente o grupo). Neste caso, o dialogador poderá solicitar à equipe, quando notar psicofera desagradável ou incremento de dificuldades no diálogo, o reforço de prece, como no exemplo a seguir:



“A vibração pestilencial de ódio [do comunicante], expelido em ondas sucessivas de baixo teor, impregnava a sala [da reunião mediúnica], tornando-a desagradável. Inspirado [pelo Mentor], o Coronel Sobreira [dialogador encarnado] alvitrou:
-Oremos, mantendo nossa tranquilidade.

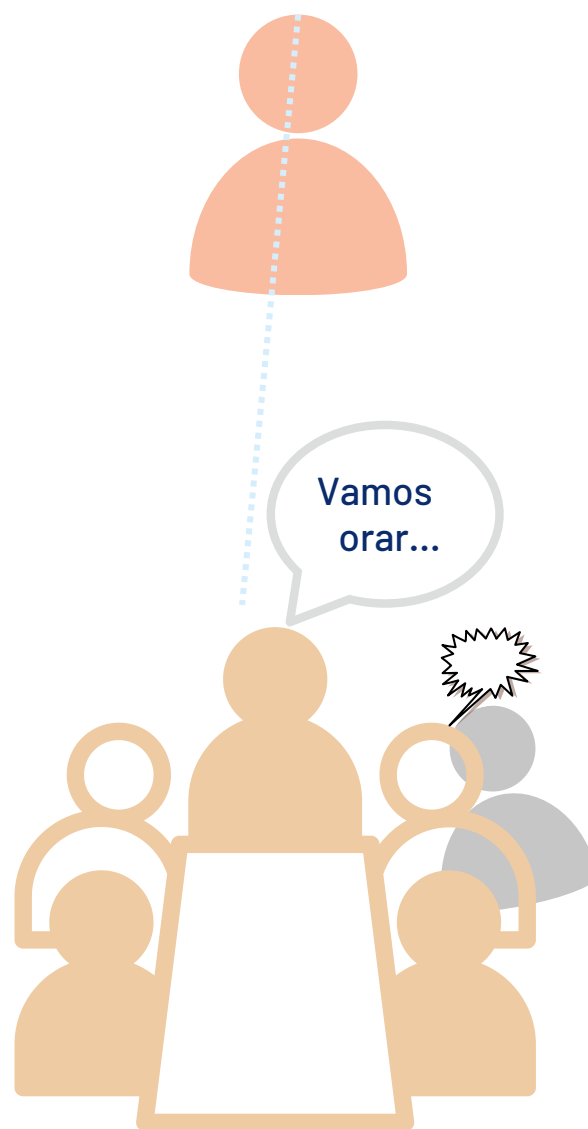
5. Diálogo com os Espíritos – recursos complementares

5.1 Prece – como e quando utilizar

O doente mais grave exige maiores cuidados, urgentes medidas de socorro, superior assistência. Preservemo-nos, amorosos e serenos...”

FRANCO, Divaldo P. Cap. 17 – Doutrinação e surpresas. **Grilhões partidos**. Pelo Espírito Manoel Philomeno de Miranda.

Já a prece como recurso complementar à palavra é feita pelo dialogador durante o diálogo, juntamente com o comunicante, em situações em que seja cabível/necessário o uso desse recurso, sendo que, para utilizar esse recurso, o dialogador deve ter forte inspiração de que o recurso seja necessário e que o momento seja cabível, sob pena de o emprego não oportuno ou extemporâneo poder gerar o efeito contraposto ao esperado, redundando em dificuldades para o desfecho da



condução do diálogo, em vez de facilitá-lo.

Pode-se extrair da Codificação espírita exemplificação do emprego da prece pelo dialogador como recurso complementar à palavra:

5. Diálogo com os Espíritos – recursos complementares

5.1 Prece – como e quando utilizar

“[Caso de mãe que se suicidou desejando encontrar o filho já desencarnado e não o encontra, aturdindo-se. O Espírito da mãe diz:]

“Deus não é justo; não é o Deus das mães, não lhe compreende as dores e desesperos... (...) Oh! Quem me dará meu filho? Tê-lo-ei perdido para sempre? Piedade! piedade, meu Deus!...

[Dialogador]: acalmai o vosso desespero; considerai que, se há um meio de rever vosso filho, não é blasfemando de Deus... [o dialogador esclarece que se ela não houvesse cometido suicídio poderia ter encontrado prontamente o filho; após, indica-se:]

(...) De vós, somente, depende abreviar ou retardar esse momento.

Orai a Deus e dizei comigo: ‘Meu Deus, perdoai-me o ter duvidado da vossa justiça e bondade; se me punistes, reconheço tê-lo merecido.

Dignai-vos aceitar meu arrependimento e submissão à vossa santa vontade.’

[Espírito:] Que luz de esperança acabais de fazer despontar em minha alma! É um como relâmpago em a noite que me cerca. Obrigada, vou orar... Adeus.”



O dialogador ouve:
permite que o
Espírito fale,
expresse a aflição.

Recurso da palavra
para esclarecer e
acalmar

Recurso da prece
em conjunto,
reforçando a
orientação
doutrinária e
auxiliando a mudar
a disposição
mental

Efeito do recurso
da prece

5. Diálogo com os Espíritos – recursos complementares

5.1 Prece – como e quando utilizar

Nota-se, no exemplo acima, que o recurso inicial foi a palavra, havendo esclarecimento com tato psicológico sobre os efeitos do suicídio e a necessidade de revisão de postura por parte da entidade espiritual: compreender a causa de sua situação, não blasfemar de Deus (sendo a entidade a própria responsável pela ocorrência e não Deus), necessidade de mudança de postura para acelerar o recebimento do auxílio que lhe era oferecido.

Quando o Espírito se mostra menos arredo, agressivo, é empregado o recurso complementar da prece para amenizar-lhe a angústia, trazer-lhe alento e mudar a sua disposição mental, sendo realizada de forma associativa. Ou seja, no exemplo, é usada a primeira pessoa e sugerido que o Espírito repita as palavras do dialogador.

No conteúdo da prece, há o direcionamento de qual o correto pensar e sentir que deve ser estimulado à entidade, conforme a problemática apresentada (reforço do arrependimento, submissão à Lei divina e confiança em Deus).

A seguir, o Espírito relata os efeitos da prece para si: sente-se como iluminado (retirado das trevas da mágoa, da revolta, da desesperação/irresignação) e sente-se com estímulos renovados, com esperança.

No exemplo anterior, após o recurso da prece, o diálogo encaminha-se para seu encerramento. No caso seguinte, o diálogo ainda prossegue:



“– R. Que pretendeis de mim? Sujeitar-me a um interrogatório? É inútil, tudo confessarei.

2. Bem longe de nós o pensamento de vos afligir com perguntas indiscretas; desejamos saber apenas qual a vossa posição nesse mundo, bem como se poderemos ser-vos úteis...

– R. Ah! Se for possível, ser-vos-ei extremamente grato. Tenho horror

5. Diálogo com os Espíritos – recursos complementares

5.1 Prece – como e quando utilizar

ao meu crime e sou muito infeliz!

3. Temos a esperança de que as nossas preces atenuarão as vossas penas. Afigura-se-nos que vos achais em boas condições, visto como o arrependimento já vos assedia o coração – o que constitui um começo de reabilitação. Deus, infinitamente misericordioso, sempre tem piedade do pecador arrependido. Orai conosco. (Faz-se a prece pelos suicidas, a qual se encontra em *O evangelho segundo o Espiritismo*.)

Agora, tende a bondade de nos dizer de quais crimes vos reconheceis culpado. Tal confissão, humildemente feita, ser-vos-á favorável.

– R. Deixai primeiro que vos agradeça por esta esperança que fizestes raiar no meu coração. Oh! há já bastante tempo que vivia numa cidade banhada pelo Mediterrâneo...
[narra os fatos]

4. Deploramos essa infelicidade que retardou vosso progresso e sinceramente vos lamentamos; dado,

porém, que vos arrependais, Deus se compadecerá de vós...” [itálico do original]

KARDEC, Allan. 2ª Parte, Cap. V – Suicidas, ‘Antoine Bell’. **O Céu e o Inferno.**

No caso acima, nota-se que o Espírito apresenta-se com alguma agressividade/em postura defensiva, são-lhe ditas palavras amenas, acolhedoras, quando ele se desarma, inicia o processo de adesão.

Nessa ocasião, é referido o benefício da prece e aplicado esse recurso complementar.

A seguir, o Espírito confirma o benefício que esse recurso lhe trouxe e o diálogo segue com o emprego do recurso da palavra pelo dialogador.

Nota-se que a abordagem é respeitosa, há um discurso com afetividade, sem pieguismo, com enaltecimento da esperança.

5. Diálogo com os Espíritos – recursos complementares

5.1 Prece – como e quando utilizar

“[Verger - Assassino do arcebispo de Paris; foi condenado à morte].

... – R. Ainda estou preso ao corpo.

2. Então a vossa alma não está inteiramente liberta?

– R. Não... tenho medo... não sei...

Esperai que torne a mim. Não estou morto, não é assim?...

5. Mas nada tendes a temer, uma vez que a vossa alma está separada do corpo. Renunciai a qualquer inquietação, que não é razoável agora.

– R. Que quereis? Acaso sois senhor das vossas impressões? Quanto a mim, não sei onde estou... estou doido.

6. Esforçai-vos por ser calmo.

– R. Não posso, porque estou louco...

Esperai, que vou invocar toda a minha lucidez.

7. Se orásseis, talvez pudésseis concentrar os vossos pensamentos...

– R. Intimido-me... não me atrevo a orar.

8. Orai, que grande é a misericórdia de Deus! Oraremos convosco.

– R. Sim; eu sempre acreditei na infinita misericórdia de Deus.

9. Compreendeis melhor, agora, a vossa situação?

– R. Ela é tão extraordinária que ainda não posso apreendê-la. (...)

KARDEC, Allan. 2ª Parte, Cap. VI – Criminosos arrependidos, ‘Verger’.

O Céu e o Inferno.

No exemplo do Espírito ‘Verger’, o comunicante teve morte violenta e já estava ciente da morte física, mas não conseguia se desvencilhar das impressões materiais mais densas. É empregado o recurso da palavra para acalmá-lo, porém, ele ainda demonstra significativo aturdimiento.

Em tal ocasião, é proposto o recurso complementar da prece.

Nota-se que o estado de aturdimiento do comunicante é de tal ordem que ele não consegue de pronto superar o aturdimiento, embora já reconheça seu passamento. A íntegra desse caso demonstra que foi necessário outro atendimento a essa entidade em reunião posterior.

5. Diálogo com os Espíritos – recursos complementares

Prece como recurso complementar à palavra:



Quando empregar:

- A depender das condições do Espírito, poderá ser feita:
 - No *início* da comunicação (pouco comum), com a finalidade de amenizar a sua agitação/ alienação/ entorpecimento (desde que cabível a prece; ou seja, que o estado de aturdimento do comunicante não faça com que a prece mais o agite, por resistência, do que o acalme);
 - *Durante* o diálogo, no momento em que o comunicante demonstra predisposição, como, por exemplo, de uma atitude arrogante/resistente, reconhece o erro, predispõe-se a ser auxiliado; ou
 - Ao *final* do diálogo e, após a prece, podem ser ditas palavras de estímulo como: “confiemos em Deus, tudo há de se encaminhar”; “sigamos

confiantes no auxílio, os Benfeitores aqui presentes darão andamento ao atendimento”, etc., encerrando-se o diálogo.

- Independente do momento, somente deve ser empregada a prece quando houver clara inspiração para utilizar esse recurso complementar.

Como empregar:

- Pode-se convidar o comunicante a orar: “vamos orar” e o dialogador conduzir as palavras (o Espírito pode repeti-las ou não, não é preciso forçá-lo a repetir).
- A forma pode ser no plural (nós pedimos...) ou no singular, como no exemplo acima. Assim como, a depender do nível de perturbação/inconsciência da entidade espiritual, fazer a prece juntamente com ele, mas com conotação intercessória (*pedimos em favor deste irmão...*).
- No conteúdo, pode-se fazer um

5. Diálogo com os Espíritos – recursos complementares

Prece como recurso complementar à palavra:

reforço de orientação doutrinária, como no exemplo, em que é solicitada/estimulada a construção de posturas que favoreçam o socorro (resignação, submissão a Deus, etc.) ou abordando o problema apresentado, como, por exemplo: “ajuda-nos a nos libertarmos dessa mágoa que nos consome” para um Espírito que refira esse desafio (mágoa, dificuldade de perdoar); “ampara-nos para que nos liberemos dessas impressões materiais mais densas que nos trazem perturbação”, para um Espírito que refira ainda estar com impressões da morte física ou constrangimentos materiais; “auxilia-nos, bondoso Pai, a encontrarmos os caminhos para nos liberarmos do erro, da culpa e encontrarmos meios de reparar e prosseguir”, para um Espírito que refira consciência de culpa, dor e arrependimento profundos por erros que tenha cometido.

- O momento em que deve ser usado esse recurso complementar e a necessidade de uso devem ser claramente inspirados pelos Mentores.

Efeitos da prece para o comunicante:

- Predispõe o Espírito ao apaziguamento mental e emocional.
- Favorece o comunicante a mudar seu padrão mental (ruptura com pensamentos repetitivos/ habituais - renovação mental).
- Envolve-o em vibrações de harmonia e bem-estar.

Finalidades (a depender do caso, da situação/necessidade do comunicante):

- Amenizar entorpecimento psíquico (despertamento).
- Contenção vibratória.
- Estímulo (encorajamento).
- Dentre outros.

5. Diálogo com os Espíritos – recursos complementares

5.2 Passe – como e quando utilizar

“98. – Nos processos de cura, como deveremos compreender o passe?
– Assim como a transfusão de sangue representa uma renovação das forças físicas, o passe é uma transfusão de energias psíquicas, com a diferença que os recursos orgânicos são retirados de um reservatório limitado, e os elementos psíquicos o são do reservatório ilimitado das forças espirituais. (...) o passe é a transmissão de uma força psíquica e espiritual, dispensando qualquer contato físico na sua aplicação.

XAVIER, Francisco C. Questões 98 e 99. **O Consolador**. Pelo Espírito Emmanuel.

“(...) em toda situação e em qualquer tempo, cabe ao médium passista buscar na prece o fio de ligação com os planos mais elevados da vida, porquanto, através da oração, contará com a presença sutil dos instrutores que atendem aos misteres da Providência Divina, a lhe

utilizarem os recursos para a extensão incessante do Eterno Bem.”

XAVIER, Francisco Cândido,
VIEIRA, Waldo. Cap. 22 –
Mediunidade curativa. **Mecanismos da mediunidade**. Pelo Espírito André Luiz.

“Sem dúvida alguma, o passe é recurso válido nos labores mediúnicos, mas deve ser empregado com certas cautelas e com moderação... O passe, como todos os demais recursos com que procuramos socorrer os nossos irmãos desencarnados em crise, precisa ser ministrado no momento certo, com a técnica adequada e na extensão necessária. (...) não deve ser aplicado a qualquer momento, indiscriminadamente, e por qualquer motivo. O passe provoca reações variadas no ser humano, encarnado ou desencarnado. Ele pode serenar ou excitar, condensar ou dispersar fluidos, causar bem-estar ou incômodo, curar ou trazer mais dor,

5. Diálogo com os Espíritos – recursos complementares

5.2 Passe – como e quando utilizar



provocar crises psíquicas e orgânicas, ou fazê-las cessar, subjugar ou liberar, transmitir vibrações de amor ou de ódio, enfim, construir ou destruir. Precisamos estar sempre protegidos pela prece e pelas boas intenções, sempre que nos levantamos para dar passes num irmão desencarnado incorporado. Mas, para que dar passes? Em vários casos ele pode ser aplicado, mas é preciso usá-lo com moderação, para que, ao tentarmos acalmar um Espírito agitado, não o levemos a um estado de sonolência que dificulte a comunicação com ele, justamente do que mais precisamos... Às vezes, no entanto, isso é necessário. Já debatemos por algum tempo o seu problema; o que, tinha que ser dito, pelo menos por enquanto, foi dito, e ele continua agitado. Neste caso, o passe pode ajudá-lo a serenar-se. De outras vezes, é necessário mesmo adormecê-lo, a fim de que, ao ser retirado pelos mentores, seja recolhido a instituições de repouso, para tratamento mais adequado, ou trazido na sessão seguinte, em melhores condições de acesso. O passe ajuda também a desintegrar certos apetrechos que costumam

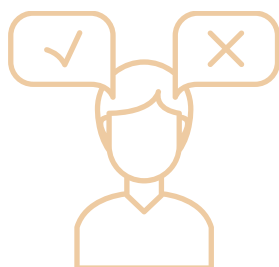
trazer, como ‘capacetes’, ‘couraças’, ‘objetos’ imantados, armas, símbolos, vestimentas especiais. Para isto serão passes de dispersão. Com o passe, podemos mais facilmente alcançar-lhes o centro da emoção, transmitindo-lhes diretamente ao coração as vibrações do nosso afeto, que parecem escorrer como uma descarga elétrica, ao longo dos braços. O passe cura dores que julgam totalmente ‘físicas’, pois localizam-se muito realisticamente em pontos específicos de seus perispíritos. Com passes – e neste caso precisamos também de um médium que tenha condições de exteriorizar ectoplasma – poderemos reconstituir-lhes lesões mais sérias ou deformações perispirituais. Com o passe os adormecemos, para provocar fenômenos de regressão de memória ou projeções mentais, com as quais os mentores do grupo compõem os ‘quadros fluídicos’, tão necessários, às vezes, ao despertamento de Espírito em estado de alienação. Com o passe podemos também ajudá-los a livrar-se da indução hipnótica alheia, ou da própria, isto é, da auto-hipnose... O passe pode ‘desfazer’ os fios que

5. Diálogo com os Espíritos – recursos complementares

5.2 Passe – como e quando utilizar

ligam Espíritos aos seus redutos... Em suma: o passe tem importante lugar no trabalho mediúnico, mas precisa ser utilizado com prudência e sob cuidadosa orientação dos trabalhadores desencarnados. Não deve ser empregado para atordoar o manifestante, exatamente quando precisamos de sua lucidez para argumentar com ele sobre o seu problema; mas, às vezes, precisa ser aplicado exatamente para serená-lo e prepará-lo para outra ocasião, em que se apresentará mais receptivo... Se posso sugerir alguma coisa, é que exercitem com parcimônia o recurso do passe em Espíritos desencarnados e observem atentamente seus efeitos e possibilidades... [destaques nossos]

MIRANDA, Hermínio C. Cap. 4 – Técnicas e recursos, item 4.4 O passe. **Diálogo com as sombras.**



“O estado de transe facilita a sugestão. (...) É preferível, por isso, deixar agirem sozinhos os Espíritos sobre o médium, abstendo-se de toda intervenção magnética humana. (...) Na maioria das vezes, os fluidos de um magnetizador, por seu estado vibratório particular, contrariam os dos Espíritos, em lugar de auxiliá-los. Têm estes que se entregarem a um trabalho de adaptação, ou purificação, que esgota as forças indispensáveis à manutenção [do intercâmbio]. Um magnetizador, cujos fluidos não sejam puros, que não possua um caráter reto, nem irrepreensível moralidade, pode, mesmo sem o querer, influenciar o sensitivo num sentido muito desfavorável”. [destaque nosso]

DENIS, Léon. Segunda Parte, Cap. XIX – Transe e incorporações. **No Invisível.**



5. Diálogo com os Espíritos – recursos complementares

5.2 Passe – como e quando utilizar

“96. O passe, como terapia auxiliar à palavra, pode ser usado indiscriminadamente ou somente em momentos adequados?”

Os passes, durante a doutrinação dos Espíritos, devem ser usados com moderação e cautela, somente quando sua aplicação seja indicada.

Neste particular devemos copiar a Natureza – ela nunca se utiliza de recursos que não estão sendo reclamados e jamais consome energia além do necessário. Devemos ter sempre em mente que, quando o Espírito incorpora no médium dá-se uma imantação e através do choque anímico começa a fluir energia num circuito de ida e de volta, do médium para o Espírito e desse para aquele, num sistema energético que é ajustado e controlado pelo Mentor Espiritual, a funcionar como um verdadeiro ‘técnico’ em eletrônica espiritual ou transcendental. Ora, se o nível de energia estiver bom, isto é, a comunicação do médium se expressando equilibrada e controladamente, não há necessidade alguma de passes, não sendo de estranhar que estes possam ser mais prejudiciais que

úteis, por se constituírem uma energia externa nem sempre bem dosada e corretamente aplicada. Imaginemo-la em excesso: poderá causar irritação; imaginemo-la aplicada com uma técnica dispersiva: agirá no sentido de desimantar, podendo arrefecer a energia da comunicação, afrouxar os contatos mediúnicos e até fazer cessar a transmissão da mensagem. Não é assim que procedemos quando queremos impedir uma comunicação indesejável, fora da reunião mediúnica, por exemplo, através de um médium desarmonizado? (...) Portanto, passes somente no momento adequado e com conhecimento de causa. Isto é padrão de qualidade.” [destaques nossos]

Proj. Manoel Philomeno de Miranda.
Questão 96. **Qualidade na Prática Mediúnica.**



5. Diálogo com os Espíritos – recursos complementares

5.2 Passe – como e quando utilizar

Exemplo de passe espiritual (ministrado pelos Mentores)

“Logo se fez lúcido, o comunicante tentou erguer o médium numa atitude desesperada... Atendido pelo Benfeitor, que prosseguia aplicando-lhe recursos próprios para despertar-lhe as lembranças, aguçando-lhe a percepção, subitamente viu o grupo de companheiros encarnados... [ocorre o diálogo](...) O Benfeitor, que o despertava para as lembranças felizes, recorreu aos passes magnéticos, a fim de tranquilizá-lo... Adormecendo, recebeu o procedimento anterior, sendo retirado cuidadosamente”.

FRANCO, Divaldo P. Cap. 17 – Doutrinação e surpresas. **Grilhões Partidos**. Pelo Espírito Manoel Philomeno de Miranda.



No exemplo acima, nota-se que o passe foi aplicado pelos próprios Mentores e com dupla finalidade: inicialmente, para aguçar a percepção e, ao final, como meio para o uso do recurso da sonoterapia.



“A irmã Cenira, portadora de alta sensibilidade mediúnica, foi incorporada por perverso agressor... Ele fora trazido, sem dar-se conta, pela nossa equipe e, quando percebeu que se encontrava em comunicação mediúnica, esbravejou com aspereza, apresentou ameaças, reagiu intempestivamente... interrogou com arrogância:

- Como se atrevem impor-me esta situação desagradável? Faço parte do grupo dos novos dirigentes da Instituição e mereço a consideração que me não é oferecida...
- O caro amigo é muito bem-vindo à nossa reunião, convidado que se encontra por Jesus Cristo, que é realmente o diretor da nossa Instituição. (...)[segue longo diálogo em que Espírito ataca a Jesus e aos cristãos e, em particular, aos

5. Diálogo com os Espíritos – recursos complementares

5.2 Passe – como e quando utilizar



espíritas. O dialogador o esclarece com calma e lógica, enquanto o Espírito prossegue:](...)
- Não nos importam essas divagações, porque estamos fixados em um programa de lenta extinção da atividade do Consolador que vocês dizem representar. O seu Jesus está morto e a Sua doutrina estertora... Em toda parte, temos interferido para que a mentalidade humana aproveite-se dos favores do conhecimento tecnológico para o prazer até a exaustão... A nossa programação é vasta e alarga-se por quase todos os segmentos da sociedade terrestre... O momento agora é o de desfrutar, de usufruir até à última gota a satisfação dos sentidos. Não cederemos o menor espaço para que os biltres das fileiras espíritas sobrevivam e escapem à nossa vigília. Estamos atentos...
- Imaginemos... que o programa a que o amigo refere-se triunfe aqui ali, em razão das debilidades humanas, das ânsias de poder enganoso, que a morte dilui... Não há como deter-se a marcha do progresso... Ninguém foge ao tempo, nem se pode escusar ao progresso... (...) Não é a primeira

vez que nós outro mantemos contato com Jesus, mas este é o instante definitivo da nossa mudança radical para o Seu lado, para o Seu amor... Dominado por larga hipnose... você deixou-se conduzir até este momento pela ignorância do bem. Você irá despertar, reconhecer o amor de Jesus...
De imediato, o irmão Germano Passos [benfeitor espiritual] acercou-se do médium em transe profundo e aplicou passes de despertar mental na Entidade comunicante, enquanto lhe dizia de maneira monocórdia: - Acorde, reveja o seu passado.
Quase de imediato, o Espírito pôs-se chorar copiosamente, revendo os dias que precederam ao seu martírio no passado, quando fora vítima das perseguições espanholas através do Santo Ofício.
Podia-se perceber-lhe aflição, e ver-se-lhes os clichês mentais arquivados no inconsciente, que revelavam a sua situação de explorador de outros companheiros, o infame comércio de moedas com juros extorsivos...
- Não existem efeitos sem causas

5. Diálogo com os Espíritos – recursos complementares

5.2 Passe – como e quando utilizar

equivalentes - adiu Dr. Bezerra. - O irmão apresenta-se como vítima inocente. Vítima, sim, inocente, porém, de forma alguma, já que as suas paisagens mentais e morais são tenebrosas. Agora deve dormir, a fim de despertar para novos cometimentos que o libertarão das densas sombras das ações nefárias.

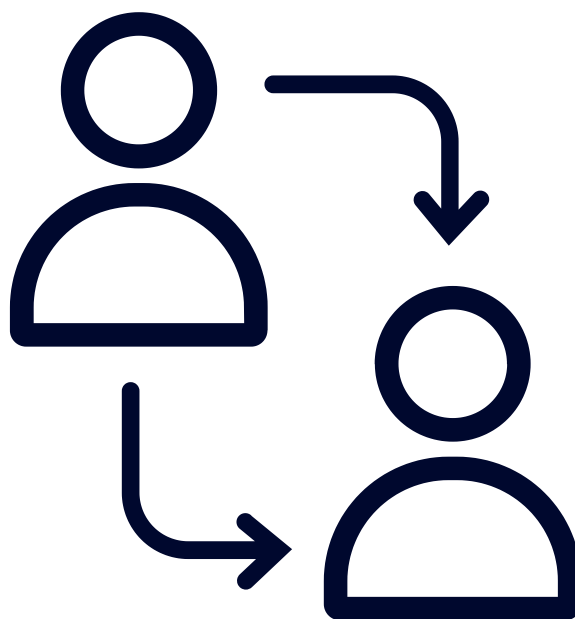
E porque o aflito estorcegava no médium, foi retirado carinhosamente e colocado em maca especial a fim de ser transportado para recinto próprio em nossa Esfera de ação. Recebendo passes revitalizadores, a dedicada médium recuperou a lucidez. [destaques nossos]

FRANCO, Divaldo P. Cap. 8 - As atividades prosseguem.

Perturbações espirituais. Pelo Espírito Manoel Philomeno de Miranda.

No caso acima indicado, nota-se que o passe espiritual (aplicado pelos próprios Mentores) foi utilizado inicialmente como recurso para a regressão de memória do comunicante, assim como recurso

para o outro recurso (da sonoterapia da entidade espiritual) e, ao término da comunicação, o passe foi também aplicado pelos próprios Mentores na médium, para recomposição desta e encerramento completo do transe e de suas impressões, o que confirma que o passe pelo encarnado, para refazimento fluídico do médium, é excepcional, posto que, em regra, é suficiente o passe aplicado pelos benfeitores.



5. Diálogo com os Espíritos – recursos complementares

5.2 Passe – como e quando utilizar

Aplicabilidade de passe pelo encarnado – Exemplos:

Exemplo 1

“(...) porque, fixados nas lembranças perturbadoras e nos efeitos das ações nefastas da existência passada, retidas no perispírito, rebolecavam nos tormentos, expondo-
os sem a necessária lucidez para escutar as orientações. Nesse caso, com paciência significativa, cada dialogador resolveu utilizar-se da bioenergia, que o libertava da pesada carga de aflições, no que era auxiliado pelos cooperadores espirituais, facultando que fossem diminuídas as angústias dos visitantes, para posterior atendimento verbal. Deslocados dos médiuns, muito melhor do que antes se encontravam, entraram em torpor hipnótico e foram colocados em macas especialmente distribuídas no recinto, para remoção posterior para a colônia espiritual de apoio.”
[destaque nosso]

FRANCO, Divaldo P. Cap. 5 –
Procedimentos libertadores.
Amanhecer de uma nova era. Pelo
Espírito Manoel Philomeno de
Miranda.

Nota-se que o estado do comunicante era de profundas perturbações, a ponto de não ter condições de escutar e compreender o esclarecimento. Em tal caso, o passe foi utilizado pelo dialogador como recurso dispersivo e calmante, naturalmente, tratando-se de passe misto, posto que o dialogador aplicava o passe auxiliado pelos cooperadores espirituais, como referido, para que o comunicante tivesse a condição de compreensão do recurso da palavra a ser conseguintemente ministrado.

Como o Espírito ainda não teria condições de compreensão no momento, o direcionamento dos Mentores foi de aplicar-lhe recursos calmantes, induzindo a entidade ao referido torpor hipnótico e os Mentores alocaram-no em macas da dimensão espiritual, com conseguinte continuidade do auxílio pela equipe espiritual.



5. Diálogo com os Espíritos – recursos complementares

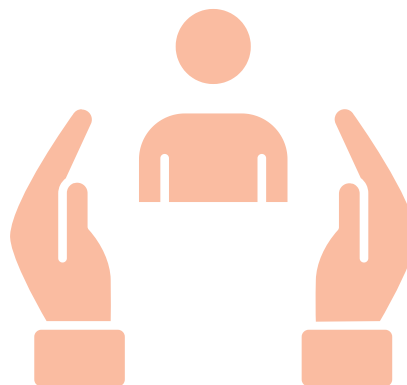
5.2 Passe – como e quando utilizar

Aplicabilidade de passe pelo encarnado – Exemplos:

Exemplo 2

“(...) aqueles que não dispõem de faculdades para incorporação, psicografia ou vidência poderão incumbir-se da nobre tarefa do passe reparador... A juízo do dirigente, e por ele orientados, darão passes nos médiums, após comunicações particularmente penosas, a fim de ajudá-los no reequilíbrio de suas energias e aliviar aflições residuais deixadas pelas vibrações dolorosas do manifestante em desarmonia”.
[destaque nosso]

MIRANDA, Hermínio. Cap. 2 – As pessoas, item 2.1.3 – Outros participantes. **Diálogo com as sombras.**

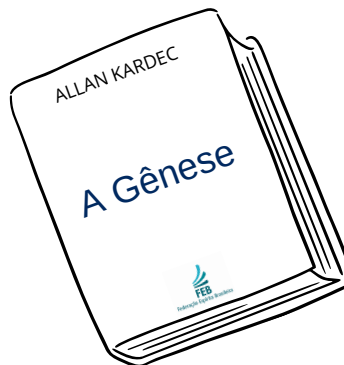


A recomendação de aplicação de passe no médium ao término das comunicações não é a regra, mas somente se justifica em casos de comunicações *particularmente penosas* (significativamente desgastantes, psíquica e, especialmente, fisicamente, ou seja, que demandem uma cota vibratória extra do médium, a ponto de necessitar da recomposição fluídica – de fluidos vitais – por meio da fluidoterapia por passes aplicada pelo encarnado, naturalmente, com o contributo da equipe espiritual).

De toda forma, essa situação não se trata de regra, mas exceção, em casos realmente intrincados, especialmente porque os próprios benfeitores ministram os recursos fluídicos de suprimento necessários, consoante já descrito.

5. Diálogo com os Espíritos – recursos complementares

5.2 Passe – como e quando utilizar



O passe é um recurso complementar à palavra do dialogador. Por conseguinte, não há razões para se aplicar passes em reunião mediúnica espírita que não sejam para a finalidade de complementar o esclarecimento da palavra em situações específicas, quais as descritas a seguir.

Os Mentores espirituais, consoante referências acima, já aplicam passes tanto para favorecer a ligação perispiritual entre o médium e o comunicante, para auxiliar o médium durante o intercâmbio mediúnico e também para desligar o comunicante, ao término do intercâmbio mediúnico, ocasião em que também aplicam passes no médium para seu refazimento e recomposição.

Dessa forma, a necessidade de passe pela equipe encarnada é excepcional, visto que os passes espirituais são, em regra, suficientes para atender às necessidades da entidade espiritual e do médium. Ainda, é relevante considerar, como exposto nos excertos, que o intercâmbio perispiritual e as trocas

de fluidos entre médium e comunicante é *ajustado e controlado pelos mentores*, que são plenamente competentes para promover e manter um intercâmbio seguro, por se tratarem de Espíritos superiores, com aptidão/especialização para a tarefa que desempenham (*como um verdadeiro 'técnico' em eletrônica espiritual ou transcendental*, consoante referência acima).

Allan Kardec esclarece, em *A Gênese* (Cap. XIV, item 16):

“Os fluidos não possuem qualidades *sui generis*, mas as que adquirem no meio onde se elaboram; modificam-se pelos eflúvios desse meio... Sob o ponto de vista moral, trazem o cunho dos sentimentos de ódio, de inveja, de ciúme, de orgulho, de egoísmo, de violência, de hipocrisia, de bondade, de benevolência, de amor, de caridade, de doçura, etc. Sob o aspecto físico, são excitantes,

5. Diálogo com os Espíritos – recursos complementares

5.2 Passe – como e quando utilizar

calmantes, penetrantes, adstringentes, irritantes, dulcificantes, supuríficos, narcóticos, tóxicos, reparadores, expulsivos; tornam-se força de transmissão, de propulsão, etc.”

KARDEC, Allan. Cap. XIV – Os fluidos, item 16. **A Gênese**.

Portanto, conforme a intenção (pensamento e vontade) de quem aplica o passe, os fluidos transmitidos poderão atuar no sentido de despertar (fluidos excitantes); conter/relaxar (fluidos calmantes, caso o Espírito esteja superexcitado, conturbando o próprio médium), devendo, neste caso, haver cautela, pois, o passe, conforme aplicado, poderá ser em nível que possa até mesmo levar a entidade ao sono, como se verá a seguir, desde que seja de fato necessário.

Os passes também poderão ser dispersivos, no sentido de interromper o intercâmbio mediúnico, ou poderão ser no sentido de contribuir para que o transe se dê em condições de maior equilíbrio e

facilidade de assimilação das ideias, então, favorecendo o transe.

Ou seja, é preciso muito critério e cautela na aplicação de passes para que, querendo um resultado, por falta de preparo ou manejo inadequado desse recurso, não se chegue ao resultado oposto: por exemplo, aplicando-se o passe com técnica dispersiva quando se pretendia auxiliar o intercâmbio, vai-se produzir o efeito contrário: *“desimantar, podendo arrefecer a energia da comunicação, afrouxar os contatos mediúnicos e até fazer cessar a transmissão da mensagem”*, como acima referido.

Logo, quando o intercâmbio está sendo iniciado e há dificuldades para a comunicação, se aplicados passes da forma inadequada, em vez de viabilizar o intercâmbio, terá o mesmo efeito dispersivo, de interromper o intercâmbio mediúnico, do passe aplicado com essa finalidade na sala de passe, por exemplo, quando haja ali uma pessoa para receber a fluidoterapia e esta, por não ter controle de sua faculdade, por falta de

5. Diálogo com os Espíritos – recursos complementares

5.2 Passe – como e quando utilizar



conhecimento doutrinário, entra em transe mediúnico e inicia o intercâmbio espiritual.

Isso indica também a necessidade de o trabalhador que aplica o passe na reunião mediúnica (seja o dialogador ou outro membro da equipe de apoio, conforme a definição do dirigente da reunião), ter conhecimentos e qualificação pela Área do Atendimento Espiritual no Centro Espírita, especificamente em relação à atividade de passe.

Dessa forma, a definição do momento de aplicação do passe na reunião mediúnica é orientação de atribuição da Área da Mediunidade, mas os requisitos para o aplicador do passe, a forma de aplicação, são orientações de atribuição da Área de Atendimento Espiritual.

Médiuns iniciantes:

“No desenvolvimento da faculdade em médiuns principiantes, há alguma utilidade em se lhes aplicar passes para facilitar, por exemplo, a psicofonia?”

DIVALDO Este exercício é, às vezes, positivo, porque estando o médium com os centros psíquicos ainda não disciplinados durante a hora da concentração, entra em conflito, por não saber distinguir as suas próprias sensações e emoções daquelas que ele registra e que pertencem ao espírito desencarnado. Experimenta taquicardia, há o resfriamento corporal, colapso periférico, a ansiedade, que são típicos da presença dos Espíritos que padecem, mas que muitas vezes são devidas à sua própria expectativa. No caso da aplicação do passe objetivando ajudar, aumenta no médium a carga vibratória e isso facilita-lhe o fenômeno. Mas, por outro lado, não deve ser habitual, para não lhe criar condicionamentos. Por isto, deve-se aplicar passes só esporadicamente.”

FRANCO, Divaldo P.; **TEIXEIRA**, Raul. Questão 74 (da Ed. Entrevistas).
Diretrizes de Segurança.

5. Diálogo com os Espíritos – recursos complementares

5.2 Passe – como e quando utilizar

Por vezes, o médium iniciante apresentará dificuldades no intercâmbio mediúnico – seja para iniciar, seja para controlar, seja para encerrar o transe mediúnico.

Daí a importância da reunião de educação e desenvolvimento mediúnico, na qual são feitos os exercícios guiados por dialogador experiente, para viabilizar ao médium o adestramento da sua faculdade.

Mesmo para o iniciante, deverá haver muita parcimônia no emprego do passe, pelas razões já explicitadas, ou seja, sobretudo para não gerar efeitos contrapostos aos pretendidos, e, especialmente, em se tratando de trabalhador iniciante na atividade, para prevenir condicionamentos.

É possível que o participante refira/sinta mal-estar durante a atividade (persistindo ou não o mal-estar após o término do exercício). Isso pode ser decorrência da própria natureza do Espírito em condição inferior que se aproxime do médium ou por fatores de outra ordem, entre os quais emocionais, como

ansiedade/tensão em relação à tarefa.

Caso o médium refira mal-estar, é preciso analisar se não é uma característica do comunicante, ocasião em que se deve estimular o médium a se apassivar, transmitir o que percebe e sente, confiando na assistência dos Mentores. Por outro lado, caso seja remanescente de uma comunicação dada ou decorrência do estado emocional do próprio médium, para o reequilíbrio, deve ser orientado a fazer o exercício de desconcentração, prece fervorosa de rogativa de auxílio à equipe espiritual.

Se persistir, o médium deve informar ao dialogador sobre a permanência do mal-estar, e o dialogador poderá auxiliá-lo por meio da palavra, trazendo o médium à acuidade de consciência (auxiliando-o a sair do estado alterado de consciência – transe mediúnico), por meio da oração conjunta, chamando-o pelo nome, lembrando que é “dono do próprio corpo” e possui controle sobre si mesmo; lembrando-o de que está sob a assistência dos Mentores, que o auxiliam e aplicam passes espirituais.

5. Diálogo com os Espíritos – recursos complementares

5.2 Passe – como e quando utilizar

Esses procedimentos devem ser conduzidos pelo dialogador com *calma* (sem alteração emocional, mantendo segurança íntima e confiança nos Mentores) e fazendo mentalização para que haja desligamento fluídico de eventual comunicante, bem como dispersão de fluidos deletérios que possam estar ocasionando a perturbação no médium.

Na persistência da situação do mal-estar, mesmo após os procedimentos anteriores (prece mental do dialogador, prece conjunta com o participante, chamamento pelo nome para desconcentrar-se da dimensão espiritual e focar na dimensão material), o passe dispersivo pode ser usado pelo dialogador como último recurso, sempre com cautela e parcimônia, para que não se torne praxe ou condicionante, gerando dependência por parte do participante, pois este deve aprender a ter autocontrole, sem ficar na dependência de aplicação de passes de forma constante para sair do transe.

O dirigente da reunião deverá

observar se essa situação é episódica ou repetitiva com o mesmo médium, sendo que, no último caso, deverá ser avaliado se, na reunião de educação e desenvolvimento mediúnico, está ou não havendo satisfatório aproveitamento dos exercícios, e possíveis causas de insatisfatório aproveitamento, se existente, ou sendo médium já adestrado, participante de reunião mediúnica espírita, se houve adequado desenvolvimento no início de seu exercício mediúnico ou não, quando deverá ser orientado ao aprendizado dos exercícios iniciais (concentração, desconcentração, registro, assimilação e repulsão de fluidos, etc.), ou alguma outra causa atual que esteja ocasionando a dificuldade.

Ressalta-se, como visto, que, ao longo de toda a tarefa, a própria equipe espiritual ministra recursos fluídicos (passes espirituais), daí porque, em regra, é desnecessário que haja a aplicação de passes pela equipe encarnada, visto serem suficientes os passes da equipe

5. Diálogo com os Espíritos – recursos complementares

5.2 Passe – como e quando utilizar

espiritual.

Salienta-se, ainda, que o passe do encarnado, mal direcionado ou aplicado desnecessariamente, tem, em vez de um efeito contributivo, um efeito contrário: dispersivo e dificultador dos trabalhos (não se quer dizer que o passe em si faça mal, mas que seu inadequado emprego, em vez de favorecer, por exemplo, uma comunicação difícil que deveria ocorrer, teria efeito de interferir nos liames perispirituais entre médium e comunicante e levar a uma interrupção do transe em circunstância não desejada pela equipe espiritual, como anteriormente visto).

Igualmente, como já esclarecido, enquanto recurso complementar à palavra, o passe na reunião mediúnica deve ser reservado apenas a casos mais complexos, intrincados: por exemplo, ante excesso de agressividade do comunicante; comunicações assaz penosas (por exemplo, de comunicantes muito inferiores, de suicidas em profunda perturbação, etc.), com comunicantes

apresentando condições demasiadamente difíceis de fala (por ter registros de deficiências psíquicas ou físicas de sua última reencarnação, ou outras situações impeditivas), sendo esses apenas exemplos de quando pode ser utilizado pontualmente o passe e não de que deva ser sempre usado em tais casos: nem toda comunicação difícil, assim como nem todo comunicante agressivo ou em dificuldade de expressão precisará receber passe. Isso será notado no caso prático pelo dialogador, caso tenha preparo para a tarefa e, sobretudo, mediante intuições que receberá da equipe espiritual.

Nos casos em que seja necessário o uso desse recurso complementar, o passe pode ser aplicado tanto pelo próprio dialogador ou pelo membro do grupo a quem o dirigente tiver incumbido da aplicação de passes.

Caso tenha sido atribuída a um dos membros da equipe de apoio a tarefa de aplicar o passe, nos momentos em que solicitado pelo dialogador e sob orientação deste, deverá levantar-se, dirigindo-se à pessoa em quem

5. Diálogo com os Espíritos – recursos complementares

5.2 Passe - como e quando utilizar

deverá ser aplicado o passe e, aplicada a fluidoterapia, retornar à sua posição, sentando-se em seu lugar, devendo os movimentos e locomoção na sala serem feitos com discrição e de forma silenciosa pelo aplicador de passe.

Obs. O assistente participante que tenha a atribuição de aplicador de passe na reunião mediúnica espírita deverá participar das qualificações específicas da Área de Atendimento Espiritual relativas à atividade de passe.

Igualmente, caso essa atribuição seja desempenhada pelo próprio dialogador ou o dirigente, também deverão manter-se qualificados para essa tarefa, conforme as orientações da Área competente (Área de Atendimento Espiritual).

Passe



5. Diálogo com os Espíritos – recursos complementares

5.2 Passe – como e quando utilizar



Orientações gerais sobre o emprego do passe como recurso complementar

- Passe aplicado pelo próprio dialogador ou por ele solicitado ao membro da equipe de apoio incumbido dessa atribuição (aplicação de passes) pelo dirigente do grupo para fazê-lo.
- A pessoa que aplique passe na reunião mediúnica deve se qualificar na atividade de passe conforme orientação da Área de Atendimento Espiritual.
- A própria equipe espiritual ministra passes para favorecer e viabilizar o transe mediúnico (tanto na aproximação do comunicante em relação ao médium e no estabelecimento das ligações fluídicas para o

intercâmbio, quanto, após a comunicação, para o desligamento fluídico entre o médium e o comunicante e encaminhamento do Espírito a outros atendimentos. Também ministra passe no médium, para seu refazimento após a comunicação). Esses passes espirituais, em regra, são suficientes dispensando o passe aplicado pelos encarnados.

- A intervenção do aplicador de passe encarnado poderá gerar uma ‘sobrecarga’ fluídica, de forma que, embora se pretendesse favorecer a ligação perispiritual, possa haver efeito contraposto (dispersivo) ou vice-versa.
- O passe somente deve ser utilizado quando houver forte intuição para tanto.



5. Diálogo com os Espíritos – recursos complementares

5.2 Passe – como e quando utilizar



Quando utilizar:

- Comunicações complexas e muito desgastantes (comunicantes muito agressivos ou ainda bastante inferiores; em condição pessoal muito penosa – com mal-estar significativo, referências a dores acerbadas, suicidas em profunda perturbação, por exemplo; em condições muito difíceis de fala – por condição emocional ou manutenção de impressões de deficiências físicas que teve enquanto encarnado –, dentre outras situações, desde que o dialogador tenha clara inspiração para aplicar o recurso, seja no início, seja durante ou ao término do diálogo.

Como empregar:

Aplicação pelo próprio dialogador ou pelo membro da equipe de apoio incumbido pelo dirigente da atividade da aplicação de passes, desde que solicitado. Neste caso, quando necessário, o dialogador solicita ao aplicador de passe que ministre o passe, indicando a finalidade (calmante, dispersivo, excitante – para despertar de torpor, etc.).

O momento de aplicar o passe na reunião mediúnica é definido pelo dialogador, desde que tenha forte inspiração do Mentor.

Quanto à forma de aplicar o recurso, deverá atender à orientação da Área de Atendimento Espiritual sobre a aplicação de passe.

5. Diálogo com os Espíritos – recursos complementares

5.2 Passe – como e quando utilizar

Efeitos do passe/ Finalidades (a depender do caso, da situação/necessidade do comunicante):

- Recompôr emocionalmente o Espírito ou o médium, criando condições para o prosseguimento do diálogo (ex.: excessiva agressividade, conturbação emocional intensa que impeçam o diálogo sem esse recurso).
- Quando seja comunicação demasiadamente desgastante/agressiva (para interrupção do intercâmbio, a fim de proteger o médium ou o dialogador).
- Dispersão de fixações mentais ou seus efeitos plásticos (vestimentas, objetos, forma de apresentação de certos comunicantes, inclusive casos de zoantropia).
- O passe pode ser necessário em benefício do próprio comunicante, quando a situação o requer ou para refazimento do

médium, assim como ser meio para outros recursos, conforme a seguir.

- Passe como recurso para outros recursos complementares (emprego do passe para fins de sonoterapia/sugestão hipnótica – desfazimento de ideoplastias, regressão de memória). Em regra, para tais finalidades, os passes são aplicados pelos próprios Mentores.
- O passe permite diluir fluidos densos e fixações mentais, ensejando a recuperação de consciência, assim como permite transmitir energias sadias que revigoram e promovem calma e bem-estar, em especial se houver disposição para tanto por quem recebe.
- O momento em que deve ser usado esse recurso complementar e a necessidade de uso devem ser claramente inspirados pelos Mentores. Na dúvida, não deve ser utilizado, mentalizando-se a solicitação aos Mentores para que eles adotem as providências cabíveis.

5. Diálogo com os Espíritos – recursos complementares

5.3 Sonoterapia/sugestão hipnótica – como e quando utilizar

“100. É válido o terapeuta espiritual aplicar técnicas de hipnose durante a doutrinação? Quando deve utilizá-las e como avaliá-las?

É de muita utilidade a hipnose como recurso terapêutico em favor dos Espíritos comunicantes desde que se saiba aplicá-la corretamente, até porque essa terapia, na maioria dos casos, irá funcionar como contra-hipnose no sentido de diluir fixações mentais deprimentes que eles próprios se autoinfligiram ou que neles foram implantadas pelos Espíritos agressivos e dominadores que infestam os Planos Espirituais de densidade inferior.

A hipnose se baseia fundamentalmente na ação sugestiva, uma sequência de ordens e apelos que o agente dirige ao paciente, estando este preparado para receber a terapia. Esta condição ideal para ser hipnotizado, o denominado **estado de sugestibilidade** é um nível alterado de consciência situado entre a vigília e o sono natural em que a vontade do hipnotizador suplanta, até certo ponto, a vontade consciente do hipnotizado, que assim tem algumas

zonas do inconsciente acessadas, ficando mais apto para movimentar os estímulos externos e os mecanismos internos promotores da cura... a hipnose é tanto mais eficiente quanto maior a habilidade para se conseguir, o mais plenamente possível, o estado de sugestibilidade, a partir do qual o inconsciente é mais fortemente estimulado, colocando o paciente num estado de obediência e de adesão total às propostas terapêuticas sugeridas pelo doutrinador. (...) Seja qual for a explicação para o estado hipnótico, o que importa mesmo é que o doutrinador saiba os caminhos que a ele conduzem e os benefícios a serem alcançados no trato com os Espíritos sofredores. Em primeiro lugar, procurará conduzir o Espírito a quem quer transmitir sugestões hipnóticas a um estado de confiança total depois de vencer-lhe os argumentos – falsos argumentos – frutos do tresvario emocional e psíquico em que se encontra. Arrefecido o ânimo agitado da Entidade, e já dando esta os primeiros sinais de entrega, deve o

5. Diálogo com os Espíritos – recursos complementares

5.3 Sonoterapia/sugestão hipnótica – como e quando utilizar



doutrinador parar a fala discursiva e, escolhida a sugestão, compatível com a necessidade do comunicante, ficar a repeti-la com voz pausada, clara e incisiva até envolvê-lo totalmente na energia da sugestão, se necessário aplicando passes...”
[sublinhado nosso, negrito do original]

Proj. Manoel Philomeno de Miranda.
Questão 100. **Qualidade na Prática Mediúnica.**

Exemplo 1:

“[Trata-se de reunião na dimensão espiritual, em continuidade à reunião mediúnica, por ocasião do repouso físico dos integrantes da equipe encarnada]
– A mim ninguém domina. Eu sou o diabo. Veja!
Imprimindo a força do ódio a si mesmo, vimo-lo transformar-se; ideado, na personificação da figura

satânica, conforme a conceberam no passado. A face da médium alterou-se, e ele, quase sobreposto à sensitiva, transfigurou-se, assumindo as características convencionais do ser infernal. A cauda, terminada em lança, agitava-se, enquanto os detalhes gerais produziam um aspecto aterrador. Pelas narinas eliminava vapores com forte odor a enxofre, e faíscas elétricas completavam o quadro formando uma figura horrenda... Enquanto Fernando [benfeitor] e alguns magnetizadores acalmavam os aflitos e temerosos, o benfeitor, sem qualquer alteração na voz e na emoção, prosseguia:
– Você não me assusta! Conheço essa triste fantasia na qual você se oculta. Ela é inócua para mim e a ninguém aqui intimida. O diabo é uma figuração concebida pelas mentes passadas, ignorantes e temerárias. Surgida no período mágico do pensamento, está totalmente ultrapassada, permanecendo somente na imaginação que a agasalha e a incorpora. Aproximando-se da médium em transe, o Dr. Carneiro [benfeitor

5. Diálogo com os Espíritos – recursos complementares

5.3 Sonoterapia/sugestão hipnótica – como e quando utilizar



espiritual] começou a aplicar passes... Sem pressa e ritmadamente o benfeitor prosseguia com os movimentos corretos, enquanto dizia:

– Tuqtamich, você é gente...

Tuqtamich, você é gente...

A voz tornou-se monocórdia, contínua, enquanto os movimentos prosseguiram. Suas mãos despediam anéis luminosos que passaram a envolver o Espírito. Pouco a pouco, romperam-se as construções que o ocultavam, caindo como destroços que se houvessem arrebatado de dentro para fora. O manto rubro pareceu incendiar-se e a cauda tombou inerte. Os demais adereços da composição, igualmente, despedaçaram-se e caíram no chão.

Para surpresa nossa, a forma e as condições em que surgiu o Espírito eram constrangedoras – coberto de feridas purulentas, nauseantes, alquebrado, seminu, trôpego, o rosto deformado como se houvesse sido carcomido pela hanseníase –, inspirava compaixão, embora o aspecto repelente.

Desejou falar, arquejante, e a voz

desapareceu num sussurro nasalado:

– Eis o que você me fez. Eu não sou isso...

– Sim, meu irmão, você está assim por enquanto. Encontrava-se sob disfarces para esconder sua realidade. Agora Jesus irá medicá-lo, auxiliando-o a renovar-se.

– Eu não o conheço.

– Você o conhece sim. Basta recordá-lo. Iremos ajudá-lo no tentame. Desperte agora e mude de atitude mental. O restante será fácil e o tempo resolverá.

O comunicante, quase sem voz, e visivelmente agônico, tentou gritar, conseguindo somente emitir um som disforme:

– Jesus... – E tombou em pesado desfalecimento. Fernando e o Dr.

Carneiro desenfaixaram-no da médium e o colocaram em repouso na mesa onde estivera até o momento da comunicação.”

FRANCO, Divaldo P. Cap. A luta prossegue. **Trilhas da Libertação**. Pelo Espírito Manoel Philomeno de Miranda.

5. Diálogo com os Espíritos – recursos complementares

5.3 Sonoterapia/sugestão hipnótica – como e quando utilizar

Nota-se que, por ideoplastia, esse comunicante plasmou perispiritualmente a apresentação de um demônio, conforme a imagética popular. O intuito da entidade era gerar temor no grupo.

O dialogador mantém-se calmo, sem impressionar-se, falando de modo claro, objetivo, sem agressividade. Enquanto isso, o Dr. Carneiro de Campos (trabalhador desencarnado) ministra passes no comunicante, que são recurso para a desipnose.

Juntamente com os passes, a sugestão hipnótica para a desimpregnação psíquica se dá pela repetição em voz monocórdia, contínua, de que o Espírito é gente, para ele reassumir a sua forma humana. Havia, pois, um contributo fluídico (material) e também psíquico (intelectual, conceitual: ‘você é gente’).

Nota-se que o perispírito possui a propriedade da plasticidade que permite amoldar-se à vontade do Espírito, porém, suas características

precípua refletem a verdadeira condição espiritual (emocional e evolutiva) do comunicante.

Após o recurso da sugestão hipnótica, para diluir as impugnações psíquicas e o despertar de consciência do Espírito, foi utilizado o recurso da palavra com cunho otimista e de reforço de esperança.

Os Mentores espirituais desligaram o comunicante do médium e o encaminharam.

Exemplo 2:

“(...) Leonardo, dedicado médium espírita, quem se entregava à comunicação. Contorcendo o sensitivo, o que denotava o deplorável estado espiritual em que se debatia, o comunicante desferiu os golpes verbais que o caracterizavam (...) O Sr. Almiro [dialogador], inspirado por Vicente [Mentor] acercou-se do médium e respondeu, calmo, ao interlocutor (...) [o diálogo prossegue com a demonstração pelo dialogador dos

5. Diálogo com os Espíritos – recursos complementares

5.3 Sonoterapia/sugestão hipnótica – como e quando utilizar

prejuízos que o comunicante tinha com suas atitudes de rebeldia e resistência. Manoel Philomeno descreve a atuação do dialogador:]

Havia tanta ternura e honesto interesse na transformação do calceta, que este foi envolvido pelas ondas de simpatia e bondade dos irmãos Almiro [dialogador] e Vicente [Mentor], deixando-se anestesiar.
– Agora durma – concluiu o amigo [dialogador encarnado] – a fim de despertar em outro estado de emoção. Esqueça, por enquanto, os ressentimentos e abra-se ao amor de Deus, à possibilidade de ser feliz.

Durma em paz, meu irmão.

O comunicante diminuiu a tensão emocional e adormeceu no médium.

Desenovelando-o do instrumento delicado, os cooperadores o desligaram e removeram para outro lado da sala, de modo a recambiá-lo, logo depois, ao hospital de refazimento, onde iria despertar e recomeçar as experiências de iluminação”.

FRANCO, Divaldo P. Cap. Terapia desobsessiva. **Trilhas da Libertação**. Pelo Espírito Manoel Philomeno de Miranda.

Destaca-se que o dialogador se mantinha calmo, apesar de certo estertor do médium, em razão das características do comunicante (contorcia o médium e desferia golpes verbais), apresentando o esclarecimento por meio da palavra revestida de honestidade, intuito de colaboração e ternura que gerava um envolvimento vibratório salutar em torno do comunicante, acrescido dos fluidos do Mentor.

Nota-se que a sugestão hipnótica aplicada no caso foi para fins de sonoterapia (com a repetição pausada do comando ‘durma’, promovendo relaxamento do Espírito, induzido ao sono).

A seguir, os Mentores o desligaram da médium, encaminhando o Espírito para a continuidade do atendimento na dimensão espiritual.



5. Diálogo com os Espíritos – recursos complementares

5.3 Sonoterapia/sugestão hipnótica – como e quando utilizar



Exemplo 3:

“– Oh! Nunca poderei esquecer,
perdoar, amar, nunca, nunca!...

O irmão Saturnino [Mentor]...
começou a aplicar-lhe passes, de
modo a diminuir-lhe as agudíssimas
exulcerações e torturas.

Branda claridade envolveu o
comunicante enquanto as mãos de
Saturnino [Mentor], justapostas às
de Petitinga [dialogador], como
depósitos de radiosa energia, que
também se exteriorizava do plexo
cardíaco do passista, lentamente
penetrou os centros de força do
desencarnado, como a anestesiar-
lhe a organização perispiritual em
desalinho.

Com voz compassiva, o diretor dos
trabalhos começou a exortar:
Durma, durma, meu irmão... O sono
far-lhe-á bem. Procure tudo
esquecer para somente lembrar-se
de que hoje é novo dia... Durma,
durma, durma...

Banhado por energia balsamizante e
dominado pelas vibrações hipnóticas
que fluíam de Saturnino através de
Petitinga, o perseguidor foi vencido
por estranho torpor, sendo desligado
do médium por devotados

assessores desencarnados, que
cooperavam no serviço de
iluminação.”

FRANCO, Divaldo P. Cap. 1 – A
Família Soares. **Nos Bastidores da
Obsessão**. Pelo Espírito Manoel
Philomeno de Miranda.

Nesse caso, o comunicante
indica renitência em seu intuito de
desforço. É aplicado o passe misto
(pelo dialogador, juntamente com o
Mentor), com caráter dispersivo e
calmante, como mecanismo para
viabilizar o recurso da sonoterapia.

Juntamente com o passe, o
recurso da sonoterapia foi aplicado
por meio da sugestão reiterada,
pausada, “durma, durma...”.

Após o sono/entorpecimento do
Espírito, os próprios benfeitores
espirituais o desligaram do médium.

Exemplo 4:

“Agressivo, vulgar, estorcegando-se

5. Diálogo com os Espíritos – recursos complementares

5.3 Sonoterapia/sugestão hipnótica – como e quando utilizar



na aparelhagem mediúnica que o limitava, e furioso, blasonou o Espírito:

– Sou invencível! Ninguém me alcançará nem me deterá. Cobrarei lágrima por lágrima, desdita por desdita, e não saciarei minha sede de vingança...

E gemia, chorava, despejando a vasa do ódio cultivado em imprecações violentas, chocantes.

Entrementes era socorrido por energias vigorosas que lhe aplicávamos por orientação Superior...

Nesse comenos, o doutrinador, com voz pausada, doce e enérgica, se dirigiu ao tresloucado Espírito:

– Falas que és infeliz, no entanto, infelicitas; que cobras, todavia, pagas; que persegues, mas te apresentas perseguido em ti mesmo...

– Quem me interrompe? – Interferiu a Entidade – que tipo de cilada é essa?

– A cilada do amor. Aqui estás para que percebas a fraqueza das tuas forças e a força da Misericórdia e Justiça Divinas.

– Não me venha com falatórios. Estou informado desses falantes

que se intrometem nos compromissos alheios, vestidos de cordeiros, e, entretanto, são lobos ladrões... Onde estou e que deseja de mim?

– Estás na Casa do Senhor da Vida e da Morte – esclareceu, inspirado, o médium doutrinador –, a Quem cabe, verdadeiramente, deliberar sobre todas as coisas...

– Brincas? – Retrucou, interrogando o Comunicante – não tenho senhor nem chefe. Sou livre para odiar e desforçar-me. Ninguém me controla nem me dirige... Chega de conversa, homem. Vou-me daqui.

Sem perturbar-se, guardando a mesma serenidade, o Diretor retrucou:

– Ninguém é livre, realmente, enquanto não se libera das paixões, que são os inimigos mais escravizadores que existem.

Também não estamos brincando, conforme interroga o irmão. Com vidas não se joga...

– Irmão?! – Voltou a inquirir, gargalhando, zombeteiro – devo ter sido colhido por um grupo de loucos mortos e trapaceiros, metidos a religiosos a fim de enganar-me. Nada feito: eu sou morto também,

5. Diálogo com os Espíritos – recursos complementares

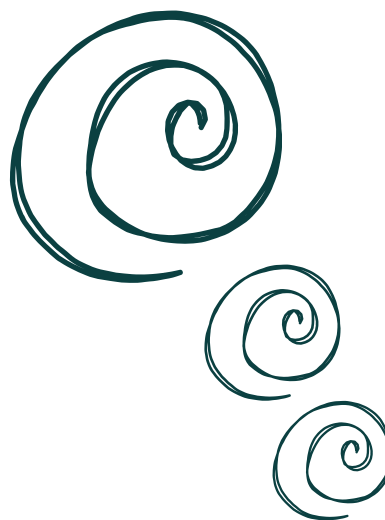
5.3 Sonoterapia/sugestão hipnótica – como e quando utilizar

lutando contra vivos e vingando-me
dos a quem eu irei matar...
– (...) Somos religiosos, sim,
seguidores de Nosso Senhor Jesus
Cristo, nosso Chefe e Guia...
Atentos às instruções do Orientador
Espiritual, acercamo-nos [Manoel
Philomeno] do sofredor em desvario
e aplicamos-lhe passes cuidadosos,
anestésiantes.

A Entidade que fora acometida de
grande surpresa, ao ouvir enunciado
o nome de Jesus Cristo, recebeu a
vibração mental que o acompanhava
e lembrou-se, momentaneamente,
do Crucificado. Pela mente aturdida,
repassaram algumas impressões das
oleogravuras que conhecera na Terra
e estremeceu, receoso.

Com os recursos que lhe
aplicáramos, experimentou rápido
colapso da palavra, dos sentidos e,
enquanto o Evangelizador
[dialogador] falava sobre a grandeza
do Cristo de Deus, impregnando o
sofrido perseguidor, este adormeceu
e foi retirado, inconsciente.”
[destaque nosso]

FRANCO, Divaldo P. Cap. 16 –
Bênçãos da fraternidade. **Grilhões
Partidos**. Pelo Espírito Manoel
Philomeno de Miranda.



No caso, nota-se que o Espírito
era bastante agressivo, resistente,
ameaçador.

A equipe espiritual já lhe aplicava
passes durante o diálogo (“era
socorrido por energias vigorosas que
lhe aplicávamos por orientação
Superior...”).

Observa-se que, ao utilizar o
recurso da palavra, o dialogador
contradita o discurso do
comunicante, de modo firme, de
forma clara e objetiva, porém,
respeitosa, sem exacerbação.

Nota-se que o dialogador fala sob
inspiração do Mentor, sem entrar em
embates, embora apresente contra-

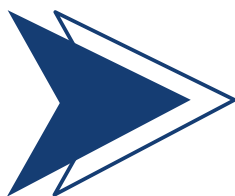
5. Diálogo com os Espíritos – recursos complementares

5.3 Sonoterapia/sugestão hipnótica – como e quando utilizar

argumentos/contrapontos. O Espírito mantém resistência, ironia, ridiculariza e o Mentor da reunião indicou aos Espíritos responsáveis pela aplicação de passes que o aplicassem. São aplicados passes anestésiantes (calmantes).

O recurso da palavra, especialmente a referência a Jesus, já havia produzido um impacto psíquico contributivo em relação ao comunicante.

Nota-se que, no caso, o dialogador utilizou-se tão-somente do recurso da palavra, sem passe e sem sugestão hipnótica (indução mental por repetição pausada, monocórdia). No entanto, os Mentores espirituais aplicavam, ao longo do diálogo, passes espirituais anestésiantes que produziram como resultado a sonoterapia do Espírito. Após, os Mentores o desligaram do médium.



A sonoterapia enquanto recurso complementar à palavra não pode ser confundida com situações em que Espíritos comunicantes se apresentam sonolentos, seja por efeitos de substâncias entorpecentes que lhes tenham ocasionado a morte física, ou por fixações psíquicas, como no caso dos que creem que se dorme após a morte e se apresentam em estado de torpor.

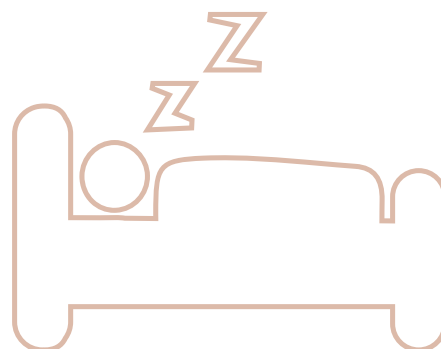
Nesses casos, mesmo que o Espírito refira sonolência, que deseja dormir, o diálogo deve ser conduzido no sentido contrário, de promover o despertar, de que é necessário despertar para um diálogo breve. Ou seja, é preciso despertar-lhe a consciência, em vez de mantê-lo em torpor consciencial.

Já o recurso complementar à palavra por meio da sonoterapia ou da sugestão hipnótica se emprega ao final de diálogos em que o Espírito já foi atendido, demonstrando adesão ao processo terapêutico por meio da palavra e disposição para mudança ou ainda se mantenha com

5. Diálogo com os Espíritos – recursos complementares

5.3 Sonoterapia/sugestão hipnótica – como e quando utilizar

algum grau de resistência, não se predispondo ao auxílio imediato, ocasião em que o atendimento terá prosseguimento em nova oportunidade, seja na atividade mediúnica, ou com parte dos integrantes da equipe, em reunião durante o sono físico, ou mesmo pelos próprios Mentores na dimensão espiritual.



Sonoterapia/sugestão hipnótica como recurso complementar à palavra:

Quando utilizar:

Caso haja intuição dos Mentores, em casos de comunicantes que denotem fixações mentais/perispirituais, resistências morais aos esclarecimentos, para o fim de diluir fixações mentais, auxiliar a se deslindar de adereços ou impregnações perispirituais densas e perturbadoras e para auxiliar no apaziguamento da entidade para oportuno prosseguimento do

atendimento (na própria dimensão espiritual ou em outra reunião consecutiva) ou ainda, quando tenha havido adesão inicial ao processo de esclarecimento e indicação de exaustão do Espírito (fluídica – dando a sensação de ser ‘física’ – ou emocional), ocasião em que o recurso é utilizado para viabilizar o sono reparador e consequente prosseguimento futuro do atendimento pelos benfeitores espirituais ou, ainda que mantido algum nível de resistência, para que a entidade se retempere e possa ser posteriormente atendida em condições mais favoráveis.

5. Diálogo com os Espíritos – recursos complementares

5.3 Sonoterapia/sugestão hipnótica – como e quando utilizar

Como empregar

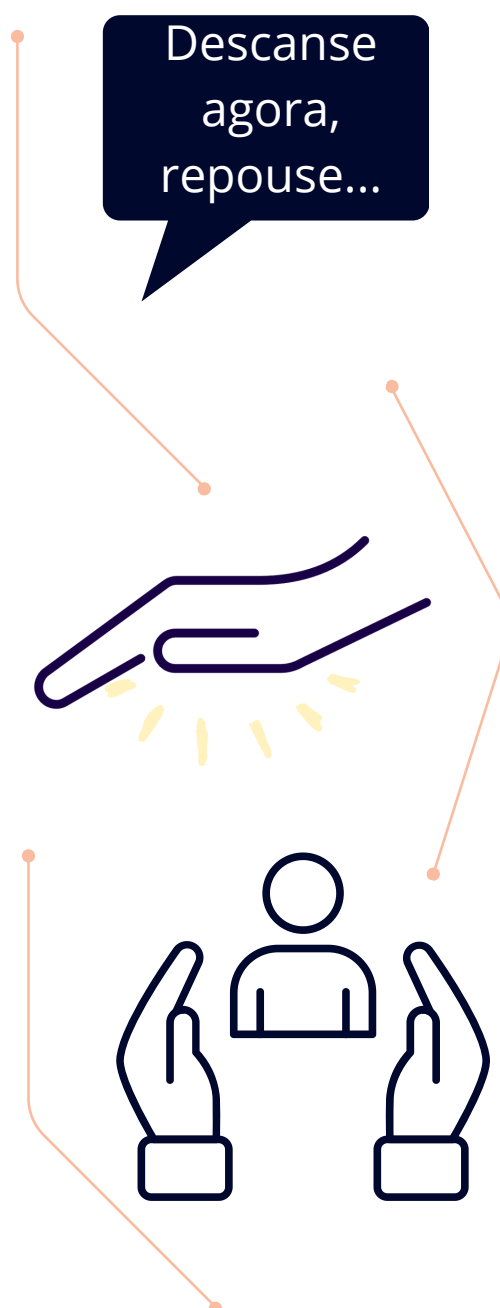
A sugestão e a sonoterapia podem ser alcançadas tão-somente pelo emprego do recurso da palavra, em tom ameno, com a repetição pausada de comandos: ‘descanse’, ‘relaxe’, ‘durma, durma’.

Também podem ser alcançadas tão-somente com a aplicação de passe calmante, sem a necessidade da repetição das palavras diretivas, apenas dizendo-se ao Espírito que ele poderá descansar e, logo mais, será atendido em melhores condições.

Ou, ainda, podem ser combinados os dois recursos: o passe calmante e a repetição, em tom ameno, do comando que induza ao sono ou à desimpregnação fluídica.

O recurso pode ser utilizado pelo próprio dialogador, desde que claramente intuído para tanto pelo Mentor espiritual da reunião, ou os próprios Mentores aplicam recursos fluídicos para produzirem o resultado almejado com tal recurso, sem que o

dialogador empregue outro recurso a não ser o da palavra.



5. Diálogo com os Espíritos – recursos complementares

5.3 Sonoterapia/sugestão hipnótica – como e quando utilizar

Efeitos do recurso (a depender do caso, da situação/necessidade do comunicante):

Diluir fixações mentais deprimentes (inclusive com deformações perispirituais, tais como na zoantropia ou apresentação deformada de certas entidades espirituais).

Efeito calmante e de indução de estado de torpor/sono. (22)

(22) Embora o sono seja uma necessidade fisiológica do corpo físico que leva ao desprendimento parcial do Espírito encarnado, estado este estudado por Allan Kardec como uma das formas de emancipação da alma, conforme *O Livro dos Espíritos*, 2ª Parte, Cap. VIII – Da Emancipação da Alma, questão 400 a 412; também a literatura espírita permite compreender que o Espírito pode, mesmo desencarnado, encontrar-se em estado de torpor mental ou com estado consciencial mais ou menos “desperto”, assim como a densidade do perispírito (nível de materialidade) pode levar à necessidade de repouso, daí a referência a sono dos Espíritos, como indicam os Espíritos André Luiz e Manoel Philomeno de Miranda em diversas de suas obras.



- O momento em que deve ser usado esse recurso complementar e a necessidade de uso devem ser claramente inspirados pelos Mentores.



5. Diálogo com os Espíritos – recursos complementares

5.4 Formação de quadros mentais – como e quando utilizar

“Durante a conversa com os Espíritos, podem-se criar quadros mentais para facilitar a doutrinação? ‘Desde que sejam quadros positivos, que auxiliem no esforço de socorrer, são perfeitamente compatíveis, como diríamos a um encarnado ao qual quiséssemos acalmar ou chamar a atenção diante de uma situação difícil... O que se deve evitar é a provocação de quadros que evoquem reencarnações passadas do comunicante, porque quase nunca o doutrinador sabe das reais necessidades do Espírito, e, ao provocá-lo, poderá estar causando maior soma de problemas para o desencarnado do que, propriamente, trazendo-lhe socorro. É de bom alvitre, ainda, que se evite promover estados regressivos do desencarnado comunicante, pois, quando isso se faz indispensável, os Benfeitores Espirituais o providenciam, independentemente da atitude do doutrinador. De outro modo... é possível que ao induzir o desencarnado a retornar ao passado, o que se consiga é o deslocamento psíquico do médium que... passará a

expressar os conteúdos do seu próprio pretérito que, sem dúvida, será confundido com os dados do comunicante desencarnado...”

TEIXEIRA, Raul. Parte IV, questão 92. **Desafios da Mediunidade**. Pelo Espírito Camilo.

O que se destaca dessa referência é que, em regra, os quadros mentais eventualmente formados devem ser positivos (na regressão de memória, é possível que se apresentem cenas de conteúdo mais denso, para despertar do Espírito; de todo modo, há de se ter cautela com uso deste recurso, que, em regra, é promovido pelos próprios Mentores, quando cabível).

Também é de se ressaltar que o emprego desse recurso pode ocasionar a dificuldade de sugerir o próprio médium a formar quadros mentais por si, com interferência anímica no intercâmbio mediúnico.

5. Diálogo com os Espíritos – recursos complementares

5.4 Formação de quadros mentais – como e quando utilizar



“Vários recursos são empregados, pelos mentores espirituais dos grupos de desobsessão, para obter dos companheiros desarvorados o mergulho necessário nas lembranças recalçadas. Um dos mais comuns é o da projeção dos chamados ‘quadros fluídicos’. O Espírito vê, diante de si, incoercivelmente, cenas vivas de seu passado, especialmente aquelas que constituem o núcleo de sua problemática, que precisa ser dispersado, para desatar os laços que o prendem às suas angústias e ao seu alheamento... a matéria-prima, indispensável a essas montagens, encontra-se nos arquivos perispirituais do ser ali presente. Os técnicos desencarnados limitam-se a manipular, com respeito e dignidade, os recursos necessários para desencadear o processo terapêutico, como o médico que ministra um remédio amargo, justificado pela expectativa da cura de seu doente. Não temos, ainda, os encarnados, condições e conhecimentos para apreender a essência das técnicas empregadas para a obtenção das projeções... Ante o impacto dessas

imagens, que parecem surgir límpidas, vivas e dramáticas, de um passado que julgavam morto, os irmãos desarvorados parecem saltar o círculo de fogo que os envolve, e, como se do lado de fora de si mesmos, têm uma pausa para reexame de suas posições desesperadas. Afinal de contas, o que estão fazendo? Que loucura é aquela em que mergulhamos? De onde vem tudo isso, no passado, e até onde irá, no futuro? Um desses companheiros atormentados, antissemita irredutível, viu os quadros do êxodo no antigo Egito, onde foi um dos membros sacrificados da corte do faraó. Recuando mais, porém, foi encontrar raízes muito mais profundas, do drama, na antiga Babilônia, onde, em posição diferente, enfrentara o difícil problema da longuíssima saga do povo hebreu. Pela primeira vez, em muito tempo, perguntou-me, algo perplexo: – Será que isso não tem fim?... Às vezes, o Espírito acha-se tão profundamente condicionado ao clima vibratório mais grosseiro, que se torna necessário aos benfeitores utilizar ectoplasma, produzido por

5. Diálogo com os Espíritos – recursos complementares

5.4 Formação de quadros mentais – como e quando utilizar

médiuns de efeitos físicos, não apenas para adensar as formas perispirituais de companheiros desencarnados, que devem tornar-se visíveis... para formar os próprios 'quadros'... Em outro caso, de vigorosa dramaticidade, o Espírito viu, sobre a mesa, um grosso livro, encadernado em capa de madeira, sobre a qual estava seu nome, escrito em belos caracteres de bronze. Era a história de sua própria vida. Ele sabia que precisava abri-lo, mas não se sentia encorajado. Era, evidentemente, um recurso, para levá-lo ao reexame de seus atos, ao passado, enfim... As cenas são mostradas com todo o seu realismo: o movimento, os sons, as cores, como se um videotape as reproduzisse, com toda a sua intensidade e emotividade. Com muita frequência, os Espíritos relutam em contemplá-las, e procuram fugir das visões que, não obstante, tornam-se irrecusáveis, e impõem-se, a despeito deles próprios..."

MIRANDA, Hermínio C. Cap. 4.5 – Recordações do passado. **Diálogo com as Sombras.**



No excerto acima, temos um exemplo dentro da situação de excepcionalidade referida na referência anterior: ou seja, a formação de quadros mentais como meio para o recurso da regressão de memória, em ocasião em que a projeção não é um quadro positivo, mas a memória de fatos que o Espírito viveu, embora dolorosos, é o mecanismo de que se valem os Mentores para viabilizar o despertar do Espírito e para predispor-lo a mudar a sua maneira de ser.

5. Diálogo com os Espíritos – recursos complementares

5.4 Formação de quadros mentais – como e quando utilizar



Exemplo:

“Marinho [comunicante] escondeu o rosto nas mãos e prorrompeu em pranto angustiioso. A esse tempo, secundado por diversos auxiliares, Alexandre [Mentor] prestava ao organismo de Otávia [médium encarnada] o máximo de concurso fraterno, em cotas abundantes de recursos magnéticos. Compreendi que, se para os fenômenos de intercâmbio com os desencarnados esclarecidos era necessário o auxílio de nosso plano ao campo mediúnico, no caso presente essa cooperação deveria ser muito maior, em vista da condição dolorosa e lastimável dos comunicantes. Com efeito, a médium Otávia recebia os mais vastos recursos magnéticos para a execução de sua tarefa. Daí a minutos, providenciava-se a incorporação de Marinho [comunicante], que tomou a intermediária sob forte excitação. Otávia, provisoriamente desligada dos veículos físicos, mantinha-se agora algo confusa, em vista de encontrar-se envolvida em fluidos desequilibrados, não mostrando a

mesma lucidez que lhe observáramos anteriormente; todavia, a assistência que recebia dos amigos de nosso plano era muito maior. Um instrutor de elevada condição hierárquica substituiu Alexandre junto da médium, passando o meu orientador a inspirar diretamente o colaborador encarnado, que dirigia a reunião.

Enquanto isto ocorria, vários ajudantes de serviço recolhiam as forças mentais emitidas pelos irmãos presentes, inclusive as que fluíam abundantemente do organismo mediúnico, o que, embora não fosse novidade, me surpreendeu pelas características diferentes com que o trabalho era levado a efeito. Não pude conter-me e interpelei um amigo em atividade nesse setor. – Esse material – explicou-me ele, bondosamente – representa vigorosos recursos plásticos para que os benfeitores de nossa esfera se façam visíveis aos irmãos perturbados e aflitos ou para que materializem provisoriamente certas imagens ou quadros, indispensáveis ao reavivamento da emotividade e da confiança nas almas infelizes. Com os raios e energias, de variada

5. Diálogo com os Espíritos – recursos complementares

5.4 Formação de quadros mentais – como e quando utilizar



expressão, emitida pelo homem encarnado, podemos formar certos serviços de importância para todos aqueles que se encontrem presos ao padrão vibratório do homem comum, não obstante permanecerem distantes do corpo físico.

Compreendi a elucidação, reconhecendo que, se é possível efetuar uma sessão de materialização para os companheiros encarnados, noutra sentido a mesma tarefa poderia ser levada a efeito para os irmãos desencarnados, de condição inferior. Admirando a excelência e a amplitude das atividades dos nossos orientadores, fixei a minha atenção na palestra que se estabeleceu entre Marinho, incorporado em Otávia, e o doutrinador humano, orientado intuitivamente por Alexandre. A princípio, o sacerdote [comunicante] demonstrava imenso desespero e pronunciava palavras fortes que lhe denunciavam a rebeldia. O interlocutor, contudo, falava-lhe com serenidade cristã, revelando-lhe a superioridade do Evangelho vivido sobre o Evangelho interpretado. A certa altura da doutrinação, percebi

que Alexandre chamava a si um dos diversos cooperadores que manipulavam os fluidos e forças recolhidas na sala e recomendou-lhe que ajudasse a genitora de Marinho a tornar-se visível para ele. Notei que a senhora desencarnada, com os préstimos de outros amigos, atendeu imediatamente, ao passo que Alexandre, abandonando por momentos o seu posto junto ao doutrinador, aplicou passes magnéticos na região visual do comunicante, compreendendo, então, que ali se encontravam em jogo interessantes princípios de cooperação. A genitora amorosa resignava-se ao envolvimento em vibrações mais grosseiras, por alguns minutos, enquanto o filho elevaria a percepção visual até o mais alto nível ao seu alcance, para que pudessem efetuar um reencontro temporário de benéficas consequências para ele. Voltou Alexandre a fixar-se ao lado do dirigente e, com surpresa, ouvi que o amigo encarnado desafiava o exasperado comunicante, agindo francamente por intuição com a sua voz quente de sinceridade no ministério do amor fraternal:

5. Diálogo com os Espíritos – recursos complementares

5.4 Formação de quadros mentais – como e quando utilizar



– Observe em volta de si, meu irmão!
– exclamava o doutrinador,
comoventemente – reconhece quem
se encontra ao seu lado? Foi então
que o sacerdote lançou um grito
terrível:

– Minha mãe! – disse ele, alarmado de
dor e vergonha – minha mãe!... –
Porque não se render ao amor de
Nosso Pai Celeste, meu filho? – disse
a genitora, emocionada, abraçando-o
– chega de vãs discussões e de
contendas intelectuais!...

Os encarnados presentes viam tão-
somente o corpo de Otávia,
dominado pelo sacerdote que lhes
era invisível, quase a rebentar-se de
soluços atroztes, mas nós víamos
além. A nobre senhora desencarnada
postou-se ao lado do filho e começou
a beijá-lo, em lágrimas de
reconhecimento e amor. Pranto
copioso identificava-os. (...) O filho
infortunado prometeu-lhe a
transformação imprescindível.

Depois de encorajá-lo com
ponderada ternura, a devotada
senhora deixou-o entregue aos
cuidados de Necésio [colaborador
desencarnado], que,
prazerosamente, recebeu a missão

de encaminhá-lo na esfera dos
deveres novos. Após despedir-se da
mãezinha abnegada, que voltou à
nossa companhia, o sacerdote
conversou ainda, por alguns minutos,
com o dirigente encarnado da
reunião, surpreendendo-o com a
mudança brusca. (...)

Outros grupos, procedentes de
outras regiões, traziam seus
tutelados para a doutrinação, de
acordo com o programa de serviço
estabelecido previamente. Foram
quatro as entidades que receberam
os benefícios diretos dessa natureza,
através de Otávia e outro médium.
Em todos os casos, o magnetismo foi
empregado em larga escala pelos
nossos instrutores [desencarnados],
salientando-se o de um pobre
negociante que ainda ignorava a
própria morte. Demonstrando ele
certa teimosia, em face da verdade,
um dos orientadores espirituais, da
condição hierárquica de Alexandre,
impondo-lhe sua vontade vigorosa,
fê-lo ver, a distância, os despojos em
decomposição. O infeliz, examinando
o quadro, gritava lamentosamente,
rendendo-se, por fim, à evidência dos
fatos. Em todos os serviços, o

5. Diálogo com os Espíritos – recursos complementares

5.4 Formação de quadros mentais – como e quando utilizar

material plástico recolhido das
emanações dos colaboradores
encarnados satisfaz eficientemente.

Não era mobilizado apenas pelos amigos de mais nobre condição, que necessitavam fazer-se visíveis aos comunicantes; era empregado também na fabricação momentânea de quadros transitórios e de ideias-formas, que agiam beneficentemente sobre o ânimo dos infelizes, em luta

consigo mesmos. Um dos necessitados, que tomara o médium sob forte excitação, quis agredir os componentes da mesa em tarefa de auxílio fraternal. Antes, porém, que pusesse em prática o sinistro desígnio, vi que os técnicos de nosso plano trabalhavam ativos na composição de uma forma sem vida própria, que trouxeram imediatamente, encostando-a no provável agressor. Era um esqueleto de terrível aspecto, que ele contemplou de alto a baixo, pondo-se a tremer, humilhado, esquecendo o triste propósito de ferir benfeitores.”
[destaques nossos]

XAVIER, Francisco C. Cap. 17 -
Doutrinação. **Missionários da Luz**.
Pelo Espírito André Luiz.

Nota-se o amplo auxílio da equipe espiritual: um dos benfeitores auxiliava a médium durante o intercâmbio, outro inspirava o dialogador, demais trabalhadores desencarnados recolhiam os fluidos animalizados dos encarnados componentes da equipe de trabalho, para viabilizar que os Espíritos ainda inferiores pudessem registrar a presença de outras entidades, que se revestiram desses fluidos materiais mais densos para se fazerem visíveis aos ainda inferiores, assim como poderiam ser utilizados como tela para a projeção das memórias e imagens mentais dos Espíritos.

O comunicante, que fora sacerdote em sua pregressa reencarnação, apresentava-se inicialmente rebelde, mas o dialogador mantinha-se sereno, apresentando ascendente moral, pela vivência espírita. O dialogador usava tão somente o recurso da palavra, enquanto o Mentor Alexandre, orientou os colaboradores desencarnados a auxiliarem a mãe do comunicante, que estava em faixa vibratória diversa da dele, não sendo

5. Diálogo com os Espíritos – recursos complementares

5.4 Formação de quadros mentais – como e quando utilizar

por ele percebida, a adensar seu perispírito e se tornar visível ao comunicante.

Nota-se que foram aplicados pelo Mentor passes espirituais no comunicante, para ampliar sua capacidade perceptiva, enquanto a mãe do comunicante adensava o perispírito ao ponto de conseguir ser vista. Ao mesmo tempo, o Mentor intuía o dialogador a sugerir ao comunicante que observasse à sua volta, até que ele se depara com sua mãe, iniciando com ela diálogo de Espírito a Espírito.

Ao final do atendimento, o Espírito demonstrou adesão à proposta de reforma moral.

O excerto ainda demonstra que os Mentores espirituais aplicam vastamente os passes espirituais, o que reforça a desnecessidade de aplicação de passes pelos encarnados, exceto nas situações específicas descritas no item acima sobre o passe, desde que sob forte inspiração dos Mentores.

Nota-se que, a depender da

renitência do Espírito, o recurso do quadro mental serve como enérgico despertar de consciência ou recurso de contenção, como na descrição da visão dos próprios despojos e a apresentação do esqueleto.

Naturalmente, que, como referido, são medidas específicas, um “remédio amargo”, a depender da demanda educativa do Espírito, o que é bem modulado e adequadamente constatado pelos Mentores que definem sobre a oportunidade ou não de usar esses recursos.

Os quadros mentais ou fluídicos são elaborados pelos benfeitores espirituais utilizando-se de fluidos do mundo espiritual e também dos fluidos materializados dos encarnados participantes da reunião mediúnica.

A referência aos quadros mentais durante o diálogo pode ocorrer por iniciativa do dialogador, que recebe inspiração de dizer: ‘o que você está

5. Diálogo com os Espíritos – recursos complementares

5.4 Formação de quadros mentais – como e quando utilizar

vendo diante de si, chamando a atenção do comunicante para a percepção do que esteja diante de si, ou pode ocorrer de o próprio comunicante iniciar a narrativa do que está vendo, informando ao dialogador os quadros que está visualizando.

Muitas vezes, os próprios Mentores apresentam ao comunicante quadros mentais e o Espírito passa a narrar – por exemplo, negando, ou tentando se justificar de “cenas” ocorridas em sua reencarnação.

Nem sempre o dialogador terá ciência/consciência/clara noção dos conteúdos/cenas que estão sendo mostrados ao Espírito e este não necessariamente narrará detalhes que permitam compreender as cenas que vê e o que ocorreu.

Nesse caso, o dialogador pode dar o tempo para que o Espírito continue a narrar o que percebe, fazendo sua catarse, referindo o que é possível, sem ter pretensão de saber em detalhes o que ele está

vendo, como no caso acima indicado da obra *Missionários da Luz*, em que a equipe encarnada não pôde ter dimensão completa de todas as ocorrências que se passavam naquele momento na dimensão espiritual.

O que não impede o dialogador de receber intuições sobre o que dizer, ou simplesmente aguardar as referências do comunicante e os encaminhamentos que estão sendo feitos pelos benfeitores, que sejam verbalmente referidos pelo Espírito ou intuitivamente percebidos pelo dialogador.

Por vezes, os médiuns terão conseguido entrever/vislumbrar esses detalhes e, na fase de encerramento, durante a avaliação, poderão esclarecer o que se passava na dimensão espiritual.

Há situações em que a formação de quadros mentais ocorre como recurso para o emprego de outro recurso, a regressão de memória, como a seguir será descrito.

5. Diálogo com os Espíritos – recursos complementares

5.4 Formação de quadros mentais – como e quando utilizar



Quando utilizar:

Os Mentores manejam os fluidos emanados pela equipe encarnada para criarem esses quadros em situações que requeiram um recurso “material”, em que sejam projetadas cenas ou que alguma entidade espiritual que possa contribuir com o atendimento e que esteja em condição vibratória distinta do comunicante, não sendo percebida por ele, possa se lhe apresentar.

Como empregar:

Ao formarem os quadros ou trazerem entidades que contribuam com o atendimento, ou o comunicante fará a percepção inicial e irá referir ao dialogador o que esteja vendo, ou o dialogador poderá captar, por via intuitiva, em sua tela mental, a presença de algum ente do Espírito comunicante, indicando a ele que atente se há algum conhecido que ali está para ajudá-lo, ou então,

se ele é capaz de se lembrar de algum episódio (o dialogador poderá ter até mesmo visão pontual do que seja mostrado ao comunicante, ou simplesmente a ideia do que dizer – de toda forma, essa percepção deve ser no limite da inspiração ou intuição e não de transe, posto que o dialogador precisa manter a acuidade de consciência, o que é incompatível com a mediunidade ostensiva ao nível de transe mediúnico).

É preciso cautela para não sugerir o próprio médium a formar quadros mentais por si, com interferência anímica no intercâmbio mediúnico.



5. Diálogo com os Espíritos – recursos complementares

5.4 Formação de quadros mentais – como e quando utilizar

Efeitos do recurso/finalidade (a depender do caso, da situação/necessidade do comunicante):

A visão de cenas do pretérito que são projetadas pelo próprio comunicante, ainda que de forma inconsciente, assim como a percepção de certas entidades espirituais presentes têm por efeito diluir fixações mentais, levar o Espírito a aderir ao auxílio proposto, etc. Ou seja, podem acalmar ou chamar a atenção para algo que contribua com seu despertar, ampliação de seu estado de consciência e disponibilidade para receber auxílio e modificar-se para melhor.

O manejo desse recurso pelos Mentores se dá também como meio para viabilizar o acesso a lembranças que predisponham à recomposição e apaziguamento íntimo (visão de alguma cena/local que lhe traga percepção de acolhimento, bem-estar, segurança, como as cenas da infância, de um momento feliz fruído)

ou a uma quebra de fixações mentais e despertar para a realidade (reconhecer um erro praticado, cessar negação reiterada de fatos ocorridos).

Esse recurso pode ser usado como meio para outro recurso (regressão de memória). Para tanto, quando seja cabível, os próprios Mentores é que farão o direcionamento.

- O momento em que deve ser usado esse recurso complementar e a necessidade de uso devem ser claramente inspirados pelos Mentores.



5. Diálogo com os Espíritos – recursos complementares

5.5 Regressão de memória – como e quando utilizar

“101. Temos lido, nas obras de Manoel Philomeno de Miranda e noutros relatos, a respeito de memoráveis atendimentos com regressão de memória espiritual, conduzidos por Mentores espirituais, no plano suprafísico, com médiuns encarnados desdobrados durante o sono. Semelhantes atendimentos podem ser realizados também no plano físico pelas equipes mediúnicas dos Centros Espíritas?

A terapia de regressão de memória espiritual, quando aplicável, é de relevante valor para a recuperação emocional dos Espíritos sofredores da Erraticidade, desde que utilizada adequadamente por terapeutas qualificados. É natural que no Plano Espiritual se disponha de melhores recursos para uma utilização sem riscos, daí a preferência dos Bons Espíritos de fazerem-na, com os médiuns desdobrados, em reuniões na mesma noite-madrugada após a atividade de intercâmbio espiritual realizada no plano físico. O equilíbrio e a concentração são assegurados, porque só participam os mais adestrados.

Os terapeutas geralmente são Entidades de nomeada, no sentido da competência e da moralidade e que, ainda por cima, já conhecem os fatos que serão evocados, por levantamento prévio realizado nos arquivos do Mundo Espiritual ou diretamente extraídos das mentes dos protagonistas.

Todavia, tais atendimentos podem ser realizados no plano físico, por equipes mediúnicas bem preparadas, funcionando com médiuns doutrinadores experientes, inspirados fortemente por seus Mentores, e médiuns de incorporação bem adestrados e seguros. A falta de um conhecimento amplo dos fatos pode ser suprida, em parte, por informações prévias obtidas no Plano Espiritual, quando médium e doutrinador são advertidos e preparados para esses atendimentos especiais em delineamento.

No passado, antes de o Espiritismo ser trazido à Terra, como ainda hoje onde ele é pouco difundido, o socorro mediúnico era e é feito no Mundo Espiritual. No entanto, o interesse dos Espíritos Superiores

5. Diálogo com os Espíritos – recursos complementares

5.5 Regressão de memória – como e quando utilizar



é que as distâncias entre esse **mundo das causas** e o plano físico sejam estreitadas de tal forma que as equipes de encarnados especializadas em socorro, sob a inspiração dos Espíritos que as supervisionam e dirigem, possam realizar atendimentos dessa ordem também no Plano Físico. Lembremos da assertiva do **Pai nosso**: ‘Seja feita a Tua vontade assim na **Terra como no Céu**’. (...) [sublinhado nosso, negrito do original]

103. Existem técnicas facilitadoras para a regressão da memória espiritual?

A técnica fundamental para fazer com que um Espírito incursione no seu passado, a fim de libertar-se de conflitos e traumas é, sem dúvida, a sugestão que poderá ser induzida, ou não, por passes. Convém salientar, todavia, que a maior contribuição ao processo provém dos Mentores Espirituais, inspirando os doutrinadores, produzindo por ideoplastia quadros e cenas para serem observados pelas Entidades

assistidas ou facultando a visão de seres espirituais a elas vinculados, quando tais presenças possam facilitar a eclosão das lembranças ou infundir coragem para os pacientes se desvelarem. A contribuição do médium ao processo é relevante quando se mantém equilibrado ao receber a carga emocional produzida pela grande excitação de que é acometido o comunicante, permitindo-se, mesmo assim, liberar energias calmantes e estabilizadoras.

Uma advertência final: **o doutrinador, nos casos de regressão de memória espiritual, deverá estar absolutamente seguro da intuição emanada da ascendência dos Bons Espíritos** a fim de que resultados expressivos possam ser alcançados. [negrito do original]

Proj. Manoel Philomeno de Miranda.
Questões 101 e 103. **Qualidade na Prática Mediúnica.**



5. Diálogo com os Espíritos – recursos complementares

5.5 Regressão de memória – como e quando utilizar

A partir dessa referência, nota-se que, em regra, esse recurso é manejado pelos próprios Mentores e, preferencialmente, nas reuniões na dimensão espiritual, durante o repouso físico dos participantes encarnados da reunião mediúnica, especialmente, porque há uma seleção mais restrita dos participantes que estejam aptos para esse tipo de atendimento.

A aplicação desse recurso durante a atividade mediúnica requer equipes muito experientes, tanto que os Mentores preferem fazer a atividade durante o repouso físico para selecionar os realmente preparados do grupo. Assim como requer muita experiência e ascendente moral do dialogador encarnado e preparo (adestramento) do médium.

Trata-se, assim, de um recurso extraordinário (quando demais sejam insuficientes) que somente pode ser utilizado se houver forte inspiração em tal sentido, pois, do contrário, o Espírito pode não estar preparado para o enfrentamento do passado,

desarvorando-se ainda mais e o médium pode ressentir-se gravemente de seus fluidos de desequilíbrio.



Exemplos:

“– Vejo! Vejo!.. Mas por que encantamento me prendem aqui? que algemas me afivelam a este móvel pesado?

E acentuando a expressão de assombro, prosseguia:

– Qual o objetivo desta assembleia em silêncio de funeral? quem me trouxe? quem me trouxe?... (...)

– Estaremos, porventura, num tribunal? por que uma recepção estranha quanto esta, quando sou o importunado que comparece? a mim, Libório dos Santos, ninguém ofende sem revide...

– Quem me acusa de haver espoliado minha mãe, lançando-a ao desamparo? não sou culpado pelas provações dos outros... Não estarei, acaso, mais doente que ela?... (...)

– Quem poderá suportar esta

5. Diálogo com os Espíritos – recursos complementares

5.5 Regressão de memória – como e quando utilizar



situação? alguém me hipnotiza?
quem me fiscaliza o pensamento?

Valerá restituir-me a visão,
manietando-me os braços?

(...) Sob a influência de Clementino

[Mentor], que o envolvia
inteiramente, Silva [dialogador]

levantara-se e dirigia-se ao
comunicante com bondade:

– Meu amigo, tenhamos calma e
roguemos o amparo divino!

– Estou doente, desesperado...

– Sim, todos somos enfermos, mas
não nos cabe perder a confiança.

Somos filhos de Nosso Pai Celestial
que é sempre pródigo de amor.

– É padre?

– Não. Sou seu irmão.

– Mentira. Nem o conheço...

– Somos uma só família, à frente de
Deus.

O interlocutor conturbado riu-se
irônico e acentuou:

– Deve ser algum sacerdote
fanatizado para conversar nestes
termos!..

A paciência do doutrinador
sensibilizava-nos. Não recebia
Libório, qual se fora defrontado por
um habitante das sombras,
susceptível de acordar-lhe qualquer
impulso de curiosidade menos digna.

Ainda mesmo descontando o valioso
concurso do mentor que o

acompanhava, Raul [Silva] emitia de
si mesmo sincera compaixão de

mistura com inequívoco interesse
paternal. Acolhia o hóspede sem

estranheza ou irritação, como se o
fizesse a um familiar que regressasse
demente ao santuário doméstico.

Talvez por essa razão o obsessivo a
seu turno se revelava menos

agastadiço. Tão logo passou a

entender-se, de algum modo, com o
dirigente da casa, observamos que

Eugênia se revigorava no esforço
assistencial que lhe competia.

– Não sou um ministro religioso –
continuava Raul, imperturbável –,

mas desejo me aceite como seu
amigo.

– Que irrisão! não existem amigos
quando a miséria está conosco... Dos
companheiros que conheci, todos me

abandonaram. Resta-me apenas
Sara! Sara, que não deixarei...

Fixou a expressão de quem se
detinha na lembrança da pessoa a
quem se referira e acrescentou com
recalcada indignação:

– Ignoro por que me entravam agora
os passos. É inútil. Aliás, não sei a

5. Diálogo com os Espíritos – recursos complementares

5.5 Regressão de memória – como e quando utilizar



razão pela qual me contendo. Um homem provocado, qual me vejo, decerto deveria esbofeteá-los a todos... Afinal, que fazem aqui estes cavalheiros silenciosos e estas mulheres mudas? Que pretendem de mim?

– Estamos em prece por sua paz – falou Silva, com inflexão de bondade e carinho.

– Grande novidade! Que há de comum entre nós? Devo-lhes algo?

– Pelo contrário – exclamou o interlocutor, convicto –, nós somos quem lhe deve atenção e assistência. Estamos numa instituição de serviço fraterno e é fora de dúvida que, num hospital, a ninguém será lícito inquirir da luta particular daqueles que lhe batem à porta, porque, antes de tudo, é dever da medicina e da enfermagem a prestação de socorro às feridas que sangram.

Ante o argumento enunciado com sinceridade e simplicidade, o renitente sofrimento pareceu apaziguar-se ainda mais. Jatos de energia mental, partidos de Silva, alcançavam-no agora em cheio, no tórax, como a lhe buscarem o coração. Libório tentou falar, contudo, à maneira de um

viajante que já não pode resistir à aridez do deserto, comoveu-se diante da ternura daquele inesperado acolhimento, a surgir-lhe por abençoada fonte de água fresca. Surpreendido, notou que a palavra lhe falecia embargada na garganta. Sob o sábio comando de Clementino, falou o doutrinador com afetividade ardente:

– Libório, meu irmão!

Essas três palavras foram pronunciadas com tamanha inflexão de generosidade fraternal que o hóspede não pôde sopitar o pranto que lhe subia do âmago.

Raul avançou para ele, impondo-lhe as mãos, das quais jorrava luminoso fluxo magnético, e convidou:

– Vamos orar!

Findo um minuto de silêncio, a voz do diretor da casa, sob a inspiração de Clementino, suplicou enternecidamente:

– *Divino Mestre, lança compassivo olhar sobre a nossa família aqui reunida... Viajantes de muitas romagens, repousamos neste instante sob a árvore bendita da prece e te imploramos amparo! Todos somos endividados para*

5. Diálogo com os Espíritos – recursos complementares

5.5 Regressão de memória – como e quando utilizar



contigo, todos nos achamos empenhados à tua bondade infinita, à maneira de servos insolventes para com o senhor. Mas, rogando-te por nós todos, pedimos particularmente agora pelo companheiro que, decerto, encaminhas ao nosso coração, qual se fora uma ovelha que torna ao aprisco ou um irmão consanguíneo que volta ao lar... Mestre, dá-nos a alegria de recebê-lo de braços abertos. Sela-nos os lábios para que lhe não perguntemos de onde vem e descerra-nos a alma para a ventura de tê-lo conosco em paz. Inspira-nos a palavra a fim de que a imprudência não se imiscua em nossa língua, aprofundando as chagas interiores do irmão, e ajuda-nos a sustentar o respeito que lhe devemos... Senhor, estamos certos de que o acaso não te preside às determinações! Teu amor, que nos reserva invariavelmente o melhor, cada dia, aproxima-nos uns dos outros para o trabalho justo. Nossas almas são fios da vida em tuas mãos! Ajusta-os para que obtenhamos do Alto o favor de servir contigo! Nosso Libório é mais um irmão que chega de longe, de recuados horizontes do

passado... Ó Senhor, auxilia-nos para que ele não nos encontre proferindo o teu nome em vão!...

O visitante chorava. Via-se, porém, com clareza, que não eram as palavras a força que o convenciam, mas sim o sentimento irradiante com que eram estruturadas. Raul Silva, sob a destra radiosa de Clementino, afigurava-se-nos aureolado de intensa luz.

— Ó Deus, que se passa comigo?!... — conseguiu gritar Libório em lágrimas. O irmão Clementino fez breve sinal a um dos assessores de nosso plano, que apressadamente correu, trazendo interessante peça que me pareceu uma tela de gaze tenuíssima, com dispositivos especiais, medindo por inteiro um metro quadrado, aproximadamente. O mentor espiritual da reunião manobrou pequena chave num dos ângulos do aparelho e o tecido suave se cobriu de leve massa fluídica, branquicenta e vibrátil.

Em seguida, postou-se novamente ao pé de Silva, que, controlado por ele, disse ao comunicante:

— Lembre-se, meu amigo, lembre-se! Faça um apelo à memória! Veja à

5. Diálogo com os Espíritos – recursos complementares

5.5 Regressão de memória – como e quando utilizar



frente os quadros que se desenrolarão aos nossos olhos!...

De imediato, como se tivesse a atenção compulsoriamente atraída para a tela, o visitante fixou-a e, desde esse momento, vimos com assombro que o retângulo sensibilizado exibia variadas cenas de que o próprio Libório era o principal protagonista.

Recebendo-as mentalmente, Raul

Silva passou a descrevê-las:

– Observe, meu amigo! É noite.

Ouve-se um burburinho de algazarra à distância... Sua mãe velhinha chama-o à cabeceira e pede-lhe assistência... Está exausta... Você é o filho que lhe resta... Derradeira esperança de flagelada vida. Único arrimo... A pobre sente-se morrer. A dispneia martiriza-a... É o distúrbio cardíaco pressagiando o fim do corpo... Tem medo. Declara-se receosa da solidão, de vez que é sábado carnavalesco e os vizinhos se ausentaram na direção dos centros festivos. Parece uma criança atemorizada... Contempla-o, ansiosa, e roga-lhe que fique... Você responde que sairá tão-somente por alguns minutos... o bastante para trazer-lhe

a medicação necessária... Em seguida, avança, rápido, para uma gaveta situada em aposento próximo e apropria-se do único dinheiro de que a enferma dispõe, algumas centenas de cruzeiros, com que você se julga habilitado a desfrutar as falsas alegrias do seu clube... Amigos espirituais de seu lar abeiram-se de você, implorando socorro em favor da doente, quase moribunda, mas você se mostra impermeável a qualquer pensamento de compaixão... Dirige algumas palavras apressadas à enferma e sai para a rua. Em plena via pública, imanta-se aos indesejáveis companheiros desencarnados com os quais se afina... entidades turbulentas, hipnotizadas pelo vício, com as quais você se arrasta ao prazer... Por três dias e quatro noites consecutivos, entrega-se à loucura, com esquecimento de todas as obrigações... Somente na madrugada de quarta-feira você volta estafado e semi-inconsciente... A velhinha, socorrida por braços anônimos, não o reconhece mais... Aguarda, resignadamente, a morte, enquanto você se encaminha para um quarto

5. Diálogo com os Espíritos – recursos complementares

5.5 Regressão de memória – como e quando utilizar



dos fundos, na expectativa de conseguir um banho que o auxilie a refazer-se... Abre o gás e senta-se por alguns minutos, experimentando a cabeça entontecida... O corpo exige descanso, depois da louca folia... A fadiga surge, insopitável...

Desapercebe-se de si mesmo e dorme semi-embriagado, perdendo a existência, porque as emanações tóxicas lhe cadaverizam o corpo... Na manhã clara de sol, um rabeção leva-o ao necrotério, como simples suicida...

Nessa altura, o interlocutor, como se voltasse de um pesadelo, bradou desesperado:

– Oh! Esta é a verdade! a verdade! onde está minha casa? Sara, Sara, quero minha mãe, minha mãe!...

– Acalme-se! – recomendou Raul, compadecido – nunca nos faltará o socorro divino! seu lar, meu amigo, cerrou-se com os seus olhos de carne e sua genitora, de outras esferas, lhe estende os braços amorosos e santificantes.

O comunicante, vencido, caiu em lágrimas. Tão grande lhe surgiu a crise emotiva que o mentor espiritual do grupo se apressou a desligá-lo do

equipamento mediúnico, entregando-o aos vigilantes para que fosse convenientemente abrigado em organização próxima. Libório, em fundo processo de transformação, afastou-se, tornando Eugênia à posição normal.” [itálicos do original]

XAVIER, Francisco C. Cap. 6 – Psicofonia consciente e Cap. 7 – Socorro espiritual. **Nos domínios da Mediunidade**. Pelo Espírito André Luiz.

No caso do dialogador Raul Silva, ele recebia em sua tela mental (intuitivamente) as cenas que o Espírito estava vendo, embora não fosse e nem pudesse ser um médium ostensivo (de transe), pela incompatibilidade dessa faculdade com o desempenho da tarefa de dialogador, que requer acuidade de consciência e não estado alterado de consciência, característico do transe mediúnico.

Nesse diálogo, nota-se que o Espírito inicia a fala. É acolhido pelo

5. Diálogo com os Espíritos – recursos complementares

5.5 Regressão de memória – como e quando utilizar

dialogador, que lhe falou com serenidade, com sentimento fraterno que o sensibilizou.

Embora o dialogador não tivesse perguntado e nem deva fazê-lo, o próprio Espírito fala seu nome no início do diálogo, o que justifica que o dialogador o tenha chamado pelo nome em certo momento do esclarecimento. De toda forma, essa não é informação necessária ao esclarecimento e nem deve ser questionada pelo dialogador, exceto se houver forte intuição para tanto.

Quando o Espírito se mostrou mais disponível, sob a inspiração do Mentor, o dialogador Raul Silva valeu-se do recurso da prece, de forma associativa (em primeira pessoa do plural). A prece reforça a mudança da disposição íntima do comunicante.

A seguir, o Mentor espiritual aciona os demais trabalhadores espirituais para o uso do recurso de formação de quadros mentais, como meio para a regressão de memória. Ao mesmo tempo, o Mentor intui o

dialogador para que este possa promover, por meio da palavra, a sugestão para a regressão de memória.

Na situação narrada, o dialogador recebe, por meio da intuição, a percepção das cenas que o comunicante vê e indica-as em sua fala. O mais das vezes, contudo, o dialogador não faz esse registro e o próprio comunicante é que vai narrando o que vê.

O recurso da formação de quadros mentais para fins de regressão de memória foi utilizado pelo Mentor para diluir o condicionamento psíquico do comunicante, visto que ele negava a falta de piedade filial e, no seu caso, foi necessário ver as cenas pretéritas para seu despertar de consciência.

No momento em que o comunicante se permite o despertar de consciência, o dialogador faz reforço do esclarecimento, com o recurso da palavra e, quando o Espírito entra em estado emocional

5. Diálogo com os Espíritos – recursos complementares

5.5 Regressão de memória – como e quando utilizar



de comoção, em vista do despertar sobre as ocorrências, o Mentor espiritual desliga-o do médium.

É de se frisar que todos os recursos utilizados pelo dialogador, em especial os complementares, somente foram empregados em razão da forte inspiração do Mentor, recebida intuitivamente pelo dialogador, para que o comunicante pudesse despertar a consciência e estivesse apto a receber a assistência dos Mentores, que ocorreria em continuidade ao intercâmbio na reunião mediúnica.

“Atendido pelo Benfeitor, que prosseguia aplicando-lhe [ao comunicante] recursos próprios para despertar-lhe as lembranças, aguçando-lhe a percepção... (...) O Benfeitor que o despertava para as lembranças felizes, recorreu aos passes magnéticos, a fim de tranquilizá-lo, na desdita em que se desconcertava cada vez mais.”

FRANCO, Divaldo P. Cap. 17 – Doutrinação e surpresas. **Grilhões partidos**. Pelo Espírito Manoel Philomeno de Miranda.



“(...) inditosa personagem, agressiva e agitada, passou a controlar a faculdade psicofônica de Epifânia [médium]. O médium doutrinador, tentando o diálogo fraterno, iluminativo, conclamou-a [a entidade] à paz, que somente o perdão proporciona a quem se considera vítima. [Segue o diálogo, no qual o dialogador trará maiores

5. Diálogo com os Espíritos – recursos complementares

5.5 Regressão de memória – como e quando utilizar

reflexões sobre a necessidade e benefícios do perdão, ao longo do qual o comunicante se mantém insistentemente resistente. O dialogador [...] falava sustentado por Natércio [Mentor], que ministrava socorros providenciais ao comunicante, assistido por lúcida e bela Entidade feminil. A personagem tocou a frente do manifestante, que nada percebeu. Penetrado por energias vigorosas, explicou: - Recordo-me... Volvem-me ao pensamento, à lembrança, as cenas e os lances que culminaram com a minha desgraça. [relata os fatos de que está se recordando, o que, no seu caso, contribuiu para seu despertamento e aceitação do auxílio]”.

FRANCO, Divaldo P. Cap. 20 – O amor vence o ódio. **Tramas do Destino**. Pelo Espírito Manoel Philomeno de Miranda.



Nesse exemplo, nota-se que a entidade espiritual apresentou-se agressiva e agitada. O dialogador estava fortemente inspirado pelo Mentor da reunião.

O dialogador valeu-se apenas do recurso da palavra e a regressão de memória foi aplicada por um Espírito superior que participou daquela reunião, sendo que o recurso utilizado foi acionar no psiquismo do comunicante a sua memória.

No caso, ao rememorar os fatos, o próprio comunicante passa a narrá-los.



“[Um Espírito obsessor se comunica justificando que se vingará por justiça, pois a obsidiada fora sua esposa, cometeu adultério, abandonou o lar e a um filho que veio a óbito. Após o dialogador conversar sobre as Leis divinas e como a Lei de Justiça se aplica: justiça, amor e caridade, competindo a Deus e não a nós, aplicar essa Lei, o

5. Diálogo com os Espíritos – recursos complementares

5.5 Regressão de memória – como e quando utilizar



dialogador aduz:] Já é chegado o momento de mudar o foco da sua aspiração para o encontro com a felicidade... Raia o momento da sua libertação das amarras constritoras das paixões inditasas. Nesse momento, o venerável benfeitor aplicou energias no espírito atormentado, enquanto o dialogador impôs-lhe: – Recue no tempo e constatará que existem culpas na sua economia espiritual evolutiva, que justificaram os referidos padecimentos, que você poderia haver aproveitado como resgate, caso houvesse seguido as diretrizes da sua religião da época: perdão e misericórdia para com a infeliz, conforme Jesus aplicou em relação à mulher adúltera, narrada no Evangelho.

Porque a indução psicoterapêutica prosseguisse, o comunicante começou a contorcer-se mais nos fluidos da médium e, contemplando cenas de terrível conteúdo, começou a pedir socorro, sucumbindo ante os arquivos dos acontecimentos inditosos que lhe assinalavam uma das mais recentes existências transatas... – Não pode

ser comigo o que se passa, o que estou vendo! – exclamou, aterrorizado.

- Exatamente, meu irmão, refere-se a você o que ora enxerga, proveniente dos arquivos da sua memória ancestral. O que você praticou de cruel tornou-se-lhe sementeira de desdita que lhe cumpria resgatar. [ele vê cenas de seus próprios equívocos pretéritos e o dialogador continua:] Observe bem a insânia de que foi portador, a prepotência perversa que lhe assinalou a existência e esqueça-se da postura de vítima, considerando que outros, por sua vez, experimentaram-lhe a impiedade, tornando-se-lhe vitimados pela sua indiferença e crueldade.

Concentrado profundamente, Marcelo [dialogador], percebia os quadros evocados pela memória ancestral do comunicante sob a ação da força regressiva imposta pelo abençoado Dr. Bezerra [Mentor]. Transcorridos alguns minutos, demonstrando exaustão, o inditoso perguntou:

- E agora, o que me sucederá?
– O amor de Deus não tem dimensão

5. Diálogo com os Espíritos – recursos complementares

5.5 Regressão de memória – como e quando utilizar

– respondeu-lhe o psicoterapeuta espiritual -. Você será encaminhado a uma comunidade espiritual na condição de enfermo, onde receberá conveniente tratamento, renovando-se e adaptando-se a novo comportamento, deixando a nossa irmã inditosa prosseguir conforme estabelece a Lei de Causa e Efeito... Agora, repouse e durma em paz, a fim de despertar noutra dimensão e em condição diferente desta que vem vivenciando há quase duzentos anos...'

Aplicando energias calmantes na médium, que alcançavam o espírito, vimo-lo adormecer profundamente, sendo desligado e conduzido em maca ao lugar próprio para posterior remoção. Dona Celestina [a médium] recobrou a lucidez aureolada por vibrações de harmonia, desfrutando de excelente equilíbrio psíquico e emocional." [sublinhado nosso, itálico do original]

FRANCO, Divaldo P. Cap. 5 -
Procedimentos Libertadores.
Amanhecer de uma nova Era.
Pelo Espírito Manoel Philomeno de
Miranda.

No excerto, percebe-se que o comunicante está aferrado a mágoa profunda no campo afetivo.

A regressão de memória é feita sob coordenação do Mentor, que aplica passes espirituais no comunicante, ao mesmo tempo em que o dialogador faz a sugestão verbal. Simultaneamente, o dialogador percebe, por meio da intuição, as cenas que o comunicante via.

Nota-se que o recurso foi utilizado para que o Espírito pudesse ampliar sua compreensão dos fatos e aferir a própria responsabilidade, deixando a postura vitimista.

No momento em que ocorre seu despertar de consciência, é empregado o recurso da palavra, ressaltando-se-lhe o amparo, a esperança, a possibilidade de reparação e progresso.

Tendo em vista o período delongado da fixação mental em que o comunicante se encontrava

5. Diálogo com os Espíritos – recursos complementares

5.5 Regressão de memória – como e quando utilizar



(conforme suas referências, pôde-se verificar que seriam quase duzentos anos), reputou-se também necessária a aplicação do recurso da sonoterapia e sugestão mental (aplicando-se passes calmantes e orientado-o: 'repouse e durma em paz').

Após, os Mentores desligaram o comunicante da médium, encaminhando-o para o prosseguimento do atendimento na dimensão espiritual.



“[O atendimento seguinte é feito em reunião mediúnica no mundo espiritual, durante o sono físico dos participantes encarnados:]

De imediato, abnegada sensitiva transfigurou a face, agora transformada em máscara de ódio e com a voz estentórea começou a deblaterar...:

- Vocês, os discípulos do *Cordeiro*, são paradoxais. Predicam a compaixão e a ternura, a comiseração e a caridade, no entanto, agem de maneira ilícita e

violenta. Como se atrevem a envolver-me nos seus laços vibratórios sem a minha anuência e trazem-me obrigatoriamente a este conciliábulo para destruir-me. Desejam repetir as façanhas ultrizes das fogueiras da Inquisição, ou que têm em mente fazer?

Sereno e com inflexão de bondade na voz, o mentor asseverou:

- Não lhe impusemos nossa vontade, trazendo-o a esta reunião contra o seu desejo. A nossa preocupação é atender o companheiro que lhe padece injunção penosa... Como o amigo se lhe encontra profundamente vinculado, foi arrastado até aqui, e, tentando assenhoreá-lo, preferimos dialogar ao invés de apenas o ouvir.

- ... Não serão palavras vazias e tentativas piegas de generosidade que irão alterar o nosso convívio multissecular. Este fantoche a que se refere, e de que me utilizo, é-me de grande utilidade, na batalha que travamos contra os fanfarrões espíritas... através das bem urdidias calúnias, dos campeonatos da vaidade, das disputas pelas glórias

5. Diálogo com os Espíritos – recursos complementares

5.5 Regressão de memória – como e quando utilizar



terrestres que mascaram de falsa
humildade...

- Compreendemos as suas
afirmações e lamentamos a realidade
de algumas delas. No entanto, é
necessário convir que, se não fossem
também as injunções obsessivas que
padecem esses nossos irmãos
doentes, a paisagem seria bem
diversa. Tenhamos em pauta o seu
próprio caso... indu-lo à desordem,
naturalmente aproveitando-se do
seu temperamento instável e
colérico, das suas más inclinações,
que ainda não conseguiu superar, e
dele fazendo um mau exemplo.

(...) O que importa, porém, é o tempo
que você tem gasto em afligi-lo,
permanecendo infeliz, quando já
poderia dele estar liberto, embora ele
tivesse que prosseguir sob o jugo da
recuperação de que ninguém foge.

- Tenho que o massacrar, tornando-o
inimigo de tudo e de todos,
antipatizado pelo seu puritanismo
hipócrita, pelas suas atitudes de
muitas exigências com os demais e
benignidade para com ele próprio...
Depois, trabalharei a sua consciência
para que desperte e numa boa ação

hipnótica levá-lo-ei à depressão para
a qual tem tendências fortes, e
exultarei com o seu suicídio
vergonhoso. Aí teremos duas
vitórias. A primeira delas, o exemplo
de um adepto da Doutrina que diz
afirmar imortalidade, tombar no
autocídio, demonstrando que, em
verdade, não acreditava no que
parecia viver. A segunda, o fracasso
pessoal, que me dará ensejo de o
receber aqui e darmos
prosseguimento ao nosso combate,
quando não terá como nem para
onde fugir.

A um quase imperceptível sinal
captado, o irmão Germano Passos
[benfeitor espiritual] acercou-se do
médium e pôs-se a aplicar-lhe
passes que atingissem o
comunicante, que blasfemava em
linguagem muito vulgar e ameaçava a
sua atual vítima de extermínio.

Detalhe curioso podíamos perceber.

A médium, educada e moralizada,
filtrava as palavras chulas e o
automatismo cerebral substituía-as
por termos equivalentes, porém de
menor teor ultrajante...

Sentindo-se asfixiado pelos fluidos

5. Diálogo com os Espíritos – recursos complementares

5.5 Regressão de memória – como e quando utilizar



benéficos que captava através do médium, exprobo:

- Qualquer tentativa de afastar-me do miserando inimigo será inútil. Hei de utilizá-lo durante a campanha de destruição deste reduto... Cada membro do Conselho é um pseudossábio, arrogante e destemperado. Basta-lhe uma negativa e logo se espezinha, sentindo-se ofendido e exigindo tratamento de destaque. Onde está a verdadeira fraternidade...? Não suporto mais a dissimulação desses pusilânimes e adiro à nova ordem imposta pelos judeus injustiçados para erradicarmos da Terra essa maldita seita que é o Espiritismo.
- Sem dúvida, o meu irmão sofisma com muita habilidade... Não podem as boas árvores ser responsabilizadas por aquelas de má qualidade... Vejamos o seu caso: o irmão é lúcido e raciocina bem, no entanto, opta pelo caminho escuso do crime, tentando vingança na condição de justiceiro, como se o Universo necessitasse da sua intervenção para manter o equilíbrio. (...) É certo que ainda estamos distantes do ideal, mas nos

encontramos a caminho e oportunamente atingiremos a meta que nos destinamos.

- Não me interessam os seus argumentos que me desviam atenção dos objetivos da espada prestes aplicar o golpe final no miserável.
- ... O irmão fala que foi vítima da infâmia e da crueldade, o que é verdade. Mas não se trata de uma vítima inocente. Nos arquivos da memória profunda estão registrados os nossos comportamentos. E como não temos alternativa, iremos permitir-nos levar o querido irmão a rever-se antes do momento em que padeceu a injunção lamentável. Novamente, o irmão Germano Passos [benfeitor espiritual] acercou-se da médium e com uma voz suave, monocórdia, começou a sugestão:
- Durma e recorde-se. Durma e recue no tempo... Durma...

Simultaneamente lhe aplicava passes longitudinais, calmantes, que pareciam desenfaixar o perispírito das lembranças atuais e induzia o Espírito a mergulhar nos arquivos mais profundos.

Foi como um raio. De imediato, o

5. Diálogo com os Espíritos – recursos complementares

5.5 Regressão de memória – como e quando utilizar



comunicante começou a debater-se e falar desordenadamente ante o que identificava no mundo íntimo.

Por volta do século XII, em plena Idade Média, ele havia sido um judeu polonês rico que explorava as pessoas que o buscavam, necessitadas de ajuda econômica... era implacável... Aquele que hoje lhe padecia... não podia pagar-lhe, quando a família se encontrava em situação deplorável de miséria: fome, crianças doentes, sofrimentos...

Insensível, o cobrador recorreu às autoridades que o levaram a julgamento indecente e puniram o devedor com inclemência, atirando-o num calabouço infecto, onde veio a falecer pela fome e por doenças contraídas na situação desditosa...

Tomado de espanto, ele gritava:
- Não, não sou eu esse infame. Sim, sou eu mesmo, recordo-me. Era justo o que eu fazia...

- Considera - interrogou o mentor - justo o método de cobrança...?...

Ponha-se no lugar do outro e pense no que gostaria de receber... Tendo o amigo renascido ainda como judeu, reencontraram-se e, por isso, a

vítima lhe tomou todas as moedas que lhe motivaram a prisão injusta e decretou a sua morte infamante.

Acredita justo que se repita indefinidamente essa complexidade de contas, vítima-algoz-vítima, ou pode interromper esse curso trágico mediante a paz...

O nosso hipnotizador continuou por mais um pouco, com as energias dispersivas na área do *chakra frontal*, ativando-o, a fim de que as memórias fossem nítidas... Cenas aberrantes ressurgiam dos painéis da memória em contínuo suceder, até o momento em que o atormentado gritou não mais suportar as evocações que o tornaram desditoso...

Os amigos reencarnados nada viam, somente ouviam os comentários do irmão aflito, sendo tomados de compaixão pelas suas dores antigas. (...) O nosso amigo Germano convidou o paciente a retornar à atualidade, com a voz mansa e hipnótica.

Vimos, então, o poder do arrependimento funcionar, quando o atormentado algoz bradou:

- Rendo-me! Não estou convencido, mas me encontro vencido. As minhas

5. Diálogo com os Espíritos – recursos complementares

5.5 Regressão de memória – como e quando utilizar

forças esgotaram-se, sinto falta de ar, de equilíbrio, parece que estou morrendo novamente.

- Sim, meu amigo. Estão diluindo-se as formas de pensamento mantidas por séculos de hediondez. É necessário que toda essa névoa de rancor seja dissolvida para que brilhe a luz da esperança e da solidariedade...

- Oh! Deus de Abraão, de Isac e de Jacó, tende misericórdia de mim!

(...) E foi retirado da médium ofegante pelo generoso médico hipnólogo. [benfeitor Germano Passos]

Foram aplicados recursos fluídicos na intermediária que houvera contribuído para a libertação do irmão enfermo e apresentava fadiga natural decorrente do desgaste das forças anímicas de que era possuidora. Logo depois, estava completamente reanimada...”.

[itálico do original, demais destaques nossos]

FRANCO, Divaldo P. Cap. 14 – Provas salvadoras. **Perturbações espirituais**. Pelo Espírito Manoel Philomeno de Miranda.

Como o atendimento ocorria na dimensão espiritual, o Mentor conduz diretamente o diálogo e pode-se observar sua postura: manteve-se sereno, com bondade; sem alteração emocional, refuta as afirmações do comunicante, indicando que não houve imposição de vontade.

Na sequência do diálogo, o Espírito continua a atacar os espíritas, mantendo renitência, e o Mentor faz o acolhimento e, ao mesmo tempo, apresenta as objeções e contrapontos e, para prevenir delongas, retoma o foco no comunicante, suas posturas, o tempo investido em perseguir.

O Espírito prossegue resistindo e há direcionamento do Mentor para a aplicação de passes espirituais pelo Espírito responsável por essa tarefa.

Os fluidos benfazejos, em contraposição com os agressivos do comunicante, causam-lhe sensação de asfixia.

Enquanto isso, o dialogador

5. Diálogo com os Espíritos – recursos complementares

5.5 Regressão de memória – como e quando utilizar

prosegue no uso do recurso da palavra, notando-se que não justifica eventuais erros ou fraquezas morais dos espíritos.

Como o Espírito mantém-se irreduzível, é empregado o recurso da regressão de memória para que a lembrança permita o ampliar de consciência e mudança de postura de vítima, e agora algoz, por parte do comunicante.

O recurso do benfeitor para a indução à regressão da memória foi a sugestão verbal, assim como passes dispersivos (para que ele pudesse acessar as memórias).

O mesmo benfeitor que o levou ao passado, auxiliou o comunicante a retomar o presente por meio da sugestão verbal.

O recurso contribuiu para a diluição de impregnações psíquicas e emoções delas decorrentes e a adesão pelo comunicante à proposta de mudança. Os Mentores o desligaram da médium e aplicaram nesta passes revigorantes.



“É válido o emprego da técnica de regressão de memória nos trabalhos mediúnicos? Se for válido, sob que condições se deve recorrer a tal recurso?

RAUL Os nossos benfeitores espirituais têm-nos advertido para a inconveniência de se promover a regressão de memória nos trabalhos mediúnicos. Alegam que, primeiro, o encarnado geralmente não consegue identificar o estado geral do desencarnado comunicante, a fim de estabelecer com segurança se ele está ou não em condição de ser submetido a essa técnica. Por outro lado, estando o desencarnado externando a sua comunicação através da mente de um veículo encarnado, que é o médium, há todas as chances de que, ao ser evocada a regressão, ocorra a intercorrência da mente do médium nos conteúdos que se obterão por meio da regressão. Um esclarecedor ou um pesquisador que avançasse pelos caminhos da regressão precisaria de muita habilidade, pautada num conhecimento teórico e prático muito grande tanto da mente do desencarnado quanto da do

5. Diálogo com os Espíritos – recursos complementares

5.5 Regressão de memória – como e quando utilizar



encarnado, de modo que distinga uma da outra no fenômeno regressivo que se obteria. Bem se pode ver que não é algo fácil de se conseguir. Por essas razões, o diálogo precisamente fraterno e lúcido, vinculado ao bom senso e à sensibilidade do dialogador, ainda é a grande ferramenta de que dispõem todos quantos se lancem ao trabalho de intercâmbio mediúnico”.

FRANCO, Divaldo P. **TEIXEIRA**, Raul.
Questão 84 (Ed. Entrevistas).
Diretrizes de segurança.



Regressão de memória como recurso complementar à palavra:

Quando empregar:

- Nas situações em que o Espírito comunicante está inconsciente de sua situação ou com equivocada percepção de fatos e mantém resistência à reflexão lógica pela palavra, tornando-se esse recurso complementar necessário para liberá-lo de clichês mentais, desde que os Mentores espirituais intuem o dialogador para seu manejo.
- Para o uso adequado do recurso, não é suficiente a presunção de sua utilidade, mas apenas se deve empregá-lo em situações pontuais, quando o dialogador tenha *clara* intuição de que o recurso é necessário (ocasião em que terá a intuição para sugerir ao comunicante a lembrança ou captará a ideia do que é mostrado ao Espírito, conforme item seguinte).

5. Diálogo com os Espíritos – recursos complementares

5.5 Regressão de memória – como e quando utilizar

Como empregar:

- Em regra, os Mentores é que utilizam passes espirituais ou atuam na formação de quadros mentais como recursos para o recurso da regressão de memória, até mesmo porque são os Mentores que possuem plena capacitação para o manejo do recurso complementar da regressão de memória, assim como são eles que possuem tanto a clareza se o comunicante tem condições de lidar com os fatos a serem por ele lembrados, quanto sobre a efetiva necessidade de lembrar fatos, como recurso terapêutico para aquele Espírito.
- Nesse caso, os Mentores podem utilizar os recursos do passe, da formação e quadros mentais e da sugestão para promover a regressão de memória.
- Em regra, esse recurso complementar é feito durante reuniões mediúnicas que se seguem à atividade da dimensão material, durante o repouso

físico da equipe encarnada, ocasião em que somente os participantes mais adestrados do grupo participam na dimensão espiritual, sob coordenação dos Mentores.

- Em relação à reunião mediúnica na dimensão material, quando o recurso da regressão de memória é proposto pelo Mentor da atividade, em alguns casos, o dialogador poderá captar, pela inspiração/intuição dos Mentores, em sua tela mental, as cenas que estão sendo mostradas ao comunicante. Em outros, não terá tal percepção e o próprio comunicante passará a narrar o que está visualizando, dando ao dialogador os subsídios para poder conduzir o diálogo.
- O dialogador poderá, ainda, pontualmente, ter intuição de sugerir ao Espírito que recue no tempo (nesse caso, utiliza-se da palavra, por meio de sugestão) ou mediante aplicação de passes. De toda forma, em regra, são os próprios Mentores

5. Diálogo com os Espíritos – recursos complementares

5.5 Regressão de memória – como e quando utilizar

que conduzem esse recurso e o dialogador deve empregá-lo apenas sob forte inspiração e com parcimônia.

Efeitos da regressão de memória para o comunicante/Finalidades (a depender do caso, da situação/necessidade do comunicante):

- O Espírito acessará registros de fatos pretéritos de que não se lembrava.
- Trata-se de recurso desalienador (as lembranças permitem compreender e ressignificar fatos – perceber que, de suposta vítima, fora também algoz, por exemplo; ou dar-se conta da morte física, recuando às situações que precederam o desenlace ou ao próprio momento da morte).
- Alguns Espíritos podem apresentar estertores,

desespero, angústias acerbadas ao rememorarem fatos que possam despertar consciência de culpa, dor, arrependimento. O que demonstra que o recurso exige parcimônia e muita experiência do dialogador. Nesses casos, após o despertar de consciência, o Espírito deve ser acolhido, reforçando-se a possibilidade de rever posturas, corrigir-se, sendo orientado a acalmar-se para novas oportunidades de progresso e refazimento futuro. Em geral, em situações assim, para preservação do comunicante e do médium, os próprios Mentores aplicam passes calmantes no Espírito, desligando-o do médium, e neste aplicam passes dispersivos (diluindo cargas vibratórias mais densas) e restauradores, para seu refazimento.

- O momento em que deve ser usado esse recurso complementar e a necessidade de uso devem ser claramente inspirados pelos Mentores.

5. Diálogo com os Espíritos – recursos complementares

Exemplo de transcorrer do diálogo com uso de recursos complementares:



“(...) os bondosos enfermeiros ampararam-no[o comunicante], conduzindo-o ao médium, uma senhora ainda jovem, delicada de talhe e de feições, e que na véspera se comprometera ao magno desempenho... Dois médicos, responsáveis pelo Espírito em questão, acompanharam-no, estabelecendo sua ligação com o precioso veículo [a médium], e também a este dispensando a mais desvelada assistência, a fim de que nenhum contratempo sobreviesse. Apossando-se de um aparelho carnal que, piedosamente, por momentos lhe emprestavam, no intuito cristão de beneficiá-lo, por ajudá-lo a conseguir alívio, o desgraçado suicida sentiu, em toda a sua plenitude, a tragédia que havia longos anos vinha experimentando o seu viver nas trevas do martírio inconcebível!... pois tinha agora, ao seu dispor, outros órgãos materiais, nos quais suas vibrações, ardentes e tempestuosas, esbarrando brutalmente, voltavam plenamente animalizadas para produzirem no seu torturado corpo astral repercussões minuciosas do que fora passado!

Gritos lancinantes, estertores macabros, terrores satânicos, todo o pavoroso estado mental que arrastava, refletiu ele sobre a médium, que traduziu, tanto quanto lho permitiam as forças do sublimdom que possuía, para os circunstantes encarnados ali presentes, a assombrosa calamidade que o túmulo encobria!
Enlouquecido, vendo sobre a mesa os fragmentos em que se convertera seu desgraçado corpo de carne, por ele próprio atirado sob as rodas de um trem de ferro... arrebatou a jovem médium em agitações penosas e, debruçando-se sobre a mesa, pôs-se a reunir aqueles mesmos fragmentos, tentando reorganizar o corpo, que via, cheio de horror, eternamente disperso sobre os trilhos, presa dramática de uma das mais abomináveis alucinações que o além-túmulo costuma registrar! (...) Nervoso, irrequieto, excitadíssimo, o dantesco prisioneiro dos tentáculos malvados do suicídio gargalhava e chorava a um mesmo tempo, suplicava e gemia, estorcia-se e ululava, expunha, sufocado em lágrimas afogeadas pelo martírio, o

5. Diálogo com os Espíritos – recursos complementares

Exemplo de transcorrer do diálogo com uso de recursos complementares:



drama incomensurável que para si mesmo criara com o suicídio, o remorso inconsolável de preferir a descrença em que vivera e morrera à conformidade conselheira e prudente... Comovido – a personagem principal da mesa – o presidente, a quem tutelares invisíveis amorosamente inspiram, fala-lhe piedosamente, consola-o apontando a luz sacrossanta do evangelho do Mestre divino como o recurso supremo e único capaz de socorrê-lo, afiançando-lhe ainda, com sua palavra de honra, a qual não tem dúvidas em empenhar, tal a certeza do que afirma, a intervenção do Médico Celeste, que proporcionará alívio imediato aos estranhos males que o afligem. Eleva então uma prece, singela e amorosa, depois de convidar todos os corações presentes a galgar com ele o espaço infindo, em busca do seio amorável de Jesus, para a súplica de mercês imediatas para o desgraçado que precisa serenidade a fim de expungir da mente a visão macabra com que os próprios delitos lhe fustigam a alma e a continuação da Vida, as quais pretendeu aniquilar

com a deserção pelos atalhos do suicídio!

Acompanham-no de boa mente todos quantos se interessam pelo infeliz alucinado: encarnados que compõem a mesa, desencarnados que realizam a magnificência da sessão, isto é, instrutores, vigilantes, assistentes guias da Casa, lanceiros e até nós outros, os delinquentes mais serenos, profundamente comovidos [outros suicidas que foram levados para acompanharem aquela comunicação]. Oram ainda os diretores de nossa Colônia, que, do segredo do templo, assistem quanto se desenrola entre nós... E assim docemente harmonizada e fortalecida ao impulso vigoroso dos pensamentos homogêneos de tantos corações fraternalmente unidos sob o ósculo sublime da caridade, no que pode ela encerrar de mais belo e desinteressado – a prece ilibada e santa transformou-se em corrente vigorosa de luz resplendente, que dentro de curtos minutos atingiu o alvo sagrado e voltou fecundada pelo amplexo da sua divina misericórdia! Cada pensamento, que se unifica aos demais em anseios

5. Diálogo com os Espíritos – recursos complementares

Exemplo de transcorrer do diálogo com uso de recursos complementares:



compassivos, cada expressão caridosa extraída do coração, que subia à procura do Pai altíssimo em favor do infeliz ferreteado pelo suicídio, que precisou do concurso humano para se adaptar ao além-túmulo – são vozes a lhe segredarem esperanças, são bálsamos fecundos e inestimáveis a gotejarem tréguas, vislumbres de bonanças nas cruentas tempestades que sacodem seu Espírito ergastulado na desgraça! Após a prece seguiu-se silêncio impressionante, como só existiria sobre a Terra outrora, durante a prática dos mistérios, nos santuários dos antigos templos de ciências orientais. Todos concentrados, apenas a médium se estorcia e chorava, traduzindo o assombro da entidade comunicante. Pouco a pouco, sem que uma única palavra tornasse a ser proferida, e enquanto apenas as forças mentais de desencarnados conjugadas com as de encarnados mourejavam, efetivava-se a divina intervenção... E não desdenharemos descrevê-la, digno que é o seu transcendentalismo da nossa

apreciação. As vibrações mentais dos assistentes encarnados, e particularmente da médium, cuja saúde físico-material, físico-astral, moral e mental, encontrava-se em condições satisfatórias, pois que fora anteriormente examinada pelos provedores do importante certame espiritual, reagiam contra as do comunicante, que, viciadas, enfermas, positivamente descontroladas, investiam violentamente sobre aquelas, como ondas revoltas de imensa torrente que se despejasse abruptamente no seio esmeraldino do oceano, formoso e sobranceiro refletindo os esplendores do firmamento ensolarado. Estabeleceu-se, assim, luta árdua, na realização de sublime operação psíquica, uma vez que influenciações saudáveis, fluidos magnéticos mesclados de essências espirituais aconselháveis no caso, fornecidos pela médium e pelos guias assistentes, deveriam impor-se e domar as emitidas pela entidade sofredora, incapaz de algo produzir distante do inferior.

5. Diálogo com os Espíritos – recursos complementares

Exemplo de transcorrer do diálogo com uso de recursos complementares:



A corrente poderosa pouco a pouco apresentou os frutos salutareos que era de esperar, dominando suavemente as vibrações nefastas do suicida depois de passar pelo áureo veículo mediúnico, o qual, materializando-a, adaptando-a em afinidades com o paciente, tornava-a assimilável por este, cujo envoltório astral fortemente se ressentia das impressões animalizadas deixadas pelo corpo carnal que se extinguia sob a pedra do sepulcro! Eram como que compressas anestésicas que se aplicassem na organização fluidica do penitente, suavizando-lhe o efervescer das múltiplas excitações, a fim de torná-la em condições de suportar a verdadeira terapêutica requisitada pelo melindroso caso.

Era como sedativo divino que piedosamente gotejasse virtudes hialinas sobre suas chagas anímicas, por meio do filtro humano representado pelo magnetismo mediúnico, sem o qual o infeliz não assimilaria, de forma alguma, nenhum benefício que se lhe desejasse aplicar! E era como transfusão de sangue em moribundo

que voltasse à vida após ter-se encontrado às bordas do túmulo, infiltração de essências preciosas que a médium recebia do Alto, ou dos mentores presentes, em abundância, transmitindo em seguida ao padecente. Lentamente a médium se aquietou, porque o desgraçado ‘retalhado’ se acalmara. Já não via os reflexos mentais do ato temerário, o que equivale adiantar que desaparecera a satânica visão dos fragmentos do próprio corpo, que em vão tentara recolher para recompor. Grata sensação de alívio perpassava suas fibras perispirituais doloridas pelos amargores longamente suportados... (...) Então, Alceste e Romeu [benfeitores espirituais] acionaram as forças da intuição, com veemência, sobre a mente do presidente da mesa, que se engrinaldrou de luminosidades adamantinas. Aproximaram-se os técnicos do aparelho mediúnico, a que o infeliz se encostava. Explicar-lhe o presidente, pormenorizadamente, quanto lhe sucedeu e por que sucedeu. Ministra-lhe aula expressiva, a que aqueles

5. Diálogo com os Espíritos – recursos complementares

Exemplo de transcorrer do diálogo com uso de recursos complementares:



agentes corporificam com a criação de quadros demonstrativos. Vimos que se repetia então na sessão espírita terrena o que havíamos assistido nas assembleias do Hospital presididas pelo insigne Teócrito: a vida do paciente ressurgiu, como fotografada, refletida nesses quadros, de suas mesmas recordações, desfilando à frente de seus olhos desde o berço até o túmulo por ele mesmo cavado! Ele reviu o que praticou, assistiu aos estertores rápidos da agonia que a si próprio ofereceu sob as rodas de um veículo; contemplou, perplexo e aterrado, os destroços a que seu gesto brutal reduzira sua configuração humana cheia de vigor e de seiva para o prolongamento da existência... mas fê-lo agora independente daqueles destroços, como se houvera despertado de hediondo pesadelo!... Observou mesmo, desfeito em lágrimas, que mãos piedosas recolheram seus despojos sangrentos de sobre os trilhos; assistiu comovido ao sepultamento dos mesmos em terra consagrada...

E viu o vulto confortador de uma cruz montando guarda à sua sepultura. Compreendeu, assim, e aceitou o acontecimento que sentia dificuldades e repulsas em acatar, isto é, que era imortal e continuaria vivendo, vivendo ainda e para todo o sempre, apesar do suicídio! Que de nada aproveitara a resolução infernal de pretender burlar as Leis divinas senão para sobrecarregar-lhe a existência, assim como a consciência, de responsabilidades tão graves quanto pesadíssimas! E que, se o corpo material se extinguiu, com efeito, no lodo pútrido de um sepulcro – o Espírito, que é a personalidade real, porque descendente da Luz eterna do supremo Criador, marcharia indestrutível para o futuro, apesar de todos os percalços e contratempos, vivo e eterno como a própria essência imortal que lhe fornecia a Vida! Ó Deus do Céu! Que ofício religioso ultrapassará em glórias essa reunião singela, desprovida de atavios e repercussões sociais, mas onde a atribulada alma de um suicida, descrente da misericórdia do seu

5. Diálogo com os Espíritos – recursos complementares

Exemplo de transcorrer do diálogo com uso de recursos complementares:

Criador, desesperada pelo acervo dos sofrimentos daí consequentes e inclemência dos remorsos, é convertida aos alvares da Fé, pela doçura irresistível do evangelho do meigo Nazareno?!...”

PEREIRA, Yvonne do Amaral. Parte I – Os Réprobos, Cap. 6 – A Comunhão com o Alto. **Memórias de um suicida.** Pelo Espírito Camilo Cândido Botelho.

Para o atendimento acima indicado, de alta complexidade e especificidade, pois, singularmente excepcional, foram buscados inúmeros médiuns e Centros Espíritas, sendo raros os encontrados com aptidão para o complexo atendimento de um suicida que negava reiteradamente o ato cometido, apesar de já terem sido usados inúmeros recursos pelos

Mentores na dimensão espiritual.

Na situação narrada, vemos a conjugação de elementos necessários para o atendimento desse caso complexo: além do choque anímico e da ampla contribuição vibratória da equipe de apoio, notam-se os recursos utilizados pelo dialogador:

- a) Inicia com *palavra* piedosa, consoladora;
- b) Segue-se com a *prece* singela e amorosa, para auxiliar a amenizar o estado do Espírito, que se apresenta em estertores;
- c) Os fluidos da médium e dos membros da equipe de apoio são utilizados para apaziguá-lo; assim como há contributos fluídicos dos Mentores (*passes* espirituais);
- d) Já amenizado o quadro inicial do comunicante, o dialogador volta a utilizar o recurso da *palavra*, posto que o Espírito já possui melhores condições de compreensão, ocasião em que o dialogador vai esclarecer a ocorrência da morte pelo suicídio e a

5. Diálogo com os Espíritos – recursos complementares

Exemplo de transcorrer do diálogo com uso de recursos complementares:

imortalidade da alma como Lei;

e) Os benfeitores geram o recurso dos quadros fluídicos como mecanismo para o recurso da regressão de memória;

f) O comunicante finalmente se convence de que realmente morreu fisicamente e que a vida continua.

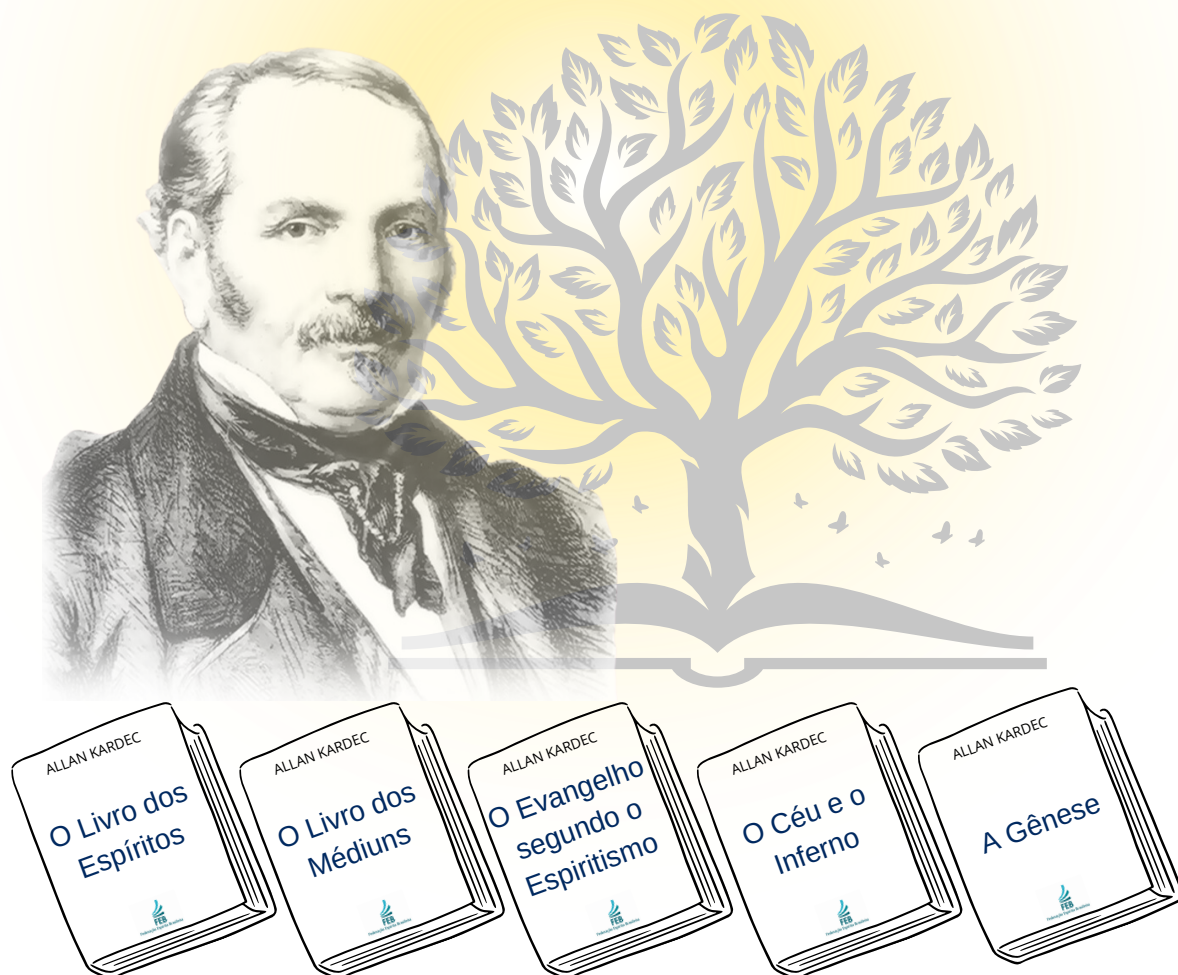




“O grau de superioridade ou inferioridade dos Espíritos indica naturalmente em que tom convém se lhes fale. (...) Em resumo... Tenhamos veneração para os que a merecem, reconhecimento para os que nos protegem e nos assistem e, para todos os demais, a

benignidade de que talvez um dia venhamos a necessitar. Penetrando no mundo incorpóreo, aprendemos a conhecê-lo e esse conhecimento nos deve guiar em nossas relações com os que o habitam”.

KARDEC, Allan. 2ª Parte, Cap. XXV – Das Evocações. O Livro dos Médiuns.



REFERÊNCIAS

CAMPETTI, Carlos; **CAMPETTI**, Vera.
Trabalho Mediúnico: desafios e possibilidades. Ed. FEB.

DENIS, Léon. **No Invisível.** Ed. FEB.

FEP. Ciclo de Reflexões sobre a Prática Mediúnica Espírita.

Disponível em:

<http://www.feparana.com.br/topico/?topico=3333>

FRANCO, Divaldo P. **Amanhecer de uma nova Era.** Pelo Espírito Manoel Philomeno de Miranda. Ed. LEAL.

FRANCO, Divaldo P. **Diretrizes para o Êxito.** Pelo Espírito Joanna de Ângelis. Ed. LEAL.

FRANCO, Divaldo P. **Episódios Diários.** Pelo Espírito Joanna de Ângelis. Ed. LEAL.

FRANCO, Divaldo P. **Grilhões Partidos.** Pelo Espírito Manoel Philomeno de Miranda. Ed. LEAL.

FRANCO, Divaldo P. **Intercâmbio Mediúnico.** Pelo Espírito João Cléofas. Ed. LEAL.

FRANCO, Divaldo P. **Leis Morais da Vida.** Pelo Espírito Joanna de Ângelis. Ed. LEAL.

FRANCO, Divaldo P. **Luzes do Alvorecer.** Por Diversos Espíritos. Ed. LEAL.

FRANCO, Divaldo P. **Mediunidade: desafios e bênçãos.** Pelo Espírito Manoel Philomeno de Miranda. Ed. LEAL.

REFERÊNCIAS

FRANCO, Divaldo P. **Médiuns e Mediunidades**. Pelo Espírito Vianna de Carvalho. Ed. LEAL.

FRANCO, Divaldo P. **No Rumo do Mundo de Regeneração**. Pelo Espírito Manoel Philomeno de Miranda. Ed. LEAL.

FRANCO, Divaldo P. **Nos Bastidores da Obsessão**. Pelo Espírito Manoel Philomeno de Miranda. Ed. FEB.

FRANCO, Divaldo P. **Perturbações espirituais**. Pelo Espírito Manoel Philomeno de Miranda. Ed. LEAL.

FRANCO, Divaldo P. **Suave luz nas sombras**. Pelo Espírito João Cléofas. Ed. LEAL.

FRANCO, Divaldo P. **Tormentos da Obsessão**. Pelo Espírito Manoel Philomeno de Miranda. Ed. LEAL.

FRANCO, Divaldo P. **Tramas de Destino**. Pelo Espírito Manoel Philomeno de Miranda. Ed. LEAL.

FRANCO, Divaldo P. **Transtornos Psiquiátricos e Obsessivos**. Pelo Espírito M. Philomeno de Miranda. Ed. LEAL.

FRANCO, Divaldo P. **Trilhas da Libertação**. Pelo Espírito Manoel Philomeno de Miranda. Ed. LEAL.

FRANCO, Divaldo P. **Triunfo da Imortalidade**. Pelo Espírito João Cléofas. Ed. FERGS.

FRANCO, Divaldo; **TEIXEIRA**, Raul. **Diretrizes de Segurança**. Ed. Intervidas.

REFERÊNCIAS

KARDEC, Allan. **A Gênese**. Ed. FEB.

KARDEC, Allan. **O Céu e o Inferno**.
Ed. FEB.

KARDEC, Allan. **O Evangelho
segundo o Espiritismo**. Ed. FEB.

KARDEC, Allan. **O Livro dos
Espíritos**. Ed. FEB.

KARDEC, Allan. **O Livro dos
Médiuns**. Ed. FEB.

KARDEC, Allan. **O que é o
Espiritismo**. Ed. FEB.

KARDEC, Allan. **Revista Espírita**,
julho de 1859. Ed. FEB.

KARDEC, Allan. **Revista Espírita**,
junho de 1865. Ed. FEB.

MIRANDA, Hermínio C. **Diálogo com**

as sombras. Ed. FEB.

PEREIRA, Yvonne do Amaral.

Memórias de um suicida. Pelo

Espírito Camilo Cândido Botelho. Ed.
FEB.

Proj. Manoel Philomeno de Miranda.

Qualidade na Prática Mediúnica.

Ed. LEAL.

Proj. Manoel Philomeno de Miranda.

Reuniões Mediúnicas. Ed. LEAL.

SCHUBERT, Suely Caldas.

Obsessão/Desobsessão. Ed. FEB.

TEIXEIRA, Raul. **Correnteza de Luz**.

Pelo Espírito Camilo. Ed. FRÁTER.

REFERÊNCIAS

TEIXEIRA, Raul. **Desafios da Mediunidade**. Pelo Espírito Camilo. Ed. FRÁTER.

TEIXEIRA, Raul. **Em serviço mediúnico**. Pelo Espírito Hans Swigg. Ed. FRÁTER.

XAVIER, Francisco C. **Instruções Psicofônicas**. Por Diversos Espíritos. Ed. FEB.

XAVIER, Francisco C. **Mecanismos da Mediunidade**. Pelo Espírito André Luiz. Ed. FEB.

XAVIER, Francisco C. **Missionários da Luz**. Pelo Espírito André Luiz. Ed. FEB.

XAVIER, Francisco C. **No Mundo Maior**. Pelo Espírito André Luiz. Ed. FEB.

XAVIER, Francisco C. **Nos Domínios da Mediunidade**. Pelo Espírito André Luiz. Ed. FEB.

XAVIER, Francisco C. **Nosso Lar**. Pelo Espírito André Luiz. Ed. FEB.

XAVIER, Francisco C. **O Consolador**. Pelo Espírito Emmanuel. Ed. FEB.

XAVIER, Francisco C. **Os Mensageiros**. Pelo Espírito André Luiz. Ed. FEB.

XAVIER, Francisco C. **Voltei**. Pelo Espírito Irmão Jacob. Ed. FEB.

XAVIER, Francisco C. **Vozes do Grande Além**. Por Diversos Espíritos. Ed. FEB.

FEDERAÇÃO ESPÍRITA DO PARANÁ

Área da Mediunidade

